



PSICANÁLISE & BARROCO

EM REVISTA

Rio de Janeiro | Volume 22 | Número 1 | 2024

ISSN: 1679-9887



PSICANÁLISE
&
BARROCO

EM REVISTA

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Ano 22, Número 01

Edição de 2024

Rio de Janeiro, RJ

ISSN 1679-9887

E-MAIL

psicanalise.barroco@gmail.com

SITE

<http://www.seer.unirio.br/psicanalise-barroco>

Endereço para correspondência:

Mail address

Dirección postal

Adresse postale

Av. Pasteur, 458

Prédio do CCH, sala 415

Urca

Rio de Janeiro – RJ

CEP 22290-255

Copyright © Psicanálise & Barroco em Revista

2024

Todos os direitos reservados



Departamento de Fundamentos da Educação – DFE

EXPEDIENTE

EDITORA GERAL

Lucia Maria de Freitas Perez

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

EDITORA COLABORADORA

Denise Maurano Mello

Professora aposentada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

GERENTE EDITORIAL

Thomas Speroni

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

CONSELHO EDITORIAL

Angela Coutinho, Universidade Santa Úrsula - RJ
Carlos Eduardo Leal Vianna Soares, FAMATH
Cláudia Braga de Andrade, UNIRIO
Cristina Monteiro Barbosa, UFRJ
Edson Luiz André de Souza, UFRGS
Eliana Yunes, PUC-RJ
Jean-Claude S. Soares, *in memoriam*
Julio Cesar de Souza Tavares, UFF
Lucia Maria de Freitas Perez, UNIRIO
Luciano da Fonseca Elia, UERJ
Marco Antonio Coutinho Jorge, UERJ
Rita Maria Manso de Barros, UNIRIO
Rogério Lustosa Bastos, UFRJ
Sérgio Nasar David, UERJ
Sergio Paulo Rouanet, *in memoriam*
Sonia Alberti, UERJ

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Petros
Universidad Nacional de Tucumán/Ar
Andréa Martello
UNIRIO
Betty Bernardo Fuks
Universidade Veiga de Almeida-RJ
Claudia Braga de Andrade
UNIRIO
Jean-Michel Vivés
Université Nice Sophia-Antipolis/Fr
Luiz Eduardo Prado de Oliveira
Université Paris VII/Fr
Paola Mieli
School of Visual Arts New York City/EUA
Paolo Lollo
Corpo Freudiano Paris/Fr
Rita Maria Manso de Barros
UNIRIO

PARECERISTAS AD HOC

Alinne Nogueira Silva Coppus, UFRJ	Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, IBMR-RJ
Altair José dos Santos, UFG	Marcela Toledo França de Almeida, UFG e Wilfrid Laurier University/Ca
Ana Vicentini de Azevedo, UFSCAR	Maria das Graças Leite Villela Dias, UFSJ
Andrea Bieri, UNIRIO	Mariângela Máximo Dias, UERJ
Bruno Wagner D’Almeida de Souza Santana, PUC-RJ	Marlen de Martinho, FURG
Clarice Padilla Gatto, FIOCRUZ	Marlise Eugenie D'Icarahy, TJ-RJ
Claudia Bodin, Université Paris VII/Fr	Maurício Eugênio Maliska, UNISUL
Daniel Senos, PUC-RJ	Maysa Puccinelli, Université Nice Sophia-Antipolis/Fr
Daniela Scheinkman Chatelard, UnB	Miguel Angel de Barrenechea, UNIRIO
Ecio Pisetta, UNIRIO	Nadiá de Paulo Ferreira, UERJ
Elizabeth Cristina Landi, UFG	Orlando Soeiro Cruxên, UFC
Felipe de Oliveira Castelo Branco, UFF	Renato Palma, UERJ
Fernanda Samico, UERJ	Rodolfo Petrônio, UNIRIO
Hélia Freitas, UERJ	Rosana Coelho, UERJ
Josaida de Oliveira Gondar, UNIRIO	Rosane Ramalho, PUC-RS
Julio Cesar Nicodemos, UERJ	Sandra Edler, SPID
Laéria Fontenele, UFC	Sonia Leite, CPRJ
Lauro Barbosa, UNIFESSPA	Tereza Calomeni, UFF
Leonardo Miranda, UERJ e Centro Universitário Celso Lisboa	Valéria Wilke, UNIRIO
Luciano Lima de Oliveira, UFC	Vivian Martins Ligeiro, UERJ
Luciana Marques, UERJ	Walter Hohan, UNIRIO
	Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos, UERJ

Equipe Técnica

Setor de Informação Digital
Biblioteca Central da UNIRIO

Bolsista de Extensão:
Victor Wallace Domingues de Menezes

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Ano 22, Número 01

Edição de 2024

SUMÁRIO

Editorial à moda antiga (talvez o último)7

Lucia Maria de Freitas Perez, Denise Maurano Mello

ARTIGOS

Reflexões psicanalíticas sobre a separação amorosa: contribuições de Melanie Klein e Winnicott14

Alexandre Patricio de Almeida

Fantasia em tempos sombrios: uma leitura do filme *Cría Cuervos*, de Carlos Saura.....33

Sylvia Maria Trusen

G. H. e o infamiliar: uma experiência de vertigem50

Priscila dos Santos Pereira Cardoso, Breno Ferreira Pena

Entre sonhos e diagnósticos: uma aposta na escuta.....72

Mariana Desenzi Silva, Enzo Cléto Pizzimenti, Miriam Debieux Rosa, Ivan Ramos Estêvão

Além do comer: uma contribuição psicanalítica à nutrição95

Luiza Raffide Novaes Zylbersztejn, Pedro Cattapan

O uso abusivo de drogas como signo da sociedade do consumo117

Camila de Sá Lima, Jamile Luz Moraes Monteiro

Psicanálise e a supervisão clínico-institucional de ambulatórios ampliados de saúde mental no SUS	136
---	-----

Camila Donnola, Juliana Castro Arantes, Julio Nicodemos, Ana Paula Brito Guedes, Mariana Sloboda

Trauma, violência de Estado, colonialidade: elementos para uma clínica-política orientada pela psicanálise no contemporâneo	151
---	-----

Renata Theophilo da Costa-Moura, Amanda Abigail Garcia de Mendonça, Dolores Carolina Menezes da Motta, Fabrício Martins Pinto, Paula Pereira

Repetição e diferença na pulsão invocante: escutando Billie Holiday	177
---	-----

Pedro de Souza

ENSAIOS

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro <i>A hora da estrela</i> , de Clarice Lispector, e no poema <i>Morte e Vida Severina</i> de João Cabral de Melo Neto	194
---	-----

Danielle Lima Taulois

RESENHAS

A luz de Didier Weill.....	206
----------------------------	-----

Denise Maurano

TESES E DISSERTAÇÕES

Além do comer: um olhar psicanalítico sobre algumas questões nutricionais	209
---	-----

Luiza Raffide Novaes Zylbersztejn

“Insistência”: reinventar a psicanálise.....	211
--	-----

Macla Ribeiro Nunes

Editorial à moda antiga (talvez o último)

Old-fashioned editorial (perhaps the last one)

Editorial a la antigua (quizás lo último)

Éditorial à l'ancienne (peut-être le dernier)

LUCIA MARIA DE FREITAS PEREZ

DENISE MAURANO MELLO

Inserida no dinamismo da vida, nossa revista também é afetada pelas demandas outras que atravessam nossa equipe, o que por vezes nos distancia da regularidade esperada para os lançamentos de nossas edições. Assim, é com um certo atraso que enfim lançamos com muita alegria e com a mesma paixão de sempre este novo número de PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA, que já completa seus 22 anos, digamos, sua maioridade no campo dos periódicos.

A chegada desta revista a mais de duas décadas de existência é motivo de uma celebração que também impõe desafios. A evolução sólida do reconhecimento e da credibilidade de PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA trouxe a reboque um crescimento expressivo do número de submissões recebidas – fenômeno que muito nos honra, acima de tudo, mas que exige uma carga de trabalho maior do que viemos podendo dar conta. Desse modo, gostaríamos primeiramente de nos desculpar junto aos autores que nos entregaram seus preciosos trabalhos e ficaram esperando sua publicação, bem como agradecer-los pela confiança.

Para manter nobre o padrão de qualidade de nossa revista, informamos que medidas importantes já estão em curso e deverão ser implantadas no curto prazo: além do robustecimento do nosso corpo de pareceristas – providência necessária à celeridade da apreciação dos manuscritos – PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA passará a ter um

perfil no *Instagram*, de forma a modernizar e facilitar nossa comunicação com nossos leitores. Para tal, contaremos com a inclusão em nossa equipe de Rhayanne Louback e Camila Scarpati, que se ocuparão dessa área.

Comunicamos também à nossa comunidade de autores, leitores e colaboradores que uma importante mudança estrutural está em estudo preliminares: a adesão de PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA à modalidade de publicação em fluxo contínuo. Tal transformação, além de trazer agilidade ímpar à publicação de artigos, situaria PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA junto às melhores e mais modernas práticas de publicação científica internacionais. Atualizaremos a todos, assim que possível, sobre o andamento de tais processos – que por vezes podem demorar, seja porque dependem de avanços burocráticos intrincados, seja porque dependem de trabalho voluntário, já que nosso periódico não cobra taxas de seus autores e segue comprometido com um campo editorial público e gratuito.

Nem só de boas notícias vivemos. Dentre as modernizações que se impõem, uma delas talvez não seja assim por nós tão desejada. Recentemente as revistas científicas têm abdicado de usar o espaço do artigo editorial para apresentar a edição a seus leitores – como convencionalmente se fazia – para substituí-lo por um texto que se dedique a um dos temas pertinentes ao escopo editorial da revista e que expresse o posicionamento dela. Confessamos que nos apraz oferecer aos nossos leitores uma visão panorâmica do que aqui encontrarão, mas também sabemos que algumas tendências são incontornáveis, assim que talvez este aqui seja o nosso último “editorial à moda antiga”.

Então, vamos ao que interessa! Nosso novo número selecionou excelentes textos para sua apreciação (seu deleite). Para começar, o texto de Alexandre Patrício de Almeida, “*Reflexões psicanalíticas sobre a separação amorosa: contribuições de Melanie Klein e Winnicott*” reflete sobre a dor imposta pela separação amorosa, a partir da teorização desses dois importantes analistas da Escola Inglesa. Como eixos que lhe permitem melhor circunscrever o sofrimento que comparece nessas situações, e que é posto em evidência através de uma vinheta clínica, o autor recolhe, da teorização desses psicanalistas, o conceito de “posição depressiva”, cunhado pela primeira (1935) e a ênfase concedida pelo segundo à “capacidade de estar só” (1958). Esse primeiro artigo deixa patente o lugar do saber teórico no trabalho analítico. A teoria sustenta o analista face ao real da clínica; é ela, junto com a experiência advinda da análise pessoal e do acompanhamento de outros casos clínicos, que confere ao analista as condições éticas

para que seja realizada a elaboração/simbolização imprescindíveis ao trabalho de luto e ao atravessamento da imensa angústia que emerge no eclodir da dor advinda de uma separação.

Explorando a interface literatura e psicanálise Sylvia Maria Trussen faz uma homenagem à memória do reputado diretor e roteirista, o cineasta Carlos Saura, tomando sua obra *Cria cuervos*, para pensar intrincadas questões relativas à fantasia e a pulsão de morte, no contexto tanto da queda do franquismo na Espanha, quanto de seu lançamento no Brasil ainda na época da ditadura militar aqui. Assim, o artigo “*Fantasia em tempos sombrios: uma leitura do filme Cria Cuervos de Carlos Saura*”, de caráter fortemente autoral, nos remete a esses tempos que jamais podem ser esquecidos, para que não corramos o risco de que retornem. Também uma interessante vertente explorada no artigo é a contemporaneidade entre a invenção do método psicanalítico e a linguagem cinematográfica, apontando o que nessa linguagem convoca o sujeito, fazendo um liame entre a cena onírica, a cena fantasmática e aquela projetada na sala de cinema. Vale conferir as ricas elaborações da autora.

Ainda nessa linha de articulação entre literatura e psicanálise, Priscila dos Santos Pereira Cardoso e Breno Ferreira Pena, se valem da obra *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector para trabalhar o fenômeno do infamiliar a partir de Freud e Lacan pela via do discurso narrativo na escrita literária da autora. Os autores buscam “escutar” na narrativa de G.H. aquilo que anuncia a experiência do infamiliar tal qual ela é discutida na psicanálise. Nessa perspectiva o infamiliar, por mais que suscite estranheza e angústia, traz a confrontação com o que há de mais íntimo para o sujeito, trazendo tanto o retorno do recaiado, quanto o seu mais além, no qual comparece o encontro com o Real, e com o impossível em jogo, promovendo a emergência da angústia, que na experiência de G.H., se agudiza no encontro com a barata que a remete ao mais primitivo de sua origem e a vertigem implicada nessa experiência.

Sofrimento, liberdade e invenção são os significantes que são conjugados na experiência de pesquisa realizada em um CAPS infanto-juvenil da cidade de São Paulo, no qual a escuta do relato de sonhos funcionou como operador revelador não só da posição subjetiva de cada participante, mas também da promoção uma tessitura coletiva entre eles. Essa experiência articulada no artigo “*Entre sonhos e diagnóstico: uma aposta na escuta*” de Mariana Desenzi Silva e outros, defende a sustentação de uma clínica na direção da escuta, privilegiando o sujeito do inconsciente e apontando a presença e a

importância da psicanálise na Luta Antimanicomial, e suas contribuições para as Políticas Públicas. Eles apontam o quanto o discurso médico, com seus diagnósticos, tem funcionado com fator que obstaculiza a escuta do sujeito. Essa proposta de extensão da psicanálise para além do espaço tradicionalmente delimitado como *setting* clínico, revela o quanto a potência da ética da psicanálise amplia suas possibilidades de intervenção.

Já o artigo *“Além do comer: uma contribuição psicanalítica à nutrição”*, da autoria de Luiza Raffide Novaes Zylbersztein, nutricionista atravessada pela psicanálise e Pedro Cattapan, psicanalista e pesquisador (UFF e UERJ) surge como efeito de uma rigorosa pesquisa que se propôs a pensar as alterações sofridas pelos corpos, dito disfuncionais, ultrapassando protocolos, estatísticas e os saberes que se calcam apenas no que está inscrito no comportamento ou na genética. Ao se debruçar sobre o corpo e suas alterações, destacando o “corpo gordo”, os autores trabalham-no a partir de uma perspectiva que leva em conta o sujeito dividido, clivado pelo pulsional e marcado por uma falta constitutiva. Tal giro, em relação às perspectivas tradicionalmente adotadas no tratamento da temática, inscreve-o em um solo de investigação que rompe com o paradigma biologizante e, de certa forma, utilitarista, presente na maior parte dos estudos que se debruçam sobre a chamada Ciência da Nutrição, acentuando o quanto pode ser interessante e inovadora uma perspectiva que leve em conta o sujeito e sua singularidade.

Outro artigo que se debruça sobre questões sociais importantes, apontando também sintomas contemporâneos é o de Camila de Sá Lima e Jamile Luz Moraes Monteiro que discute *“O uso abusivo de drogas como signo da sociedade de consumo”*. As autoras apontam o lugar que a droga foi assumindo ao longo da história, marcando a presença que ela obteve com o desenvolvimento do capitalismo, transformando o sujeito consumidor, em sujeito consumido. Nessa perspectiva algo escapa à lógica fálica impondo o gozo do Outro. Nessa dinâmica o sujeito fica submetido, anulado por um imperativo de gozo que o aniquila como sujeito desejante. Muito diferente da droga comparecer como objeto de desejo, ela se impõe como objeto de gozo. O que, em termos sociais, para além de promover uma alienação subjetiva, promove uma alienação sócio-histórica e cultural que vem afetando nossa sociedade já tão vulnerável pelo mal-estar constituído por nosso processo civilizatório.

A seguir, o artigo *“Psicanálise e supervisão clínico institucional de ambulatórios ampliados de saúde mental no SUS”*, escrito a cinco mãos por Camila Donnola, Juliana Castro Arantes, Julio Nicodemos, Ana Paula Brito Guedes e Mariana Sloboda, apresenta

a construção da rede de ambulatorios ampliados de saúde mental na cidade de Niterói (RJ), como parte da Rede de Atenção Psicossocial daquele município fluminense. Sustentando a supervisão clínico-institucional como um dispositivo fundamental à constituição de uma rede integrada de saúde mental, discute, a partir do referencial psicanalítico, o lugar desse dispositivo nesses ambulatorios ampliados como um elemento essencial à constituição de uma rede integrada de saúde mental. Trata-se de um artigo de grande importância pois atende à exigência, cada vez mais premente, de jogarmos luz sobre a seriedade e o rigor do trabalho em saúde mental desenvolvido nas clínicas públicas brasileiras após a Reforma Psiquiátrica.

A mesma dimensão sociopolítica é encontrada no artigo que vem a seguir, a saber: *“Trauma, violência de Estado, colonialidade: elementos para uma clínica-política orientada pela psicanálise no contemporâneo”*, uma produção coletiva da autoria de Renata Theophilo da Costa-Moura, Amanda Abigail Garcia de Mendonça, Dolores Carolina Menezes da Motta, Fabrício Martins Pinto e Paula Pereira. Os autores apresentam, a partir do referencial psicanalítico, uma discussão teórico-clínica sobre as implicações produzidas pela violência de Estado, fruto de uma pesquisa realizada no Núcleo de Psicanálise e Política da Universidade Federal Fluminense, a partir da escuta de pessoas atingidas por violações de direitos elementares causados por agentes de Estado. Em seus próprios termos: “nosso objetivo tem sido o de fazer convergir nossos esforços e trabalho qualitativo para uma produção com valor de diretriz para produzir uma política de reparação psíquica, ou seja, de atenção em saúde mental, no Sistema Único de Saúde brasileiro, voltada especificamente para as pessoas afetadas por violações de direitos fundamentais”. O artigo sensibiliza, fazendo-nos refletir sobre a intervenção clínico-política estabelecida, afetando-nos pelos impasses e desafios de uma prática que, calcada na ética da Psicanálise, se mostra paradigmática da ação da psicanálise na polis.

Fechando a seção dedicada aos artigos, encontramos *“Repetição e diferença na pulsão invocante: escutando Billie Holiday”*, de Pedro de Souza, um artigo autoral por excelência. Deixando-se conduzir pela belíssima voz de Billie Holiday, o autor se propõe a pontuar os índices da pulsão invocante que se manifestam na voz dessa famosa cantora, implicando-a como sujeito no ato de cantar. Valorizando acusticamente a intensidade, o alongamento, a pausa, enquanto fatos de realização vocal presentes em todo ato de enunciação, o autor propõe que na enunciação cantada haveria um falar cuja musicalidade seria o traço do significante habitando a palavra. Escrito por quem se apresenta como um

analista em formação “inicial”, trata-se do escrito de alguém que evidencia mais bagagem teórica do que anuncia e, certamente, muito versado na arte da escuta. Um autor que encontra na música, na voz, na pulsão invocante e em seus efeitos de repetição e diferença, condições de acesso a ser guiado e ensinado, não apenas pela teoria, mas sobretudo por seu inconsciente.

Logo a seguir, o ensaio, da autoria de Danielle Lima Taulois, “*O capitalismo sabe o custo de vida? Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro A hora da Estrela, de Clarice Lispector, e no poema Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto*”, traz para a boca da cena os muitos Severinos e Macabéas, dilacerados pelos efeitos deletérios do discurso capitalista. O ensaio faz-nos pensar nas questões que envolvem os retirantes, conferindo especial destaque ao exílio e à consequente segregação. Partindo da literatura, femininamente, a autora faz avançar a frutífera conexão entre psicanálise e questões sociopolíticas, a partir da (pó)ética da psicanálise, que, tal como a literatura, tem na palavra a principal ferramenta para lavrar um território, na aposta de torná-lo mais fértil.

Na esteira de tão potentes trabalhos, como um resplandecente “Fiat lux”, a resenha de Denise Maurano, nossa co-editora. Intitulada “*A luz de Didier Weill*”, a resenha nos apresenta a obra “Lila e a luz de Vermeer”, do consagrado autor, que nos é tão caro, Alain Didier-Weill. O livro resenhado, em vias de ser publicado pela Editora 7 Letras, inaugura uma série de questões, introduzidas pelo sensível psicanalista, a partir da escuta de uma cantora de ópera, sobre o que nomeia como o “sublime feminino”. Nele, como salientado na resenha de Denise, Didier-Weill propõe haver nos artistas uma conexão poética com o real primordial, um real cuja natureza é sincrônica e vibratória. Um real que nos toca, abrindo-nos para uma conexão possibilitada pelo atravessamento de um luto primordial. Luto que nos faz não mais recalcar o pulsional, mas a bendizê-lo através da palavra e da criação.

A seguir, a seção de Teses e Dissertações, apresenta dois trabalhos, o primeiro, “*Além do comer: um olhar psicanalítico sobre algumas questões nutricionais*”, dissertação escrita por Luiza Raffide Novaes Zyllbersztein, sob a orientação de Pedro Cattapan, e apresentada ao Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas, UERJ, em 2024, e que deu origem a um dos artigos publicados neste número. Pesquisa cujos achados interrogam não apenas a formação que vem sendo oferecida aos profissionais de nutrição - de caráter mais utilitarista e que atende às exigências de gozo

do discurso capitalista; mas que lança questões ao campo da saúde, de forma geral. O trabalho desperta os que se debruçam sobre o sofrimento humano para um mais além do viés de uma perspectiva, que no afã de objetividade, torna-se uma prática alienada e alienante, preconceituosa e colonizadora, abrindo caminhos para novas experiências que venham a contribuir para a promoção de uma clínica que inclua o sujeito e sua diferença.

E, por fim, a tese de Macla Ribeiro Nunes, *“Insistuição: reinventar a psicanálise”*, defendida em 2024 no Programa de Pós-graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação de Marco Antonio Coutinho Jorge. A tese de doutoramento que, apesar do pouco tempo em que foi defendida, já deu origem ao livro, *“Como se institui a psicanálise? transmissão, insistuição, reinvenção”*, foi publicada, ao final de 2024, pela editora Contra Capa, na Coleção Janus. Uma verdadeira joia! Nela a autora sustenta, a partir da história das instituições psicanalíticas, o quanto à comunidade analítica não está livre de um certo retorno do mesmo: o retorno compulsivo à regulamentação e ao dogmatismo, em uma certa compulsão à repetição. Nesse percurso histórico e arqueológico, Macla encontra no trabalho do escritor, dramaturgo e psicanalista francês Alain Didier-Weill, discípulo de Lacan, que tem um de seus trabalhos resenhado neste número, algo da ordem tiquê que lhe possibilita a ruptura com o aparente sem saída do automaton. Macla destaca o quanto Didier-Weill, pela colocação em ato da insistuição promove, uma retomada dos percursos freudiano e lacaniano, que por não negar o real, está aberta a permanente reinvenção e a recriação, até mesmo no complexo campo das soldaduras institucionais. Insistuição é o neologismo, cunhado por Alain Didier-Weill, que nos inocula e às nossas instituições com a insistência do desejo... Insistuição é o que nos permite perseverar “apesar de...”.

Assim abrimos a edição deste número, convidando-os a se deleitar com a riqueza, a poesia e a verdade que escorre nas linhas e entrelinhas desses escritos.

Reflexões psicanalíticas sobre a separação amorosa: contribuições de Melanie Klein e Winnicott

Psychoanalytic reflections on love separation: contributions from Melanie Klein and Winnicott

Reflexiones psicoanalíticas acerca de la separación amorosa: contribuciones de Melanie Klein y Winnicott

Réflexions psychanalytiques sur la séparation amoureuse : contributions de Melanie Klein et Winnicott

ALEXANDRE PATRICIO DE ALMEIDA

Pretende-se, neste trabalho, discutir algumas questões relacionadas às formas de sofrimento psíquico derivadas dos processos de separação no campo dos relacionamentos amorosos. Para tanto, utiliza-se como norte, o conceito de “posição depressiva”, criado por Melanie Klein (1935) e ampliado de maneira significativa por Winnicott (1954), enfatizando as ideias do autor sobre “a capacidade de estar só” (1958). Em seguida, apresenta-se uma breve vinheta clínica com o objetivo de elucidar o escopo teórico da pesquisa. Por fim, discute-se aspectos relacionados ao manejo e à técnica psicanalítica, necessários à sustentação dos pacientes que se encontram nessas condições de vulnerabilidade emocional.

Palavras-chave: Separação. Amor. Posição depressiva. Klein. Winnicott.

Algumas palavras iniciais

eu sei que é difícil
acredite
eu sei que parece
que o amanhã não vai chegar nunca
e que hoje vai ser o dia
mais difícil de aguentar
mas eu juro que você vai aguentar
a dor passa
como sempre
se você der tempo à dor e
deixar só deixar
pra lá
devagar
como uma promessa que se quebra
deixa pra lá
(KAUR, 2017, n.p.)

Não é de hoje que sabemos que uma separação pode ser bastante traumática para qualquer pessoa, sendo uma das principais razões que levam os pacientes a procurarem os nossos consultórios. O fato é que a dor é sentida de modo diferente para cada um, estando direta ou indiretamente relacionada a um conjunto específico de fatores. Valendo-se da teoria psicanalítica, encontramos uma série de explicações para esse aspecto da vida relacional.

Dentre elas, podemos destacar a vivência de ‘experiências internas’, se tomarmos como referência uma ótica *freudo-kleiniana* (FIGUEIREDO & COELHO JUNIOR, 2018), baseada na teoria das fantasias e dos objetos internalizados. Por outro lado, podemos nos orientar pelo vértice que aborda o impacto de ‘experiências externas’, como ocorre na matriz *ferencziana*, que outorga ao ambiente um papel central para a compreensão dos adoecimentos psíquicos (FIGUEIREDO & COELHO JUNIOR, 2018).

São essas características que diferenciam o modo com que a psicanálise compreende as separações. Logo, poderíamos falar de “psicanálises”, já que para sustentar a discussão proposta neste trabalho irei utilizar referenciais que, muito embora sejam psicanalíticos, portam consigo hipóteses próprias a respeito da constituição psíquica individual. Na tentativa de elaborar uma trama de ideias para explicar os fenômenos que atravessam uma separação amorosa, farei uso das ideias de dois grandes autores da tradição psicanalítica inglesa: Melanie Klein e Donald W. Winnicott.

É importante dizer que, apesar de acompanhar os nossos estágios de amadurecimento e, de certa forma, fazer parte do percurso natural da vida, a separação nunca perde o seu tom dramático e pesaroso. É frequente ouvirmos de alguns pacientes que, ao se separarem de alguém que amavam profundamente, parte deles foi embora junto com a pessoa amada. Além disso, é possível observar a inúmeros casos de separações malsucedidas, em que o indivíduo não se conforma com a sua condição de desamparo e tenta se vingar de quem supostamente o ‘abandonou’. Soma-se a isso, os incontáveis estados de depressão patológica ocasionados por uma separação conjugal.

Resumidamente: afastar-se de alguém que ainda amamos é uma tarefa intensamente dolorosa e difícil. Freud (1917), nesse âmbito, nos dirá que em algumas pessoas o luto é negado, causando uma espécie de “psicose de desejo alucinatória” (FREUD, 1917/2010, p. 174). *Grosso modo*, para não sofrer com o profundo incômodo do sentimento de perda, o indivíduo alucina que ainda possui o objeto perdido. Trata-se de um confronto entre realidade e fantasia extremamente difícil de ser sintetizado e resolvido – que mais tarde ganhará consistência na obra freudiana em textos como “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924) e “Construções em análise” (1937).

Pois bem, outros psicanalistas vieram depois de Freud e questionaram as complicações que entrelaçam as tramas que sustentam os vínculos humanos. Aqui, é inevitável irmos ao encontro do pensamento de D. W. Winnicott, pois em um trabalho escrito em 1958, chamado “A capacidade de ficar sozinho¹”, o autor nos dirá que:

Embora muitos tipos de experiência levem à formação da capacidade de ficar só, há um que é básico e sem o qual a capacidade de ficar sozinho não surge: *trata-se da experiência de ficar sozinho, como bebê ou criança pequena, na presença da mãe*. Assim, a base da capacidade de ficar só é um paradoxo; é a experiência de estar sozinho quando mais alguém está presente. (WINNICOTT, 1958/2022, p. 36, grifos do autor)

Antes de discorrer sobre essa premissa, vale ressaltar que Winnicott centrou os seus esforços em descrever:

¹ Estou usando, aqui, a nova versão publicada pela editora Ubu (2022), do livro de D. W. Winnicott “Processos de amadurecimento e ambiente facilitador”. Neste material, substituíram a tradução de “A capacidade de estar só” por “A capacidade de ficar sozinho”.

[...] como o ser humano progride de sua situação inicial — na qual é imaturo, totalmente dependente do ambiente e não integrado — para as diversas integrações que vão ocorrer ao longo de sua existência (chegando à diferenciação entre mundo externo e interno, conquistando uma unidade individual, diferenciando o eu do não-eu). Esse autor foi um dos primeiros psicanalistas a considerar a importância do meio como um fator crucial para o crescimento humano, possibilitando-o alcançar a independência. Para ele, o estágio inicial da vida é um período extremamente delicado, em que o bebê precisará de todos os cuidados da mãe para poder vir a ser. (ALMEIDA & NAFFAH NETO, 2021, p. 524)

No clássico artigo de 1958, o autor britânico reafirma a importância da relação inicial entre a mãe e o bebê, pois a “capacidade de estar só” somente será adquirida se ocorrer, paradoxalmente, na presença da mãe. Winnicott se refere a um fenômeno “altamente sofisticado” (WINNICOTT, 1958), pois nele está implícito um tipo muito especial de relação: a criança ser capaz de sentir a presença da mãe, mesmo ela estando ausente. Com efeito, o amor primário e a “devoção” da figura materna pelo seu bebê são essenciais para produzir esse sentido de segurança emocional.

De acordo com Winnicott (1958), inicialmente, o bebê está só, não como um ser diferenciado do meio externo, mas no sentido em que a figura materna, formando com ele uma unidade, o defende de um contato precoce com objetos não-eu, permitindo a abertura de um espaço onde exista ‘apenas o próprio bebê’, ainda que fusionado à mãe. Ao conquistar um sentido básico de unidade pessoal, a partir da devoção de um ambiente suficientemente cuidador, o bebê agora está pronto para se afastar do outro que, por sinal, também precisa se afastar dele. Ou seja: o pequeno indivíduo caminha de um estado de dependência absoluta para uma dependência relativa.

Sendo assim, o pediatra britânico também propõe uma leitura bastante singular do termo “Eu estou sozinho”, que complementa a hipótese fundamental que apresentei nos parágrafos anteriores. Explico: a palavra “Eu” indica, na teoria winnicottiana, o alcance de um crescimento emocional, isto é: que o indivíduo conseguiu se estabelecer como uma unidade. A seguir, chegamos à expressão “Eu sou” [*to be*], representando um estágio no amadurecimento, resultante dos cuidados ambientais disponibilizados por uma “pessoa inteira”, atenta às necessidades do ego do bebê. Por último vêm as palavras “Eu estou sozinho”. Nessa etapa, o infante já possui uma certa consciência da existência contínua da mãe, embora não seja necessariamente uma percepção com a mente consciente, mas a

sensação de continuidade que emerge perante o sentimento de confiança. É exatamente isso que “permite ao bebê ficar sozinho e ter prazer em ficar sozinho, por períodos limitados” (WINNICOTT, 1958/2022, p. 40).

Todavia, nem todos os sujeitos tiveram acesso a este privilégio, fruto de uma relação saudável e equilibrada com o mundo externo. Um ambiente instável e repleto de falhas produzirá, com maior probabilidade, marcas permanentes no tecido psíquico.

Sem esse processo de cuidado inicial estaremos vulneráveis a qualquer episódio de separação posterior. O que, certamente, reabrirá ferimentos que nunca tiveram a chance de serem cicatrizados. Nesse sentido, as descobertas de Winnicott, ao reinterpretar o conceito kleiniano de “posição depressiva”², têm muito a contribuir para as nossas reflexões acerca da dimensão assustadora e angustiante que envolve os processos de separação.

No item seguinte, apresento, pois, a noção de posição depressiva na perspectiva kleiniana.

A posição depressiva em Melanie Klein

“[...] A posição depressiva infantil ocupa um lugar central no desenvolvimento da criança” (KLEIN, 1935/1996, p. 329). Melanie Klein apresenta e desenvolve o conceito de “posição depressiva” em dois ensaios muito significativos: “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos”, de 1935, e “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos”, de 1940. Produções que, provavelmente, representam o processo que ela mesma sofreu devido à perda de seu querido filho Hans, que faleceu em um acidente nas montanhas suíças, na primavera de 1934³.

Klein, diferente de Winnicott, defende a ideia de um instinto⁴ de morte inato. O bebê kleiniano já nasce dominado por uma angústia de aniquilamento e uma forte ansiedade persecutória. Seu ego arcaico e primitivo é tomado por agressividade, sentimentos vorazes e destrutivos que se manifestam ao se deparar com situações de

² Klein define este conceito detalhadamente em dois textos: “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos”, de 1935, e “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos”, de 1940.

³ Phyllis Grosskurth em seu livro “O Mundo e a Obra de Melanie Klein” de 1992 – que consiste em uma biografia detalhada de Klein – relata que a morte de Hans possa ter sido ocasionada por um suposto suicídio, devido aos conflitos gerados por sua homossexualidade mal compreendida. O que, obviamente, implicaria em uma dor ainda maior para ser enfrentada por Melanie Klein.

⁴ Usaremos a palavra “instinto” para traduzir o termo em alemão *Trieb*, seguindo a tradição da Escola Inglesa que não adotou o vocábulo “pulsão”.

frustração – por exemplo, quando está com fome e o seio não lhe é oferecido. Com o objetivo de se livrar dos seus instintos destrutivos, ele os projeta no objeto externo. Porém, ao mesmo tempo em que se livra deles, seu ego fica empobrecido e sofre com o fenômeno da paranoia, pois o objeto que agora ficou mau, retorna para o bebê como um objeto perseguidor (em fantasia, obviamente).

Apesar disso, não podemos nos esquecer de que esse seio também traz satisfações ao infante e, por isso, existem sentimentos bons, de gratidão e amor, que também são creditados ao objeto externo. Para conseguir conciliar toda essa invasão de ansiedades, o ego infantil cinde esse objeto em bom e mau; ao mesmo tempo em que também é cindido pelo excesso de projeções das suas próprias partes más e destrutivas. Esse movimento consiste no fenômeno que Klein nomeou de relação de *objeto parcial*.

Já a relação de *objeto total*, ocorre quando inicia o desmame e o bebê se percebe como um corpo separado da mãe. Um corpo próprio e apartado da díade simbiótica que se estrutura no início da vida. O infante, então, se dá conta de que aquele objeto que estava cindido em bom e mau, nada mais é do que a sua própria mãe: trata-se de um único objeto que abarca em si aspectos positivos e negativos. Dessa forma, surge uma série de sentimentos ambivalentes: o bebê tem medo de ter machucado e perdido o objeto amado em virtude das suas excessivas projeções destrutivas. A essas angústias depressivas, somam-se as angústias persecutórias da etapa anterior (posição esquizoparanoide). O bebê sente culpa por sua forte agressividade contra o objeto bom e vive um intenso desejo de repará-lo e restituí-lo por amor.

A fim de elucidar melhor os meus argumentos, cito um trecho do texto de Jean-Michel Petot (2016):

Quando a unidade do objeto se produz, a criança compreende também que ‘os objetos reais e as pessoas imaginárias estão ligadas’. Pode-se também dizer que existe então certa síntese de objetos internos ou introjetados (ou seja, deformados pela imaginação) com os objetos externos percebidos exatamente. *Mas no momento da descoberta da posição depressiva, o conceito kleiniano de objeto interno assume um significado suplementar.* (PETOT, 2016, p. 6, grifos meus)

Esse significado suplementar que Petot se refere está relacionado ao surgimento da ansiedade depressiva, que difere da ansiedade esquizoparanoide. A ansiedade depressiva é definida frequentemente como ansiedade de separação – e aqui voltamos ao

nosso tema central –, como medo da perda ao qual se unem sentimentos de culpa à ilusão de destruição do objeto, através de ataques sádicos imaginários, porém sentidos como verdadeiramente realizados pela criança. Esse fenômeno ocorre por volta dos seis meses de idade, geralmente no momento do desmame, quando o infante começa a ficar angustiado nos momentos em que a mãe se ausenta e, também, passa a chorar na presença de estranhos, reconhecendo a ausência da mãe real (que agora possui aspectos bons e maus no seu ser). “A entrada nessa posição é essencial para que a criança integre os seus sentimentos de amor e ódio e, posteriormente, desenvolva a sua capacidade simbólica, que resultará na apropriação da linguagem” (ALMEIDA, 2018, p. 65).

Sintetizando as ideias apresentadas, podemos entender a maneira como Klein descreve o desenvolvimento da posição depressiva no psiquismo humano: 1) a mãe boa e mãe má são vistas como a mesma pessoa; 2) o bebê começa a sentir que a mãe boa, que ele ama, foi *aniquilada* pelos ataques sádicos que ele fez e continua a fazer contra a mãe má, pois a mãe agora é percebida como uma só.

Essa percepção muito dura e dolorosa faz surgir o que Klein denominou de “ansiedade depressiva”. O indivíduo teme perder o objeto e tem uma enorme vontade de reparar o dano. Portanto, a partir desse ponto de vista, se a mãe parecer de fato ‘destruída’, a culpa e o desespero da criança irão aumentar. Se ela estiver aparentemente bem ou, pelo menos, capaz de ter empatia com as dores e as angústias da criança, isso tende a diminuir o medo sentido pela culpa e aumenta a confiança e os desejos de reparação⁵.

Se a dor de lidar com essa integração do objeto e os sentimentos de culpa que emergem for muita intensa, o indivíduo poderá fazer uso de mecanismos de defesa, tais como reparação maníaca e obsessiva, negação, triunfo e desprezo. Caso essas defesas venham a falhar, o sujeito poderá voltar aos estágios mais primitivos que constituem a posição esquizoparanoide. Nesse âmbito, regredir, para Melanie Klein, seria um sinônimo de adoecer psiquicamente, pois o indivíduo permaneceria fixado às mazelas da posição esquizoparanoide – o que diverge, totalmente, do pensamento de Winnicott, já que o autor britânico explora e faz uso do conceito de regressão no *setting* clínico: “[...] a experiência transformou-se *num momento de regressão muito importante da análise, possibilitando*

⁵ Wilfred Bion aprimora essas ideias de Klein e desenvolve a função de continência da mãe perante as identificações projetivas massivas realizadas pelo bebê nos seus estados de extrema ansiedade.

grandes mudanças, inclusive uma nova forma de o paciente lidar com a realidade externa” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 151, grifos meus)⁶.

Voltando à Klein, o resultado almejado da posição depressiva é que o bebê seja capaz de internalizar, de maneira segura, o objeto bom que, na visão da autora, será o núcleo de um ego saudável, fortalecendo a base da autoconfiança, empatia e cuidado com o próximo. A capacidade de amar do indivíduo dependerá, portanto, dessa internalização, tal como a capacidade de o sujeito para lidar com as perdas e as situações de separação que atravessam a vida de qualquer ser-humano.

Na tentativa de ampliar os dispositivos teóricos sobre o tema das separações, apresento, a seguir, a leitura winnicottiana sobre esse conceito original de Melanie Klein (1935 e 1940) – a posição depressiva. Vale lembrar que essa compreensão de Winnicott (1954) é indispensável para assimilarmos suas hipóteses a respeito da “capacidade de ficar sozinho”, mencionada no início do meu ensaio.

A posição depressiva em Winnicott (*stage of concern*)

O conceito teórico de Melanie Klein mais utilizado por Winnicott foi, sem dúvida alguma, o de posição depressiva⁷. O psicanalista inglês dedicou um de seus escritos ao estudo minucioso desse conceito. No texto “A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal” de 1954, o autor nos dirá que é durante esta etapa do amadurecimento psíquico que

[...] temos o início do sentimento de culpa. Esta é a única culpa verdadeira, pois a culpa enxertada é falsa para o *self*. A culpa tem início com a junção das duas mães, do amor tranquilo e excitado, e do amor e do ódio, *tornando-se gradualmente uma fonte saudável e normal de atividade nos relacionamentos*. (WINNICOTT, 1954/1988, pp. 447-448, grifos meus)

Ao passo em que a posição depressiva – *stage of concern*, para o autor – é gradualmente elaborada, altera-se toda a relação com os objetos. O bebê adquire a

⁶ Para mais informações a respeito deste assunto recomendo a leitura do texto “O caso Margaret Little: Winnicott e as bordas da psicanálise”, de autoria de Alfredo Naffah Neto (2008).

⁷ Vale lembrar que o nome atribuído por Melanie Klein em nada tem a ver com a patologia “depressão”. O próprio Winnicott não era simpatizante desta nomenclatura. Ele preferia chamar esse período de “estágio da preocupação” (*stage of concern*). Fica claro, também, que ele transforma o que era uma “posição” num “estágio”, já que a sua teoria do amadurecimento é pontuada por estágios a serem percorridos e superados.

capacidade de amar e de respeitar as pessoas como indivíduos separados, diferenciados de si. Ele se torna capaz de reconhecer seus impulsos, de sentir responsabilidade por eles e de tolerar a culpa por ter “agredido” o objeto (em fantasia) enquanto estavam indiferenciados. Com efeito, essa nova capacidade de estar preocupado com os seus objetos, ajuda a criança a controlar, gradualmente, os seus próprios instintos.

Para Winnicott (1954), a criança (ou o adulto) que atingiu a aptidão de estabelecer relações interpessoais, é provável que tenha conseguido ultrapassar a posição depressiva. Atrelando esse conceito kleiniano à importância do ambiente, o autor inglês afirma que:

Em termos de meio ambiente: a criança que aprende a andar encontra-se em uma situação de família, elaborando uma vida instintual através de relacionamentos interpessoais, e o bebê é sustentado por uma mãe que se adapta às necessidades do ego. Entre os dois, está o bebê ou a criancinha que chega à posição depressiva, sustentada pela mãe, mas mais do que isso, sustentada através de uma fase de sua vida. (WINNICOTT, 1954/1988, p. 438)⁸

Partindo de uma análise dessa citação, podemos pensar nas questões de separação vinculadas à concepção de amor para o autor em questão. “O foco de Winnicott não é a paixão romântica, como era o de Freud, mas o amor materno, o desenvolvimento da capacidade de amar e a relação amorosa duradoura” (LEJARRAGA, 2012, p. 14). É a partir do reconhecimento da alteridade, da descoberta de si, simultânea à descoberta do outro (do que é externo ao eu), que as relações amorosas irão se desenvolver e se sustentar ao decorrer da nossa existência.

Vinheta clínica

Júlia⁹, vinte e seis anos, chega ao meu consultório queixando-se da intensa depressão que sentia após o fim do seu relacionamento, ocasionado há três meses. Declarou que tinha intensas crises de choro e desespero e, às vezes, era tomada por impulsos de raiva com nuances de indignação e revolta. Entretanto, a decisão do término foi assumida unicamente por ela, no auge do limite em que os dois, ela e o namorado,

⁸ Foi corrigida, pelo autor deste trabalho, a tradução brasileira do termo “*instinctual life*” por “vida pulsional”, optando-se pela tradução: “vida instintual”, já que Winnicott não trabalhava com nenhuma das teorias pulsionais de Freud, mas falava em *instintos*, no plural, e sem nenhuma qualificação, sejam “sexuais”, “do ego”, “de vida” ou “de morte”.

⁹ Nome fictício e dados alterados para preservar a identidade real da paciente.

‘não mais se suportavam’, apesar de terem convivido juntos por um período de quase quatro anos, no mesmo apartamento – que pertencia a ela.

A dinâmica do casal era bastante fusionada, a meu ver. Tudo era realizado em conjunto: academia, compras no supermercado, trabalhavam no mesmo horário e se encontravam ao final do dia para voltarem para casa juntos. Durante o período em que estiveram se relacionando, ambos se afastaram totalmente dos amigos, “vivendo um em função do outro” – como ela mesma fazia questão de mencionar nas sessões. Até mesmo da própria família os dois ficaram distantes, pois passavam a maior parte do seu tempo “grudados”, inclusive aos finais de semana e durante o período de férias – momento em que realizam viagens para os mais diferentes lugares.

Porém, em uma determinada época da relação, Júlia começou a se sentir pressionada, “sem ar”. Percebia-se triste pela ausência da família e dos amigos, mas o seu companheiro a impedia de visitá-los – o que sempre gerava discussões violentas e um forte sentimento de culpa; tanto por deixá-lo, quando conseguia descolar, quanto por não estar mais presente na vida dos seus próprios pais. Além disso, o casal possuía uma desconfiança enorme um do outro: todas as senhas das redes sociais e das suas contas de *e-mails* eram compartilhadas entre eles, sem contar o livre acesso ao telefone celular de cada um – “nada podia ser escondido”, ela dizia.

Esses sentimentos de posse e de controle eram alimentados por ambos os lados do casal. Na mesma proporção em que o seu namorado possuía uma sensação de domínio por Júlia, ela também nutria o mesmo afeto por ele. Ambos estavam completamente misturados. Júlia cedia aos gostos e às vontades do seu companheiro, do mesmo modo que ele também o fazia – em menor intensidade, segundo o discurso da paciente, pois ela o considerava bastante egoísta e mimado.

O ápice que provocou o término foi uma discussão causada por conta de uma conversa de Júlia com um dos seus melhores amigos de infância – que ela não via há anos. O diálogo, via *WhatsApp*, não possuía nenhuma conotação sexual ou demonstração de interesse por parte dela, mas o fato de não ter contado previamente ao namorado e ele ter descoberto a troca de mensagens ao mexer no seu celular, enquanto ela estava no banho, foi o cúmulo da falta de respeito para ele.

Os dois discutiram feio, com direito a agressões verbais seríssimas. O ápice do desentendimento foi atribuído a um empurrão que o namorado deu em Júlia. Naquele momento em que foi vítima dessa violência física, a paciente me relatou que teve uma

percepção diferente da vida que estava levando. Apesar de amar o seu companheiro loucamente, deu-se conta, ao ser empurrada por ele, o quanto aquela relação se conservava doentia e sufocante. Júlia chorou, ergueu-se do chão e, imediatamente, expulsou o seu namorado de casa. Após a sua partida, ela ligou para os seus pais, que foram ao seu encontro. Disse que ficou “horas chorando em posição fetal no colo da sua mãe” – poderíamos supor aqui um movimento psíquico regressivo, como nos sugere Winnicott (1988)?

Houve várias tentativas de acesso e desculpas por parte do seu ex-namorado. No entanto, Júlia manteve-se extremamente corajosa e confiante ao não possibilitar quaisquer chances de reaproximação. Na época em que me procurou, ela levava a vida com dificuldades e recorria ao excesso de consumo de álcool, em alguns momentos, para se ‘anestesiarem da dor’ desta separação. Sentia-se muito sozinha e passou a ficar mais próxima de seus pais, familiares e amigos.

Voltemos, pois, às discussões teóricas. Retomarei a história de Júlia na parte final do artigo.

Amor e posição depressiva

A maior dificuldade de amar alguém consiste, a meu ver, em estabelecer os princípios que sustentam as bordas de uma alteridade – a diferenciação eu/outro.

Nesse sentido, o encontro amoroso permite, assim, desfrutar da “magia da intimidade”, da comunicação significativa com o parceiro, o que provoca uma sensação prazerosa, na qual o indivíduo usufrui e fortalece o sentimento de si mesmo (LEJARRAGA, 2012). Assim, o reconhecimento da alteridade, que se inicia no estágio do uso de um objeto – o período em que o bebê “agride” a mãe em fantasia, mas ela permanece por perto viva e sobrevivendo –, mas que se desenvolve pela vida afora, repetindo-se no ciclo de destruição e sobrevivência do objeto, constitui um elemento indispensável para pensarmos nos entraves de uma relação amorosa.

Quando ouvimos de um paciente que parte dele se foi junto com a pessoa que o deixou, precisamos investigar o que o outro representava para ele (e por ele). Com efeito, um *self* saudável e maduro terá mais instrumentos para lidar com o sentimento de abandono inerente a qualquer separação. É provável que, um sujeito que não tenha conseguido atravessar a posição depressiva, terá mais dificuldades com o término de relacionamentos. Haverá uma grande necessidade de controle, mesmo porque a alteridade

não foi estabelecida: o outro faz parte de mim, enquanto eu faço parte dele. Cito Winnicott:

Parece que, depois de algum tempo, o indivíduo consegue construir recordações de situações sentidas como boas, de forma que a experiência da mãe sustentando a situação se torna parte do *self*, é assimilada ao ego. Deste modo, a mãe real gradualmente se torna cada vez menos necessária. *O indivíduo adquire um meio ambiente interno. A criança, então, torna-se capaz de encontrar novas experiências em que a situação é sustentada, e é capaz de assumir a tempo a função de ser a pessoa que sustenta a situação para alguém, sem ressentimento.* (WINNICOTT, 1954/1988, p. 449, grifos meus)

Para exemplificar essa citação, tomemos como referencial o caso de Júlia: um ambiente desestabilizado pelo ciúme e desconfiança gera ainda mais temor durante um processo de separação, pois o investimento realizado para controlar as fantasias persecutórias é muito grande, deixando o ego enfraquecido e fragmentado.

Nesse contexto, não podemos nos esquecer da “capacidade de ficar sozinho” (WINNICOTT, 1958), que pressupõe a experiência primitiva de intimidade com a mãe permitindo a intimidade consigo mesmo e, por sua vez, a intimidade compartilhada. Sem a capacidade de estar só, o indivíduo poderá ter dificuldades, em um relacionamento amoroso (e a vida como um todo), de experienciar momentos de relaxamento e solidão compartilhada. Trata-se da aptidão para confiar, que permite ao sujeito acreditar na existência do contato afetivo e numa relação de respeito com o outro – o que, visivelmente, não havia ocorrido com Júlia.

Essa dinâmica perturbadora sugere que não houve, na infância, a constituição de um “ambiente interno”, capaz de confortar e tranquilizar – mesmo diante de situações de extrema angústia, como os afastamentos, por exemplo.

De acordo com as lembranças levadas para a análise, quando Júlia era pequena, com poucos meses de vida, ela teve de passar a maior parte do tempo na casa da sua vizinha, já que sua mãe precisou voltar à rotina de trabalho logo após o término da licença maternidade, não havendo mais ninguém em casa para cuidar da menina.

Notamos, ainda, que em estados de desespero, o indivíduo que passa por uma separação, com a intenção de divertir-se compulsivamente, preenche-se de estímulos, demonstrando aparentemente que está bem, – sobretudo, nos dias atuais, em que somos

assolados pelas imposições de felicidade extrema através das publicações de “gratidão e gozo” que imperam nas redes sociais (DUNKER, 2017). Isso nada mais é do que uma grande ilusão que desemboca no mais profundo vazio, pois postar uma foto sorrindo não significa que o indivíduo esteja efetivamente feliz. Tais mecanismos de defesa tendem a nos afastar da experiência real da dor provocada pela ausência do outro.

Enquanto relatava a história com o seu ex-namorado, Júlia chorava bastante. Algumas vezes por conta de uma solidão inominável, outras, por ódio e indignação. Em todos esses momentos eu me mantive próximo a ela, oferecendo, inclusive, a possibilidade de sessões extras e a possibilidade de comunicação via *WhatsApp*. Esse manejo, de alguma forma, foi trazendo mais segurança para o *self* fragilizado da paciente que, aos poucos, deixou de ter ressentimento e passou a enxergar o processo de separação como uma grande passagem de maturidade e autoconhecimento.

Assim, de acordo com Winnicott, a ênfase está posta na esperança do “vir a ser” – de alcançar a concernência, de estar só, de relacionar-se sexualmente, desde que haja uma sexualidade legítima e verdadeira. Todavia, é ímpar salientar que essas diversas capacidades mencionadas não se conquistam de uma vez e para sempre. Pelo contrário: no desenvolvimento emocional, as coisas se alcançam e se perdem, e voltam a ser alcançadas e perdidas, repetidas vezes – esse, por sinal, é um dos conceitos centrais de saúde para o pediatra britânico.

Sobre o fato de Júlia recorrer ao álcool e a outros mecanismos para se anestesiarem da tristeza, Winnicott também tem algo a nos dizer. O autor afirma que essas “manobras psíquicas” consistem em “defesas maníacas”, em que “[...] tudo que é sério é negado. A morte torna-se uma *vivacidade exagerada*, o silêncio se torna barulho, não há sofrimento ou preocupação, nem trabalho construtivo ou prazer repousante” (WINNICOTT, 1954/1988, p. 450, grifos meus).

Pois bem, o verdadeiro enriquecimento do Eu pode ser uma consequência resultante da capacidade de estar só e silenciar, conciliando-se com um “ambiente interno” que foi formado a partir do atravessamento da posição depressiva. Estou me referindo, portanto, à habilidade do sujeito de assumir suas responsabilidades (sobre si e sobre o outro).

Logo, se tivermos atravessado esse processo, recolhendo-nos, quando preciso, na imensidão do nosso próprio interior, poderemos, talvez, resgatar algumas experiências satisfatórias envolvendo objetos amados, “destruídos” e reparados, e, assim, sentir menos

culpa pelo ódio que experimentamos pela perda do objeto em foco, podendo elaborá-la – a própria perda do objeto – com menos dificuldades. Cabe ressaltar, porém, que a introjeção do bom objeto primário, isto é, a mãe suficientemente boa, que sustentou pacientemente o ciclo¹⁰ “destruição, culpa e reparação”, vivenciado no estágio da concernência, funciona como uma âncora interna, capacitando-nos a encarar as dores da solidão, sem nos sentirmos despossuídos de nós mesmos – muitas vezes, esse papel pode ser revivido na *setting* analítico, através do manejo sensível do psicoterapeuta. Aqui, recorro a Winnicott:

No sujeito cuja posição depressiva está seguramente estabelecida, surge [...] recordações de experiências boas e de objetos amados, *que capacitam o sujeito a, eventualmente, continuar, mesmo sem apoio ambiental*. O amor pela representação interna de um objeto externo perdido pode diminuir o ódio do objeto amado introjetado que a perda acarreta. O luto é experimentado e perlaborado destas e de outras maneiras e a dor pode ser sentida como tal. (WINNICOTT, 1954/1988, p. 455, grifos meus)

Algumas palavras finais

Em um dos pontos do seu ensaio sobre a posição depressiva, Winnicott fará alusão às reações dos sujeitos à perda e dirá que:

O trabalho de Melanie Klein enriqueceu a compreensão fornecida por Freud da reação à perda. Se a posição depressiva foi atingida e completamente estabelecida em um indivíduo, a reação à perda será a *dor*, ou a *tristeza*. Quando há algum grau de fracasso na posição depressiva, o resultado da perda é a depressão. (Winnicott, 1954/1988, p. 454, grifos do autor)

Isso posto, a tristeza e a dor são reações normais frente a uma perda importante em nossas vidas. O que não é normal é negar esse sentimento e ser assolado por intensas depressões ou reações maníacas, em função da não-constituição de um mundo interno, permeado por bons objetos. Esse fenômeno certamente será um motivo de adoecimento – como ocorre com a depressão patológica, como bem mencionou Winnicott: “[...] se os fenômenos internos causam problemas, a criança (ou o adulto) amortece todo o mundo

¹⁰ Que Winnicott chama de “ciclo benigno”.

interno, funcionando a um nível baixo de vitalidade. *O humor é a depressão*” (Winnicott, 1954/1988, p. 449, grifos meus).

Dito de outra forma: se o mundo interno é povoado apenas por maus objetos (impulsos agressivos-destrutivos e sentimentos de ódio dirigidos ao objeto perdido) e não existem bons objetos capazes de suplantá-los (lembranças de vivências satisfatórias), esse mundo interno torna-se persecutório e uma das defesas encontradas é amortecê-lo. Então, impulsos instintuais e sentimentos a eles associados são reprimidos, baixando o nível de vitalidade e gerando o humor depressivo. As tentativas de ultrapassar a depressão podem, também, levar às defesas maníacas, paranoides, obsessivas, ou a distúrbios psicossomáticos¹¹.

Contudo, no sujeito cuja posição depressiva está seguramente estabelecida, irão surgir recordações e experiências boas de objetos amados, que o capacitarão a continuar a viver, mesmo sem o apoio externo atribuído ao outro. “[...] quando o sofrimento é vivido ao máximo e o desespero atinge o seu auge, *o indivíduo de luto vê brotar novamente seu amor pelo objeto. Ele sente com mais força que a vida continuará por dentro e por fora, e que o objeto amado perdido pode ser preservado em seu interior*” (Klein, 1940/1996, p. 403, grifos meus).

Em contrapartida, enquanto houver rancor, ódio e mágoa pela outra pessoa dominando o mundo psíquico, a separação se tornará difícil e complexa. Esses sentimentos nos cegam e nos impedem de sentir gratidão, pois depreendemos grande parte de nossa energia instintual nesses movimentos de hostilidade e aversão. Uma relação quando termina, por pior que tenha sido, sempre comporta aspectos positivos ao lado dos negativos, mas, para percebermos e elaborarmos essa *ambivalência*, é fundamental termos atravessado a posição depressiva, caso contrário, tenderemos a ser tomados exclusivamente pelas lembranças negativas, mobilizando somente o ódio e a destrutividade.

¹¹ Sobre as defesas maníacas já se falou nesse texto. As defesas paranoides advêm da projeção dos objetos internos ameaçadores no mundo externo, resultando em sentimentos persecutórios. As defesas obsessivas funcionam, segundo Winnicott, pela produção inconsciente de uma desordem no mundo interno (capaz de disfarçar o perigo reinante), gerando uma compulsão consciente (e dissociada) em produzir ordem no exterior, quando a desordem é interior e necessita ser mantida (ver, nesse sentido, Naffah Neto, 2017). Já os distúrbios psicossomáticos são produzidos por uma somatização defensiva, quando o corpo dramatiza a ameaça interna, que não consegue ser superada e é fantasiada como uma doença ou um distúrbio fisiológico.

Ao final do seu processo analítico, que durou mais ou menos dois anos, Júlia já se colocava como uma “pessoa inteira” – separada da condição de fusão com o outro –, admitindo parte das suas responsabilidades diante dos desentendimentos que teve ao longo do seu relacionamento com o seu ex-namorado, com um olhar crítico e, genuinamente, equilibrado. Simultâneo a isso, também lembrava os momentos felizes que passaram juntos, mas agora sem aquela idealização excessiva.

Posso afirmar, então, que Júlia estava livre, na medida que também libertava a imago assombrosa que conservava do seu ex-namorado – fantasma, esse, que a consumia de dentro para fora, colocando-a num estado de extrema solidão.

Para finalizar, mas longe de concluir, penso que ser capaz de olhar para trás e observar com discernimento tudo o que aconteceu no decorrer de uma relação, pode ser um movimento complexo e, ao mesmo tempo, necessário para destrancar as portas emperradas pelo ressentimento, reacendendo a nossa luz interior. Certamente, essa é uma grande vantagem provinda do amadurecimento e que, talvez, o trabalho psicanalítico poderá oferecer a quem não teve a oportunidade de defender-se da escuridão do abandono, fortemente imposta pela ocorrência de uma separação.

Referências

- ALMEIDA, A. P. **Psicanálise e educação escolar: contribuições de Melanie Klein**. São Paulo: Zagodoni, 2018.
- ALMEIDA, A. P. & NAFFAH NETO, A. A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [online], v. 24, n. 03, 2021, pp. 517-536.
- DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu, 2017.
- FIGUEIREDO, L. C. & COELHO JUNIOR, N. E. (Orgs.). **Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise**. São Paulo: Blucher, 2018.
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Obras completas, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1917)

- KAUR, R. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta, 2017. (E-book)
- KLEIN, M. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1935)
- KLEIN, M. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1940)
- LEJARRAGA, A. L. **O amor em Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- NAFFAH NETO, A. O caso Margaret Little: Winnicott e as bordas da psicanálise. **Jornal de Psicanálise** [online], v. 41, n. 75, 2008, pp. 107-121.
- NAFFAH NETO, A. Contribuições winnicottianas à caracterização e clínica da neurose obsessiva. In: NAFFAH NETO, A. **Veredas Psicanalíticas: à sombra de Winnicott**, Saarbrücken, Deutschland/Niemcy, Novas Edições Acadêmicas, 2017, pp. 193-214.
- PETOT, J-M. **Melanie Klein II: o ego e o bom objeto (1932-1960)**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- WINNICOTT, D. W. A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. (Trabalho original publicado em 1954)
- WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Trabalho original publicado em 1988)
- WINNICOTT, D. W. A capacidade de ficar sozinho. In: **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: Ubu, 2022. (Trabalho original publicado em 1958)

ABSTRACT

It is intended, in this work, to discuss some questions related to the forms of psychic suffering derived from the processes of separation in the field of romantic relationships. For this purpose, the concept of “depressive position”, created by Melanie Klein (1935) and significantly expanded by Winnicott (1954), is used as a guide, emphasizing the author's ideas about “the ability to be alone” (1958). Then, a brief clinical vignette is

presented to elucidate the theoretical scope of the research. Finally, aspects related to management and psychoanalytic technique, necessary to support patients who are in these conditions of emotional vulnerability, are discussed.

Keywords: Separation. Love. Depressive position. Klein. Winnicott.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo discutir algunas cuestiones relacionadas con las formas de sufrimiento psíquico derivadas de los procesos de separación en el ámbito de las relaciones amorosas. Para ello, se toma como eje el concepto de “posición depresiva”, creado por Melanie Klein (1935) y ampliado de manera significativa por Winnicott (1954), destacando las ideas de este último sobre “la capacidad de estar solo” (1958). A continuación, se presenta una breve viñeta clínica con el fin de ilustrar el marco teórico de la investigación. Finalmente, se abordan aspectos relacionados con el manejo y la técnica psicoanalítica, necesarios para sostener a los pacientes que se encuentran en estas condiciones de vulnerabilidad emocional.

Palabras clave: Separación. Amor. Posición depresiva. Klein. Winnicott.

RÉSUMÉ

Il est prévu, dans ce travail, de discuter de certaines questions liées aux formes de souffrance psychique dérivées des processus de séparation dans le domaine des relations amoureuses. A cet effet, le concept de "position dépressive", créé par Melanie Klein (1935) et considérablement élargi par Winnicott (1954), mettant l'accent sur les idées de l'auteur sur "la capacité d'être seul" (1958) est utilisé comme guide. Ensuite, une brève vignette clinique est présentée afin d'élucider la portée théorique de la recherche. Enfin, les aspects liés à la manipulation et à la technique psychanalytique, nécessaires pour accompagner les patients qui se trouvent dans ces conditions de vulnérabilité émotionnelle, sont abordés.

Mots clés: Séparation. L'amour. Position dépressive. Klein. Winnicott.

ALEXANDRE PATRICIO DE ALMEIDA

Psicanalista.

Reflexões psicanalíticas sobre a separação amorosa:
contribuições de Melanie Klein e Winnicott

Membro da International Winnicott Association (IWA).

Mestre e doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Pesquisador de Pós-doutorado na PUC-SP.

Finalista do Prêmio Jabuti em 2023.

alexandrepatriciodealmeida@yahoo.com.br

Orcid: 0000-0002-6429-8083

Citação:

ALMEIDA, Alexandre Patricio de. Reflexões psicanalíticas sobre a separação amorosa: contribuições de Melanie Klein e Winnicott. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 14.12.2021 / Aceito: 02.03.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



Fantasia em tempos sombrios: uma leitura do filme Cría Cuervos, de Carlos Saura

Fantasy in Dark Times: A Reading of Carlos Saura's Cría Cuervos

Fantasia en tiempos oscuros: una lectura de Cría Cuervos de Carlos

Le fantasme aux temps sombres : une lecture de Cría Cuervos de Carlos Saura

SYLVIA MARIA TRUSEN

O filme *Cría Cuervos* do cineasta espanhol Carlos Saura, produzido em 1975, no ano da morte do General Franco, constitui talvez uma das obras mais célebres deste brilhante roteirista e diretor recém falecido. A obra chega ao Brasil na década de 70, quando o país se encontrava igualmente mergulhado nos tempos sombrios da ditadura militar. Afora a evidente tematização do obscurantismo do período franquista, o filme explora outras questões, dentre as quais, duas que são centrais para a psicanálise: fantasia e pulsão de morte. Este artigo, prestando homenagem ao diretor, ao mesmo tempo que testemunha seu lugar decisivo na formação de seus espectadores, enseja dedicar-se a esses dois tópicos cruciais para os estudos psicanalíticos. Explorando a interface literatura e psicanálise, o texto opera a partir de textos da crítica do cinema e da psicanálise (RIVERA, 2008; DUNKER, 2015; CARRIÈRE, 2015), bem como de LACAN (1998) e FREUD (1908/2015; 1910/1996; 1911/1996).

Palavras-chave: Pulsão de morte. Fantasia. Linguagem cinematográfica.

(...) *Passado, presente, futuro se alinham como um cordão
percorrido pelo desejo*”

FREUD, 1908/2015, p. 58

Introdução: dos elos entre cinema e psicanálise

O filme *Cría Cuervos* (1976) constitui talvez um dos pontos mais altos da vasta filmografia do diretor espanhol Carlos Saura, ao lado de *Mamá cumple cien años* (1979), *Ana y los Lobos* (1972) da trilogia dedicada à dança flamenca *Bodas de Sangre* (1981), *Carmen* (1983), *Amor brujo* (1986), para destacar apenas alguns.

Concebido em 1974, foi produzido em 1975 na Espanha, coincidindo, portanto, com o ano da morte do General Franco, em novembro de 1975. Nesse sentido, no que concerne ao contexto de sua produção, a obra testemunha o fim da era sombria do franquismo, e, não por acaso, afirmara seu diretor: “o franquismo estava morto antes da morte de Franco.” (HOPEWELL apud MELLO, 2008, p. 248)

A situação no Brasil, porém, era distinta. Chegou ao país nos anos de chumbo da Ditadura Militar, provavelmente fins da década de 70, sob o então Governo Geisel. Lembro-me nitidamente da sala, em que foi projetado no Rio, da forte impressão que me causou no recinto escuro do Cine Pax, e do processo de repetição desencadeado, impactada que fui pelas cenas, recortes, e atuações magistrais de Anna Torrent e Geraldine Chaplin, para mencionar apenas suas principais atrizes. Há algo nele que repercute o clima solapante daqueles anos pós 64? Talvez. De todo o modo, eu o vi, e ainda o vejo, repetidas, repetidas, repetidas vezes. Guardei por muitos anos o disco em rotação 45 rpm com a voz de Jeanette Dimich cantando a música tema do filme, *Porque te vas*, composta por Jose Luis Perales. Logrei, na época, obter da Embrafilme o cartaz que por muitos anos esteve diante dos meus olhos, em meu quarto de dormir.

A eleição do filme para a escrita deste artigo, portanto, não é fortuita, e nem somente de ordem subjetiva, se atentarmos para as inúmeras premiações alcançadas pela obra, a exemplo das outorgadas no Festival de Cannes de 1976, ou no London Filme Festival, no mesmo ano. Com efeito, este filme ocupa não apenas um lugar especial na obra deste aragonês brilhante, nascido ainda na década de 30 e falecido em 10 de fevereiro deste ano, como também oferece um viés de leitura extremamente instigante para o enlace entre a psicanálise e o cinema. Há, certamente, um sem-número de motivos e formas para acercar-se a esta película, em particular, tomando, por exemplo, como motes, as temáticas

da infância, da memória, da melancolia, do feminino, dentre outras. Mas elegi como chave de leitura dois temas muito caros à psicanálise, quais sejam, o da fantasia e o da pulsão de morte, dada sua importância também na própria construção do filme.

Quanto ao modo pelo qual o filme será lido, tomo como via de acesso a reprodução mesmo de sua leitura, destacando algumas cenas, a meu ver capitais, a serem articuladas com o próprio do cinema e da psicanálise. Suponho que, ao explicitar que fantasia e pulsão de morte servirão aqui de operadores, mediante os quais proponho a leitura do filme, deixo claro que não pretendo aplicar a psicanálise ao estudo da obra (formato a meu ver sempre redutor da estética de um filme/obra literária), mas antes iluminar alguns aspectos do filme, trazendo à luz elementos que considero centrais na sua própria construção.

Portanto, agora, ao filme, não sem antes evocar o fino liame que une psicanálise e cinema, como bem o aponta Tania Rivera (2008).

Um primeiro fato que talvez seja bom recordar é que a linguagem do cinema e a invenção do método psicanalítico são contemporâneos. (RIVERA, 2008; DUNKER, RODRIGUES, 2015). Efetivamente é também em fins do século XIX que os irmãos Louis e Auguste Lumière apresentam as primeiras projeções para o público, tornadas célebres pelo estupor provocados pela nova linguagem (CARRIÈRE, 1995). O episódio ao qual referem-se Carrière, Rivera, dentre outros, é conhecido: quando os irmãos Lumière apresentam, em um cinematógrafo, a primeira projeção pública, em 1895, os espectadores, confrontados com a sequência de imagens em tomada ininterrupta de um trem avançando em direção à estação ferroviária, mal puderam conter o susto e a instintiva reação de fuga face à locomotiva que ameaçava esmagá-los.

Data também de fins do século XIX, os tratamentos via hipnose do renomado médico e neurologista Jean Martin Charcot, que atendia no Hospital de Salpêtrière suas doentes, diagnosticadas com histeria, e por quem Freud testemunharia, desde seu relatório acerca dos estudos realizados em Paris, “irrestrita admiração”. (FREUD, 1886/1996, p. 44) Outrossim, é também desta época (1895) o texto, hoje bastante retomado, *Projeto Para Uma Psicologia Científica*, além dos estudos iniciais sobre a histeria. Mera coincidência? Talvez não.... Há algo na linguagem cinematográfica que convoca o sujeito:

A tela iluminada de uma sala escura de cinema impõe-se ao espectador que, subjugado, tanto quanto no sonho, não detém nenhum poder sobre as imagens que, ao mesmo tempo, fascinam e perturbam. Tudo se passa em um distinto lugar, fora de seu alcance, mas simultaneamente, dentro de si. Parados, inativos, os canais de ação externa estão fechados ao espectador e ao sonhador para melhor intensificar a ação psíquica. (SANTAELLA, 2015, p. 116)

Se efetivamente parece haver um liame que une a (outra) cena onírica à cena projetada nas salas de cinema – e, vale lembrar aqui, que também o *Interpretação dos sonhos* data de 1900-, o fascínio que uma e outra exercem não fortuitamente são coetâneos: comungam de uma época fascinada pelo poder das imagens, e pelo senhorio do inconsciente.

Mas há familiaridades também no que diz respeito ao próprio processo de construção da linguagem fílmica e aqueles que são conduzidos no setting analítico, se consideramos que ambos trabalham com dinâmicas de corte e montagens, como aponta Dunker (2015):

Examinaremos a montagem da sessão psicanalítica como um processo homólogo à montagem de um filme. O psicanalista opera como um editor, pontuando, titulando, escandindo ou revisando o texto falado de seu paciente. (DUNKER, 2015, p. 12)

Todavia, importa ressaltar, se o trabalho de corte e montagem de cenas, que marca a especificidade da linguagem cinematográfica só se inaugurou alguns anos após as primeiras projeções dos Irmãos Lumière, a sua assimilação exigiu participação ativa do espectador. Pois se aquele primeiro gênero de tomada estática, frontal e ininterrupta das projeções iniciais, possuíam alguma familiaridade com a cena teatral, permitindo a plateia acompanhar com alguma facilidade a apresentação da imagem em movimento, o mesmo não sucedeu quando entra em cena o processo de decupagem e montagem, quando impõem-se efetivamente uma linguagem autenticamente nova para esta arte. “Foi aí, na relação invisível de uma cena com a outra, que o cinema gerou uma nova linguagem”, afirma Carrière. (2005, p. 14). Portanto, não é fortuita a intervenção do recurso do explicador, indivíduo que, com um bastão à mão, ia apontando para as cenas e personagens projetadas, explicando, esclarecendo à plateia a sucessão de acontecimentos. Se tal expediente duraria, em alguns países europeus, a exemplo da Espanha de Saura, até

as primeiras décadas do século XX, tal solução decorre de algo a que nossos olhos, habituados com a técnica, pouco nos damos conta. Tradicionalmente, o filme é composto por uma sucessão de imagens ou sequências, compondo cenas (unidades espaço-temporais) que se apresentam ao espectador mediante dois processos, classicamente denominados decupagem e montagem.

Mas o que interessa, sobretudo, aqui assinalar, conduzindo este texto à leitura do filme de Saura e seus laços com a psicanálise, é que, embora o espectador contemporâneo do *Cría Cuervos* não o perceba, a operação de montagem implica um interstício, uma descontinuidade, fragmentação e rejunte – ou para ir direto ao ponto: um furo, como bem o sinaliza Tania Rivera (2008).

Entre cada um dos vinte e quatro quadros por segundo que nos dão a ilusão de contiguidade a seu sucessor, há um lapso, um intervalo no mais das vezes invisível, porém, fundamental. (RIVERA, 2008, p. 11)

Há algo, efetivamente, no cinema, explorado ou não, tapado ou não, que aponta para o vertiginoso da experiência poética ou do não simbolizável, dado que real. Podemos enunciar esta vertigem da imagem, acompanhando Rivera, como *imagem-furo* –, isto é, “agenciamento de imagens que nos põe em questão – problematiza a realidade e pode nos colocar na vertigem, por vezes poética, de um mundo heterogêneo do qual não somos senhores (RIVERA, 2008, p. 10)

Parece, pois, haver algo em comum entre a técnica mesma de montagem da linguagem fílmica, feita de lapsos, rupturas, corte e montagem, com a própria organização narrativa desta obra de Carlos Saura. Também ela é narrada de modo fragmentário, recompondo e montando, a partir de lembranças e esquecimentos, devaneios, fantasias e cenas fantasmáticas. A técnica eleita pelo cineasta evidencia, de um lado, o lacunar da memória, feita de retalhos esmaecidos não só pelo esquecimento e recalque, mas também pela ficcionalização deflagrada pelas fantasias e sonhos despertos; por outro, o artifício sinaliza aspecto que não poucos psicanalistas têm apontado como elo forte entre o cinema e este campo de uma espécie de saber, dedicado às singularidades dos sujeitos e às culturas.

Das fantasias e devaneios de Ana, ou de quando o espectador é um leitor

Um filme se lê - um filme é também um texto que convoca o leitor-espectador-, desde a abertura. Portanto, meu olhar se dirige desde as primeiras sequências em que se inscrevem os nomes das *niñas* Ana Torrent (Ana), Conchi Perez (Irene), Maite Sanchez (Maite) à sequência de fotos que projetam o romance familiar de Ana.

A câmera desce e vai surgindo, diante do leitor das imagens, sequência de fotos desvelando não só o romance familiar da pequena Ana, mas também o mito que confere a si e que lhe é conferido. Este mito, seu mito pessoal, comparece, lentamente, em lembranças, imagens, fotografias, mas também no discurso que ela vai, em idas-e-vindas, em *flash-backs*, avanços e recuos, enunciando ao espectador, do outro lado da tela. O enredo com o qual Ana lida é, assistirá o espectador, sustentado intensamente pelo devaneio, por seus sonhos diurnos, *Tagsträume* na bela expressão de Freud, e por suas fantasias inconscientes. Esta é a trama que nos conta.

Se Ana enreda, assim, o espectador nas malhas de sua fantasia e de seus devaneios, lança o leitor do filme - captado pelas imagens, diálogos e silêncios-, a indagar-se: do que consiste isso que a psicanálise, ora nomeia devaneio, ora fantasia? Pois se o dicionário da língua portuguesa assinala a relação de sinonímia entre um e outro, conforme atestam os verbetes correspondentes (HOUAISS, 2001), a psicanálise aponta sentidos distintos para um e outro.

Os devaneios são diurnos, enquanto o sonho é noturno, desenvolvem-se no estado vígil [sic] e parecem obedecer aos caprichos de seu autor, que sabe ele mesmo é o seu organizador, enquanto o sonho supõe o sono, e a perda dos processos de controle conscientes. Ao sonhador, seu sonho lhe parece alheio, tecido numa lógica até aí desconhecida. Para aquele que se entrega a seus fantasmas, estes são conhecidos e familiares, e chegam às vezes até a provocar vergonha, por serem, como costumam ser, destoantes de seus próprios valores. (BROUSSE, 1989, p. 78-79)

Todavia, como indicará a autora do artigo, Freud, em 1919, ao publicar o *Bate-se numa criança*, logo dar-se-á conta de que as produções fantasmáticas diurnas podem ser reduzidas a uma única fórmula, sinalizando, com isso, que a fantasia, no sentido singular do termo, opera primordialmente, no inconsciente, a partir do desejo recalcado. Sendo assim, a “fórmula do fantasma apresenta, portanto, o *objeto que causa o desejo de um sujeito e limita seu gozo (...)*” (p.85) na medida que o barra. Tal dinâmica, Lacan saberá condensá-la no seu matema da fantasia: $\$ \diamond a$, sujeito barrado punção de a .

Siderados que somos, na sala do cinema, pela urdidura ficcional de Ana, intrigamos, pois, o que vai causando seu desejo. Assiste, assim, o espectador, o movimento da câmera que desce, fazendo rolar diante do leitor das imagens, nova sequência de fotos que prosseguem buscando retratar seu drama familiar. Do lado direito da tela, uma pequena fotografia, também com a data: *Ana com un mes, marzo de 1967*. Do lado esquerdo, vê-se Ana, sendo amamentada no seio, e sob a foto lê-se, já anunciada a fantasia: *Pensar que ‘ esa ’ era yo.... vanidad de vanidades.....”*

O olhar da mãe dirige-se diretamente, para o olhar do observador por trás da câmera, e, por conseguinte, para o olhar do espectador, situado por trás do olhar da câmera. Jogo infinito de reprodução especular sustentado pelo olhar, que, ver-se-á adiante, ocupa igualmente lugar central tanto na narrativa, isto é, na história do filme, como também na narração, vale dizer, no modo pelo qual a história de Ana é narrada. Com efeito, aquele que olha e vê as imagens projetadas sobre a tela, aos poucos vai dando-se conta da importância que adquire na elaboração do filme certa parte do corpo, o olho, este órgão precioso que “além de controlar os riscos do mundo exterior para a conservação da vida, (...) vasculha o corpo do outro, o objeto erótico.” (BICHARA, 2005, p. 88). O olho, com efeito, não quer apenas ver – exige do sujeito amado e admirado, seu olhar dirigido para o próprio olho de quem deseja captar.

Assim, olhamos, no canto direito, outra foto de amamentação. Aqui, Maria (G. Chaplin) segura a mamadeira, e os olhares de mãe/filha se entrelaçam. A imagem não há de ser fortuita. Não está aí a matriz do acontecimento escópico, aquele que sustenta o sujeito, desde seus primeiros momentos de júbilo face ao espelho – imagem devolvida pelo olhar do Outro? (LACAN, 1998)

A câmera desliza lentamente da esquerda para a direita, seguindo a direção inversa do olhar do espectador: um cômodo, uma sala às escuras, que mal se delineia – única iluminação, a luz tênue que atravessa as cortinas. O leitor da tela mal distingue objeto e móveis. Aos poucos, ao fundo, sobrepondo-se à música, ouvem-se rumores, sussurros, indistintos, e uma figura fantasmagórica, miúda e delicada – imaginada da barra de uma camisola branca - desponta do alto da escada. A câmera se aproxima, vê-se delinear a frágil figura de uma menina que, pé ante pé, acerca-se do lugar de onde provém os murmúrios. Lá estará a cena: a porta de um quarto se abre bruscamente e dela sai às pressas uma mulher com o vestido entreaberto. Um colar de pérolas se rompe. Ela acende a luz e os olhares da menina e da mulher se cruzam. Sob os lençóis está, morto, o pai. A

menina acaricia seus cabelos e notamos seu olhar dirigir-se para o resto de um pó em copo próximo ao leito. Ela o lava e o dispõe metodicamente, entre outros, na cozinha. Abre a porta da geladeira, e a câmera focaliza por trás de suas costas, fazendo surgir a imagem do que atrai o olhar da menina: um prato sobre o qual estão dispostos, crus, pés de galinha.

Esta cena é a cena que se repete. Retorna em associação à evocação da morte desejada daquela que se introduz na família, ocupando o lugar da mãe, a tia Paulina, e em relação também, como visto na sequência acima descrita, com a morte da figura paterna, igualmente desejada. Com efeito, as duas sequências do filme – Ana descobre o pai morto na cama, Ana oferece à tia o copo de leite contendo o veneno terrível-, elas se unem pelo gesto idêntico: Ana lava os copos, os dispõe metodicamente sobre a pia, abre a porta do refrigerador e vê, sobre o prato, os pés de galinha. Fantasia, portanto, em que se imiscui a morte, apontando para o caráter pulsional que move sua fantasia. Pulsão de morte? Nelas, lê-se o *empuxo-ao-gozo*, este vetor mortífero que recobre a pulsão de morte à qual se liga a fantasia (JORGE, 2010, p. 140 e passim)

Vale, com efeito, a indagação. Pois que signo é este que capta o olhar de Ana, no centro da geladeira? Signo tão mais sinistro, *Unheimlich* (FREUD 1919/1996), este, o dos pés de galinha enlaçados à morte, se lembrarmos do título do filme: *Cría Cuervos* – e, aí, o não-dito. Queda o provérbio apenas como ausência e presença velada: “*Cría cuervos y se te sacarón los ojos*”. Expressão alusiva para alguns ao fim próximo do franquismo -lembrando que a morte do general foi em 1975-, ela remete também a esta parte do corpo humano tão valiosa, à castração temida e ao real da morte, como bem o anotar Freud (1910/1996)

Quanto ao olho estamos acostumados a interpretar os obscuros processos psíquicos implicados na repressão da escopofilia sexual e no desenvolvimento da perturbação psicogênica da visão, como se uma voz punitiva estivesse falando de dentro do indivíduo e dizendo: ‘Como você tentou utilizar mal seu órgão para prazeres sensuais perversos, é justo que você nunca mais veja nada’. É como se, desta maneira, estivesse aprovando o resultado do processo. A ideia da pena do talião está implícita nisto e, de fato, nossa explicação da perturbação visual psicogênica coincide com o que sugerem os mitos e as lendas. (FREUD, 1910/1996, p. 226).

Tal relação entre olho e órgão sexual foi aludida por Freud em pelo menos dois trabalhos: no “A cabeça de Medusa” (FREUD, 1940/1996) e no artigo “Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão”. (FREUD, 1910/1996). Mas também, vale lembrar, Lacan, por sua vez, ao tratar das pulsões parciais introduziu, ao lado da pulsão oral, anal, sexual, a vocativa e a escópica, referindo-se com esta última não só ao prazer sexual do olhar, mas à própria formação do sujeito medida pelo olhar do Outro sobre si. E, com efeito, este eu que se constrói pela miragem do olhar do Outro – e, pelo desejo suposto no olhar do outro sobre si – é o que vemos desfilar, eroticamente, nas fantasias de Ana.

Contudo, se o retorno de uma cena e de seus personagens apontam para o caráter inconsciente de uma fantasia (Nasio, 1993), o retorno da cena na rememoração de Ana, aponta para a dinâmica mesma da repetição (*Wiederholung*) de sua protagonista – repetição que se articula com a busca reiterada da personagem por compreender. Compreender o quê? Qual o enigma que sustenta a insistente questão? Esta indagação percorre o filme e convoca o espectador a acompanhar Ana em seu trajeto singular: a análise de seu arquivo, o exame de seu mito individual para, quiçá do outro lado da tela, fazendo *semblant*, ater-se ao que é desfilado: as fantasias de sua protagonista.

Necessário, pois, um salto para outra sequência do filme – a segunda e penúltima, seguindo a ordem deste texto.

Três meninas se preparam, auxiliadas por uma mulher corpulenta, Rosa, empregada e babá das crianças. Desenha-se ao espectador cena magistral. Por trás da imagem de Rosa e Ana, em terceiro plano, comparece novamente a figura da mãe. Ela se acerca, estão ambas diante do espelho e o que se admira são seus olhares que se olham, ambos dirigidos para a face polida do espelho – imagem devolvida ao espectador pela lente da câmera. O que vê então o leitor da tela? Os olhos refletidos no espelho, refletidos pela lente de Saura, que se refletem na cena captada pelo olho do espectador. Segue-se diálogo que se recobre de tímida sensualidade. “Qué pasa se te muerdo aquí? Qué passa se muerdo otra vez por aqui? – Qué pasa se te muerdo en la oreja?”¹ Orelha, este estreito orifício onde penetrara, outrora, a voz materna, retorna agora na rememoração fantasística de Ana para fazer frente ao real da morte. Este é, com efeito, o outro vetor da fantasia, como bem o assinala Coutinho Jorge:

¹ Tradução nossa: “Quê acontece se te mordo aqui? Quê acontece se te mordo outra vez por aqui? Quê acontece se te mordo na orelha?”

Dito de outro modo, a fantasia sexualiza a pulsão de morte e oferece a ela, através dessa sexualização, a erogeneização dos orifícios corporais, que são precisamente regiões privilegiadas de troca com o Outro e sobre os quais a demanda do Outro incide. (JORGE, 2010, p. 143).

Assim, o espectador vai dando-se, lentamente, conta do caráter fantasmático de Maria, a mãe. O leitor do filme passa assim a transitar entre a realidade do mundo vislumbrado por Ana e suas fantasias - dos devaneios aparentemente os mais singelos (como a cena que reproduz a vida doméstica e suas ranhuras) até as fantasias primordiais, suas fantasias de desejo ou de completude (COUTINHO JORGE, 2010), como sua ligação erótica com a mãe e as fantasias de onipotência simbolizadas na caixinha de veneno.

Com efeito, se o termo constitui elemento chave em torno do qual gira o filme, desde a primeira cena, ela, a fantasia, é igualmente categoria central na construção e na clínica psicanalítica. Se inicialmente, o termo fora empregado por Freud no sentido mais usual, cotidiano da língua alemã (*Phantasieren*) ele foi ganhando em precisão e uso específico no campo psicanalítico, seja, como visto, para designar processo inconsciente (fantasia como correlato da realidade psíquica, distinta da realidade material), seja para referir-se aos devaneios, às ficções ou romances forjados para si pelo sujeito, ou à certas criações literárias. Em elo íntimo com o princípio do prazer, constitui atividade, espécie de tela de fundo que suporta tenazmente o princípio de realidade - por vezes terrível, como o ligado à morte do objeto de amor.

Com a introdução do princípio de realidade, uma das espécies de pensamento foi separado; ela foi liberada no teste de realidade e permanece subordinada ao princípio de prazer. Essa atividade é o fantasiar, que começa já nas brincadeiras infantis, e, posteriormente, conservada como devaneio, abandona a dependência de objetos reais. (FREUD, 1911/1996, p. 240-241)

Contudo, importa frisar, em outro vetor, como empuxo-ao-gozo, a fantasia também possui elo com a pulsão de morte – com aquilo que nos pulsiona ao estado fusional com o inorgânico. Não à toa, assiste o espectador, Anna não apenas arma-se com a revólver paterno, e com a caixinha contendo veneno, mas também joga-se do alto do pátio da casa, de onde sobrevoa os edifícios.

Se esta dinâmica, portanto, para Freud caracteriza-se pela mobilidade, pela capacidade humana de ir-e-vir, transitando entre a alteridade da realidade psíquica e a material, Nasio (1993), argutamente, anota que a fantasia é substancialmente inconsciente, ainda que possa assomar ao Eu, sob as mais diversas formas e tonalidades, certas representações possíveis.

Para Freud, a fantasia tanto era consciente quanto inconsciente, à maneira de uma formação psíquica em constante movimento. Ele a chamava de “preto-branco”, para mostrar que a fantasia muda ininterruptamente de registro, num vaivém entre o consciente e o inconsciente. Ora, podemos constatar que, em geral, a fantasia permanece inconsciente. (NASIO, 1993, p. 96)

É, pois, curioso, que, no filme de Saura, o que o espectador assiste são lembranças, isto é, representações, espécie de traduções, traslados, de cenas trazidas do inconsciente ao Eu, que narra em discurso que desfila diante da câmera, o enigma que move a protagonista a falar.

Cumprido, portanto, mais um salto para trazer a este texto a última das sequências, com a qual espera-se, provisoriamente, encerrar este trabalho.

Ana desce ao sótão da casa e, sob algumas mantas, retira um pote que irá abrir, revelando ao espectador seu conteúdo: um pó branco, que leva à língua para logo cuspi-lo fora. Entra em *off* a voz de Ana, mulher adulta, interpretada, não fortuitamente também por G. Chaplin, atriz que também assume a imagem da mãe, nas fantasias de Ana, apontando assim para o caráter especular da identificação filha/Mãe, ou se quisermos, Eu/Outro. Ana, sua voz e olhar dirigidos para a lente - donde, para o leitor da imagem do outro lado da tela-, tece no fio de seu discurso os acontecimentos forjados em sua infância.

Un día cuando estaba mi madre haciendo la limpieza general de la casa, sacó del armario una caja metálica se me la dio y dijo : ‘-Ana tira eso a la basura. No conviene que esté aquí. Además ya no sirve para nada.’ Yo intrigada le pregunté ‘- Que hay ahí dentro?’ - Qué más te dá?, me contestó. ‘ -Es veneno, pregunté yo?’ ‘ Mi madre sonrió y dijo: -Si es un veneno terrible. Con una cucharadita de este polvo se puede matar a un elefante y luego dijo - ‘Ana, tira a la basura.!’ Yo me quedé muy

impresionada y no sé mui bien porque le guardé la caja con el veneno sin hacer caso a mi madre. (SAURA, 1976, 17:28) ²

Donde aí, já a pergunta dirigida ao espectador: “porque guardé la caja con el veneno, sin hacer caso a mi madre” À primeira pergunta, soma-se uma segunda:

Porque quería matar a mi padre? Esa es una pregunta que me hecho cientos de veces y las respuestas que se me ocurren ahora, ahora con la perspectiva que me dan los veinte años que han pasado desde entonces son demasiado fáciles y no me satisfacen” (SAURA, 1976, 19:06) ³

Intrigante recurso este, o do diretor da película: colocar do outro lado da tela, não só olhar, mas também o ouvido, isto é, dito claramente, a escuta do discurso e da fala de Ana. Parece assim, ser legítimo, no correr deste texto, apelar para a articulação sagaz de Nasio (1993), que entrelaça a fantasia ao ato analítico, em termos freudianos, ao ato de quem pela repetição de uma fantasia elabora, na relação de transferência. Se a fala de Ana reveste-se de segredos destinados a quem está fora da tela, ela adquire certo tom confessional. Todavia, com a diferença que enuncia justamente aquilo que persegue – o não-saber. Parece aqui assomar alguma semelhança com o *setting* analítico.

Se a fala de Ana é feita de sugestões, recuos, avanços, lacunas, discurso em que desfilam suas fantasias, ela, por sua vez, dirige-se a uma alteridade, um outro, forjado no silêncio escuro do cinema. Não se tratando, evidentemente, do analista em carne osso, revela, na elaboração do filme, uma construção imagética que se articula, e evoca a posição de objeto *a*, ocupada pela escuta analítica e intimamente articulada à lógica da fantasia, como propõe não apenas o Seminário que Lacan dedica ao seu estudo entre os anos de 1966-67 (LACAN, 2017), mas também a leitura que dele faz Marie-Hélène Brousse (1989).

² Tradução nossa: “Um dia, quando estava minha mãe fazendo a limpeza da casa, retirou do armário uma caixa metálica e a entregou-me, dizendo: ‘-Ana joga isto no lixo. Não é bom que esteja por aqui. E também não serve para mais nada.’ Eu, intrigada, perguntei: ‘-O quê tem aí dentro?’ ‘-Para quê te interessa? me respondeu’ ‘-É veneno, eu perguntei?’ Minha mãe sorriu e disse: ‘-Sim, é um veneno terrível Com uma colherzinha deste pó, pode-se matar um elefante, e em seguida disse: ‘-Ana, joga no lixo!’ Eu, fiquei muito impressionada e não sei bem porque guardei a caixa com o veneno, sem fazer caso ao que dissersa minha mãe.”

³ Tradução nossa: “Por que eu queria matar meu pai? Esta é uma pergunta que já me fiz uma centena de vezes, e as respostas que me ocorrem agora, agora com a perspectiva que me dão esses vinte anos passados desde então, elas me parecem demasiadamente fáceis e não me satisfazem.”

Com efeito, a relação íntima entre objeto causa de desejo e fantasia, expressa no matema $\$ \diamond a$ (*sujeito barrado punção de a*) de *A lógica do fantasma*, inscreve, no cometário de BROUSSE, o fantasma fundamental que atravessa o sujeito, inscrevendo-o na lógica significante da castração, isto é, como ser barrado e castrado nas e pelas operações do simbólico. Sendo assim, a “fórmula do fantasma apresenta, portanto, o objeto que causa o desejo de um sujeito e limita seu gozo (...)” (BROUSSE, 1989, p.85) na medida que o barra. Com efeito, lemos no Seminário de Lacan:

S barrado representa, sustenta nessa fórmula o lugar do que ele reenvia, concernente à divisão do sujeito (...). Essa fórmula estabelece alguma coisa que é uma ligação, uma conexão entre esse sujeito enquanto assim constituído e alguma coisa outra que se chama de *pequeno a*, *pequeno a* é um objeto do qual o que eu chamo, esse ano, fazer a lógica do fantasma (...). (LACAN, 2017, p. 12)

Em certo sentido, o filme de Saura parece, por conseguinte, evocar essa ligação, ao colocar o espectador no lugar de objeto causa do desejo, naquela sala escura do cinema, com olhos e ouvidos dirigidos à fala de Ana adulta, que desfia diante de nossos olhos não apenas seus devaneios, mas também sua fantasia fundamental.

Mais além do enigma de Ana, fica ainda a pergunta: não é esta a posição ocupada pelo leitor da tela, da página, da imagem caligráfica, ou das vozes que nos alcançam? Mas isso é assunto para outra conversa.

Referências

- BICHARA, Maria Auxiliadora Cordaro. O olho e o conto: as pulsões fazendo histórias. **Mental**, Ano IV, n. 7, Barbacena, nov. 2005, p. 85-105.
- BROUSSE, Marie-Hélène. A fórmula do fantasma? In: MILLER, Gérard (org.). **Lacan**. Trad. Luiz Forbes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. p. 78-91
- CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Trad. Fernando Albagli e Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CRÍA Cuervos. Direção Carlos Saura. Produção Elías Querejeta. Intérpretes: Anna Torrent, Geraldine Chaplin, Monica Randall, Florinda Chico, Hector Alterio,

- Josefina Días de Artigas, Mayte Sanchez, Conchita Pérez. Roteiro: Carlos Saura. Fotografia: Teo Escamilla. Montagem: Pablo G. Del Amo. 110 min. Espanha: Elias Querejeta Producción Cinematografica : 1976. Nova Disc Midia Digital. BOX Carlos Saura. DVD. Disc 1.
- DUNKER; Christian I. L.; RODRIGUES, Ana Lucilia (org.). A realidade e o real: verdade em estrutura de ficção. 2ª ed. São Paulo: nVersos, 2015 (Col. cinema e psicanálise, V. 2)
- DUNKER, Christian I Lenz. Construção e montagem da sessão em psicanálise. In: _____ (org.). **Montagem e interpretação**: direção da cura. 2ª ed. São Paulo: nVersos, 2015. p. 11-37. (Col. cinema e psicanálise, V. 4)
- FREUD, Sigmund (1908). O poeta e o fantasiar. In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Trad. Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 53-68.
- _____. (1886). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XI. p. 37-49. Trad. sob dir. Jayme Salomão.
- _____. (1910) A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira vol. XI. Trad. sob dir. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 217-227.
- _____. (1919) O Estranho. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVII. p. 235-276. Trad. sob dir. Jayme Salomão.
- _____. (1911) Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. vol. XII. Trad. sob dir. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 231-244.
- _____. (1940) A cabeça de Medusa. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. vol. XVIII. Trad. sob dir. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 289-290.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, vol 2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LACAN, J. “O estágio do espelho como formador da função do eu”. In: **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar: 1998. p. 96-103.

- _____. **A lógica do Fantasma**, Seminário 1966-1967. 3ª ed. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2017
- MELLO, Marcus. “Gaspacho para todos: notas sobre o cinema espanhol contemporâneo”
In: BAPTISTA, Mauro; MASCARELLO, Fernando (orgs) **Cinema mundial contemporâneo**. Campinas: São Paulo: Papyrus, 2008. p. 107-120. p. 110.
- NASIO, J. -D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- SANTAELLA, Lucia. Analogias e homologias entre sonho e cinema. In: DUNKER; Christian I. L.; RODRIGUES, Ana Lucilia (org.). **Montagem e interpretação: direção da cura**. 2ª ed. São Paulo: nVersos, 2015. p. 115-132. (Col. cinema e psicanálise, v 4).

ABSTRACT

The film *Cría Cuervos* by Spanish filmmaker Carlos Saura, produced in 1975, the year General Franco died, is perhaps one of the most famous works of this brilliant scriptwriter and director, recently deceased. The film came to Brazil in the 1970s, when the country was also immersed in the dark times of the military dictatorship. Besides the obvious thematization of the obscurantism of the Franco period, the film explores other issues, among which, two that are central to psychoanalysis - fantasy and death drive. This article, paying homage to the director and, at the same time, witnessing his decisive place in the formation of his spectators, intends to dedicate itself to these two crucial topics for psychoanalytical studies. Exploring the interface literature and psychoanalysis, the text operates from texts of film criticism and psychoanalysis (RIVERA, 2008; DUNKER, 2015, CARRIÈRE, 2015), as well as from LACAN (1998) and FREUD (1908/2015; 1910/1996; 1911/1996).

Keywords: Death drive. Fantasy. Cinematographic language.

RESUMEN

La película *Cría Cuervos*, del cineasta español Carlos Saura, producida en 1975, año de la muerte del general Franco, constituye quizá una de las obras más celebradas de este

brillante guionista y director recientemente fallecido. La película llegó a Brasil en la década de 1970, cuando el país también estaba inmerso en los oscuros tiempos de la dictadura militar. Además de la evidente tematización del oscurantismo del periodo franquista, la película explora otras cuestiones, entre ellas, dos centrales para el psicoanálisis: la fantasía y la pulsión de muerte. Este artículo, rindiendo homenaje al director y, al mismo tiempo, atestiguando su lugar decisivo en la formación de sus espectadores, pretende dedicarse a estos dos temas cruciales para los estudios psicoanalíticos. Explorando la interfaz literatura y psicoanálisis, el texto opera a partir de textos de crítica cinematográfica y psicoanálisis (RIVERA, 2008; DUNKER, 2015, CARRIÈRE, 2015), así como de LACAN (1998) y FREUD (1908/2015; 1910/1996; 1911/1996).

Palabras clave: Pulsión de muerte. Fantasía. Lenguaje cinematográfico.

RÉSUMÉ

Le film *Cría Cuervos* du cinéaste espagnol Carlos Saura, produit en 1975, année de la mort du général Franco, constitue peut-être l'une des œuvres les plus célèbres de ce brillant scénariste et réalisateur récemment décédé. Le film est arrivé au Brésil dans les années 1970, alors que le pays était également plongé dans la période sombre de la dictature militaire. Outre l'évidente thématisation de l'obscurantisme de la période franquiste, le film explore d'autres thèmes, dont deux qui sont au cœur de la psychanalyse: le fantasme et la pulsion de mort. Cet article, en rendant hommage au réalisateur et, en même temps, en témoignant de sa place décisive dans la formation de ses spectateurs, entend se consacrer à ces deux thèmes cruciaux pour les études psychanalytiques. Explorant l'interface littérature et psychanalyse, le texte opère à partir de textes de critique cinématographique et de psychanalyse (RIVERA, 2008 ; DUNKER, 2015, CARRIÈRE, 2015), ainsi que de LACAN (1998) et FREUD (1908/2015; 1910/1996; 1911/1996).

Mots clés: Pulsion de mort. Fantasma. Langage cinématographique.

SYLVIA MARIA TRUSEN

Professora Associada da Universidade Federal do Pará e Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia (PPGEAA).

Doutora em Letras pela PUC-Rio

Lidera o Grupo de Pesquisa Alteridade, Literaturas do Insólito e Psicanálise (CNPQ), e integra o grupo de pesquisadores da Rede de Estudos Avançados em Leitura – RELER, do Instituto Interdisciplinar.

Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

sylviatrusen63@gmail.com

Orcid: 0000-0003-4248-929X

Citação:

TRUSEN, Sylvia Maria. Fantasia em tempos sombrios: uma leitura do filme Cría Cuervos, de Carlos Saura. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 25.02.2023 / Aceito: 02.11.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



G. H. e o infamiliar: uma experiência de vertigem

G. H. and the unfamiliar: an experience of vertigo

G. H. y lo siniestro: una experiencia de vértigo

G. H. et l'inquiétante étrangeté: une expérience vertigineuse

PRISCILA DOS SANTOS PEREIRA CARDOSO

BRENO FERREIRA PENA

Este trabalho analisa o fenômeno do infamiliar a partir de Freud e Lacan pela via do percurso da voz narrativa da protagonista no romance *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector. O fenômeno do infamiliar indica algo importante para a experiência psicanalítica e, considerando o campo estético, apreende, pela via do discurso narrativo na escrita literária, o que se apresenta nele como efeito de uma manifestação psíquica e o que transcende tal ponto, ampliando o leque das possibilidades de investigação e transmissão da psicanálise. Dessa forma, com a leitura-escuta da narrativa da personagem G. H., consideramos que o fenômeno do infamiliar aparece em diversos fragmentos, revelando a presença do retorno do recaiado com Freud e o encontro com o Real a partir de Lacan, em que a barata se destaca como objeto central para a emergência de tais acontecimentos.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Infamiliar. A paixão segundo G. H.

Introdução

O diálogo entre literatura e psicanálise acontece como um entrelaçamento que reverbera em criação. No entrelaçamento, o ponto de interesse é o efeito como causa a partir de uma experiência singular com um escrito. Foi nessa direção que Sigmund Freud, o inventor da psicanálise, atribuiu destaque a essa interlocução, ressaltando a importância da arte, da poesia e da literatura para o avanço da psicanálise. Jacques Lacan, assim como Freud, se deixou afetar pela arte e pela criação literária, situando reverberações importantes para a psicanálise.

Tendo em vista o que evidenciam Freud e Lacan sobre a interlocução entre literatura e psicanálise, enfatizamos que muito do que é possível apreender sobre o inconsciente e sobre o Real pode ser vislumbrado pela via do encontro entre literatura e psicanálise. A subjetividade do leitor se encontra com a obra mediante a leitura. Isso se dá por causa da singularidade da obra, do autor e do leitor, que precisa ser considerada quando debatida (TROCOLI, 2015).

No caminho do diálogo entre literatura e psicanálise, destacamos a discussão proposta por Freud acerca da estética do inconsciente. Nessa perspectiva, ao apontarmos a essencialidade da experiência humana para a psicanálise, destacamos a problematização feita por Freud (1919/2019) no ensaio *O infamiliar*. De acordo com ele, o infamiliar é aquela coisa assustadora que remonta ao que há muito é conhecido, ao familiar. Com base na sua investigação sobre as mais diversas formas de expressão da experiência do encontro com o infamiliar, Freud ressalta a indissociabilidade, em algum ponto, entre tal experiência e a emergência da angústia, afeto que abala e faz o corpo agonizar, por ser da ordem do inominável, escapando à simbolização causada pelo retorno do recaiado.

Com Lacan (1962-1963/2005), no *Seminário 10: A angústia*, buscamos apreender o que estaria no cerne da emergência da angústia e sua relação com o infamiliar. Entre essas vias, o autor lança mão do ensaio *O infamiliar*, de Freud (1919/2019), enfatizando sua essencialidade para tal investigação. Buscando definir o que seria o fenômeno do infamiliar, Lacan descreve que o *Unheimlich* pode ser problematizado em relação ao surgimento da angústia. Nessa perspectiva, a emergência da angústia, que irrompe com o aparecimento da infamiliaridade, surge quando a falta vem a faltar num instante, como um acontecimento que foge a qualquer tentativa de controle ou defesa psíquica. Em outras palavras, a angústia está ligada a algo que aparece onde nada deveria aparecer, uma angústia de aparição, pois há desorientação do sujeito em relação à função estruturante

do vazio em questão (SOLER, 2012). E o que seria esse algo que aparece no lugar da falta da falta? A resposta é o objeto *a*, aquele que evidencia o Real, fazendo o sujeito perder sua autonomia diante da interpelação do desejo do Outro.

Diante disso, destacamos a escolha do romance *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector (1964/2009), situando-o como um escrito que nos convoca ao trabalho e ao movimento de criação. Nessa direção, em transferência com a temática do infamiliar e a obra clariceana, procuramos apreender o que há por detrás da palavra. Debruçar-se sobre o entrelaçamento da voz narrativa de G. H. e a temática psicanalítica do infamiliar é lançar-se no campo de uma fala e suas entrelinhas; portanto, apreendendo que da relação entre a literatura e a psicanálise existe um enigma que anuncia o Real (PEREIRA, 2008).

Em vista disso, apresentamos nas seções subsequentes o método leitura-escuta; a discussão acerca da relação entre literatura, psicanálise e transmissão; o *infamiliar* com Freud e Lacan; uma breve apresentação sobre vertigem, desamparo e perturbação e, para concluir, como o infamiliar aparece na experiência narrada pela personagem G. H. na obra *A paixão segundo G. H.*

A leitura-escuta entre literatura e psicanálise

A fim de nos acompanhar metodologicamente, é importante que o leitor compreenda que, no desenvolvimento deste estudo, trabalhamos no caminho da pesquisa teórica em psicanálise, de cunho bibliográfico. Mezan (2002) descreve que a pesquisa teórica em psicanálise tem como intuito especificamente questões metapsicológicas, ou seja, prima pela articulação interna das noções da psicanálise acerca de seu objeto. De certa forma, isso sustenta o que Freud (1923/1996) indicou ao ressaltar que a psicanálise pode ser um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto.

Sobre realização de uma pesquisa teórica em psicanálise, Iribarry (2003) nos chama a atenção para o fato de que, mesmo numa pesquisa desse cunho, existe transferência – ou seja, a forma como a leitura sobre determinado tema toca o pesquisador o fará avançar na investigação, debruçando-se sobre um arcabouço teórico. Dessa forma, ocorre um desenvolvimento teórico e prático atravessado pelas experiências do pesquisador que derivam de sua condição enquanto analista e/ou analisante. Assim, estão indissociáveis de sua posição de sujeito do desejo que o faz avançar, seja em sua análise pessoal, seja em sua função de analista, seja como pesquisador em psicanálise.

Para a realização deste estudo, utilizamos ferramentas específicas tanto a coleta e análise dos dados quanto para a discussão e a apresentação dos resultados. Direcionada por Iribarry (2003), nossa investigação partiu da leitura-escuta para a coleta de dados, da leitura dirigida pela escuta como procedimento de análise dos dados e da transformação dos dados encontrados e analisados em texto, chamado de ensaio metapsicológico para a discussão e apresentação dos resultados.

A coleta de dados ocorreu com base na leitura-escuta da obra literária *A paixão segundo G. H.*, uma leitura guiada pela escuta e pela atenção flutuante, destacando os fragmentos que indicam a temática estudada, isto é, o infamiliar. Sobre a ferramenta da leitura-escuta, segundo Souza (1998) citado por Iribarry (2003, p. 127), “o saber ler é necessário sob vários pontos de vista para a escuta. [...] pois se, por um lado, a escuta pode situar-se num material sonoro, a leitura, diferentemente, dá-se a partir de um texto, de uma escrita, de uma escritura. [...] ou seja, aquilo que desvela a própria enunciação”.

Valendo-se da leitura-escuta como ferramenta para a coleta de dados, o estudo avançou a partir da leitura guiada pela escuta ou atenção flutuante do fenômeno do infamiliar em Freud e Lacan pela via da voz narrativa da personagem G. H. na obra literária *A paixão segundo G. H.* (LISPECTOR, 1964/2009).

No momento da análise dos dados, as impressões transferenciais nos moveram, como pesquisadores, para a obra analisada. Assim, pudemos estabelecer o que Fédida (1992) chama de uma teoria em germen, uma construção de natureza ficcional, que tem o ensaio metapsicológico como objetivo final. Desse modo, chegamos à análise dos dados mediante a leitura dirigida pela escuta e pela transferência instrumentalizada dos dados coletados a partir da leitura-escuta do fenômeno do infamiliar em Freud, em Lacan e em comentadores (da psicanálise e da literatura) no romance *A paixão segundo G. H.*, inclusive suas implicações subjetivas, a fim de posteriormente compor o ensaio metapsicológico que aqui apresentamos.

Literatura, psicanálise e transmissão

No entrelaçamento das experiências dos campos literário e psicanalítico, temos como reverberação a linguagem, a escrita, a estética, a relação com o inconsciente e o Real. Desde seu escrito *Trecho do manuscrito N*, anexo à carta a *Fliess*, Freud (1897/2017) se questiona quanto à criação artística, literária e poética. E ressalta o modo como o sujeito representa para si mesmo sua história e a história de suas origens,

perpassando pela escrita criativa e singular. Desde então, continuando com suas indagações e investigações quanto às manifestações do inconsciente, Freud se serviu da literatura para sua experiência investigativa e de transmissão, aproximando literatura e psicanálise como campos em constante processo de criação.

Freud apreciava o campo das artes, tanto é que envolveu a pintura, a escultura e a escrita literária e a poética em seu arcabouço teórico. No que tange à criação literária, no ensaio *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen*, Freud (1907/2015) apresenta a interpretação de sonhos criados por um escritor em um texto literário e suas reverberações para a psicanálise. Com ênfase no campo das artes e da literatura, notamos que, no texto *O poeta e o fantasiar*, Freud (1908/2015) se posiciona diante do saber dos poetas como um leigo e a eles se refere como detentores de uma personalidade extraordinária. Além disso, expõe que muito gostaria de saber de onde extraíam seus temas, a fim de conseguir “comover tanto, despertar-nos emoções [*Erregungen*], que talvez julgássemos jamais fôssemos capazes de sentir” (FREUD, 1908/2015, p. 34).

Dessa reverberação, temos o que ecoa da relação entre escrita textual e inscrição psíquica, para desbravar elaborações sobre o inconsciente e o Real na interlocução com a literatura. Entre os trabalhos citados e outros que fazem parte de um conjunto apresentado, destacamos o ensaio *Das Unheimliche* (FREUD, 1919/2019), que retrata o paradigma estético do inconsciente, um texto em que o autor enfatiza a força da criação literária. Nessa perspectiva, Pontalis e Mango (2014, p. 85) arriscam pontuar que com Freud “o estranho inquietante parece surgir da própria intimidade de sua escrita com a literatura: a *Dichtung* torna-se aqui a coisa *unheimlich* por excelência”. Diante da importância que Freud atribui à literatura e sua aproximação com tal campo, podemos dizer que essa é uma via pela qual ele avança na invenção da psicanálise e na sua experiência de escuta.

Lacan, como um bom freudiano, também se deixa afetar pela literatura reiterando sua importância para a psicanálise. No capítulo VII *Lição sobre lituraterre*, do *Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante*, Lacan (1971/2009) discorre sobre o trançamento entre a literatura e a psicanálise, indicando os deslocamentos literários e sua força. O que chama de “a letra e sua relação com o objeto *a*”, enfatizando que nessa relação o que se destaca é o “que digo ser efeito de linguagem” (LACAN, 1971/2009 p. 110). Assim, o inconsciente estaria estruturado como uma linguagem poética, refletindo o Real do indizível.

Sobre as reverberações da literatura na psicanálise, cabe ressaltar o que Llansol (2011, p. 13) nos diz que “não há literatura, pois quando se escreve só importa saber em que real se entra e se há técnica para abrir caminho a outros”, seguindo, assim, no rastro do que o texto tem a dizer pela influência que a escrita alcança, o que “o grão da voz” (BARTHES, 2015, p. 77) pode significar como coisa literária e suas reverberações. Portanto, a questão que se coloca é “como transmitir a experiência de algo que é, em sua natureza, intransmissível?” (CARREIRA, 2014, p. 42).

Nos caminhos que o trançamento entre literatura e psicanálise nos leva, avistamos o horizonte para essa transmissão, seguindo com a leitura-escuta do que o texto tem a nos dizer pelo percurso da voz narrativa de G. H. sobre o fenômeno do infamiliar, caminhando com os apontamentos de Freud e Lacan.

O infamiliar com Freud e Lacan

Nesta seção, situaremos o que Freud e Lacan abordam acerca da temática psicanalítica do infamiliar: Freud considera o infamiliar como um sentimento, e Lacan, como uma experiência radical.

Das Unheimliche [*O infamiliar*] é o texto publicado por Freud em 1919. Nesse ensaio, o autor aborda pontos importantes, que são caros à nossa leitura-escuta do romance *A paixão segundo G. H.* Considerando o questionamento que Freud faz em sua investigação – o que há de comum nos casos – e diante da pluralidade da emergência do sentimento de infamiliaridade, destacamos alguns pontos: o tema da estética e o sublime, a linguagem, o retorno do recaiado e a criação literária.

Freud (1919/2019, p. 29) descreve o tema da estética “[...] como a doutrina das qualidades do nosso sentir [...]”, enfatizando os sentimentos ditos negativos e trazendo à tona a questão do sublime para além do belo. Nessa perspectiva, temos a experiência que desperta no corpo a sensação de horror, de angústia e de estranhamento. Portanto, Freud trabalha simultaneamente o infamiliar e o sublime como aqueles que se referem aos ditos sentimentos negativos no sentido psicanalítico, situando-os aqui para além do belo e evocando a aproximação entre o sujeito, o sublime e o terror.

Seguindo com os pontos importantes, destacamos a linguagem, trabalho que envolve o desenvolvimento da palavra “*unheimliche*” linguisticamente. Trata-se do que apresenta a convergência ao núcleo comum na palavra-conceito quando Freud (1919/2019, p. 58-59) ressalta: “Em suma, familiar [*heimlich*] é uma palavra cujo

significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [*unheimlich*]. Infamiliar é, de certa forma, um tipo de familiar”.

No ensaio de Freud, há uma questão que se mantém até o final: o retorno do recaiado. Na maioria dos casos em que Freud analisa a experiência com o sentimento de infamiliaridade, trata-se não de mera oposição, mas de uma ambivalência em que ocorre uma passagem, uma transformação defendida por ele e subsidiada pelo que define Schelling (1968, p. 45) como “o que deveria permanecer oculto, mas veio à tona”. Há uma ambivalência que não é necessariamente oposta, mas que se une em nome de representar a mesma coisa: o retorno do recaiado. Portanto, para Freud ([1919] 2019), o infamiliar é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que há muito é conhecido, ao que é familiar.

Nessa perspectiva, Freud (1919/2019) afirma que uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido recaiados revivem uma vez mais por meio de alguma impressão ou quando aparecem outra vez as crenças primitivas que haviam sido superadas. Dessa forma, o prefixo de negação in- [*Un-*] no infamiliar [*Unheimlich*] é a marca do recaiamento. Pontalis e Mango (2014, p. 87) afirmam: “Para explicar o surgimento do inquietante, descartando o simples medo do novo invocado pela psicologia clássica, Freud descobre, na própria origem da desorientação angustiante, o retorno do sexual recaiado”.

A criação literária e sua relação com a infamiliaridade é ponto que ganha destaque com Freud (1919/2019, p. 107): “o infamiliar da ficção – da fantasia, da criação literária – merece, de fato, uma consideração à parte. Ele é, sobretudo, muito mais rico que o infamiliar das vivências”. O autor argumenta que, na emergência do infamiliar, pela via da ficção (fantasia, da criação literária), não há conteúdo referente ao vivido. “[...] na criação literária não é infamiliar muito daquilo que o seria se ocorresse na vida e que na criação literária existem muitas possibilidades de atingir efeitos do infamiliar que não se aplicam à vida” (FREUD, 1919/2019, p. 107). Nesse ponto, evidencia certo destaque para a autonomia da ficção em relação às vivências, ressaltando aqui uma criação/realidade poética em detrimento da realidade psíquica (fantasia) e da realidade material.

Pensando no que converge quanto aos pontos destacados por Freud, situamos que o infamiliar é o que aterroriza e atordoa. Sendo assim, devido à ênfase dada à criação literária, é que o autor escolhe tratar do tema do infamiliar por meio da análise de fragmentos do conto *O homem da areia*, de E.T.A. Hoffman, apresentando como

resultado de sua investigação que o infamiliar é, ao mesmo tempo, aterrorizante e muito íntimo. Sobre o conto, Freud ressalta que há diversas passagens em que é possível identificar o efeito do infamiliar, porém há um tema central que retorna em passagens decisivas: “o tema do homem da areia, aquele que arranca os olhos das crianças” (FREUD, 1919/2019, p. 51), com referência ao retorno do recaiado e ao complexo de castração revividos por Nathaniel. “O estudante Nathaniel, sobre cujas lembranças de infância o conto fantástico se ergue, apesar de sua felicidade no presente, não pode esquecer suas lembranças, que se ligam, nele, à terrível e misteriosa morte de seu amado pai” (FREUD, 1919/2019, p. 61).

Na sequência, ressaltaremos o que Lacan versa sobre o infamiliar. Para isso, destacamos que é pela via da releitura do ensaio de Freud *O infamiliar* (1919/2019) que Lacan (1962-1963/2005, p. 51) nos convoca a explorar a temática da angústia no *Seminário 10: a angústia*, e a relação com a experiência do infamiliar: “Assim como abordei o inconsciente através do *Witz*, este ano abordarei a angústia pela *Unheimlichkeit*”. Suas articulações nesse seminário revelam a relação, em alguma medida, indissociável entre a angústia, o objeto *a* e o infamiliar. Nesse contexto, Lacan retoma o texto freudiano e ratifica as relações do estranho com o retorno do recaiado e, por meio do objeto *a*, como um objeto puramente Real, propõe também a presença de um infamiliar mais radical.

No que tange à infamiliaridade radical mostrada por Lacan, temos a experiência de um encontro abrupto e inesperado com o desejo do Outro e o consequente aparecimento repentino do objeto *a*, com o qual, por um instante, o sujeito se identifica como puro objeto. Assim, nesse momento, há o estilhaçamento de tudo que poderia especularmente sustentar o sujeito.

O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro para além da imagem de que somos feitos.

Esse lugar representa a ausência em que estamos. Supondo-se, o que acontece, que ele se revela tal como é – ou seja, que revele ser a presença em outro lugar que produz esse lugar como ausência –, ele se torna o rei do jogo, apodera-se da imagem que o sustenta, e a imagem especular transforma-se na imagem do duplo, com o que se traz de estranheza radical [...] ele nos faz parecer como objeto, por nos revelar a não autonomia do sujeito (LACAN, 1962-1963/2005, p. 58).

Rabinovich (2005, p. 93) explica: “O momento do estranho, é então, aquele em que o sujeito se experimenta em sua não autonomia, como assinala Lacan, como puro objeto. Seu corpo já não é ali imagem especular ou nada que se lhe assemelhe”. Considerando que o objeto *a* é algo íntimo que constitui o sujeito, enquanto desejante, além de algo estranho e infamiliar por ser Real e inapreensível, seu efeito quando o sujeito se identifica com ele é gerar vertigem e atordoamento. O infamiliar, então, está relacionado de forma imperiosa com o desejo do Outro, que gera a angústia e pode desvelar a presença do objeto *a* na cena, enquanto causa do desejo desse Outro, objeto com o qual o sujeito se identifica: “É o ponto no qual me apreendo como objeto causa de desejo do Outro, em presença do desejo do Outro. É o instante em que realmente me sinto esse objeto e sua tradução é a angústia” (RABINOVICH, 2005, p. 99). Portanto, para Lacan (1962-1963/2005), esse momento de angústia ocorre quando a falta vem a faltar pela presença incômoda do objeto *a*, que pode gerar uma estranheza radical quando e em alguma contingência da vida, o sujeito, é surpreendido por um objeto e, por um instante, se identifica com ele, apagando sua divisão e suas referências especulares. Portanto, a experiência com o infamiliar radical se daria por um encontro súbito e inesperado, que tem como consequência a pulverização de tudo que poderia especularmente sustentar o sujeito na cena, colocando-o na pura angústia, que se traduz em vertigem e atordoamento: “Quando, de repente, nessa visão eu mesmo apareço como objeto, nesse instante, quando o Outro ao invés de entrar em *fading* continua aí presente, é quando o sujeito está à mercê do desejo do Outro, sendo este o ponto de máxima da angústia” (RABINOVICH, 2005, p. 99).

Diante do exposto, podemos questionar por que a experiência com o infamiliar pode ser vertiginosa e perturbadora seja pelo retorno do recalado, seja mais radicalmente quando, frente ao desejo do Outro, o sujeito se identifica com o objeto *a*, momento em que ele experimenta uma angústia avassaladora. Nessa perspectiva, na seção seguinte, situaremos, de forma breve, o conceito e a experiência imbricados na vertigem.

Vertigem, desamparo e perturbação: do conceito à experiência

Nomear uma experiência como vertiginosa – que causa vertigem e intensa perturbação – nos convoca a apreender o que a palavra “vertigem” tem a nos dizer. Pensando nisso, trouxemos o significado da palavra. É importante salientar que não temos como intenção fechar um único sentido, por isso buscamos uma aproximação do enlace

que essa palavra apresenta em relação à experiência. De acordo com Houaiss (2015, p. 966), vertigem é “sensação de que o corpo ou as coisas ao seu entorno giram; tonteira, tontura; qualquer sensação de desmaio ou fraqueza; perda momentânea do autocontrole; loucura”. Essa descrição nos mostra a possibilidade de várias leituras, a depender do efeito que a vertigem causa no sujeito diante de determinada experiência. Desse modo, ressaltamos que a escolha da palavra significante “vertigem” para compor a temática deste estudo se entrelaça à experiência de G. H. com o infamiliar, comparecendo no que tanto Freud quanto Lacan revelam acerca da temática psicanalítica.

Segundo Pereira (2008, p. 60), é possível reconhecer como vertigem as alterações que se apresentam como efeito da perturbação do instinto de conservação, ou seja, “o ser se encontra arrastado para sua perda, não tem como resistir, só pode seguir a concordância escrava do sonâmbulo, de cuja participação e a vontade e a possibilidade de escolha se ausentam”.

Com Freud, no que tange ao retorno do recaiado e ao complexo de castração, vislumbramos a experiência vertiginosa com o sentimento de infamiliaridade. Porém, como ele salienta, nem tudo que retorna causa infamiliaridade. No entanto, quando o que retorna de conteúdo recaiado coloca o sujeito em contato com aquilo que o assusta e o atordoa, estamos diante do fenômeno do infamiliar. Na direção do que causa no sujeito o desmaio e a perda momentânea do autocontrole, estamos diante do que Lacan descreve como infamiliar radical, comparecendo na experiência do encontro com o Real não simbolizável e perturbador, emergindo de súbito.

A paixão segundo G. H. e a virada na literatura lispectoriana

Para possibilitar a leitura-escuta do fenômeno do infamiliar em Freud e Lacan pela via do romance *A paixão segundo G. H.*, apresentamos a obra em questão. O livro foi alvo de muitas críticas à época de sua publicação, pois críticos da literatura e de outros campos não reconheciam a obra, considerada um romance, como um gênero literário digno de destaque, colocando-a à margem dos escritos reconhecidos pela literatura. Porém, foi com a publicação do livro *A paixão segundo G. H.* (1964/2009) que a escritora criou um lugar para se alojar na literatura, convocando tanto os críticos literários quanto os psicanalistas ao trabalho já que as possibilidades de entrelaçamento e transmissão estavam no limiar entre esses dois campos discursivos.

Lispector (1964/2009) apresenta a experiência da personagem principal G. H. após a demissão de sua empregada doméstica. Com a saída da doméstica de seu apartamento, G. H. está sozinha quando decide arrumar a casa, começando pelo quarto da empregada, onde não entrava havia algum tempo. No entanto, algo inusitado acontece: acreditando que o cômodo estivesse desarrumado e sujo, G. H. é surpreendida por um cenário diferente do imaginado.

A obra em questão apresenta um conteúdo que, a princípio, parece ser apenas a narrativa de um romance que aborda o dia a dia de uma mulher bem-sucedida, solteira e sem filhos, mas que nos convida a ir do habitual a uma passagem em que a personagem principal se vê despersonificada com a experiência vertiginosa ao se deparar com o inesperado.

Ao avançar na leitura, encontramos uma narrativa em primeira pessoa, e G. H. em absoluto estado de concentração e dilatação interior. Trata-se de um percurso narrativo que segue para uma experiência de choque, para uma vivência limite centrada no encontro de G. H. com a barata, reverberando em intenso processo de desautomação, introspecção e travessia.

A escrita nesse romance se manifesta como uma linguagem que transborda, excede, corta e irrompe o silêncio. Nesse processo, Clarice realiza o que para muitos será o seu maior empreendimento literário. Para Branco (1989), a escrita de Clarice, pela via de sua linguagem feminina, direciona não para o aquém de seu discurso, mas para o seu além. Assim, no lugar da impossibilidade da escrita, se dá a escrita de uma impossibilidade, ou seja, a prática do que não se verbaliza, do que não se pensa: escrita do indizível e do impossível, voz delirante que se lança no vazio da página. De acordo com Gotlib (2013, p. 448), o “repertório de imagens do romance atende a essa dupla configuração: traduzir o que é e o que não é. Partindo do sentido preconcebido e estereotipado, passa para a sua desmontagem ou desconstrução”.

Diante disso, o que ouvimos não se trata do habitual, mas de uma “experiência do demoníaco” (CARREIRA, 2014, p. 101), que envolve o fenômeno do infamiliar e o encontro com o inominável, fora da possibilidade de organização simbólica. Assim, está às voltas com o Real. É o que o escrito parece nos mostrar, logo de saída, quando G. H. nos relata: “Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda.

[...] Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas a minha montagem humana” (LISPECTOR, 1964/2009, p. 11). Além disso, diz: “O que vi não é organizável” (p. 67).¹

Seguimos com as reverberações dos fragmentos da narrativa de G. H. na tentativa de apreender seu encontro com a experiência do infamiliar, discutindo acerca da experiência de vertigem contida na obra clariceana.

Fragmentos de uma experiência de vertigem

Considerando uma investigação em que dialogam dois campos – literatura e psicanálise – nos deixamos atravessar pela textualidade contida na escrita literária e o efeito desse processo para podermos tirar proveito dessa interlocução. Escolhemos “tentar ouvir o texto” (BLANCHOT, 2011, p. 31) de modo a situar o que emerge entre o ato poético – ao qual a textualidade nos convoca – e o ato analítico como uma aposta na direção de que algo ocorra, caminho pelo qual trilhamos com G. H., Freud e Lacan para pensar a experiência com o infamiliar.

Como efeito desse atravessamento e escuta da enunciação na narrativa de G.H., situamos o que Lacan (1962-1963/2005) nos indica como o encontro traumático com o Real, e essa é uma experiência de arrebatamento pela emergência do infamiliar radical. O que ocorre, portanto, é um encontro súbito com o Real, que tem como consequência o apagamento do sujeito que se identifica com o objeto *a* na posição de causa de desejo do Outro. Então, como puro objeto sem possibilidade de simbolização e representação, ao fim, o sujeito é lançado à perturbadora falta de sentido: “O lugar da angústia como traumática é o lugar onde surge o desejo do Outro e, na medida em que sou objeto causa desse desejo, encontro-me à sua mercê” (RABINOVICH, 2005, p. 88).

No *Seminário 10: a angústia*, Lacan (1962-1963/2005) apresenta sua investigação e análise sobre a emergência da angústia imbricada com a experiência do infamiliar, ressaltando “que a definição do *unheimlich* é ser *heimlich*. É o que está no lugar do *Heim* que é *Unheim*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 57), o infamiliar não como oposto do familiar, mas aquele que surge do que é familiar.

Seguindo com G. H., na direção do que diz Lacan, a narradora-personagem se planeja para arrumar o seu apartamento, começando pelo quarto da empregada doméstica que fora demitida, colocando-se em um lugar de conforto ao relatar que “arrumar era a

¹ A partir deste ponto, nas citações retiradas de Lispector (1964/2009) constará somente a página.

sua vocação. Arrumar é achar forma” (p. 32), construindo imaginariamente a ideia de que encontraria o quarto sujo, bagunçado e sem “vida”: “o quarto da empregada devia estar imundo, na sua dupla função de dormida e depósito de trapos, malas velhas e barbantes inúteis. Eu o deixaria limpo e pronto para a nova empregada” (p. 33).

G. H. se dirige ao final do apartamento onde está localizado o quarto da empregada. “Abri a porta para o amontoado de jornais e para as escuridões da sujeira e dos guardados” (p. 36). Porém é surpreendida, pois não era exatamente esse o cenário encontrado pela personagem. G. H. vê uma cena completamente oposta ao imaginado, visualizando um “quarto que era um quadrilátero de branca luz: meus olhos se protegeram franzindo-se. [...] E meu espanto vinha de deparar com um quarto inteiramente limpo” (p. 36).

Diante da cena perturbadora do quarto limpo, o que não esperava encontrar, G. H. fica desnorteada. “O quarto divergia tanto do resto do apartamento que para entrar nele era como se eu antes tivesse saído de minha casa e batido a porta. [...] O quarto era o retrato de um estômago vazio (p. 41).

Já dentro do quarto, G. H. procura realizar, sem sucesso, algo próximo do que havia idealizado sobre aquele espaço: limpar a sujeira e arrumar a bagunça. É nesse momento que narra sua decisão de se voltar para o guarda-roupa, na tentativa de se reorganizar diante do que a deixara desnorteada. A partir daí, descreve o início de sua experiência em seu ponto máximo de angústia: “Abri um pouco a porta estreita do guarda-roupa, e o escuro de dentro escapou-se como um bafo” (p. 45). Apesar de seu esforço nada avistar, decide pôr pela fresta do móvel o máximo que cabe de seu rosto, mas era impedida, pois a porta do guarda-roupa esbarrava na cama. Ao continuar tentando avistar o que havia dentro do guarda-roupa, G. H. empurra a cama para perto da janela, conseguindo abrir alguns centímetros a mais e é aí que ao avistar algo “antes de entender, meu coração embranqueceu como cabelos embranquecem (p. 45).

Essa experiência que se apresenta na direção do não organizável, do sem sentido e do indizível, que fazem embranquecer o coração de G. H., a narradora segue dizendo: “Aquele quarto que estava deserto e por isso primariamente vivo. Eu chegara ao nada, e o nada era vivo e úmido” (p. 59).

Com esse acontecimento, ocorre algo além de uma mera percepção e sensação, que tem relação com o que “intensifica, condensa, reduz, amplia, inverte, e, graças a esse processo de estranhamento a desautomação, o cotidiano se torna ‘não familiar’”

(PORTUGAL, 2006, p. 21). Desse modo, se apresenta o infamiliar mais radical para G. H.: “De encontro ao rosto que eu pusera dentro da abertura, bem próximo de meus olhos, na meia escuridão, movera-se a barata grossa. Meu grito foi tão abafado que só pelo silêncio contrastante percebi que não havia gritado. O grito ficara me batendo dentro do peito” (p. 46).

Um acontecimento inesperado, inusitado, o encontro com a barata estilhou a organização, o simbólico e o imaginário de G. H. Ela descreve esse momento como um desmaio, uma vertigem. Assim, é possível inferir que ela está diante do desejo de um Outro Real, que lhe interroga e a petrifica, “*che vuoi?*”, representado pela aparição da barata, que aterroriza G. H. Nesse momento, há um apagamento do sujeito. G. H. se torna o puro objeto *a*, com o qual se identifica perdendo a possibilidade de qualquer relação com a imagem de si mesma e experiencia o infamiliar e a angústia mais básica.

É o que acontece no fenômeno do *unheimlich*. A cada vez que, subitamente, por algum incidente fomentado pelo Outro, sua imagem no Outro aparece para o sujeito como privada de seu olhar, toda a trama da cadeira da qual o sujeito é cativo na pulsão escópica se desfaz, e é o retorno à angústia mais básica (LACAN, 1962-1963/2005, p. 69).

Lacan (1962-1963/2005) acomoda sua invenção, o objeto *a*, como um resto, mas não um resto qualquer, pois dá a ele o *status* de objeto irrepresentável que cai da entrada do sujeito na linguagem. Dessa forma, o localiza como o que há não só de mais íntimo no sujeito, mas também o mais estranho, pois é, ao mesmo tempo, um resto que constitui o sujeito do desejo e o objeto que, ao ocupar o lugar da falta, pode desorientar e atordoar, despindo o sujeito de encontrar saída imaginária e simbólica, reduzindo-o ao nada. G. H. assim se expressa: “A hora de viver é tão infernalmente inexpressiva que é o nada. Aquilo que eu chamava de “nada” era, no entanto, tão colado a mim que me era... eu?” (p. 78).

De acordo com o que Lacan ensina em *Lição sobre lituraterra*, é possível pela via da metáfora, da metonímia e pela linguagem da escrita, ter como reverberação o que “convoca o litoral ao literal” (LACAN, 1971/2009, p. 110). Ora, se o litoral é o que está “à beira”, o literal é o que dele se funda. Escreve Lacan (1971/2009, p. 113): “*Litura, lituraterra*. Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra. *Litura pura* é o literal. Produzir essa rasura é reproduzir a metade com que o sujeito subsiste”. Parece ser desse ponto em que G. H. nos convoca a ouvir sua experiência com o não sentido, pelo efeito disso em sua existência quando descreve: “Eu vi. Sei que vi porque

não dei ao que vi o meu sentido. Sei que vi – porque não entendo. Sei que vi – porque para nada serve o que vi [...] O que vi arrebenta a minha vida diária” (p. 15).

Assim, apreendemos que Lacan avança em sua investigação por formular o conceito de objeto *a* em relação à emergência da angústia e ao fenômeno do infamiliar, considerando-o como uma experiência de horror que se dá por um instante, do encontro com o inusitado, o inesperado e o vertiginoso, irrompendo o Real. Com a ajuda de G. H., acreditamos que o encontro da personagem com a barata provoca nela a irrupção do Real, transformando-a num nada – ou seja, ela se identifica com o objeto *a*, causa de desejo do Outro. G. H. se apaga enquanto sujeito e impossibilita qualquer saída naquele momento, na direção de uma simbolização, fazendo emergir a infamiliaridade radical situada por Lacan.

Com Freud, apreendemos que o autor se debruça numa minuciosa pesquisa acerca do fenômeno do infamiliar, destacando que há algo que o intriga, levando-o a se questionar “Como é possível, sob quais condições, o que é íntimo se tornar infamiliar, aterrorizante [...]” (FREUD, 1919/2019, p. 33). É nesse sentido que G. H. em sua experiência se questiona e nos põe a trabalhar: “O viver que eu havia domesticado para torná-lo familiar” (p. 16), evocando o que Freud encontra quando investiga no desenvolvimento da palavra “*Unheimlich*” em diversas línguas e concluindo: “Em suma, familiar [*heimlich*] é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [*unheimlich*], infamiliar é de certa forma, um tipo de familiar” (FREUD, 1919/2019, p. 49). Portanto, para Freud, em diversas situações o infamiliar que se apresenta no tempo atual deriva de algum conteúdo que havia sido familiar, mas que se encontrava recalcado, o que G. H. parece demonstrar ao narrar: “A vida se vingava de mim, e a vingança consistia apenas em voltar, nada mais. Todo caso de loucura é que alguma coisa voltou. Os possessos, eles não são possuídos pelo que vem, mas pelo que volta” (p. 69).

Acompanhando G. H. em sua narrativa e o destaque de Freud sobre a relação do sentimento de infamiliaridade e o retorno do recalcado, sabemos que efeitos diversos emergem e que nem todo conteúdo que retorna causa infamiliaridade. Porém, o que parece ocorrer com G. H. é que, após o encontro com a barata, vem à tona algo que deveria permanecer oculto fazendo emergir, assim, a angústia e a sensação de infamiliaridade quando a própria narradora-protagonista revela em sua fala:

Olhei o quarto com desconfiança. Havia a barata, então. Ou baratas. Onde? [...] Camadas de baratas – que de súbito me lembravam o que em criança eu havia descoberto uma vez ao levantar o colchão sobre o qual dormia: o negror de centenas e centenas de percevejos, conglomerados uns sobre os outros. A lembrança de minha pobreza em criança, com percevejos, goteiras, baratas e ratos, era de como um meu passado pré-histórico, eu já havia vivido com os primeiros bichos da Terra (p. 47).

Sobre o retorno do recalçado, Trocoli (2015, p. 56) analisa: “Em Clarice, ao estranho segue o abalo, ou seja, as palavras de G. H. agonizam, hesitam, angustiam-se diante do *Unheimlich*” quando em contínua e, ao mesmo tempo, descontinuada narrativa segue dizendo após o encontro com a barata: “enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama [...] Lama ainda úmida e ainda viva, era uma lama onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes de minha identidade” (p. 56). Seguindo sua narrativa após o encontro vertiginoso com a barata e vivenciando a experiência com o horror do retorno do recalçado, G. H. descreve que, ao retornar do momento vertiginoso, ficou por um tempo com os olhos fechados esperando que a estranheza passasse e, assim, pudesse fazer algo com a tensão ali vivida.

Na tentativa de retomar sua constituição imaginária de antes da experiência com o inusitado, em que G. H. perde seu *status* de autonomia e identidade diz: “‘Ah, quero voltar para a minha casa’, pedi-me de súbito, pois a lua úmida me dera saudade de minha vida” (p. 107). Sobre o contato com o que retornara, relata: “Sentei-me de novo na cama. Mas agora, olhando a barata, eu já sabia de muito mais [...] Que a barata é comível como uma lagosta, a barata era um crustáceo” (p. 112-113).

Na intenção de escapar a tamanha invasão pelo que retorna a partir do encontro com a barata, remetendo-a ao mais primitivo de sua origem, G. H. inicia processo em que tenta elaborar, simbolizar o que causa tamanho desprazer e diz “O inferno é a boca que morde e come a carne viva que tem sangue, e quem é comido uiva com o regozijo no olho [...]” (p. 120). Nesse momento, G. H. pensa e toma uma decisão: matar e comer a barata, pois para ela “A tentação é comer direto na fonte” (p. 129). E para atravessar a sensação de morte causada pela identificação com o nada frente à barata, objeto que conduz ao Real, se dirige ao encontro da barata e, coberta de suor, diz: “Aquele suor profundo era, no entanto, o que me vivificava, eu estava nadando lenta no meu mais antigo caldo de

cultura, o suor era *planctum* e *pneuma* e *pabulum vitae*, eu estava sendo, eu estava me sendo (p. 164).

Apostando na ideia de que “há um saber que não se sabe, um saber inconsciente, ‘exposto em ato no texto’ da literatura e da psicanálise” é que situamos a narrativa de G. H. como um ato poético que nos direciona para uma passagem, uma transformação após a invasão inesperada do que retorna. Portanto, para G. H., “comer a barata [...] minha raiz, que só agora eu experimentava, tinha gosto de batata-tubérculo, misturada com a terra de onde fora arrancada” (p. 165). G. H. nomeia o momento após o seu encontro com a barata como um contato com um passado pré-histórico por ela vivido e que, por seu caráter angustiante, fora recalcado. Assim, G. H. nos mostra que o retorno do recalcado não diz respeito a uma mera oposição entre familiar e infamiliar, mas que, a partir de uma ambivalência, ocorre uma passagem, uma travessia, uma transformação dos conteúdos inconscientes que alcançam a consciência, podendo reverberar na implicação do sujeito que experimenta tal passagem com o conteúdo que se desvela e irrompe diante do instante de ver, que nas palavras dela, resume: “O divino para mim é o real” (p. 167).

Considerações finais

Neste estudo buscamos escutar na narrativa de G. H. fragmentos que anunciam a experiência do infamiliar tal qual discutem Freud e Lacan.

Com Freud, apreendemos que esse fenômeno trata claramente do sentido estético do inconsciente. O que causa infamiliaridade não é o que está situado externamente ao sujeito, mas aquilo que nele pode haver de mais íntimo e, por alguma razão, retorna – ou seja, o sentimento de infamiliaridade ocasionado pelo retorno do recalcado.

Caminhando com Lacan em seu *Seminário 10: A angústia*, no que tange aos apontamentos da releitura de Freud sobre a temática, o autor ressalta sua convergência quanto ao retorno do recalcado. Porém, avança no que representa o infamiliar radical, mostrando o que está para além do retorno do recalcado. Nessa perspectiva é que Lacan nos traz a experiência com o infamiliar radical situada no encontro com o Real, com o insuportável, a angústia em seu ponto máximo desnudado pelo aparecimento do objeto *a* no lugar da falta, no momento em que o sujeito se identifica como objeto causa do desejo do Outro e perde sua autonomia.

Pelos fragmentos narrados ao longo da experiência de G. H., chegamos ao ponto nodal desta investigação: o efeito de vertigem, aquele que desampara e perturba, levando

à experiência do encontro com o infamiliar, com destaque ao retorno do recalcado com o sentimento de infamiliaridade trabalhado por Freud e o infamiliar radical com Lacan, considerarmos que a experiência da infamiliaridade evidencia a realidade psíquica e o possível desfalecimento de um corpo que se constitui pela linguagem, se articulando pela inscrição de palavras e identificações, e, quando faltam, em seu desamparo o sujeito perde sua autonomia.

Referências

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BLANCHOT, Maurice. **Uma voz vinda de outro lugar**. Tradução: Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BRANCO, Lúcia Castello. **Chão de letras**: as literaturas e a experiência da escrita. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1989.
- CARREIRA, Luciana Brandão. **Os tempos da escrita na obra de Clarice Lispector**: no litoral entre a literatura e a psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014.
- FÉDIDA, Pierre. **Nome, figura e memória**: a linguagem na situação psicanalítica. São Paulo: Escuta, 1992.
- FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia: (A) Psicanálise; (B) A teoria da libido (1923/1922). In: _____. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 253-274. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. O poeta e o fantasiar (1908). In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 34-42.
- FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In: _____. **O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 13-122. (Obras completas, 8).

- FREUD, Sigmund. O infamiliar (1919). In: _____. **O infamiliar [Das Unheimliche]**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 27-125.
- FREUD, Sigmund. Trecho do manuscrito N, anexo a uma carta a Fliess, de 31 de maio de 1896. In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 43-44.
- GOTLIB, Nádia Batella. **Clarice: uma vida que se conta**. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2013.
- IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica?. **Ágora: Revista Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v6n1/v6n1a07.pdf>. Acesso em: dez. 2021.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: A angústia** (1962-1963). Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** (1971). Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** (1964). Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- LLANSOL, Maria Gabriela. **Um falcão no punho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- PEQUENO DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2015.
- PEREIRA, Lucia Serrano. **O conto machadiano uma experiência de vertigem: ficção e psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2008.
- PONTALIS, J.-B.; MANGO, Edmundo Gómez. **Freud com os escritores**. Tradução: André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- PORTUGAL, Ana Maria. **O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- RABINOVICH, Diana. **A angústia e o desejo do Outro**. Tradução: André Luis de Oliveira Lopes. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Philosophie der Mytologie**. Munche: C. H. Beck, 1968, p. 515.
- SOLER, Colette. **Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário A angústia**, de Jacques Lacan. Tradução: Elynas Barros Lima, Lia Carneiro Silveira, Sonia Maria Coni Campos Magalhães. São Paulo: Escuta, 2012.

SOUZA, Alduísio M. de. **Transferência e interpretação** – ensaio clínico lacaniano.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TROCOLI, Flávia. **A inútil paixão do ser**: figurações do narrador moderno. Campinas:

Mercado das letras, 2015.

ABSTRACT

This paper analyzes the phenomenon of the unfamiliar from Freud and Lacan through the journey of the narrative voice of the protagonist in the novel “*A paixão segundo G. H.*” A passion according to G. H., by Clarice Lispector. The phenomenon of the unfamiliar indicates something important for the psychoanalytic experience and, considering the aesthetic field, apprehends, through the narrative discourse in literary writing, what appears in it as an effect of a psychic manifestation and what transcends that point, expanding the range possibilities for research and transmission of psychoanalysis. In this way, with the reading-listening of the narrative of the character G. H., we consider that the phenomenon of the unfamiliar appears in several fragments, revealing the presence of the return of the repressed with Freud and the encounter with the Real from Lacan, in which the cockroach stands out as a central object for the emergence of such events.

Keywords: Memory. Literature. Psychoanalysis. Unfamiliar. Passion according to G. H.

RESUMEN

Este artículo analiza el fenómeno de lo siniestro desde la perspectiva de Freud y Lacan a través de un recorrido por la voz narrativa de la protagonista de la novela *La pasión según G. H.*, de Clarice Lispector. El fenómeno de lo siniestro indica algo importante para la experiencia psicoanalítica y, considerando el campo estético, aprehende, a través del discurso narrativo en la escritura literaria, lo que se presenta en él como efecto de una manifestación psíquica y lo que trasciende tal punto, ampliando la gama de posibilidades de investigación y transmisión del psicoanálisis. De esa forma, con la lectura-escucha de la narrativa del personaje G. H., consideramos que el fenómeno lo siniestro aparece en diversos fragmentos, revelando la presencia del regreso de lo reprimido con Freud y el encuentro con lo real a partir de Lacan, donde la cucaracha se destaca como objeto central para la emergencia de tales acontecimientos.

Palabras clave: Literatura. Psicoanálisis. Lo siniestro. La pasión según G. H.

RÉSUMÉ

Cet article présente une analyse du phénomène l'inquiétante étrangeté chez Freud et chez Lacan à partir du discours de la protagoniste dans le récit *A paixão segundo G. H.* [La passion selon G. H., de Clarice Lispector. Le phénomène de l'inquiétante étrangeté montre une question importante à l'expérience psychanalytique, sans oublier le domaine esthétique, il saisit au-delà du récit littéraire, les points où ils se présentent comme effet d'une manifestation de la psyché et à quel moment ces points sont-ils dépassés. Par conséquent, l'investigation et la transmission de la psychanalyse peuvent parcourir d'autres possibilités et chemins de développement. En conclusion, à partir de la lecture et de l'écoute du récit du personnage G. H., on prend en compte que le phénomène d'étrangeté apparaît dans plusieurs extraits du texte. Cette observation apporte le retour du refoulement selon Freud et le rencontre avec le Réel chez Lacan, situation le quel le cafard est mis en scène comme un objet indispensable aux urgences de tels événements.

Mots clés: Littérature. Psychanalyse. L'inquiétante étrangeté. La passion selon G. H.

PRISCILA DOS SANTOS PEREIRA CARDOSO

Psicanalista.

Psicóloga.

Professora na Faculdade Estácio de Macapá/Amapá.

Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro.

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Pará –UFPA.

priscilapereira96@hotmail.com

Orcid: 0009-0004-2395-4090

BRENO FERREIRA PENA

Psicanalista.

Psicólogo.

Doutor e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Professor da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará – UFPA.

brenopena@hotmail.com

Orcid: 0000-0003-4485-3673

Citação:

CARDOSO, Priscila dos Santos Pereira; PENA, Breno Ferreira. G. H. e o infamiliar: uma experiência de vertigem. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 22.08.2023 / Aceito: 17.11.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



Entre sonhos e diagnósticos: uma aposta na escuta

Between dreams and diagnoses: a bet on listening

Entre sueños y diagnósticos: una apuesta por la escucha

Entre rêves et diagnostics : un pari sur l'écoute

MARIANA DESENZI SILVA

ENZO CLÉTO PIZZIMENTI

MIRIAM DEBIEUX ROSA

IVAN RAMOS ESTÊVÃO

O presente artigo busca contribuir para a sustentação de uma clínica, na direção da escuta, que privilegie o sujeito do inconsciente, amparada pela Luta Antimanicomial e na articulação entre psicanálise, Saúde Mental e Políticas Públicas. Apresentaremos questões acerca das modalidades de sofrimento da contemporaneidade e sua incidência no discurso de adolescentes em uma instituição de saúde mental. Nossa hipótese é a de que o discurso médico – hegemônico e verticalizado – tem efeitos sobre as diferentes formas de nomeação de seu mal-estar e se constitui enquanto obstáculo na escuta do sujeito, bem como defesa diante do encontro com a alteridade radical do enlouquecer. Discutiremos este ponto a partir de fragmentos clínicos recortados de uma pesquisa de Mestrado realizada em um CAPS infanto-juvenil da cidade de São Paulo. Esta pesquisa recolheu relatos de sonhos dos adolescentes frequentadores do referido equipamento, como uma intervenção institucional de investigação. Tomando o sonho como um operador que revela não só a posição subjetiva de cada participante, mas também uma articulação com aquilo que é proveniente da tessitura coletiva, intentamos produzir possíveis reflexões que possam incluir e conjugar três significantes que apontamos ser de suma importância, a saber: sofrimento, liberdade e invenção.

Palavras-chave: Psicanálise. Saúde mental. Adolescência. Sonhos.

O objetivo do presente artigo é contribuir para a sustentação de uma clínica capaz de ratificar – na interface entre Políticas Públicas, Saúde Mental e psicanálise, amparadas pelos importantes direitos conquistados, sobretudo a partir do Movimento de Luta Antimanicomial brasileira – direções para o tratamento que possam incluir e conjugar três significantes que apontamos ser de suma importância, a saber: *sofrimento, liberdade e invenção*.

Propomos, em um primeiro momento, a oferta de uma discussão a partir dos efeitos do discurso médico sobre as possibilidades de nomeação do mal-estar, em adolescentes que estão em tratamento em equipamentos de saúde mental. Tal discussão será promovida a partir da apresentação de fragmentos clínicos, oriundos de uma série de entrevistas que fazem parte de uma pesquisa de Mestrado¹ realizada em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSij), localizado na Zona Norte da cidade de São Paulo. Seguindo a orientação da Secretaria Municipal de Saúde, instância à qual respondem os serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil e seu protocolo de aprovação é CAAE 36262320.0.3001.0086.

A hipótese levantada é de que a sustentação de um horizonte que supere o modelo hegemônico biomédico – verticalizado por excelência – encontra seu respaldo na possibilidade de uma escuta que, a um só tempo, considera a realidade própria do sujeito, bem como as diversas formas que este encontra para se posicionar no laço social. Para tanto, articularemos os campos da Saúde Mental, alinhados à Luta Antimanicomial, e da psicanálise – enquanto direção possível para o tratamento dos impasses produzidos no encontro com a radical alteridade da loucura.

Os CAPS são, dentro da Rede de Atenção Psicossocial, equipamentos responsáveis pelo agenciamento do cuidado intersetorial de pessoas em intenso sofrimento psíquico, e configuram-se como importante lugar de alternativa ao modelo segregatório e excludente do manicômio. Isso se dá na medida em que os CAPS são responsáveis pelo ordenamento de uma rede territorial de práticas que se constitua na direção oposta à lógica manicomial.

¹ Este artigo deriva da dissertação de Mestrado intitulada “Escuta dos sonhos como intervenção clínico-política: uma estratégia pendular de despatologização”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da USP, de autoria de 1ª autora, sob a orientação de 3ª autora.

Introdução

Realizaremos uma breve retomada histórica a fim de situarmos o presente debate em nosso tempo, bem como à esteira dos avanços e recuos que o campo da Saúde Mental pode acompanhar, no que diz respeito às políticas públicas.

De partida, sublinhamos que tal movimento não se deu sem a força constante com que o discurso médico engendrou e engendra subjetividades, estabelecendo, na contemporaneidade, um estatuto cientificista aos complexos fenômenos psíquicos – que acabou por planificar e invisibilizar as linhas de força que se fazem presentes em sua estrutura, portanto em franca aposta na individualização dos impasses do sujeito por meio da patologização de sua experiência. Nesse ponto, utilizamos o conceito benjaminiano de *experiência* (*Erffahrung*) como aquilo vivido pelo sujeito e que é dotado de significação e sentido e que porta sua verdade. Busca-se diferenciar-se de *vivência* (*Erleibnis*), que se constitui enquanto o vivido de forma empobrecida em relação à cultura e à linguagem. Rosa e Poli (2009) defendem o argumento benjaminiano de que, no advento da ciência moderna, o valor social conquistado pelo experimento científico reduz e esvazia o compartilhar, aproximando-o da vivência, principalmente naquilo que é transmitido via conhecimento – o que acontece, na contemporaneidade, em relação às críticas dirigidas às produções das ciências humanas. Quando, utilizando-se de um diagnóstico psiquiátrico, reduz-se o sofrer e o enlouquecer a uma vivência, desconsidera-se a multiplicidade que compõe essas experiências (Rosa; Estevão; Braga, 2017).

Foi à esteira desse cientificismo que, por muitos anos, muitas das políticas de saúde mental tiveram como alicerce maior o que nomeamos como franca resistência ao desejo, obliterando, assim, o componente principal de todo e qualquer discurso moral, fazendo do campo da Saúde Mental lócus fundamental de segregação (Lacan, 1959-1960/1988). Tal movimento se verifica sob a égide de noções tais como a de Liberdade/Libertação: da homossexualidade (G1, 2019); das drogas (Consultor Jurídico, 2017); do “potencial interno”, na aposta medicamentosa por trás da alta prescrição de ritalina na infância (Estado de Minas, 2018); da libertação das ruas ocupadas por “zumbis viciados” (O Globo, 2019); libertar a família do louco (Amarante, 2007) ou libertar o louco da loucura (Terra, 2018), do encarceramento etc. Isso apenas para ilustrar alguns dos pontos de ancoragem desses discursos.

A loucura, enquanto experiência de existência, atravessou as mais diversas épocas e civilizações humanas. A título de exemplificação, vale recordar que, ao final do século

XIX, eram as histéricas e seus sintomas conversivos que atraíam os olhares de psiquiatras e neurologistas, constituindo-se como *objetos* das intervenções em internações nos grandes hospitais, como o de La Salpêtrière (Nunes, 2010). É em meio ao debate entre esses dois campos da medicina, que Freud inicia seus estudos pré-psicanalíticos.

Não são recentes as discussões em torno daquilo que é normal e o que é patológico, uma vez que suas definições tendem a ser difusas e bastante variadas em diferentes culturas e períodos históricos. Dos leprosos aos usuários de substâncias – hoje, muitas vezes, nomeados como zumbis no léxico sociocultural –, a história revela que há uma íntima relação entre as diversas formas de viver e existir com a “construção societária do que são os normais e os anormais sociais” (Merhy, 2012, p. 11), que, em conjunto e travestida de ciência e, portanto, de verdade supostamente indiscutível, determina formas únicas de compreender, nomear, controlar e cuidar.

A concepção de loucura nunca foi estática e imutável, daí o grande fascínio (e repulsa) que se verifica nos mais diversos segmentos da cultura. Roudinesco, em seu verbete sobre a loucura, afirma tratar-se da:

paixão, tumulto, frenesi, raiva, desvario [...] espécie de avesso da razão [...] também um excesso, uma desmedida, uma postura desviante: a loucura das grandezas, loucura mansa, loucura do amor louco etc [...] ora sacralizados como criaturas fora das normas que se devia respeitar ou idolatrar, ora perseguidos como pertencentes a uma ‘raça’ inferior (2019, p. 213).

Não raras vezes, profissionais, instituições e Estado são convocados pela população a responderem ao grande enigma que algumas pessoas expressam na sua forma de ser e agir e, na urgência de fornecer uma resposta que apaziguasse toda a tensão, inúmeros abusos foram cometidos, ao longo da história, em relação àqueles considerados desviantes da norma.

O Brasil acompanhou a Europa em sua tendência asilar logo da chegada da família real portuguesa, no início do século XIX, também seguindo sua influência a partir dos movimentos reformistas em relação às instituições asilares, os manicômios, cerca de um século e meio depois. Foi em meio à efervescência do processo de redemocratização brasileiro, marcando o final da Ditadura Civil-Militar, que se ergueu o Movimento da Luta Antimanicomial: disputa empreendida contra toda forma de segregação e qualquer lógica que paute as relações entre saber e poder, de maneira hierárquica.

A Luta Antimanicomial foi efeito de um movimento anterior a qualquer política pública que se direcionasse à oferta de um tratamento em liberdade. Tratava-se, principalmente, de um movimento sustentado por trabalhadores, trabalhadoras e parentes daqueles que, em sua loucura, foram preteridos do convívio social. Retomamos, aqui, um trecho do Manifesto de Bauru (1987), documento fundamental para o estabelecimento de um novo paradigma de cuidado que rompesse com a lógica manicomial:

O manicômio é expressão de uma estrutura, presente nos diversos mecanismos de opressão desse tipo de sociedade. A opressão nas fábricas, nas instituições de adolescentes, nos cárceres, a discriminação contra negros, homossexuais, índios, mulheres. Lutar pelos direitos de cidadania dos doentes mentais significa incorporar-se à luta de todos os trabalhadores por seus direitos mínimos à saúde, justiça e melhores condições de vida.

Este trecho situa a importância de tomarmos a Luta Antimanicomial enquanto eixo de transformação da sociedade, no sentido de romper com a semelhante direção contida na lógica asilar e no autoritarismo, principalmente pela forma de relação estabelecida com aquilo que é diferente: repulsa, expulsão, segregação e, se possível, extermínio – além, claro, do excesso de controle para que nada escape ao regime estabelecido enquanto único caminho possível.

A Reforma Psiquiátrica, para além de uma reorganização da assistência prestada aos ditos portadores de transtornos mentais, busca transformar o paradigma que sustenta tal concepção, rompendo com uma lógica hospitalocêntrica de cuidados e questionando as formas de nomeação e compreensão do sofrimento psíquico. Amplia o campo de conhecimento da psiquiatria, e seu interesse pelas doenças mentais, para o chamado campo da Saúde Mental, que não se constitui enquanto seu oposto, mas, sobretudo, como:

Um campo bastante polissêmico e plural, na medida em que diz respeito ao estado mental dos sujeitos e das coletividades que, do mesmo modo, são condições altamente complexas. Qualquer espécie de categorização é acompanhada do risco de um reducionismo e um achatamento das possibilidades da existência humana e social (Amarante, 2007, p. 19).

Ainda, importante ressaltar que, ao deixar de lado esse olhar que se direciona à doença, abre-se um espaço para o sujeito comparecer com sua complexidade no existir, viver e sofrer. Em outras palavras, resgatando a conhecida intervenção de Franco

Basaglia, a proposta maior é a colocação da doença entre parênteses, a fim de produzir uma ruptura com a racionalidade empobrecida da psiquiatria, trazendo a trama de vida do sujeito para o centro da intervenção. Nesse sentido, ao assumir a complexidade do sofrimento psíquico, essa forma de cuidado demanda uma multiplicidade de olhares, técnicos ou não, interessados numa produção multidimensional de intervenções e ações promotoras de saúde, além de um rearranjo institucional que permita comportar essa perspectiva.

Enfim, se com a doença entre parênteses nos deparamos com o sujeito, suas vicissitudes, seus problemas concretos do cotidiano, seu trabalho, sua família, seus parentes e vizinhos, seus projetos e anseios, isto possibilita uma ampliação da noção de integralidade no campo da saúde mental e atenção psicossocial. Os serviços [...] [seriam] como dispositivos estratégicos de acolhimento, de cuidado e de trocas sociais. Enquanto serviços que lidam com pessoas e não com doenças, devem ser lugares de sociabilidade e produção de subjetividades (Amarante, 2007, p. 69).

É à esteira da inclusão de outros campos nos debates e práticas em Saúde Mental que sustentamos a importância da psicanálise, a partir de sua noção de constituição subjetiva, inconsciente e sintoma, na construção de uma compreensão mais ampla das manifestações sintomáticas de cada sujeito e na colaboração, de maneira preciosa, com a discussão quanto ao estatuto da loucura. Nesse sentido, sustentamos ser a psicanálise um campo capaz de fazer “questão toda vez que a singularidade estiver em vias de ser colocada debaixo do tapete da cultura” (Vieira; Silva, 2014, p. 9).

Com outras palavras, trata-se do campo que, a partir da oferta de um tratamento outro às neuroses, em Freud, e às psicoses, em Lacan, pode complexificar os modos de sofrimento e mal-estar, justamente por poder incluir, a um só tempo, a tradição psicopatológica de singularidade, historicidade e hermenêutica patológica, na contramão da mercantilização do sofrimento psíquico (Dunker, 2015, p. 10).

Ressaltamos, então, que, em nosso trabalho, trilharemos um percurso no sentido de sustentar um lugar possível para o “sujeito dividido do inconsciente diante do Eu racional, submetido a operações universalistas e abertos a *preceitos morais* [grifo nosso]” (Gurski; Perrone, 2020, p. 75) pois, ao admitir a indissociabilidade entre as dimensões coletiva e singular, não nos propomos a excluí-las, tampouco sobrepô-las.

Metodologia

A escolha metodológica foi inspirada na pesquisa desenvolvida em torno da Oniropolítica², e buscou escutar relatos de sonhos³ como uma intervenção institucional de investigação, que encontra nessas formações do inconsciente, a um só tempo, sua interpretação, sempre singular, e a metodologia de pesquisa a ser sustentada.

Tomamos os relatos de sonho, portanto, como narrativas interpretantes que encadeariam a posição subjetiva e as possibilidades de laço social, com o intuito de “criar um campo de endereçamento ao (à) sonhador(a), tornando possível compartilhar as vivências de um momento traumático com outros e, nesse ato, produzir enlaçamentos que criam trilhas para a travessia” (Rosa et al., 2021, p. 225).

Esta pesquisa se sustenta na práxis clínico-política, uma escuta psicanalítica que busca articular as questões singulares do sujeito, bem como suas modalidades de laço social, atravessadas pelas incidências sociais, culturais e políticas (Rosa, 2004). Assim, orientada pela ética psicanalítica, situa-se no campo das pesquisas-intervenção, possibilitando, com isso, que os sujeitos participantes pudessem encontrar suas próprias palavras para dizer dos impasses que se colocam em suas existências. Reinserindo a dimensão subjetiva da experiência na pesquisa científica, mantemo-nos na trilha das pesquisas psicanalíticas, as quais subvertem os pressupostos cientificistas e conferem lugar ao saber inconsciente (Gurski; Perrone, 2021).

A pesquisa contou com a participação de 13 adolescentes frequentadores do referido CAPSij, com idades entre 12 e 18 anos, de ambos os sexos biológicos, entre os meses de fevereiro e outubro de 2021. O único critério preestabelecido para a participação foi ser adolescente⁴. Realizamos o convite a mais de 20 adolescentes, por meio de ligações telefônicas ou durante suas idas ao equipamento, mas, por diferentes razões, que

² Trata-se de uma frente de pesquisa organizada por psicanalistas vinculados à USP e à UFRGS e que se inicia pouco tempo antes da eclosão da pandemia do coronavírus, no contexto do avanço de políticas neoliberais, do fortalecimento de discursos de ódio e do enfraquecimento das políticas públicas. Essa proposta consiste na “redefinição de nossas formas de desejar” e se inclina a uma “restauração da nossa capacidade de sonhar, de olhar para o lado e de coabitar várias temporalidades contraditórias” (Dunker, 2019). Recusa, a partir de um posicionamento ético-político, a desarticulação entre o psicanalista e os atravessamentos político-sociais ao tomar não só a ação de sonhar, como os relatos de sonho, a partir de sua função coletiva, como uma possibilidade de romper com a lógica discursiva totalitária que vem se consolidando na contemporaneidade (Dunker et al., 2021).

³ Vale esclarecer que toda a escuta de sonhos é, na realidade, uma escuta de relatos de sonho, uma vez que “conhecemos [o sonho] somente pela recordação que temos dele após o despertar... sabemos que sonhamos, mas não o que sonhamos” (Freud, 1900/2019, p. 69).

⁴ Encontrar-se na faixa etária compreendida entre os 12 e os 18 anos completos – segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), vigente em território brasileiro desde 1990.

variavam desde faltas injustificadas nos atendimentos, combinadas à ausência de autorização dos pais para a participação, pudemos contar com o número citado de participantes. Foram ofertadas duas modalidades de espaços institucionais para a participação, de modo que a escolha ficou a cargo do adolescente ou de sua família: via teleatendimento, ou via atendimento individual no próprio CAPSiJ – estando de acordo com a orientação da Secretaria Municipal de Saúde (São Paulo, 2020) vigente naquele momento. Ao ser articulado, juntamente com o profissional de referência, o espaço para contar os sonhos, aberto por esta pesquisa, despontou como um espaço de cuidado complementar àqueles já existentes no cotidiano da instituição, compondo o Projeto Terapêutico Singular⁵.

Foi elaborado um questionário como disparador para as entrevistas. Para além dos dados que parametrizam os participantes em relação a idade, gênero e raça, esse instrumento consistiu em um norteador de perguntas comuns, mas não como um limitador diante das questões que pudessem comparecer. Com frequência, novas perguntas ou comentários eram introduzidos pela pesquisadora a partir do que era dito pelo participante. O terreno comum em que se ergueram as perguntas foi o cotidiano de cada participante, com destaque para as alterações decorrentes da pandemia, no âmbito de sua circulação por diferentes (ou mesmos) espaços e, também, nos efeitos percebidos por eles em suas relações com os outros de seu convívio, com elementos de seu dia a dia e de seus sonhos – fossem eles noturnos ou em vigília. Ainda foram inseridas perguntas que buscaram apreender informações sobre a inserção desses adolescentes no equipamento de saúde mental. A utilização do protocolo se deu como ponto de partida na direção de escutar os relatos de sonhos. Como método de apresentação do material recolhido, utilizamos o *fragmento clínico*, forma literária presente nos textos freudianos pós-Primeira Guerra Mundial, período no qual Freud se lança em direção à escrita de seus textos sociais.

Não mais a grande narrativa, a história clínica, mas o *fragmento* [grifo nosso] clínico, inserido na própria trama do discurso, o que inaugura uma nova perspectiva teórica e clínica [...] não chega a ser mais possível pensar a técnica separadamente. Cada vez mais, trata-se de pensar a

⁵ O Projeto Terapêutico Singular (PTS) é um conjunto de propostas de condutas terapêuticas articuladas para um indivíduo, uma família ou um grupo que resulta da discussão coletiva de uma equipe interdisciplinar com Apoio Matricial, se esse for necessário. Ver: Política Nacional de Humanização, Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular (Brasil, 2007).

posição do analista: questões técnicas se desdobram em aspectos éticos e políticos (Iannini; Santiago, 2020, p. 35).

Esse movimento precipitado por Freud, partindo de sua prática clínica romanceada como nas “cinco psicanálises” – Dora, Hans, Homem dos Ratos, Schreber e Homem dos Lobos –, em direção ao reconhecimento da importância da psicanálise frente à cultura, caracteriza não um abandono, mas uma reformulação do aspecto irreduzível da clínica frente às questões sociais que atravessam as vidas psíquicas dos sujeitos (Iannini; Santiago, 2020). Dessa forma, além desse respaldo histórico sobre a importância fundamental do fragmento, os excertos também garantem o anonimato dos usuários envolvidos, uma vez que não permitem estabelecer relações, diretas ou indiretas, entre o indivíduo e elementos apresentados no corpo do texto.

Discussão

A hipótese inicial de nossa pesquisa consistia em investigar, por meio dos relatos de sonhos dos adolescentes desse CAPSi, a incidência de elementos oníricos comuns, de imagens a sentimentos, que seriam compartilhados e apontariam em direção aos efeitos da pandemia global do coronavírus. Depois de realizadas todas as entrevistas com os adolescentes, algumas delas com atendimentos subsequentes, deparamo-nos com um material muito interessante e que extrapolava não só as perguntas que foram feitas a partir do protocolo, mas, também, aquilo que se esperava encontrar.

O que pudemos escutar, a partir da proposta da escuta dos sonhos, foi mais além do que o material latente que fizesse menção à pandemia: escutamos diversos relatos sobre os efeitos cotidianos desse acontecimento, bem como uma série de sofrimentos outros, condizentes com os atravessamentos singulares e socioculturais da maior parte dos usuários que frequentam os serviços de saúde do SUS, desde as crises produzidas na/pela adolescência; a escassez de espaços produtores de saúde mental na rede; o enfraquecimento de políticas públicas como um todo, e sua consequente dificuldade de acesso a direitos básicos como lazer, cultura e educação. Ainda, considerando a inserção desse público em um CAPSi, em seu discurso pudemos depreender o processo de medicalização de suas angústias, de seus impasses, de seus questionamentos, de suas formas de lidar com os outros e, eventualmente, de seu lugar ocupado na pólis.

Seria possível nomear, de forma universal, o mal-estar manifesto em diferentes formas de sofrer? Nos encontros com os adolescentes, com frequência, eles se utilizam

dos diagnósticos psiquiátricos e de terminologias biomédicas para dizerem dos motivos pelos quais são cuidados no CAPS: “por causa da depressão e ansiedade”; “estava escrito [no encaminhamento] síndrome depressiva, mas acho que sou bipolar”; “teve as tendências suicidas”; “porque eu tenho tiques e tomo remédio”; “eu tenho depressão”. Em um dos relatos, no entanto, chama atenção o significante que precede o diagnóstico “eu sofro de ansiedade [...]”, o que parece qualificar o significante esvaziado de sentido subjetivo do diagnóstico e nos convida a estabelecer uma relação entre o que é do campo do sofrimento de cada adolescente, como ele se expressa e de que forma é lido pelo outro, e o destino que ele tem: um cuidado em um serviço de saúde mental.

Sofrer não é próprio da modernidade (ainda que seus contornos sejam característicos); constitui-se como modalidade do mal-estar (Birman, 2012); portanto, suas expressões e seu tratamento, em níveis individual e coletivo, alteraram-se ao longo do tempo, e nas diversas culturas. Tampouco é exclusivo dos adolescentes: é algo inerente aos sujeitos. Logo na segunda parte da clássica obra freudiana de 1930, *O mal-estar na cultura*, quando se refere ao anseio humano pela felicidade duradoura, Freud deixa claro que a própria constituição subjetiva é um obstáculo para as possibilidades de se experimentar tal sentimento:

O sofrimento ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, destinado à decadência e à dissolução, não pode nem mesmo prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; do mundo exterior, que pode voltar sua raiva contra nós com suas forças descomunais, implacáveis e destrutivas; e, finalmente, das relações com os outros seres humanos. *O sofrimento que provém dessa fonte, talvez o sintamos de maneira mais dolorosa do que qualquer outro*_[grifo nosso]. (Freud, 1930/2020, p. 321).

Ao admitir que o mal-estar e sua cota de sofrimento se encontram no cerne do laço social e, portanto, do encontro do sujeito com a alteridade, Freud passa a considerar o desamparo enquanto originário, e a relação conflitual entre pulsão e civilização não mais passível de contorno e cura. Há uma reformulação epistemológica no discurso psicanalítico em relação ao início de suas obras, especialmente em relação à *Moral sexual civilizada e doença moderna*, de 1908, que passa a se debruçar sobre a gestão do desamparo como destino para o conflito entre pulsão e civilização (Birman, 2005). Considerando, então, o desamparo correlato ao sofrimento (Birman, 2012), afirmamos

que o sofrer, enquanto experiência de ruptura em aparente homeostase, na qual se encontra o sujeito, seria análogo à experiência de enlouquecer.

Nesse ponto, é indispensável estabelecer uma diferença ética entre loucura e o diagnóstico psicanalítico de psicose, uma vez que desejamos tocar uma experiência que deriva do encontro com uma questão posta pelo Outro, a qual o sujeito se vê impossibilitado de responder com seus recursos – independentemente de quais recursos estruturais ele disponha.

Ainda que não tenha se proposto a diferenciar, de forma explícita, a experiência da loucura e a psicose enquanto estrutura clínica, já no início de sua obra Freud (1900/1901) se ocupava em relativizar o que seria do campo psicopatológico, trazendo à cena as formações do inconsciente que seriam comuns e cotidianas a todos os sujeitos – lapsos, chistes, atos falhos, sintomas e sonhos – e se interessando, justamente, pela universalidade do inconsciente e o sofrimento enquanto produto de um conflito fundamental, constituído a partir de uma divisão subjetiva.

À ocasião da escrita do texto *Contribuição para a história do movimento psicanalítico*, de 1914, justamente no trecho em que busca trazer a diferença da maneira como Breuer tomava o sofrimento psíquico, Freud afirma que:

A primeira diferença entre mim e Breuer apareceu numa questão atinente ao mecanismo psíquico da histeria. Ele dava preferência a uma teoria ainda fisiológica, digamos; pretendia explicar a cisão psíquica dos histéricos mediante a ausência de comunicação entre diversos estados mentais (ou, como dizíamos então, “estados de consciência”), e assim criou a teoria dos “estados hipnoides”, cujos produtos penetrariam na “consciência desperta” como corpos estranhos não assimilados. *Eu compreendia a coisa menos cientificamente*, enxergava tendências e inclinações análogas às da vida cotidiana e concebia a própria cisão psíquica como resultado de um processo de repulsa que então designei como “defesa” e depois como “repressão” (Freud, 1914/2021, p. 251, grifo nosso).

O grifo dado à frase “Eu compreendia a coisa menos cientificamente” deve-se à relevância desta para a sustentação do caráter reformador que a psicanálise, diante do cientificismo já no tempo de Freud, encampava. Fica evidente que, já em Freud, compreender o sofrimento psíquico cientificamente era sinônimo de estabelecer uma densa linha de separação entre aqueles que poderiam circular cotidianamente pela cidade, e os que não teriam tal direito.

Com Lacan e a introdução da dimensão do real, o enlouquecer seria “da ordem do que não tem relação, lei ou sentido, e os afetos que acompanham o encontro com a dimensão radical da experiência humana” (Mandil, 2020, p. 10). No entanto, não é nosso propósito especificar lógicas singulares ou estruturais de sofrimento, mas sim falar de sua inscrição no âmbito coletivo. A importância de diferenciar os termos loucura e psicose busca sua desvinculação e a indicação de que a experiência do enlouquecer, enquanto uma expressão de um sofrimento intenso, pode acometer qualquer um – estando mais ligada ao que é próprio do humano e não do diagnóstico.

Os diagnósticos psiquiátricos, muitas vezes trazidos pelos próprios adolescentes, representam uma forma reducionista da compreensão do sofrimento psíquico vivenciado por eles, mas que lhes permite ocupar um lugar de identificação a um grupo: os portadores de transtornos mentais que frequentam o CAPS, conferindo, a partir de sua força performativa, a reificação de impossibilidades e restrições esperadas neste, ou naquele, diagnóstico.

Não só isso, o estabelecimento de um diagnóstico “reconhece, nomeia e sanciona formas de vida entendidas como perspectiva provisória e montagem híbrida entre exigências de linguagem, de desejo e de trabalho” (Dunker, 2011, p. 115). Diagnósticos podem ser leituras clínicas e fazem parte de um sistema classificatório, sendo seus pilares dependentes de uma epistemologia específica – esta, por sua vez, respondendo a uma lógica também específica de modo de pensar e compreender as relações do sujeito com o outro e com o mundo.

É comum que usuários de um CAPS infanto juvenil possuam uma hipótese diagnóstica segundo a CID 10, uma vez que até mesmo as lógicas de faturamento dos serviços de saúde se orientam a partir dessas nomenclaturas. No entanto, há que se problematizar os efeitos da medicalização do sofrimento humano, principalmente em relação às épocas da vida em que a angústia de crescer não pode ser padronizada e respondida de forma unívoca. Quando sintomas são tratados como sinal de certeza de um desequilíbrio neurofisiológico, e não uma expressão de um enigma subjetivo, há risco de patologização das experiências e seus processos psíquicos na formação de “carreiras precoces de doentes mentais” (Sagge, 2021, p. 2).

Ainda que o saber cientificista pretenda submeter a experiência do sofrimento psíquico a uma tradução universal que porta uma indiferenciação e desconsideração pelo

sujeito do inconsciente, a fim de silenciá-lo (Silva Junior, 2019), não surpreende a nós, psicanalistas, que tal apreensão não aconteça de forma total.

A partir de nossa proposição de esquadrihar as bases do sofrimento psíquico, apreendemos que este se relaciona ao radical da singularidade de cada sujeito e sua posição no laço social, portanto com a sua dimensão inconsciente como aquilo que escapa ao aprisionamento da cognição, uma vez que, “segundo Freud, [o inconsciente] tem a particularidade de ser ao mesmo tempo interno ao sujeito (e sua consciência) e externo a qualquer forma de dominação pelo pensamento consciente” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 375).

Nessa direção, aproximando a dimensão inconsciente e singular daquilo que produz dor, Souza (2000) nomeia o inconsciente enquanto uma ferida que indica que “a existência é marcada pela descontinuidade entre pensamento e ato, entre enunciado e enunciação, entre o que fala no Outro e o que se enuncia no sujeito” (p. 12).

Considerações finais

Os adolescentes que participaram de nossa pesquisa também nomeiam suas feridas existenciais a seu modo, quando convidados a contar o porquê de iniciarem seu tratamento no CAPSij:

“Depois de um tempo do bizarro que aconteceu comigo, comecei a sonhar menos [...] eu balançava a cabeça e não conseguia mais olhar no espelho [...]. E parei de escutar música e desenhar [coisas que curte fazer]”;

“Eu precisava de um lugar para me encontrar”;

“Eu passei por traumas quando eu era mais nova, possivelmente sou uma pessoa diferente [...] Sempre tudo teve um peso, que eu sempre tive que carregar”;

“O CAPS me ajuda a ficar na Terra e ter equilíbrio, me ajuda a ficar na vida [...] porque eu tenho vontade de morrer”; e

“Tem vezes que eu tenho crises de raiva porque tem coisas que me lembram de algo que vivi e que não foi sonho, foi realidade”.

As falas destacadas evidenciam que há um *quantum* de sofrimento psíquico, endereçado a esta pesquisa, impossível de ser reduzido a um nome universal. Mesmo que muitos desses adolescentes compartilhem diagnósticos psiquiátricos, somente cada um

deles pode bordejar, com seus próprios significantes, o vazio que produz seus sintomas e suas possibilidades de ancoragem na própria história de vida. Mais do que evidência, essas formas de expressar sofrimentos particulares – e nada universais – fazem um convite à reflexão: como têm sido escutados os adolescentes do CAPSiJ para além de seus diagnósticos?

O que nos interessa não são a lista dos sintomas que se convertem em diagnósticos, ou os saberes preestabelecidos por profissionais de saúde e familiares. O interesse principal de nossa pesquisa se dirige à oferta de uma escuta que privilegia o saber inconsciente, que opera segundo sua própria lógica e se manifesta por meio da linguagem. A escuta é o dispositivo analítico por excelência, justamente por se diferenciar radicalmente do ouvir enquanto percepção. Como afirma Lacan: “Que seja para-além, do discurso que se acomoda nossa escuta, sei disso melhor do que ninguém, quando simplesmente tomo o caminho de ouvir, e não de auscultar [...] o que escuto é por ouvir. Ouvir não me força a compreender” (Lacan, 1958/1998, p. 622)

Desde Freud, havia uma diferenciação fundamental entre os dois verbos, uma vez que escutar se tornou, para ele, um método de conhecimento, uma via de acesso aos conteúdos mais íntimos trazidos por seus pacientes neuróticos. Ao longo de toda sua extensa obra, Freud interroga seus pressupostos teóricos a partir de sua prática clínica. É com a paciente Emmy von N. que ele abandona a hipnose e passa a empregar o método catártico de forma abrangente, caminhando na direção de criar a terapia psicanalítica: “Quando Freud a interrogava com insistência, ela se aborrecia, ‘muito rispidamente’, e pedia que ele parasse de ‘lhe perguntar de onde veio isso ou aquilo, mas que a deixasse contar o que ela tinha a dizer’” (Gay, 1989, p. 80).

Esse pequeno excerto ilustra uma grande preciosidade na transmissão da psicanálise freudiana: ao escutar uma paciente, Freud esteve disposto a interrogar sua técnica e redirecioná-la. Ainda, na passagem do uso da hipnose e da sugestão ao método catártico, Freud se utiliza pela primeira vez do termo *resistência* (1894/1895), que, embora não tenha lugar central no percurso dessa pesquisa, comparece na prática da psicanálise para além de seus enquadres tradicionais. Seu significado corrente, segundo o dicionário Michaelis, percorre diversos campos, desde a elétrica, a física, a engenharia e a medicina, sendo definido como *um obstáculo, uma defesa, uma qualidade ou capacidade de suportar alguma adversidade, um movimento que mantém o lugar de uma posição ocupada*.

Para a psicanálise, compreende-se enquanto um conceito fundamental da técnica, que é pilar para o estabelecimento da transferência, uma vez que esta é “a mais forte resistência ao tratamento” (Freud, 1912/2010, p. 137). Ao explorar os diversos significados do conceito, brincando com o significante, tomaremos a resistência a partir do lugar dos profissionais que fazem a oferta de cuidado aos usuários do CAPSi e, nesse sentido, aproximando-nos do que diz Lacan, de que a resistência é sempre do analista, construímos a hipótese de que há um *obstáculo* na escuta do sofrimento experienciado pelos adolescentes, e que nomeá-los a partir de seus diagnósticos psiquiátricos pode se constituir como uma *defesa* frente ao insuportável encontro com essa alteridade.

Nessa medida, parece ser menos angustiante ouvir a patologização da dor de existir, do que escutá-la a partir do lugar de quem se surpreende e não compreende. Ao tomar a fala de um sujeito a partir da lente da doença mental, enxerga-se apenas o caminho já traçado pelos sintomas padronizados, prognósticos universais, psicofármacos testados, e seu equívoco de compreensão total ao desconsiderar a dimensão inconsciente enquanto aquela apreensível apenas de forma parcial. Nenhum novo traço encontra abertura para se desenhar. No resgate da resistência como *movimento para manter uma posição*, realizar uma pesquisa que escuta relatos de sonhos é ato de resistência diante do saber biomédico – que tem na sua força discursiva a naturalização e banalização de nomenclaturas que patologizam e compreendem o sofrimento psíquico como resultante de processos organicamente disfuncionais, desconsiderando toda a sua complexa tessitura histórica e singular, além de excluir a dimensão inconsciente dele (Silva Junior, 2019).

A oferta de escuta do sujeito do inconsciente, portanto psicanalítica, em situações de angústia extrema, se constitui como uma estratégia de resistência, uma vez que permite “resgatar as condições para o reposicionamento do sujeito” (Rosa; Poli, 2009, p. 10). Esta aposta, enquanto estratégia de resistência à patologização, é também um *movimento* de escuta em direção a um saber que não se localiza nos profissionais, tampouco em manuais classificatórios, deslocando o sofrimento intenso para um registro-convite ao compartilhamento da experiência (Rosa; Poli, 2009).

A escuta dos sonhos almeja escutar o saber inconsciente de cada adolescente, e seu lugar de resistência é duplo: na primeira volta, resiste a uma nomeação externa sob a lógica patologizante, e, na segunda volta, é estratégia de resistência ao escutar o adolescente, sujeito comumente sem lugar no discurso social, inclusive no dos trabalhadores de Saúde e Educação que costumam acompanhá-los.

Referências

- A ESQUERDA: O LOUCO, O CRIMINOSO E O DROGADO. **Terra** [online], São Paulo, 25 de junho. 2018. “História”. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/a-esquerda-o-louco-o-criminoso-e-o-drogado,2250f0481efddc5c929782278fa44c9d3p8mlgzz.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 26 de setembro de 2022.
- AMARANTE, P. D. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- AUGUSTO ARAS ADMITE TER ASSINADO CARTA A FAVOR DA 'CURA GAY', MAS AFIRMA NÃO ACREDITAR NA PRÁTICA. **G1** [online], Brasília, 25 de setembro. 2019. “Política”. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/09/25/augusto-aras-admite-ter-assinado-carta-a-favor-da-cura-gay-mas-afirma-nao-acreditar-na-pratica.ghtml>. Acesso em: 26 de setembro de 2022.
- BIRMAN, J. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento), p. 203-224, 2005.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 16 jul.1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular**. 2. ed. Ministério da Saúde, 2007.
- BRASIL. **Portaria nº 3088**, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**, 26 dez. 2011.
- DUNKER, C. I. L. Apresentação. In: KAMERS, M.; MARIOTTO, R. M. M.; VOLTOLINI, R. (Org.). **Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência**. São Paulo: Escuta, 2015. p. 9-16.

- DUNKER, C. I. L. Estruturas clínicas e constituição do sujeito. *In*: BERNARDINO L. M. F. (Org.). **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição**. São Paulo: Escuta, 2011. p. 121-139.
- FREUD, S. (1900/1901). **Obras completas, volume 4**: a interpretação dos sonhos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, S. (1912). A dinâmica da transferência. *In*: _____. **Obras completas, volume 10**: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 133-146.
- FREUD, S. (1914). Contribuição à história do movimento psicanalítico. *In*: _____. **Obras Completas Volume 11**: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na cultura. *In*: _____. **Cultura, sociedade, religião**: O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução: Maria Rita Salzano de Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 305-410.
- GAY, P. **Freud, uma vida para o nosso tempo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GURSKI, R.; PERRONE, C. “Constelação”: sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. *In*: DUNKER, C. I. L. **Sonhos confinados**: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia? Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 109-130.
- GURSKI, R.; PERRONE, C. Do ensaio-flânerie à escuta-flânerie: contribuições ao campo das pesquisas em psicanálise e (socio)educação. *In*: GURSKI, R.; VOLTOLINI, R. (Orgs.), **Retratos da pesquisa em psicanálise e Educação**. São Paulo: Contracorrente, 2020.
- IANNINI, G.; SANTIAGO, J. **Prefácio: Mal-estar: clínica e política**. *In*: FREUD, S. **O mal-estar na cultura e outros escritos sobre cultura, sociedade, religião**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Revisão: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 33-64. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- JUSTIÇA DE SP VAI DEFINIR QUAIS USUÁRIOS SERÃO INTERNADOS PELA PREFEITURA. **Consultor Jurídico** [online], São Paulo, 26 de maio. 2017. “Fiel da Balança”. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-mai-26/prefeitura-sp-internar-usuarios-crack-compulsoriamente>. Acesso em: 26 de setembro de 2022.

- LACAN, J. (1954-1955). O desejo, a vida, e a morte. In: _____. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Marie Christine Laznik Penot com a colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 278-295
- LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LEI PODERIA SER 'SOLUÇÃO PARA A CRACOLÂNDIA', DIZ MINISTRO SOBRE INTERNAÇÃO INVOLUNTÁRIA. *O Globo* [online], Rio de Janeiro, 25 de maio. 2019. “Brasil”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/lei-poderia-ser-solucao-para-cracolandia-diz-ministro-sobre-internacao-involuntaria-23693039>. Acesso em: 26 de setembro de 2022.
- MANDIL, R. Prefácio. In: TEIXEIRA, A; Caldas, H. (Orgs.). **Psicopatologia lacaniana I: semiologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 9-11.
- MANIFESTO DE BAURU. **II Conferência Nacional de Trabalhadores em Saúde Mental**. Bauru/SP: 1987. Recuperado em 26 de setembro de 2022, de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/05/manifesto-de-bauru.pdf>.
- MERHY, E. Anormais do desejo: os novos não humanos? Os sinais que vêm da vida cotidiana e da rua. **Conselho Federal de Psicologia – Drogas e Cidadania: em debate**. CFP: 2012. p. 9-18.
- NUNES, S. A. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, n. 17, supl. 2, p. 373-389, 2010.
- OLIVEIRA, J. Uso abusivo de Ritalina para aumentar concentração é perigo para a saúde. **Estado de Minas** [online], Minas Gerais, 26 de julho. 2018. “Gerais”. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/07/22/interna_gerais,974942/abuso-de-ritalina-para-aumentar-concentracao-e-perigo-para-a-saude.shtml. Acesso em: 26 de setembro de 2022.
- ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

- ROSA, M. D.; ALENCAR, S. L.; BROIDE, E. E. et al. Despertar: você me dá seu sonho? Por uma política do despertar. *In*: DUNKER, C. I. L. (Org.). **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia?** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 223-244.
- ROSA, M. D.; ESTEVÃO, I. R.; BRAGA, A. P. M. Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política. **Psicol. estud.**, v. 22, n. 3, p. 359-369, 2017.
- ROSA, M. D.; POLI, M. C. Experiências e linguagem como estratégias de resistência. **Psicologia & Sociedade**, 21, Edição Especial, p. 5-12, 2009.
- ROUDINESCO, E. **Dicionário amoroso da psicanálise**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SAGGESE, E. Uma juventude à flor da pele: o dilema de adolescer ou adoecer. **Educação & Realidade**, v. 46. n. 1, e109166, 2021.
- SÃO PAULO. Portaria Secretaria Municipal da Saúde – SMS nº 260, de 18 de junho de 2020. Altera a determinação de suspensão parcial de consultas, exames, procedimentos, regulamentada pela portaria SMS.G No. 154/2020 e estabelece o retorno gradual aos atendimentos agendados nas UBS, CAPS, URSI, PAI, CEO, EMAD, CER, CECCO e Unidades de Práticas Integrativas e Complementares em conformidade com as normas de biossegurança e distanciamento social até retorno de 100% das atividades conforme o cenário da pandemia COVID 19. **Diário Oficial da Cidade**, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-da-saude-sms-260-de-18-de-junho-de-2020#:~:text=Regulamenta%20a%20pr%C3%A1tica%20da%20TELEMEDICINA,e%20a%20pr%C3%A1tica%20da%20TELEASSIST%C3%8ANCIA>. Acesso em: 26 de setembro de 2022.
- SILVA JUNIOR, N. O mal-estar no sofrimento e a necessidade de sua revisão pela psicanálise. *In*: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. I. L. (Orgs.). **Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 35-58.

- SOARES, G. B., BORGES, F. T.; SANTOS, R. R. et al. Organizações Sociais de Saúde (OSS): Privatização da Gestão de Serviços de Saúde ou Solução Gerencial para o SUS? **Rev. Gest. Saúde**, v. 7, n. 2, p. 828-850, 2016.
- SOUZA, E. L. (A vida entre parênteses) – o caso clínico como ficção. **Psicol. Clín.**, v. 12, n. 1, p. 11-19, 2000.
- VIEIRA, M. A.; SILVA, R. F. Nota ao leitor brasileiro. *In*: LAURENT, É. **A batalha do autismo**: da clínica à política. Tradução: Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ABSTRACT

This article seeks to contribute to the support of a clinic in the direction of listening that privileges the subject of the unconscious, supported by the Anti-Asylum Fight and the articulation between Psychoanalysis, Mental Health and Public Policies. We will present questions about the modalities of contemporary suffering and its incidence in the discourse of adolescents in a mental health institution. Our hypothesis is that the medical discourse – hegemonic and vertical – has effects on the different forms of naming their discomfort and constitutes an obstacle in the listening of the subject as well as a defense against the encounter with the radical alterity of going crazy. We will discuss this point from clinical fragments cut out of a Master's research carried out in a CAPS for children and adolescents in the city of São Paulo. This research collected reports of dreams from teenagers who used the aforementioned equipment as an institutional research intervention. Taking the dream as an operator that reveals not only the subjective position of each participant, but also an articulation with what comes from the collective fabric, we intend to produce possible reflections that can include and combine three signifiers that we point out to be of paramount importance, namely: suffering, freedom and invention.

Keywords: Psychoanalysis. Mental health. Adolescence. Dream.

RESUMEN

Este artículo busca contribuir al sostenimiento de una clínica en la dirección de la escucha que privilegie el sujeto del inconsciente, sustentada en la Lucha Antiasilo y la articulación entre Psicoanálisis, Salud Mental y Políticas Públicas. Presentaremos interrogantes sobre

las modalidades del sufrimiento contemporáneo y su incidencia en el discurso de los adolescentes en una institución de salud mental. Nuestra hipótesis es que el discurso médico -hegemónico y vertical- tiene efectos sobre las distintas formas de nombrar su malestar y constituye un obstáculo en la escucha del sujeto así como una defensa contra el encuentro con la alteridad radical del volverse loco. Discutiremos este punto a partir de fragmentos clínicos recortados de una investigación de Maestría realizada en un CAPS para niños y adolescentes de la ciudad de São Paulo. Esta investigación recopiló relatos de sueños de adolescentes que utilizaron el mencionado equipamiento como intervención de investigación institucional. Tomando el sueño como un operador que revela no solo la posición subjetiva de cada participante, sino también una articulación con lo que proviene del tejido colectivo, pretendemos producir reflexiones posibles que pueden incluir y combinar tres significantes que señalamos como primordiales importancia, a saber: sufrimiento, libertad e invención.

Palabras clave: Psicoanálisis. Salud mental. Adolescencia. Sueños.

RÉSUMÉ

Cet article cherche à contribuer au soutien d'une clinique, dans le sens de l'écoute, qui privilégie le sujet de l'inconscient, porté par la Lutte Anti-Asile et l'articulation entre Psychanalyse, Santé Mentale et Politiques Publiques. Nous présenterons des questions sur les formes contemporaines de souffrance et leur impact sur le discours des adolescents en institution de santé mentale. Notre hypothèse est que le discours médical – hégémonique et verticalisé – a des effets sur les différentes manières de nommer son mal-être et constitue un obstacle à l'écoute du sujet, ainsi qu'une défense face à la rencontre avec l'altérité radicale de la folie. . Nous discuterons de ce point à partir de fragments cliniques tirés d'une recherche de maîtrise réalisée dans un CAPS pour enfants et jeunes de la ville de São Paulo. Cette recherche a collecté des rapports de rêves d'adolescents qui fréquentaient les équipements susmentionnés, dans le cadre d'une intervention de recherche institutionnelle. En prenant le rêve comme un opérateur qui révèle non seulement la position subjective de chaque participant, mais aussi une articulation avec ce qui vient du tissu collectif, nous entendons produire des réflexions possibles qui peuvent inclure et combiner trois signifiants que nous soulignons comme étant primordiaux importance, à savoir : la souffrance, la liberté et l'invention.

Mots clés: Psychanalyse. Santé mentale. Adolescence. Rêve.

MARIANA DESENZI SILVA

Psicanalista.

Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo – USP.

Membra do Laço Analítico / Escola de Psicanálise.

Trabalhadora do Sistema Único de Saúde – SUS.

mdesenzi@gmail.com

Orcid: 0000-0003-2672-6590

ENZO CLÉTO PIZZIMENTI

Psicanalista

Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo – USP.

Membro do Laço Analítico / Escola de Psicanálise e do Grupo de Pesquisa de Orientação Lacaniana (GPOL/IPUSP).

enzopizzimenti@hotmail.com

Orcid: 0000-0001-7336-8947

MIRIAM DEBIEUX ROSA

Psicanalista.

Professora Titular do Departamento e do PPG de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo – USP.

Coordenadora do Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL/IPUSP) e o Grupo Veredas: psicanálise e imigração (PSOPOL/IPUSP).

debieux@terra.com.br

Orcid: 0000-0002-9518-0424

IVAN RAMOS ESTÊVÃO

Psicanalista

Professor de Psicologia na graduação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP)

Professor do programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP.

Membro do Laboratório de Psicanálise e Sociedade do Instituto de Psicologia da USP e membro do Fórum do Campo Lacaniano.

irestevão@usp.br

Orcid: 0000-0002-0191-3253

Citação:

SILVA, Mariana Desenzi; PIZZIMENTI, Enzo Cléto; ROSA, Miriam Debieux; ESTÊVÃO, Ivan Ramos. Entre sonhos e diagnósticos: uma aposta na escuta. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 15.05.2024 / Aceito: 21.12.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



Além do comer: uma contribuição psicanalítica à nutrição

Beyond eating: a psychoanalytic contribution to nutrition

Más allá de comer: una contribución psicoanalítica a la nutrición

Au-delà de l'alimentation : une contribution psychanalytique à la nutrition

LUIZA RAFFIDE NOVAES ZYLBERSZTEJN

PEDRO CATTAPAN

Este artigo discute o tratamento nutricional atribuído, principalmente, às pessoas vistas e diagnosticadas como gordas ou obesas. Assim, esta pesquisa parte da noção de que o corpo é necessariamente uma experiência subjetiva e não se limita ao orgânico, fisiológico e palpável. Assim, a partir de conceitos psicanalíticos, privilegiando o conceito de sujeito e escuta psicanalítica, procuramos traçar um outro caminho possível para o olhar para o corpo que se mostra como excessivo. Considerar que se trata de um sujeito aquele que entra em um tratamento nutricional, no sentido psicanalítico do termo, portanto sujeito dividido e portador de uma falta impossível de ser satisfeita, tornou-se fundamental para a inclusão dos outros conceitos empregados e para a possibilidade de pensar um modo diferente de atendimento nutricional.

Palavras-chave: Corpo. Comer. Psicanálise. Nutrição.

A obesidade tornada problema

Não é incomum que vejamos propagandas que colocam o emagrecimento à venda, assim como a mudança sistemática e frequente da nova aposta farmacológica, nutricional ou “natural” que, finalmente, trará a perda de peso definitiva àqueles que tanto a procuram. Medicamentos (injetáveis, subcutâneos, orais), dietas (*low carb*, *low fat*, hiperproteicas), chás milagrosos, compostos excêntricos... Tudo se torna válido com o intuito de perder os quilinhos excedentes. Quanto às dietas, basta que haja uma divulgação que atribua a elas uma eficácia, que vários adeptos passam a segui-las, tornando-as a “da moda”.

A comunidade biomédica adentra neste mundo atribuindo riscos ao corpo com o peso supostamente elevado. O excesso de peso passa a ser associado a doenças como diabetes e hipertensão, por exemplo, de modo que, do ponto de vista biomédico, a perda de peso ultrapassa a estética e se torna uma questão também de saúde. Assim, de um lado temos uma indústria que promove um corpo “ideal” e de outro, encontramos a justificativa da saúde - argumentos diferentes para um mesmo objetivo: o corpo magro.

Na realidade, a mudança do padrão corporal surge como aquilo que irá desencadear todas as questões posteriores, pois, se em outros tempos o corpo gordo era visto como belo e saudável, hoje é o corpo magro (muito magro) que se constitui como sinônimo de beleza (DERAM, 2014). Com isso, o seu oposto é considerado doente, mesmo que para que o corpo escultural seja atingido seja preciso que várias práticas não saudáveis sejam adotadas, tais como uma restrição calórica excessiva, cirurgias plásticas e ingestão de medicamentos.

A sociedade moderna toma o corpo como uma matéria disposta a alterações de acordo com aquilo que está em vigência na ordem social, sendo ele a expressão indelével do que se deseja exibir e que se mostra como aquilo que é esperado pelo indivíduo e pelos outros. Ao ser tomado como o que tem de ser exibido, o corpo se torna, por isso mesmo, objeto e local de vigilância da sociedade moderna, perdendo seu aspecto espontâneo (FOUCAULT, 1975). Já a partir do século XVII, a partir de Galileu e do advento cartesiano, este corpo recebe uma visão mecanicista; será a partir daí que se desenvolverão as visões anátomo-fisiológica e biodinâmica, de modo que o combustível para o funcionamento desta máquina (os alimentos e suas calorias) passa a ganhar maior importância (GIORDANI E HOFFMANN-HOROCHOVSK, 2020).

Houve uma apropriação do corpo pelas ciências biomédicas que passaram a determinar aquilo que é saudável ou não ao corpo/máquina, considerando seu bom funcionamento, sua eficácia, sua utilidade. Fazem-se cálculos para se estabelecer a quantidade ideal de combustível/comida para este corpo, do qual se espera que fique à disposição das novas regras estabelecidas para seu melhor desempenho e apresentação. Assim, o corpo ideal é o corpo saudável, e o corpo saudável será aquele que conseguir seguir as regras determinadas pela ciência destinada a isto, a nutrição, com auxílio da medicina. O ideal de beleza nasce do ideal de saúde e convida o indivíduo a manter um corpo escultural: magro, com curvas ou musculosos, jovem e saudável (GIORDANI E HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2020). Se ainda na década de 60, o corpo belo era o simplesmente magro, o desenvolvimento das tecnologias de saúde – dos exercícios físicos, passando pelos suplementos e dietas – mostrou que o ideal não é apenas a magreza, mas também a força, a destreza, o vigor e a imagem de um corpo bem torneado. Tanto o corpo magro quanto o ‘escultural’ se opõem ao corpo gordo como ideal, mas é o segundo – aparentemente o ideal de beleza e saúde hodierno –, que não abandona inteiramente o ideal de beleza, mas acrescenta a ele os músculos, o qual evidencia que estamos diante de uma concepção mecanicista, maquinal, do corpo como algo a ser racionalizado para se tornar plenamente eficiente em suas funções.

O estabelecimento da medicina moderna, que considera a doença um desequilíbrio orgânico, tira de foco as questões simbólicas consideradas pela medicina de outrora ou de outras sociedades (FOUCAULT, 1962). Ela sobrepõe seu saber a outros tipos de saberes e constrói um “sistema de saúde cuja função é a de produzir tratamentos rápidos, individuais e eficazes, com o objetivo de extirpar a doença – frequentemente só seus sintomas – e de suprimir as marcas que a poderiam remeter às relações sociais ou simbólicas” (PEREIRA E ALMEIDA, 2005, p. 93). Dessa forma, o indivíduo torna-se paciente e deixa de ter uma percepção sobre seu corpo, colocando-se à disposição do saber biomédico em busca da cura para uma doença da qual nem sequer está ciente, como no caso da dita obesidade.

A inclusão da área biomédica no contexto do comer e do corpo toma das mãos do sujeito a autonomia sobre aquilo que será importante para a escolha do que, como e quando comer, assim como do corpo que lhe é ideal, figura reforçada pelos meios de comunicação em massa, pela propaganda e pela indústria. E se diante das informações expostas sobre aquilo que é determinado como saudável, como a dieta a ser seguida e o

exercício a ser realizado, o sujeito não seguir as normas, a culpa sobre seu estilo de vida não saudável será somente sua, já que a informação foi dada e bastaria que fosse aplicada.

As dietas restritivas se tornaram e ainda são utilizadas em larga escala como meio de emagrecimento, como se na própria prática alimentar houvesse uma punição por algo de um excesso carregado no corpo. Os alimentos passam a ser classificados como bons e ruins e o consumo daqueles considerados ruins é um furo na dieta, um erro, algo que irá prejudicar o andamento do processo de perda de peso. O prazer em comer é retirado de cena, pois não é prioridade nesse cenário, visto que para atingir o corpo “ideal” e “saudável” seria preciso que se abdicasse de algo, sendo o prazer imediato o ponto principal – em nome de um suposto prazer futuro por ter conseguido se adequar à imagem e à performance do corpo belo e eficiente tornado.

Tensionando este ideal, Deram (2014) cita uma dica de nutrição francesa que diz: “Todo mundo tem o direito a ter prazer em comer” (DERAM, 2014, p. 29) e nos lembra que o prazer em comer não está relacionado a pratos elaborados ou alimentos ricos em calorias ou gorduras, mas sim no fato de poder desfrutar do momento da alimentação, sem medo dele, porém a prevalente dicotomia entre bom e ruim no âmbito alimentar se estabeleceu, em nossos tempos, como sinônimo de saudável e patogênico, levando as pessoas a fazerem escolhas de acordo com a qualidade nutricional dos alimentos e não conforme o que gostam ou têm hábito de comer. Ou seja, não há a inclusão do sujeito, como quem escolhe, em seu próprio ato de comer: come-se aquilo que se deve e quando não, há culpa e, muitas vezes, uma compulsão alimentar posterior (DERAM, 2014).

Lançado em 2013, o livro *Nutricionismo: A ciência e a política do aconselhamento nutricional*, de Gyorgy Scrinis, traz em seu título aquilo que será discutido em todo o volume: a redução da nutrição ao seu aspecto biológico, sendo o nutricionismo termo utilizado para se referir à união dos termos nutrição e reducionismo. Esta obra mostra muito bem como a relação da nutrição com suas diretrizes e estudos, por muitas vezes, acaba por se contradizer, quanto à classificação dos alimentos como bons ou ruins, vilões ou mocinhos: quando uma nova pesquisa é publicada ou quando há um novo investimento da indústria alimentícia em algum produto ou alimento, os papéis podem se inverter, como no clássico caso do ovo, que por muitos anos foi apontado como um alimento perigoso à dieta por sua capacidade de elevar o colesterol “ruim” e hoje é considerado um ótimo alimento.

Scrinis (2013) nos traz questões importantes e nos abre os olhos para a redução que está envolvida no campo da nutrição. Redução esta que limita os alimentos aos seus nutrientes e os classifica em bons ou maus, como se a composição nutricional bastasse para determinar a função daquele alimento no corpo humano e como se a ingestão por si só fosse suficiente e independente de diversas outras variáveis. A análise do autor traz o questionamento dos benefícios dos nutrientes consumidos de maneira isolada, como em cápsulas, assim como a superficialidade da contagem calórica que iguala alimentos *in natura* e altamente processados apenas por conterem os mesmos “números”. Se este autor nos fala de uma exclusão da dieta e dos contextos social e ambiental ao considerar os nutrientes como elementos principais na conversa sobre nutrição, imediatamente pensamos na exclusão do sujeito de sua própria dieta e mais, de seu controle sobre o seu modo de comer e de lidar com seu corpo.

O sujeito psicanalítico e a nutrição

Ao descobrir o inconsciente, Freud nos apresenta a divisão do aparelho psíquico entre inconsciente e pré-consciente/consciente, divisão que se estenderá ao sujeito, sendo fundante e constitutiva deste. Tal teoria nos coloca diante do conflito a que todo sujeito está inscrito: a dualidade entre inconsciente e consciente. E, se tal descoberta é apresentada por Freud (1900/1996) por meio da *Interpretação dos sonhos*, podemos utilizá-la nos mais diversos cenários, inclusive apostamos que também naquele que se passa em uma consulta nutricional.

Se o corpo gordo se apresenta como uma resistência, um desafio ou, quem sabe, uma subversão ao corpo determinado pela nutrição e pelas áreas médicas como saudável, propomos, na esteira desta perspectiva, uma subversão do papel da nutrição para o sujeito, considerando, em primeiro lugar, que quem come e quem porta um corpo é um sujeito dividido e, portanto, alguém que não tem domínio consciente do que pensa ou diz; ou dito de outro modo, alguém que carrega consigo, ao mesmo tempo, enunciados e outras marcações simbólicas que mapeiam e contribuem para a determinação de seu modo de se alimentar e de se relacionar com seu corpo, mas também algo que escapa a esta determinação e insiste em reaparecer exatamente como subversão, fundamentalmente em ato (LACAN, 1960/1998). Instala-se aqui um questionamento ao conceito de saúde que considera apenas a determinação simbólica biológica, mas não outros marcadores simbólicos e muito menos a singularidade do sujeito em questão.

A consideração de que os nutrientes se sobrepõem aos alimentos como um todo é a mesma que coloca a saúde como maior do que as escolhas do sujeito. Consideramos que a função primeira da comida é garantir a sobrevivência do ser humano, atender às suas necessidades básicas, porém, ultrapassado este momento e com a disponibilidade de escolha diante dos alimentos, comer torna-se um momento de prazer, cercado de emoções e que envolve a relação, também, com outras pessoas (RODRIGUES, 2012), implicando também as dimensões da demanda e do desejo, este último como a sinalização de que o sujeito está atravessado de cabo à rabo pela experiência de que algo lhe falta.

O reconhecimento de uma falta no sujeito e de seu estatuto desejante se faz primordial à adoção do referencial psicanalítico à prática nutricional, assim como a compreensão de que o saber científico pode ser deixado de lado, mas não excluído, para que possa entrar em cena o que realmente importa: o sujeito, seu desejo e a busca de significá-lo. Para isso será necessário ouvir aquilo que escapa, que foge às regras e ultrapassa as medidas. Elisabeth Roudinesco (2000) nos lembra que o surgimento das medicações psicotrópicas substituiu as internações manicomiais e tratamentos de choques, algo que, à primeira vista, nos pareceria excelente, porém tais medicações funcionaram também para “normalizar comportamentos e eliminar os sintomas mais dolorosos do sofrimento psíquico, sem lhes buscar significação” (ROUDINESCO, 2000, p. 21). A observação da autora cabe como complemento ao questionamento maior deste artigo, pois nos parece que, assim como as medicações psicotrópicas, as dietas e métodos de tratamentos para o corpo considerado gordo também se colocam como uma maneira de “cura” sem uma busca pela significação singular daquele corpo para aquele sujeito.

Ao se restringir à medicação como mecanismo de cura para um sofrimento, o sujeito se depara cada vez mais com a decepção no tratamento, pois a medicação, ao contrário do que se propõe, não leva à “normalização”, mas sim a uma suspensão do sintoma (ROUDINESCO, 2000), e do mesmo modo atuam as dietas. Do ponto de vista psicanalítico, desde Freud, ao contrário, o sintoma é um modo de expressão do sujeito, de suas fantasias e de seu desejo, ele tem valor e importância na economia psíquica, de modo que agir somente por sua remissão é agir para silenciar, para calar o que ali insiste em se manifestar por falta de escuta ou reconhecimento consciente (FREUD, 1916-17 [1915-17]/1996). Do mesmo modo como no uso da medicação para suspender sintomas, enquanto colocadas em prática, as mudanças alimentares geram mudanças corporais, porém ao serem inutilizadas, deixam de fazer efeito, de modo que é preciso uma

manutenção constante do tratamento. O resultado obtido – o emagrecimento – não impede, para muitos, que se continue a procura por mais músculos, menos gordura, menos peso, menos medidas...percebe-se com clareza uma insatisfação para a qual, antes, o sujeito, inconscientemente, havia erguido o sintoma – por exemplo, a dita obesidade.

Observando as repetições, insatisfações e ouvindo os pacientes ao longo dos anos, há de se notar que algo mais se coloca entre o corpo e aquilo que é escolhido para alimentá-lo; é perceptível que as queixas sobre o corpo e as decisões alimentares ultrapassam uma mera questão de escolha consciente, elas encobrem um mais além, como se o corpo e o comer fossem máscaras para questões outras, para outra cena. Por que não apostar nisso que nos salta aos olhos, a partir de nossa experiência nos atendimentos nutricionais, como caminho? Por que não considerar aquilo que escutamos nessas consultas? Assim, a psicanálise se torna a via principal neste caminho que percorremos à procura, não de uma resposta, mas de um olhar além reorganizado por uma escuta.

O fundador da psicanálise, Sigmund Freud, abandonou seu método primeiro (a catarse) e convidou seus doentes a falarem à vontade, mesmo daquilo que não fosse considerado importante, e percebeu que através das lacunas na memória de quem fala, de seus lapsos, de suas associações de ideias, de suas atuações, se expressa um desejo inconsciente – observações de onde serão moldados os conceitos de associação livre, recalque e resistência, fundamentais à clínica psicanalítica a partir de então (FREUD, 1904 [1905]/2019).

Freud utiliza como dispositivo a interpretação daquilo que o paciente traz, mas também o que aparece de não planejado na fala e seus equívocos, para assim “tornar o inconsciente acessível ao consciente, o que ocorre por meio da superação das resistências” (FREUD, 1904 [1905]/2019, p. 56), o que pode levar não necessariamente a uma cura, mas a um modo de lidar melhor com o sintoma. Reposicionar o sujeito na sua relação com o sintoma nos parece um caminho importante àqueles que lidam com o comer e com o corpo de maneira transtornada. Se “[...] a psicanálise não vai colocar a questão do sujeito da verdade mas a questão da verdade do sujeito” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 23), a adoção do olhar psicanalítico pela clínica nutricional irá subverter aquilo que é considerado pelas ciências biomédicas: a verdade como aquilo que coincide com a realidade. Dito isto, a inserção da psicanálise numa prática distinta da sua pode ser um modo de abrandamento dos ideais nutricionais, podendo o nutricionista considerar que aquilo que ele escuta permeia uma realidade psíquica e remete a um sintoma do sujeito, não sendo necessária

uma solução mágica ou imediata, mas sim a construção de um caminho possível e singular para aquele que procura por cuidados.

Diante da leitura e estudo dos manuais de nutrição e medicina, notamos que cada vez mais o sujeito é excluído da participação em seu tratamento, visto que a ele são impostas regras para que seu corpo se “normalize”, como se o excesso de peso que se impõe ao pedaço de carne que recobre os órgãos fosse algo de doentio. Ao lermos as diretrizes e manuais percebemos que suas normas surgem de estudos práticos e observacionais, como se retirando algumas calorias o corpo reagisse de uma maneira ou sob determinado corte o corpo passasse a funcionar de outra, enquanto sob o uso de tal medicação fosse possível chegar a um resultado que não foi possível com outro.

Na lógica biomédica-nutricional, o corpo torna-se um depósito de olhares que passam a estudar qual a melhor forma de fazer com que ele funcione. Como se, assim como as máquinas, fosse possível um melhoramento, uma atualização e, essa dinâmica, faz com que quem porta esse corpo seja excluído do processo de decisão do que é melhor para si. A partir de tal observação chega-se a um modelo médio que é considerado o normal e que afirma o modo como todos os corpos devem se comportar, transformando o diferente, o que foge ao estabelecido, em patológico.

Assim, a escuta - o recurso fundamental do psicanalista, em contraposição ao olhar médico -, se torna um conceito fundamental, este que é um termo comum e corriqueiro, tem seu significado diferenciado quando atrelado à psicanálise, pois Freud transforma a escuta em técnica diante de um dizer sem amarras, de modo que, neste método, o paciente é convidado a dizer tudo aquilo que lhe passa na cabeça, sem receio ou vergonha das passagens constrangedoras ou fantasiosas. Ao analista cabe escutar de forma a não determinar *a priori* o que importa e o que não importa no discurso do paciente, deixando que aos seus ouvidos saltem os trechos que pontuem algo de relevante daquilo que é dito pelo sujeito, que se manifesta como quem fala (LACAN, 1953/1998). O analista, de certa forma, deve sempre estar disposto à surpresa diante do sujeito.

Para tal é preciso o reconhecimento primeiro de que aquele com quem lidamos e ouvimos não se refere a um indivíduo ou a uma pessoa, mas a um sujeito, marcado pela pressão pulsional por satisfação. O conceito de pulsão torna-se valioso à nutrição quando compreendemos que, enquanto sujeitos faltantes, estamos à procura de uma satisfação e, para isso, nos fixamos ou elegemos alguns objetos como aqueles que seriam capazes de

suprir aquilo que acreditamos que desejamos, de modo que é possível notar que a comida pode ser tomada não só como objeto da necessidade, mas também objeto da pulsão.

Será em 1905/1996, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que Freud irá introduzir o conceito de pulsão, que será indispensável para entendermos as questões relativas ao corpo e ao comer. Ao longo de seus ensaios, Freud discute como a sexualidade não é algo que tem como fim apenas a reprodução, e utilizará o termo libido para expressar a energia erótica despendida pela pulsão na busca de satisfação com os objetos a que se vincula, incluindo aí a comida. O comer e o corpo, tomados como sintoma ou não, são tratados pelo sujeito – diferente do cientista - como um além da fisiologia e da biologia, como meios de o sujeito desejante buscar seu prazer ou sua satisfação. Freud nos fala de um corpo erotizado, composto por zonas erógenas que recebem excitações sexuais que não se limita aos órgãos e suas funções. O autor nos diz que qualquer parte do corpo pode ser tornada uma zona erógena e mostra como, em particular, a mucosa oral é erotizada desde a mais tenra infância, sendo possível tal afirmação por meio da observação de bebês que sugam o seio não apenas a procura de leite, mas também de prazer. Freud relata o momento em que o bebê suga o seio com deleite, procurando repetir a satisfação antes obtida e não a necessidade de alimentar-se, supondo que as crianças que o fazem tiveram a zona labial erogenamente reforçada e que quando adultos buscarão esta satisfação por meio desta mesma zona erógena. O sugar é, deste modo, um ato sexual, ato que erogeniza a boca, ato que se estenderá pela vida adulta; e assim a busca por satisfação por meio da oralidade poderá ser vivida de muitas maneiras: falar, fumar, vomitar, comer...

Roizman (2021) se utiliza do seguinte trecho da música *Comida*, dos Titãs, para contrapor o caráter instintivo e pulsional do comer: “bebida é água, comida é pasto [...] a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. Este autor nos diz que o instintivo, o capaz de suprir a fome e a sede, é comer pasto e beber água, mas o ser humano, atravessado pelo pulsional, quer além: quer diversão, arte, balé, amor... Assim, percebemos como o alimentar-se se dissocia do comer, pois o alimento seria aquilo que supre a necessidade, enquanto a comida seria da ordem do pulsional o que implica um sujeito.

A pulsão, nos diz Freud (1915/2013), é o conceito limiar entre psíquico e somático, o que quer dizer que a pulsão é um conceito que tenta dar conta da resposta psíquica, representacional, à excitação do corpo. A pulsão possui sua fonte no corpo, no

interior dele, e seu objeto é o mais variável possível, é por meio dele que a pulsão irá tentar encontrar sua satisfação, porém esta é sempre parcial, o que faz com que seja variável. A pulsão almeja obter satisfação da pulsão através do objeto derivado do processo psíquico de representação, mas a satisfação não é plena e, sim, parcial, por isso, passa-se a desejar outro. Assim, seu fator motor, sua pressão, é constante, sempre em busca de satisfação, porém como não há objeto específico da pulsão – diferente do instinto –, e, por isso, a pulsão se fixa naquele que se oferece a ela como capaz de satisfazê-la (ELIA, 1995).

Isto quer dizer que quando, em determinado momento preliminar, uma zona erógena tenha sido privilegiada como ponto de obtenção de prazer, poderá ocorrer fixação nesta, que passará a servir de bússola pela busca por satisfação. Deste modo, a maneira como experimentamos a pulsão e os objetos aos quais ela irá se ligar, como experimentamos o corpo e o subjetivamos, tem trilhamentos históricos. Assim nos tornamos reféns desta história, e isso vai para além da visão organicista defendida pela biologia e pela medicina. A escuta psicanalítica se estabelece como possibilidade de reconhecimento dos mapeamentos pulsionais que riscam o corpo, o modelam e lhe dão a dignidade de singularidade por onde o sujeito se expressa. E isso vale também para o modo como se relaciona com o campo nutricional. A partir desta escuta, a comida é, no caso do paciente dito obeso, objeto que se tornou fixo na busca por satisfação. Tentando satisfazer sua pulsão oral, o sujeito come, em excesso muitas vezes, mas ainda não obtém a satisfação almejada, o que leva a consequências na forma e funcionamento do corpo.

O comer excessivo, que leva a um corpo excessivo, pode surgir como uma manifestação desta busca infinita por satisfação, como se em algum pedaço a comida fosse tamponar um furo que é – tendo em vista a pressão constante da pulsão e a satisfação parcial com objetos parciais – também infinito. Mas o sujeito se expressa nesse circuito pulsional, algo ele diz. Come-se para calar, para ter prazer, come-se muito além do nutrir. De forma que nos perguntamos: O que a gordura quer dizer? Ou melhor dizendo: o que o sujeito que porta um corpo excessivo quer falar? Falar pode ser um caminho interessante para pensarmos o corpo e o comer – e, para isso, é preciso alguém para escutar.

Escuta do paciente nutricional

Serão as mulheres vienenses, as histéricas tratadas por Freud, as responsáveis pela “construção de uma clínica da escuta: uma clínica da interioridade e não mais da

exterioridade” (ROUDINESCO, 2016, p. 81). Freud irá atribuir a Breuer o “tratamento por meio da fala”, embora reconheça que o tenha remodelado e, ao longo dos anos e de seus estudos, aprimorado seu método, como o sentar-se atrás da paciente para que se possa priorizar a escuta ao olhar.

Em 1912b/2019, Freud irá publicar o artigo *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico*, no qual expõe, a partir de sua experiência, quais seriam as regras técnicas de aplicação do tratamento psicanalítico. Neste texto, ele recomenda que diante do paciente, o médico entregue sua memória inconsciente ao que é trazido e reforça que não é necessário um esforço para se lembrar ou mesmo anotar o que é dito, mas que o que importa terá seu valor percebido *a posteriori*. A expectativa sobre o paciente poderia levar a uma sugestão no tratamento, enquanto o sujeito deve ser ativo neste para que opere psicanaliticamente. Embora organize as regras e detalhe o método de atendimento, Freud diz que todas elas se unem em uma mesma indicação: o uso da atenção equiflutuante. Esta será a regra psicanalítica fundamental, por parte do psicanalista, como contrapartida à regra fundamental do paciente (a associação livre), cujo funcionamento Freud irá traduzir da simples maneira: “ouça o que lhe dizem e não se preocupe se vai se lembrar de algo ou não” (FREUD, 1912b/2019, p. 95).

Em “A questão da análise leiga”, Freud (1926/2019) nos apresenta como os pacientes procuram médicos por conta de seus mais variados sintomas e recebem orientações, medicamentos e opiniões sobre mudanças do seu modo de vida como forma de cura, mas o que obtêm são alívios passageiros. Com isso, o que ele propõe em um atendimento analítico é que o paciente fale, se escute e desta maneira procure a sua cura – portanto, que, a partir do momento em que se escuta, que ele seja ativo em seu tratamento. Desta maneira, a clínica da escuta rompe com o movimento médico tradicional em que o paciente é apenas aquele que porta uma doença e executa apenas um papel secundário em seu tratamento, sendo o médico quem determina como este deve prosseguir. Ao permitir que o paciente fale e ao escutá-lo, este paciente se torna sujeito, se torna atuante ao dizer de si. Para Perez e Sirelli (2015, p. 117) “A escuta psicanalítica surge como lugar de oposição e resistência à tentativa de calar o sujeito”, visto que retira o saber visível e palpável da medicina e introduz uma escuta como modo de colocar o sujeito para se haver com aquilo que lhe causa, em vez de simplesmente livrá-lo do seu mal-estar com medicações. É importante reiterar que o sujeito faz sintomas com aquilo que não sabe como manejar e a medicação não desfaz o sintoma, apenas o cala.

Na nutrição, podemos pensar um modo de funcionamento semelhante: o sujeito faz sintoma com seu corpo e com seu modo de comer e, ao procurar ajuda, recebe normas a serem seguidas para moldar esses. Seriam as dietas uma forma de medicalizar (e assim calar) o sujeito?

Na contramão de tal visão, a escuta psicanalítica se coloca como um meio de inserção do sujeito no tratamento nutricional, que, de maneira geral, não autoriza sua entrada. Para a nutrição aquele que se coloca diante do profissional de saúde é o indivíduo e não o sujeito. Então, ao escutar, em uma consulta nutricional, o que se propõe é que coloquemos o sujeito em cena e percebamos mais do que apenas o superficial que seria trazido se somente escutássemos suas respostas às nossas perguntas pré-formuladas. Apresenta-se uma escuta do sujeito fora dessa realidade de vigilância, combate e exclusão da gordura para fora de seu próprio corpo. Aquilo considerado estranho pela medicina é o que constitui o sujeito e seu desejo inconsciente e por constituí-lo também deve ser ouvido como tal, assim como faz a psicanálise (FREUD, 1919/1996). O que se ouve em uma psicanálise é aquilo que, ao articular um discurso, surge como fala de um sujeito, independente se há relação com a realidade material e sem a predeterminação de um assunto específico.

A distinção entre realidade psíquica e realidade material é algo não recorrente em outras áreas que não a psicanálise. De maneira geral, aquilo que é trazido no discurso e que não coincide com a realidade material é tido como algo de teor equivocado ou mentiroso, enquanto para a escuta psicanalítica, será esta fantasia (a realidade psíquica) que trará notícias do inconsciente e do sujeito (FREUD, 1897/1996). Esta astúcia freudiana vai de encontro ao ideal médico que considera apenas o fisiológico, o palpável, o fato, a realidade material. Levando em consideração que a realidade psíquica também ocupa um papel de importância no discurso do sujeito, o modo de escutar posto em prática seria aquele que retiraria a preocupação exclusiva com o dizer sobre o organismo e sua função corporal e colocaria em questão o que se diz sobre o corpo e o comer, ainda que, para isso, o sujeito traga recortes de situações que, a princípio, não se relacionariam a estes, ao menos diretamente.

Buscando novamente trazer a visão psicanalítica ao atendimento nutricional, podemos pensar que ao permitir que o sujeito fale de maneira livre, suas resistências ao desejo inconsciente e repetições da expressão dele aparecerão e, ao trabalhá-las falando, o paciente poderá colocar em palavras sua relação com o corpo e o comer, poderá permitir

que o comer vire discurso e, assim, será capaz de utilizar a boca para outro fim que não o comer apenas, mas também para falar. Como nos lembra Freud (1914/2019), não será apenas a lembrança e o conhecimento acerca de suas resistências que irá levar o paciente à cura, é fundamental que haja uma elaboração daquilo que antes era desconhecido ao sujeito e tal elaboração, ainda que longa, também ocorrerá por meio do falar.

Por meio do estudo do *Complexo do desmame* (1938/2003), Jacques Lacan irá retomar o erotismo oral abordado por Freud a que já fizemos menção aqui. Ao tratar do desmame como algo cultural, diferenciando os homens dos animais, pois tal ato marca no psiquismo uma busca por satisfação que não é relacionada ao biológico, visto que ele justamente rompe com uma relação biológica. Marcas essas que podem ter efeitos traumatizantes por algumas vezes, como nos casos de “anorexias nervosas, as toxicomanias pela boca, as neuroses gástricas” (LACAN, 1938/2003, p.37). Lacan nos diz que esta será a primeira vez que “uma tensão vital resolve-se numa intenção mental” (*Ibidem*). Seguindo a análise de tal complexo, o autor nos relata os pontos no desenvolvimento humano relacionados ao ato de mamar, ou seja, o fato de não ter dentes e não andar sozinha faz com que a criança seja dependente de um outro que a alimente e realize outras atividades básicas. Contudo, ao adquirir as capacidades de mastigar e se alimentar sozinha, a criança pode deixar de mamar. De uma mesma maneira, podemos fazer a relação entre falar e deixar de comer – usar a boca com a finalidade de falar, de expressar uma falta, uma abertura de si, em vez de deixá-la completa por comida, com o intuito de calar-se. Assim, utilizaremos essa analogia para pensar a inclusão de uma escuta na consulta nutricional. O paciente tomado como sujeito de seu tratamento e o profissional atento ao que esse diz poderão juntos ouvir aquilo que aparece relacionado ao comer e ao corpo durante o atendimento e colocar o dito em processo de elaboração para que, assim como o desmame, o corpo e o comer também possam ser dissociados de seu lado puramente biológico e fechado e, ao contrário, se abrirem para a produção de sentido sobre si, bem como para a expressão do desejo. A subversão freudiana será reconhecer um sujeito onde a ciência supunha um objeto (LACAN, 1960/1998). É na falha do dizer consciente que irá surgir o sujeito por meio das formações do inconsciente (atos falhos, chistes, sintomas, sonhos e lembranças encobridoras), assim, notamos que há sujeito, mas o modo de ter acesso a ele é colocando-o justamente na posição de sujeito, trabalho a que se propõe a psicanálise (PEREIRA, 2021).

Lacan dirá que a psicanálise dispõe de um único meio de trabalho: a fala do paciente (1953/1998, p. 248). Será desta fala livre e direcionada que o inconsciente irá aparecer e, com isto, fará o sujeito dividido surgir também, mas não de qualquer fala e sim daquela que aparece por meio da associação livre e da claudicação do dizer consciente. Ao que de forma simples poderá ser dito: é sujeito – no sentido psicanalítico – quem diz para além do discurso consciente e, se nos propomos a escutar além, será o sujeito que ouviremos.

Trazendo a questão discutida, mais uma vez, para o âmbito do atendimento nutricional, podemos ver que é comum que os pacientes tragam relatos que podem ser lidos como fruto de sua realidade psíquica, visto que, muitas vezes, entram em contradição com a realidade material, mesmo que de maneira inconsciente. Desta forma, faz-se importante escutar como o sujeito traz o que vivencia de forma a obter notícias de seu inconsciente. Podemos pensar, como exemplo, o caso de pacientes gordos ou classificados como obesos que, ao procurarem auxílio nutricional, dizem: “Não como muito, não sei porque continuo a ganhar peso”, como uma queixa. De modo que não é raro que os profissionais desconfiem que tal paciente esteja mentindo sobre sua rotina alimentar e que, na realidade, o paciente de fato coma em grandes quantidades. Em tal exemplo, assim como em diversos outros momentos que a clínica nos traz, o julgamento acerca do que o paciente nos diz é o caminho mais fácil a ser trilhado, ou seja, tomar como base pura e simplesmente aquilo que foi dito de forma consciente por aquele que nos procura. No entanto, ao admitir a possibilidade da inserção da escuta psicanalítica neste cenário, torna-se importante ouvir mais e tentar trazer a questão inconsciente que ronda aquele dito, tornando fundamental o questionamento sobre o porquê o paciente diz o que diz. Pois, mesmo que haja a possibilidade de o paciente estar “mentindo”, devemos nos questionar que se ele o faz, por que o faz? De que maneira o mentir entra no discurso daquele que o diz? Será que o paciente, ao falar com o nutricionista, percebe que aquilo que fala não corresponde à realidade, ou será que o que ele diz faz parte de sua fantasia? Entender o que há por detrás do dito nos leva a uma pesquisa sobre o sujeito do inconsciente que nos procura.

Embora só se possa pensar em acesso ao inconsciente por meio da experiência psicanalítica, ao propormos trazer tal experiência para um atendimento nutricional, abrimos a possibilidade de escuta do inconsciente e, mais, a instituição de um saber por parte daquele que fala e não apenas do nutricionista. Propõe-se que o profissional saia do

lugar de mestre e permita que o sujeito do inconsciente emerja e traga para a cena do atendimento algum saber sobre aquilo que ele se queixa, se apropriando deste.

Esse discurso fantasioso ou, da maneira mais corriqueira que ouvimos, a mentira, trata-se de uma criação do sujeito, de um modo possível de dizer da realidade psíquica: o que importa na escuta analítica. Ao não dizer uma verdade, diz-se outra, mesmo que por meio de uma mentira, invenção ou fantasia. Tal verdade encoberta revela algo do sujeito, algo este que não pode ser dito de outra maneira naquele momento. Para dar conta desta estranha situação, Freud se valeu do conceito de transferência (FREUD, 1912a/2019): ele nos dirá que todas as pessoas desenvolvem um modo de conduzir suas vidas amorosas e este servirá de trilho, sendo reeditado por algumas vezes, para as relações que ocorrerão durante a vida do sujeito; os investimentos libidinais dispendidos nessas relações serão divididos entre a realidade, sendo conscientes, enquanto os outros serão inconscientes, porém ambos terão influência sobre as escolhas amorosas, modos de satisfação da pulsão e metas aspiradas. Desta forma, um investimento libidinal insatisfeito pode voltar-se para a figura do médico, ao que Freud (1912a/2019) constatará que a transferência é uma forte resistência contra o tratamento e, ao mesmo tempo, um modo de ter notícias sobre as fantasias do sujeito.

Freud ressalta que o uso da transferência como resistência não é algo exclusivo à psicanálise, mas as outras áreas não a reconhecem. Desta forma, podemos notar que quando um paciente, em um consultório nutricional, traz em seu discurso uma fantasia ou inverdade, esta pode ser lida como uma resistência - e a resistência faz-se importante no tratamento ao passo que demonstra algo difícil de ser dito ou trazido à tona por aquele que nos fala, diz de uma defesa e, portanto, mais uma vez reforçamos, é preciso ouvir o paciente, o que essa resistência traz encoberta e do que o sujeito pretende defender-se. Quase ao fim de sua obra, Freud explica, em *Construções na análise* (1937/2019), como o “sim” e o “não” do paciente não devem ser tomados *a priori* como uma resposta final, mas que apenas ao longo do tratamento pode-se extrair um valor desses ditos. Apenas é possível se relacionar com o discurso do paciente – e aqui podemos incluir a mentira ou a verdade – a partir das intervenções feitas durante o tratamento, pois ao colocar o sujeito para falar, nos deparamos com seu repertório psíquico e como ele poderá lidar com os ditos que saem de sua boca.

Considerações finais

A inclusão daquilo que a psicanálise defende não precisa excluir o trabalho do nutricionista, senão deixaríamos de lado a função deste profissional e colocaríamos o psicanalista em seu lugar, mas é necessário que cada questão posta ao paciente suporte uma resposta que flutue por outros lugares e que o saber que o sujeito tem sobre si seja mais valioso do que aquele publicado em diretrizes; é preciso compreender que existirão respostas que ultrapassarão as perguntas e elas também dirão sobre aquele que se porta diante do profissional. Se os artigos e diretrizes são pautados em estudos longos e abarcam um grande número de pessoas para que possa ser determinado qual a melhor solução geral para determinadas populações, a psicanálise irá trabalhar no caso a caso. Assim, diante daquele um que se coloca perante o nutricionista, é preciso que haja uma reinvenção das regras, dentro do possível, é preciso que as diretrizes caibam no paciente e não o contrário. É preciso que consideremos que aquele que come muito possui questões além do ato de alimentar-se e que, antes que calculemos “Uma dieta planejada individualmente para criar um déficit de 500 a 1.000 kcal deve ser parte integrante de programas de perda de peso objetivando uma diminuição de 0,5 a 1 kg por semana, com metas realistas” (ABESO, 2016, p. 76), é necessário que o sujeito lide com essas questões e as elabore, senão o plano alimentar calculado precisamente com o déficit calórico preconizado terá como função tornar-se mais um engodo que o paciente carregará consigo.

O encontro da nutrição com a psicanálise exige um desencontro desta primeira com aquilo que há de fechado em sua estrutura para que haja espaço tanto para o que ela se propõe quanto para o desejo do sujeito, para tanto, como ponto inicial, é preciso que a posição de saber do nutricionista caia, não para deixar de existir, mas para que seu saber fique em segundo plano e o saber principal seja o que só o sujeito sabe sobre como subjetiva sua relação com o comer. Saber este, portanto, que deve ser encontrado na fala do sujeito e não nos manuais de nutrição. Proposição difícil a que aqui fazemos, pois reconhecemos que a formação do nutricionista se baseia em diversos estudos: da formação do corpo humano às patologias que o atingem e a melhor nutrição para cada uma dessas etapas. Não se trata de invalidar tudo aquilo que construiu e constituiu sua bagagem enquanto profissional, mas que, diante do sujeito, aconteça um desaprender momentâneo para que se possa ouvir o que vem sem julgamentos.

Isso não significa concordar com o consumo de ultraprocessados, permitir frituras diárias ao paciente com dislipidemia, ou o excesso de doces por aqueles que têm

alterações em sua glicemia, tampouco trata-se de “romantizar a obesidade”, mas sim de compreender que há um além do corpo objetivo, que jamais nos procura, pois quem nos procura é sempre este além: o sujeito. Aliás, seu ato de procurar um profissional que o auxilie em sua lida com seu sofrimento alimentar já é um passo em direção a um desejo de mudança.

Nos questionamos: e nos casos de maior urgência, como o de pacientes que se negam a comer ou apresentam alguma doença de grande porte que uma alimentação inadequada pode agravar seriamente sua saúde? A escuta também se coloca como fator primordial ao tratamento, mas, nestes casos, o primeiro passo é assegurar que o paciente coma ou retire da sua rotina os alimentos prejudiciais (nos casos de doenças como a renal crônica e pancreatite, por exemplo), mas sem deixar de considerar também as questões subjetivas de tais processos.

A maior dificuldade de articulação entre os saberes aqui discutidos pode ser encontrada nestes casos em que há maior gravidade do quadro do paciente, pois há necessidade de intervenções mais abruptas, como a retirada de alguns alimentos da dieta ou até a passagem de sondas como via alternativa de alimentação, situações em que o desejo do paciente é deixado de lado em prol da manutenção de sua vida. Mas, ainda assim, defendemos a escuta do paciente, visto que a passagem de uma sonda, por exemplo, pode solucionar o problema da desnutrição, mas abrir outras questões que o levaram àquele quadro e, das quais, não pôde se defender. Basta – como finalidade de nosso artigo - que haja o reconhecimento de que há um sujeito diante do profissional que, a partir disto, já haverá, instantaneamente, uma visão diferenciada sobre este, pois ele estará implicado em seu tratamento.

“Mas para que todo este interesse pela escuta psicanalítica?”, pode ser a pergunta imediata diante deste trabalho, ao menos por parte de um nutricionista. ‘Para que mudar a conduta do nutricionista que há muito vem se aperfeiçoando para melhor atender seu paciente?’. Realmente a proposta aqui não passa por uma estratégia que garanta um emagrecimento mais rápido ou então que permita ao paciente comer tudo o que ele quiser e mesmo assim perder peso ou se livrar de sua patologia. Como trazido a todo momento, trata-se de considerar que as dificuldades alimentares passam, muitas vezes, por questões outras e, por isso, torna-se fundamental ouvi-las, já que o tratamento nutricional será apenas parte do processo e, sendo assim, não será eficaz nem mesmo em seus objetivos mais básicos. É como se a prescrição de uma dieta ou a oferta de orientações nutricionais

funcionassem como a retirada superficial do problema, enquanto o que foi causador deste permanece enraizado.

Se o corpo para a psicanálise é aquele afetado pela pulsão, que nos atentemos a ele, nos façamos valer daquilo que a psicanálise entende como cura. Talvez a objetivação da cura, enquanto recuperação da saúde ou melhoria do corpo, seja aquilo que impede o andamento do tratamento nutricional e, se mudarmos o ângulo do olhar e da escuta, se sustentarmos aquilo que o sujeito nos traz como demanda sem que ofereçamos uma solução rápida e prática (e decerto ineficaz no que se refere à manutenção), talvez possamos ouvir além e, junto ao paciente, pensarmos também em um caminho além.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E DA SÍNDROME METABÓLICA - ABESO. **Diretrizes Brasileiras de Obesidade**. 4ª. ed. São Paulo: ABESO, 2016.
- DERAN, S. (2014) **O peso das dietas**: emagreça de forma sustentável dizendo não às dietas! São Paulo: Sensus.
- ELIA, L. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Uapê, 1995
- FOUCAULT, M. (1962) **O nascimento da clínica**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, M. (1975) **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**, Petrópolis, Vozes, 2013.
- FREUD, S. (1897) Carta 67. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. (1900) A interpretação dos sonhos. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vols. IV e V., Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. (1904 [1905]) O método psicanalítico freudiano. In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FREUD, S. (1905) Tratamento anímico (ou psíquico). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud**. Volume VII Um Caso de

- Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901~1905). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1912a) Sobre a dinâmica da transferência. In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FREUD, S. (1912b) Recomendações aos médicos para o tratamento psicanalítico. In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FREUD, S. (1914) Lembrar, repetir e perlaborar. In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FREUD, S. (1915) **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- FREUD, S. (1916-17 [1915-17]) Conferências introdutórias sobre psicanálise – “Conferência XXIII: os caminhos da formação dos sintomas”, In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XVI, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. (1919) “O estranho”, in: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XVII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. (1926) A questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial. In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FREUD, S. (1937) Construções na análise. In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- GARCIA-ROZA, L. (2002) **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- GIORDANI, R.; HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. O cuidado com o corpo e a obrigatoriedade da saúde: sobre *hexis* e poder na modernidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 11, p. 4361-8, 2020.
- LACAN, J. (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos** (1966), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. **Escritos** (1966), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- PEREIRA, M. **Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente freudiano**. Youtube, 20 maio 2021.

- PEREIRA, O.; ALMEIDA, T. Saúde e poder: um estudo sobre discursos hegemônicos e subalternos em contextos multiculturais. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 91-8, 2005.
- PEREZ, M.; SIRELLI, N. A medicalização do mal-estar: a escuta psicanalítica como modo de resistência. **Psicanálise & Barroco em revista**, v.13, n.2, p. 117-136, dez. 2015.
- RODRIGUES, H. Alimentação como fonte de sociabilidade e de hospitalidade. **SINAIS – Revista de Ciências sociais**, Vitória, v. 1, n. 12, p. 85-100, 2012.
- ROIZMAN, D. (2021) **A obesidade “não toda” ou quando a gordura fala**. São Paulo: Escuta.
- ROUDINESCO, E. (2000) **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar.
- ROUDINESCO, E. (2016) **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar.
- SCRINIS, G. (2021) **Nutricionismo**: a ciência e a política do aconselhamento nutricional. São Paulo: Elefante.

ABSTRACT

This article discusses the nutritional treatment given mainly to people seen and diagnosed as fat or obese. Thus, this research starts from the notion that the body is necessarily a subjectiv experience and is not limited to the organic, physiological and palpable. Thus, based on the psychoanalytic, privileging the concepts of subject and listening we tried to outline another possible way of looking at the body that appears to be excessive. Considering that the person who enters a nutritional treatment is a subject in the psychoanalytic sense of the term, therefore a divided subject with a lack that cannot be satisfied, became fundamental for the inclusion of the other concepts used and for the possibility of thinking about a different way of providing nutritional care.

Keywords: Eating. Psychoanalysis. Nutrition. Obesity.

RESUMEN

Este artículo analiza el tratamiento nutricional atribuido principalmente a personas consideradas y diagnosticadas como gordas u obesas. Así, esta investigación se basa en la noción de que el cuerpo es necesariamente una experiencia subjetiva y no se limita a lo orgánico, fisiológico y palpable. Así, a partir de conceptos psicoanalíticos, privilegiando el concepto de sujeto y de escucha psicoanalítica, buscamos trazar otro camino posible para la mirada del cuerpo que aparece excesivo. Considerar que se trata de un sujeto dividido y portador de una carencia imposible de satisfacer, se volvió fundamental para la inclusión de los demás conceptos utilizados y para la posibilidad de pensar en una forma diferente de cuidado nutricional.

Palabras clave: Cuerpo. Comer. Psicoanálisis. Nutrición.

RÉSUMÉ

Cet article traite du traitement nutritionnel principalement attribué aux personnes vues et diagnostiquées comme grosses ou obèses. Ainsi, cette recherche repose sur l'idée que le corps est nécessairement une expérience subjective et ne se limite pas à l'organique, au physiologique et au palpable. Ainsi, à partir de concepts psychanalytiques, privilégiant la notion de sujet et d'écoute psychanalytique, nous cherchons à esquisser une autre voie possible pour un regard sur le corps qui apparaît excessif. Considérant qu'il s'agit d'un sujet qui entre dans un traitement nutritionnel, au sens psychanalytique du terme, donc un sujet divisé et porteur d'un manque impossible à satisfaire, est devenu fondamental pour l'inclusion des autres concepts utilisés et pour la possibilité de penser à une manière différente de prendre soin de votre alimentation.

Mots clés: Corps. Manger. Psychanalyse. Nutrition.

LUIZA RAFFIDE NOVAES ZYLBERSZTEJN

Nutricionista.

Mestre em Psicanálise e Políticas Públicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Barra Mansa.

luizaraffide@hotmail.com

Orcid: 0009-0006-5589-8067

PEDRO CATTAPAN

Psicanalista.

Membro do EBEP-RJ.

Professor associado da Universidade Federal Fluminense – UFF e do Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

pedrocattapan@id.uff.br

Orcid: 0000-0002-8334-2852

Citação:

ZYLBERSZTEJN, Luiza Raffide Novaes; CATTAPAN, Pedro. Além do comer: uma contribuição psicanalítica à nutrição. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 15.05.2024 / Aceito: 15.12.2024

* Artigo fruto da dissertação de mestrado “Além do comer: um olhar psicanalítico sobre algumas questões nutricionais”, defendida em 11/04/2024 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



O uso abusivo de drogas como signo da sociedade do consumo

The abusive use of drugs as a sign of the consumer society

El consumo abusivo de drogas como signo de la sociedad de consumo

L'usage abusif des drogues comme signe de la société de consommation

CAMILA DE SÁ LIMA

JAMILE LUZ MORAIS MONTEIRO

No presente artigo buscou-se compreender o fenômeno do uso abusivo de drogas na sociedade do consumo como sendo um sintoma no campo do social, apresentando-se como um signo da sociedade do consumo. Aborda o lugar que a droga foi assumindo ao longo das mudanças discursivas presente na história, evidenciando o estatuto de mercadoria que ela ganha na contemporaneidade, pelo viés da sociedade dos consumidores; bem como a modalidade de gozo presente nesse uso abusivo, impondo-se como algo que foge a lógica fálica, articulando-se ao gozo do Outro. Por fim, discute-se que o modo de gozo no abuso de drogas representa um fenômeno paradigmático da sociedade do consumo, quando o sujeito, ao invés de consumir a droga, é consumido por ela, tornando-se objeto de consumo através de um capitalismo sem regulação dos mercados.

Palavras-chave: Uso abusivo de drogas. Sociedade do consumo. Psicanálise. Gozo.

O intuito deste trabalho centra-se em discutir, pelo viés da psicanálise, o *pathos* presente no uso abusivo de drogas como um fenômeno que transborda e que, portanto, representa um paradigma na Sociedade do Consumo. No campo da psicanálise, a discussão em torno do uso abusivo de drogas, muitas vezes, é localizada através do termo “toxicomania”. Para Santiago (2001), a expressão “toxicomania” é originária da psiquiatria do século XIX, que a coloca como uma categoria clínica específica caracterizada pela compulsão por atos maníacos. Este autor, ao se utilizar do termo “toxicomania” e trazê-lo para o terreno psicanalítico, propõe uma ruptura com o modelo empreendido pela psiquiatria, pois afirma que a toxicomania é produto de um discurso onde a subjetividade encontra-se achatada, como se o Sujeito do inconsciente não entrasse em questão.

Diante disso, cabe esclarecer que, neste trabalho, não trabalharemos com a noção de toxicomania, pois entendemos que o mais importante é discutir como o sujeito se relaciona com o objeto droga, considerando o contexto da sociedade do consumo que agencia essa relação. Isto posto, concordamos com Vianna (2014, p.):

Não é possível falarmos de um perfil específico daqueles que fazem uso de uma substância psicoativa. Segundo o psicanalista francês Marcos Zafiropoulos (1994, p. 18), “o toxicômano não existe”. O que existe são diferentes sujeitos que fazem uso de diferentes substâncias, cada um a seu modo, pois a droga ocupa uma função singular para cada um deles. É sob este aspecto singular do uso que a psicanálise traz contribuições ao tema.

Neste sentido, a psicanálise concebe o uso abusivo de drogas como um fenômeno que sinaliza sofrimento do sujeito que consome a droga e, por sua vez, está articulado a uma estrutura discursiva que agencia modos de subjetivação que ultrapassam a barreira do que Freud (1920/2006) chamou de princípio do prazer. Longe de tomar uma atitude policialesca ou moralista no que se refere ao uso abusivo de drogas, nosso objetivo com este artigo é evidenciar como o objeto droga, ao ser capturado pela lógica do consumo, enquadra-se em uma modalidade de sofrimento que denota a radicalidade do consumo (FERREIRA, 2016). A ideia é abordar a compulsão pelo consumo de drogas como um novo modo de mal-estar que sinaliza um furo na sociedade dos consumidores: o usuário, ao consumir a droga, acaba sendo consumido por ela.

Um dos caminhos que a psicanálise busca investigar esse uso abusivo tem a ver com a relação desregrada que o sujeito estabelece com a droga, partindo de um viés oposto e crítico daquilo que é proposto pelo saber disfarçado de ciência, pois esta, de acordo com Santiago (2017), ao tratar apenas do caráter tóxico da droga, acaba excluindo aquilo que diz respeito ao que a psicanálise, no ensino de Lacan (1969-1970/1992), chama de gozo.

Desta forma, conceito de gozo, a partir de Lacan, não coaduna com a noção de prazer. Lacan (1969-1970/1992) fala do gozo a fim de se referir aquilo que transborda ao princípio do prazer, sendo o que traz, ao mesmo tempo, satisfação inconsciente e sofrimento à consciência. Nas palavras de Lacan:

Eis porque podemos conceber que o prazer seja violado em sua regra e seu princípio, porque ele cede ao desprazer. Não há outra coisa a dizer – não forçosamente à dor, e sim ao desprazer, que não quer dizer outra coisa senão o gozo (LACAN, [1969-1970] 1992, p. 81).

Lacan associa o conceito de gozo à pulsão de morte apresentada por Freud em 1920. Ao apontar para os fenômenos da compulsão à repetição de atos causadores de sofrimento, o aparelho psíquico busca ir além do princípio do prazer, indo em direção à morte, à pulsão de morte. Ao se perguntar o motivo pelo qual isso acontece, Freud (1920/2006) conclui que o aparelho psíquico não obedece apenas a pulsão de vida, mas também às pulsões de autodestruição. Nesta direção, Lacan (1966/2001) aponta que o gozo é distinto do prazer, sendo este último uma barreira ao gozo.

Segundo Valas (2001), as manifestações de dor e sofrimento bem como os fenômenos da repetição, como o uso abusivo de drogas, incluem-se no campo do gozo, uma vez que diz respeito ao que rompe com o princípio do prazer. Pretendemos, com este artigo, discutir sobre esse uso abusivo sob a ótica do gozo, considerando o panorama da sociedade do consumo.

Quando falamos de um consumo excessivo de drogas, aludimos a um mal-estar relacionado às adições e aos efeitos químicos causados pelas drogas diversas, quando as mesmas passam a representar uma mercadoria que ordena um certo tipo de gozo. Sendo assim, faz-se mister destacar que, no estudo em questão, quando falamos de um uso abusivo de drogas, é para diferenciar do uso recreativo, a considerar a relação de

autodestruição que caracteriza o uso excessivo, “ocupando um lugar central na vida do sujeito” (VIANNA, 2014, p. 301).

No âmbito da sociedade de consumo, as drogas se constituem como um objeto que oferece uma satisfação imediata àquele que a consome, como fazendo parte da proposta feita pelo mercado que oferece produtos como bens de consumo que servem para o prazer e satisfação imediata. É importante salientar que Freud (1930/2011), no “Mal-estar na Civilização”, já apontava o consumo de drogas como alternativa de lidar com o mal-estar, oriundo da renúncia pulsional. O que se vê na atualidade, deste modo, não se apresenta como um fato novo, entretanto, o que ressaltamos aqui é como este fato no campo do social vai tomando outros contornos, considerando especialmente o contexto da sociedade do consumo. De acordo com Tondim, Neta e Passos (2013):

[...] as drogas podem se apresentar como o objeto ideal, principalmente comercial, dada sua capacidade de gerar a necessidade de repetição do consumo de um produto em destaque na atualidade, que confere ao usuário um status de poder e pertencimento a um grupo social (TONDIN, NETA & PASSOS, 2013, p. 490).

Desta maneira, o uso excessivo de drogas configura-se como um sintoma que reflete um mal-estar consequente do “discurso de uma sociedade imediatista, consumista e desigual, insatisfeita constantemente e que busca nos objetos de consumo a tentativa de aliviar seu mal-estar” (TONDIN, NETA & PASSOS, 2013, p. 490). À vista disso, pode-se acrescentar o que Kehl (2009) considera acerca do sintoma social, como um sintoma que aparece no sujeito como reação a uma ordem social vigente, podendo ser definido por um “desacordo com a normatividade social que acaba por denunciar as contradições do discurso do Mestre” (KEHL, 2009, p.23).

Dessa maneira, é possível pensar na articulação entre o uso abusivo de drogas e a sociedade de consumo, considerando a formulação de sintoma social de Kehl (2009) como aquilo é posto socialmente – como as configurações, o modelo de funcionamento e os imperativos da sociedade do consumo – e de algo que faz parte do sujeito. Logo, a autora afirma que “uma parte das manifestações do sujeito do inconsciente diz respeito aos restos não simbolizados da ordem social, restos estes excluídos do campo dos fenômenos que a língua é capaz de decifrar” (p. 26).

Na direção do que Freud (1921/2011) apresenta em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, quando afirma que toda psicologia individual é desde o princípio,

psicologia social, é que a finalidade deste trabalho é pensar a articulação do subjetivo com o social, refletindo como o consumo abusivo de drogas, ao mesmo tempo em que é estimulado pela sociedade do consumo, revela o seu fracasso quando o sujeito cai em sofrimento quando entra em cena a dependência química.

Antes de propriamente tecermos essa discussão, é preciso realizar uma breve incursão sobre a concepção da droga enquanto *phármakon*, evidenciando as mudanças de posição que ela foi ocupando até assumir o estatuto de mercadoria na contemporaneidade, no panorama da sociedade do consumo.

O *phármakon*: da antiguidade à contemporaneidade

Para pensar o uso abusivo de substâncias na atualidade, Ferreira (2016) aponta que não basta analisar a partir de uma contextualização histórica linear do uso de drogas, mas também deve-se considerar as torções inerentes às lógicas discursivas. Portanto, apresentamos a trajetória do consumo de drogas em diversos momentos da história até a contemporaneidade, abordando as construções discursivas em torno da droga, partindo do ponto da importância que determinadas substâncias psicoativas têm em cada cultura e dos significados que lhes eram atribuídos, levando em consideração que os elementos da historicidade se exprimem “no desvelamento dos diversos modos de operação da verdade sobre o efeito do *phármakon*” (SANTIAGO, 2017, p. 76, grifo do autor).

No que se refere às drogas, Santiago (2017) define que estas possuem múltiplos usos e estilos de interpretação, possuindo uma profunda suscetibilidade aos efeitos da linguagem, o que a torna um verdadeiro símbolo no domínio da ficção. Logo, podemos pensar nas drogas levando em conta a sua suscetibilidade aos diversos efeitos de sentido, que possui uma dimensão insondável e inatingível, não havendo possibilidade de produzir uma conceitualização ou objetivação do símbolo, dado que para o autor a experiência com a droga é simbolizada pelo real, ou seja, o que Lacan (1964/2008) apresenta como inominável no território das palavras.

Estima-se que o uso de substâncias psicoativas está presente na humanidade há mais de 5 mil anos, através do uso ritualístico de plantas psicoativas. Desde o período da antiguidade que as drogas estão presentes entre os seres humanos e, ao longo da história da humanidade, as substâncias psicoativas vêm ocupando lugares importantes nas diversas culturas como veículo de cura, devoção e identidade étnica (CARNEIRO, 2014).

Na antiguidade remota, os seres humanos já compartilhavam um saber acerca da manipulação de plantas e fungos com princípios psicoativos. Este saber “sempre se fundamentava na experiência do homem, ligada ao discurso latente do mito” (SANTIAGO, 2017, p. 49). Para mais, podemos acrescentar o que Ferreira (2016) salienta acerca do pensamento mágico, no qual se expressa dentro de um discurso próprio, dado que “surge a emblemática figura do xamã, que representa uma espécie de guardião da prática mágica” (FERREIRA, 2016, p.25).

O saber xamânico pode se apresentar por meio textual e através de técnicas do corpo, como a dança, música ou pelo uso de substâncias psicoativas. Além disso, podemos destacar que, para Escohotado (2017), o xamanismo é definido como uma união entre a religião, cura e magia, cuja administração de plantas psicoativas, de estados de êxtase e transe, está presente tanto em adivinhações mágicas, quanto em cerimônias religiosas e em terapias. Ou seja, os processos de cura estavam diretamente relacionados com a experiência ritualista, logo, nesse momento, o uso de substâncias psicoativas possuía finalidade de conexão com o divino no qual também seria capaz de promover cura.

Sobre o uso psicoativo de plantas no xamanismo, estas se constituem como um instrumento de reafirmação cultural e de encontro com o divino. Ao ser ingerida como forma de sacrifício, a alteração de consciência provocada pela substância seria capaz de revelar o conhecimento para o xamã e os membros da tribo (ESCOHOTADO, 2017). Assim, o uso de plantas psicoativas é capaz de provocar uma alteração na percepção do mundo, que atua como um deflagrador do transe xamânico, levando o xamã a lugares que habitam o sobrenatural (SANTIAGO, 2017).

Na prática mágica, o consumo da droga é executado como um componente simbólico inscrito dentro da estrutura discursiva do mito - não podendo ser determinado dentro de uma realidade objetiva, ou seja, fora do contexto discursivo do mito. Nesse sentido, “a ação dessas substâncias no transe xamânico é subsumida pela hipótese de um significante a mais, de um significante ‘deflagrador e amplificador do discurso latente’ das sociedades míticas” (SANTIAGO, 2017, p. 53, grifo do autor), onde esse significante é capaz de movimentar o discurso latente em cada cultura. Ademais, em cada cultura é produzida uma estrutura mítica diferente sobre o uso de uma determinada substância.

O saber xamânico sobre as substâncias da natureza se produz por meio do uso do ritual de cogumelos, peiote, ayahuasca, tabaco, entre outras espécies, sendo que o uso

desses vegetais esteve presente especialmente entre os povos aborígenes da América (SANTIAGO, 2017). Por outro lado, devemos ressaltar que o uso de plantas psicoativas nas culturas míticas, não pode ser encarada precisamente como droga, pois, para Santiago (2017) é imprescindível que se verifique “a visão etnocêntrica da prática da droga nas sociedades míticas, conservando-se esta no lugar de um correlato contingente do sujeito xamanizante” (p. 60).

A droga, em seu caráter de símbolo, está suscetível aos diversos efeitos de sentidos, aparecendo como *phármakon* desde a Antiguidade Clássica, onde é possível notar em diversos textos a menção ao termo *phármakon*, como na “Odisseia” de Homero, na peça “O doente imaginário” de Molière, entre outros (SANTIAGO, 2017).

Na Grécia Antiga, com Hipócrates e Galeno, surge o conceito do *phármakon*, que de acordo com Escotado (2017) se configura como uma substância que, na quantidade adequada, é capaz de curar uma enfermidade, podendo, em excesso, configurar-se como veneno. Nesse sentido, os efeitos de sentido do *phármakon* possuem um caráter enigmático, mostrando assim a natureza inefável da droga (SANTIAGO, 2017). Com base nisso, nota-se o aspecto ambíguo e o deslizamento de sentido do efeito *phármakon*, reforçando a ideia da impossibilidade de uma conceituação objetiva do que seria a droga.

Na Grécia Antiga, o *phármakon* aparece dentro de um jogo de símbolos, introduzido na tentativa de nomear aquilo que está no campo do real, constituindo-se como um guardião de uma verdade a ser decifrada (SANTIAGO, 2017).

Essa versão do *phármakon* como símbolo atesta a ilusão de que o significante pode responder pela representação do significado. Mais precisamente, esse jogo do símbolo fundamenta-se na ideia de que o *phármakon* seria capaz de responsabilizar-se pela sua existência, a título de alguma significação (SANTIAGO, 2017, p. 30).

Até o século XIX, o *phármakon* era obtido exclusivamente em sua forma vegetal (SANTIAGO, 2017). Com o surgimento da farmacologia passou-se a isolar em laboratório o princípio ativo das plantas psicoativas, o que teve como consequência o surgimento de drogas conhecidas atualmente como a morfina, cocaína, cafeína, heroína, mescalina, além dos primeiros remédios para dormir e a anfetamina. Isto posto, “assistiu-se ao nascimento de um interesse extraordinário por muitas espécies de substâncias, que eram consideradas, umas mais, outras menos, como agentes do efeito *phármakon*” (SANTIAGO, 2017, p. 64).

Nessa nova modalidade discursiva da ciência, no século XIX, há o crescimento da indústria farmacêutica, onde o uso de drogas em forma de medicamentos assumiu uma função de controle da mente. Para Ferreira (2016), “a intervenção da psicofarmacologia científica foi legitimada socialmente com a promessa de proporcionar bem-estar” (p.42).

Ainda de acordo com Ferreira (2016), no campo da química, os métodos modernos de análise e pesquisa transformaram as substâncias tóxicas em significantes na natureza. As substâncias psicoativas passam a ser categorizadas como substâncias químicas, que conforme Santiago (2017) “se decompõe como um algoritmo, inteiramente desprovido de significações” (p.72). Na era da ciência há, portanto, um esvaziamento do efeito do *phármakon*. A partir daí, o *phármakon* torna-se droga. Isso, por sua vez, ocasionou em uma perda de toda a amplitude de significações existentes nas substâncias psicoativas que estavam presentes em outros contextos discursivos, forcluindo a verdade do efeito *phármakon*, sendo reduzida apenas ao que é tóxico da droga (FERREIRA, 2016).

Com o deslocamento do efeito *phármakon*, a droga que antes era substância da natureza, transforma-se em categoria de objeto, pois segundo Ferreira (2016) “o que acontece, portanto, é que as substâncias psicoativas perdem sua bagagem histórica, cultural e ritualística, convertendo-se em transformações discursivas de instrumentalização, administração e colonização dos corpos” (p. 42).

Por outro lado, podemos destacar com Birman (2014) que, no ocidente do século XIX, o uso de drogas possuía uma finalidade de contemplação, sendo usada por artistas e, inclusive, no meio político, como um instrumento capaz de abrir portas para a reflexão. Ainda no século XX, por volta das décadas de 50 e 60, o consumo de substâncias fazia parte de movimentos políticos e contraculturais como forma de protesto ao modelo político vigente. “A utilização de drogas se inscrevia efetivamente num projeto existencial, ético e político de transformação do mundo” (BIRMAN, 2014, p. 25).

Birman (2014) aponta para uma nova forma de subjetivação produzida a partir da cultura da performance presente na contemporaneidade, que acaba por evidenciar uma transformação no uso de drogas na atualidade, que diz respeito não apenas às drogas ilícitas, mas também às utilizadas pela medicina. Desta maneira, a indústria farmacêutica e o tráfico passam a se desenvolver na mesma proporção, com o diferencial que os psicofármacos são legalizados e vendidos com prescrição médica para finalidades terapêuticas.

No que concerne ao abuso de substâncias na contemporaneidade, Ferreira (2016) destaca que “a droga se torna *droga do toxicômano*, a partir do momento em que a ciência estabelece uma união estável com o capitalismo, e daí com o advento da psicofarmacologia” (p. 51, grifo do autor). Nesse sentido, a droga se torna um objeto e consequentemente um bem de consumo. Em meio ao esvaziamento de sentido da experiência do uso de substâncias psicoativas, o efeito da verdade do *phármakon*, foracluído pelo discurso de uma pseudociência, retorna na toxicomania (SANTIAGO, 2017).

A toxicomania, como um efeito do discurso travestido de ciência, leva em consideração os desdobramentos do Outro como posição de inscrição que não assume uma posição estável, estando aberto às mudanças conforme às circunstâncias da história. (SANTIAGO, 2017). Ora, se o sujeito se situa a partir de uma relação com o saber, podemos dizer que, na atualidade, o saber que determina o sujeito está calcado em uma pseudociência que, associada ao capital, oferece-se como mais uma mercadoria na sociedade do consumo. Nossa intenção não é colocar a ciência em uma posição maniqueísta em relação à psicanálise, até porque, sabemos que a própria psicanálise é produto de um discurso de uma época, sendo ela efeito da ciência moderna cartesiana. Apontamos para uma mudança no estatuto da ciência que, por sua vez, agencia uma outra forma do sujeito se relacionar com ela. Se, anteriormente, o saber em questão estava cunhado na magia e na religião, assistimos na contemporaneidade um assujeitamento a saber pseudocientífico que, por sua vez, tende a objetificar o sujeito, esvaziando a experiência do consumo de drogas. É nesta via que as configurações de sofrimento mudam à medida em que muda o discurso que estrutura uma sociedade, ao longo da história. Nesta circunstância, a toxicomania assume um lugar de efeito de discurso, justamente como produto das mudanças operadas pela emergência do discurso desta “nova” ciência no mundo (SANTIAGO, 2017, p. 37). A seguir, apresentamos como essa mudança de lugar da droga no discurso articula-se à sociedade do consumo e à produção de uma modalidade de gozo específica.

A sociedade do consumo, falha estrutural do sujeito e a busca do gozo pleno

A sociedade de consumidores é uma sociedade da adicção (BIRMAN, 2014; BETTS, 2004), marcada sobretudo pela produção e pelo consumo excessivo de mercadorias. A maior virtude no qual pode-se dizer que um sujeito pode ter, na sociedade

do consumo, é o poder de compra, logo, para fazer parte de uma organização que tem como nome exclusivo de “sociedade do consumo”, é necessário que os sujeitos imersos nela sejam consumidores (BAUMAN, 2008).

Esta sociedade marcada pelo consumo tem como consequência uma grande produção de mercadorias que são oferecidas aos consumidores com a promessa de que irão satisfazer plenamente os seus desejos. Por outro lado, há uma contradição presente, pois para que o capitalismo continue crescendo é preciso que se consuma cada vez mais, nesse sentido, é falsa a promessa de satisfação plena, pois o sucesso do capitalismo se desenvolve graças a não satisfação dos desejos dos consumidores. Trata-se de uma satisfação momentânea (BAUMAN, 2008). A manutenção do capitalismo se deve à insaciabilidade das necessidades e à instabilidade dos desejos dos sujeitos alinhados ao imperativo de consumo.

A oferta incessável de novas mercadorias produz nos sujeitos novas necessidades e novos desejos. Para que isso sempre ocorra é necessário que as mercadorias sejam adquiridas e descartadas rapidamente em uma lógica que Bauman (2008) denomina de “obsolescência embutida” (grifo do autor, p.45). De acordo com Bauman (2008), a cada nova mercadoria ofertada, são oferecidas novos começos e novas chances de “ressurreição” (grifo do autor, p.66). Portanto, a promessa de satisfação plena faz com que os consumidores adquiram as mercadorias, mas estas só são capazes de causar uma satisfação moderada, pois a todo momento são lançados novos produtos que abrem portas para o surgimento de novas necessidades, sendo novamente utilizadas as mesmas promessas de satisfação. Dessa forma, somos impulsionados a buscar continuamente por uma satisfação plena oferecida pelo capitalismo e, ao consumirmos, estamos atendendo a essa demanda, o que leva à compulsão e ao vício (BAUMAN, 2008). Uma vez que nunca seremos capazes de nos satisfazer plenamente, iremos buscar repetidamente maneiras de satisfação. Essa é a lógica capitalista que se coloca à sociedade do consumo: a incapacidade de se ver plenamente satisfeito. Aproveita-se da incapacidade inerente do ser humano de se gozar plenamente.

Segundo Ramos (2007), na contemporaneidade, é produzido um saber sobre o gozo que leva os sujeitos ao consumo, no sentido de que há uma convicção construída por meio das propagandas sobre aquilo que é necessário para promover uma satisfação plena. A propaganda “encontra sua eficiência como fiadora do saber do gozo do outro: ela garante esse saber que aliena o outro no fazer e que se repete no ato de consumo”

(RAMOS, 2007, p.103). Dessa forma, a instância do supereu se alia com a imposição de consumo da atualidade, reforçando o imperativo de busca ao gozo pleno. A instância do supereu, uma vez imperando sobre o Eu dizendo: “goza” ou, “ainda não é suficiente”, tem um importante papel no enquadramento da pulsão, relacionada ao mais além do princípio do prazer. É essa instância que contribui para a compulsão à repetição de forma que o Eu entre no circuito de buscar uma satisfação plena, elevada em sua potência máxima. Nas palavras de Vianna (2014):

A compulsão à droga não decorre, portanto, apenas do encontro com a substância. É o sujeito que faz dela o objeto privilegiado de um mecanismo que é próprio da pulsão: a compulsão à repetição, que ignora o princípio de prazer e se apresenta como uma irresistível atração pelo sofrimento (p .303).

Essa atração pelo sofrimento, aliada a um sentimento de culpa e punição é tributária do supereu, mas não daquele supereu herdeiro do complexo de Édipo e sim de um supereu arcaico, primitivo, que serve à pulsão de morte, tal como explicitado por Freud (1923/2011) em “O Eu e o Id”. Não se trata, portanto, da ação do supereu que regula o desejo e o gozo, pela via da falta e da interdição. Trata-se da vertente do supereu que opera no excesso, naquilo que transborda, através de um gozo que escapa o registro simbólico.

Assim, o objeto “droga” da toxicomania, colocado como mais um objeto de consumo, é assumido como um imperativo social, no qual é pregada a ideia de que é possível uma satisfação plena no aqui e agora. A partir da noção de que através do consumo será possível alcançar o gozo pleno, o consumo é colocado no lugar do Outro não barrado e o supereu age colocando o consumidor como sujeito faltante, impondo-o por uma busca pelo gozo pleno. Conforme Baima (2011), sendo o supereu uma instância que vigia e pune, o sentimento de culpa aparece no momento em que há o desencontro com o gozo, com o objeto perdido, no momento em que o sujeito percebe que o produto consumido não lhe trouxe a satisfação plena que esperava. Consequentemente, o consumidor irá buscar consumir outros produtos que prometem trazer essa satisfação. Trata-se de uma busca incansável e repetitiva do objeto perdido por meio do consumo, que insere os consumidores em uma lógica de compulsão à repetição. É dessa forma que a sociedade do consumo se configura como uma sociedade da adicção, que não se restringe apenas às drogas, mas a outros objetos de consumo presentes na atualidade.

O uso abusivo de drogas, a droga como mercadoria e o gozo do Outro

É relevante ressaltar que, neste trabalho, ao fazer alusão ao uso abusivo de drogas, referimo-nos tanto às drogas ilícitas (como a cocaína, a maconha, o LSD, o ecstasy e a heroína) quanto às drogas lícitas (como o tabaco, o álcool e os medicamentos psiquiátricos, cafeína e os solventes), capazes de causar dependência química quando usados em excesso (ALARCON, 2012). Tais substâncias, conhecidas como substâncias psicotrópicas ou psicoativas, assim se caracterizam por gerar um tipo de alteração farmacológica que atua no sistema nervoso central e no comportamento do usuário. “Em termos médicos e de assistência, a classificação mais difundida por sua simplicidade e praticidade é aquela estabelecida por Louis Chaloult (1971), que leva em conta o tipo de ação ou efeito farmacológico que as drogas causam no cérebro” (ALARCON, 2012, p. 104).

No que tange o uso de substâncias psicoativas, de acordo com Betts (2004), este consumo aponta diretamente para forma como encaramos e lidamos com o mal-estar na civilização, de modo que as drogas tanto legais quanto ilegais estão sendo cada vez mais procuradas como solução de problemas, assim como Freud (1930/2010) destaca em “O mal-estar na civilização”. “É no real das reações bioquímicas inseridas num contexto de linguagem sónica que a contemporaneidade procura tornar suportável o crescente mal-estar de viver” (BETTS, 2004, p. 67). Esta maneira de lidar com o mal-estar, segundo Santiago (2017), tem sua eficácia uma vez que visa unificar a divisão da falta-a-ser que tem como consequência “o apagamento dos efeitos dolorosos da divisão subjetiva” (SANTIAGO, 2017, p. 181).

O recurso do toxicômano às drogas se caracteriza como um entre os diversos efeitos que a pseudociência produz no mundo. O advento dessa pseudociência não só permite um acesso ao real, jamais alcançado pela percepção humana, como também cria novos objetos que oferecem ao sujeito meios de uma recuperação da satisfação libidinal. São eles os gadgets. O que caracteriza “o lado fortemente utilitarista desses objetos é o fator que viabiliza o enfoque conceitual da ciência como discurso, portanto, como um dispositivo de saber que produz laço social” (SANTIAGO, 2017, p.177). A ciência fabrica esses produtos e encontra um meio de ligá-los ao desejo do sujeito de forma que a satisfação ocorra por meio desses objetos.

Nesse sentido, as drogas são oferecidas como *gadgets*, como falsa possibilidade do sujeito se remediar com a castração. No entanto, o diferencial da droga em relação aos outros *gadgets* é que o uso ocasional pode se transformar em um objeto fixo de gozo do sujeito, onde a droga pode se tornar um objeto de gozo monótono que rompe com o gozo fálico, via de acesso ao desejo do Outro (RIBEIRO, 2009).

Ribeiro (2009), ao citar Lacan (1976), elucida que a toxicomania é uma tentativa de ruptura com o gozo fálico (um gozo regulado pela interdição do incesto que funda a ordem simbólica). As drogas entram como uma maneira que o sujeito encontrou para evitar se confrontar com a castração, tamponando a angústia que surgiria com o encontro do desejo do Outro, no qual esse desejo é marcado pela impossibilidade de um objeto que satisfaça plenamente, uma vez que o Outro também é barrado (RIBEIRO, 2009).

Santiago (2017) pontua que o toxicômano é concebido como um cínico na era da ciência, “porque ele concorda com esse mandamento universal do gozo, preconizado na sua devoção à satisfação incondicional da droga” (p. 187). Destacando Inem (1998), a toxicomania se configura como um paradigma do discurso capitalista, pois é aquele que em seu consumo há a anulação do sujeito: “o toxicômano é um significante que nomeia não só uma prática de consumo como “con-some” o sujeito” (INEM, 1998, p. 101, grifos da autora).

Em razão da toxicomania estar relacionada ao gozo do Outro, gozo do corpo, dizemos que o sujeito toxicômano é aquele que, na tentativa de ser um consumidor à moda da sociedade do consumo, virou o próprio objeto de gozo. Nesta medida, é possível afirmar que a toxicomania representa o signo do fracasso na sociedade do consumo, revelando uma contradição. Ao mesmo tempo em que a toxicomania é um sintoma produto do discurso da ciência e do capitalismo, sendo o toxicômano um consumidor ideal permanente, por outro lado, ele faz “objeção à utopia universalizante de nossos dias” (LIMA & ALVEZ JÚNIOR, 1998, p. 63), porque se recusa a fazer parte da lógica do gozo fálico, que leva em conta a castração. Tudo o que não quer o toxicômano é se deparar com a castração. Com a droga, tenta fazer a relação sexual existir, de dois fazer-se um.

Segundo Pacheco Filho (2007, p. 35) “talvez o toxicômano chegue perto do modelo ideal de consumidor capitalista: próximo ao objeto que dá origem ao desejo e, portanto, próximo do gozo absoluto e da morte”. Dessa maneira, o toxicômano como o consumidor ideal denuncia o furo existente na sociedade do consumo. Ao consumir a droga desenfreadamente, entrega-se a um gozo mortífero.

Considerações Finais

O uso abusivo de drogas se manifesta como um signo na sociedade do consumo, já que o colapso do sujeito com o objeto é aquilo que esta sociedade visa. O sujeito, ao eleger o objeto droga como gozo exclusivo, não passando pelo Outro, fica assujeitado ao objeto. Isto posto, o uso abusivo de drogas poder ser tomado como um paradigma da sociedade do consumo, a qual agencia um consumo desenfreado como ideal, forcluindo um sujeito e o tornando objeto de consumo através de um capitalismo sem regulação dos mercados, ao estilo neoliberalista.

Goze! Compre! Coma! Beba! Não sofra! Curta! Desfrute! (...) A concepção de bem-estar está intrincada no consumo dos gadgets, objetos da demanda travestidos de objetos do desejo, que prometem a sensação de realização e de felicidade, que, no entanto, logo acaba, porque rapidamente a demanda se desloca para outros objetos. Busca-se a qualquer preço o evitamento da angústia de se estar separado e/ou distante do objeto (SHIMOGUIRI, COSTA, BENELLI & COSTA-ROSA, 2019, p. 2)

Neste enquadre, a droga como objeto de consumo, emerge como mais uma possibilidade de o sujeito acabar com o mal-estar, na tentativa de tamponar sua insatisfação pulsional, que lhe é constituinte. Quando se trata de um uso exclusivo e abusivo do objeto droga, o sujeito tende a permanecer preso em uma modalidade de gozo no objeto. Com efeito, esse objeto assume a posição de um objeto da necessidade e não como um objeto de desejo (COSTA-ROSA, 2009).

A droga que antes possuía um significado místico, sobrenatural, metafísico passou a ser vista com uma mera substância que causa alterações no funcionamento fisiológico, ganhando uma atribuição de objeto a ser consumido, um gadget, sendo esvaziada do seu sentido original. Acreditamos que no momento em que a droga assume um outro estatuto, provocado pela incidência do discurso relacionado a sociedade do consumo, isso promove configurações subjetivas que estão além da lógica fálica e do desejo.

Sabemos que se o sujeito é alienado e se estrutura no Outro do discurso, falamos de uma continuidade entre o que é subjetivo (da história particular do sujeito) e o que é social, histórico, cultural. Existe, portanto, uma conexão entre a alienação subjetiva e a alienação sócio-histórica e cultural. Isso quer dizer que o desejo também é social. Na

mesma direção, o gozo é também produção social. A sociedade do consumo constitui-se, deste modo, como uma estrutura própria que promove um enquadramento de gozo que vai além do gozo fálico, deslocando o sujeito do lugar de consumidor para aquele que é consumido pela droga. O uso abusivo de drogas aparece na sociedade do consumo como mais um índice do mal-estar, como mais uma maneira pelo qual os sujeitos podem reagir às exigências do ideal do Outro.

Referências

- ARLACON, S. Drogas Psicoativas: classificação e bulário das principais drogas de abuso. In: ALARCON, S., & JORGE, M. A. S. (Orgs.). **Álcool e outras drogas: diálogos sobre um mal-estar contemporâneo** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012, pp. 103-129. ISBN: 978-85-7541-539-9. <https://doi.org/10.7476/9788575415399.0006>
- BAIMA, A. P. S. **O supereu como estrutural do sujeito e o consumo como ideal do Outro na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- BAUMAN, Z. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BETTS, J. A. Sociedade de consumo e toxicomania: consumir ou não ser. **Tóxico e Manias. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 26, p. 65-81, jan./jul. 2004.
- BIRMAN, J. Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 17, n. SPE, p. 23-37, 2014.
- CARNEIRO, H. O uso de drogas na sociedade. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Álcool e outras drogas: da coerção a coesão**. Módulo 1. Florianópolis: UFSC, 2014.
- COSTA, A. L. L. Drogas, pagar com a carne? **Tóxico e Manias. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 26, p. 58-64, jan./jul. 2004.
- ESCOHOTADO, A. **Historia elemental de las drogas** (2017) (Spanish Edition). La Emboscadura. Edição do Kindle.

- FERREIRA, I. G. **O sujeito e as drogas**: Uma clínica para além da descrição sintomatológica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- FREUD, S. (1920-1923) **Obras completas** - Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15.
- _____. (1923-1925). **Obras completas** - O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 16.
- _____. (1930-1936). **Obras completas** - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.
- INEM, C. L. Eclipse do desejo. In. SOLER, C. **O brilho da infelicidade**. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998, p. 99-106.
- KEHL, M. R. Depressão, Temporalidade, Sintoma social. In: _____. **O tempo e cão**: A atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 13-32.
- LACAN, J. (1964). **O seminário. Livro 11**. Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise, 1964. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. (1966-1967). **O seminário. Livro 14**. A lógica da fantasia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. (1969-1970). **O seminário. Livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LIMA, C. H.; ALVES JÚNIOR, A. J. O mal-estar na cidade: segregação e toxicomania. In. SOLER, C. **O brilho da infelicidade**. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998, p. 55-64.
- PACHECO FILHO, R. A. Toxicomania: um modo fracassado de lidar com a falta estrutural do sujeito e com as contradições da sociedade. **Mental**, v.5, n. 9, p. 29-45, nov. 2007.
- RAMOS, C. Imperativo de gozo e a propaganda no laço social da sociedade de consumo. **Mental**, v.5, n.9, p. 101-116, nov. 2007.
- RIBEIRO, C. T. Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade: **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 12, n. 2, p. 333-346, 2009.

- SANTIAGO, J. **A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. 2. ed. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.
- SHIMOGUIRI, A. F. D. T., COSTA, M. F., BENELLI, S. J., & COSTA-ROSA, A. Discutindo a clínica e o tratamento da toxicomania: dos discursos à constituição subjetiva. **Psicologia USP**, 2019, v. 30.
- VALAS, P. **As dimensões do gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.
- VIANNA, Alexandra de Gouvêa. A aliança do supereu com a pulsão de morte no uso de drogas. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 299-314, dez. 2014.
- TONDIN, M. C.; NETA, M. A. P.; PASSOS, L. A. Consultório de rua: Intervenção ao uso de drogas com pessoas em situação de rua. **Revista de Educação Pública**, v. 22, n. 49/2, p. 485-501, 2013.

ABSTRACT

This article sought to understand the phenomenon of drug abuse in the consumer society as a symptom in the social field, presenting itself as a sign of the consumption society. It addresses the place that the drug has taken over the discursive changes present in history, highlighting the status of merchandise that it gains in contemporary times, through the bias of the consumer society; as well as the modality of *jouissance* present in this abusive use, imposing itself as something that escapes phallic logic, articulating itself to the *jouissance* of the Other. Finally, it is argued that the mode of enjoyment in drug abuse represents a paradigmatic phenomenon of the consumption society, when the subject, instead of consuming the drug, is consumed by it, becoming an object of consumption through capitalism. without market regulation

Keywords: Drug abuse. Consumer society. Psychoanalysis. Enjoyment.

RESUMEN

En el presente artículo se buscó comprender el fenómeno del uso abusivo de drogas en la sociedad del consumo como un síntoma en el campo del social, presentándose como un signo de la sociedad del consumo. Aborda el lugar que la droga ha ido asumiendo a lo largo de los cambios discursivos presentes en la historia, evidenciando el estatus de mercancía que ella gana en la contemporaneidad, por el sesgo de la sociedad de

consumidores; así como la modalidad de goce presente en este uso abusivo, imponiéndose como algo que escapa a la lógica fálica, articulándose al gozo del Otro. Por último, se discute que el modo de disfrute en el abuso de drogas representa un fenómeno paradigmático de la sociedad del consumo, cuando el sujeto, en lugar de consumir la droga, es consumido por ella, convirtiéndose en objeto de consumo a través de un capitalismo sin regulación de los mercados.

Palabras clave: Abuso de drogas. Sociedad de consumo. Psicoanálisis. Goce.

RÉSUMÉ

Cet article a cherché à comprendre le phénomène de l'abus de drogues dans la société de consommation comme un symptôme dans le domaine social, se présentant comme un signe de la société de consommation. Il aborde la place qu'a prise la drogue dans les mutations discursives présentes dans l'histoire, mettant en lumière le statut de marchandise qu'elle acquiert à l'époque contemporaine, par le biais de la société de consommation ; ainsi que la modalité de jouissance présente dans cet usage abusif, s'imposant comme quelque chose qui échappe à la logique phallique, s'articulant à la jouissance de l'Autre. Enfin, il est avancé que le mode de jouissance dans l'abus de drogues représente un phénomène paradigmatique de la société de consommation, lorsque le sujet, au lieu de consommer la drogue, est consommé par elle, devenant un objet de consommation à travers le capitalisme sans régulation du marché.

Mots clés: Toxicomanie. Société de consommation. Psychanalyse. Jouissance.

CAMILA DE SÁ LIMA

Graduanda do Curso de Psicologia na Universidade Federal do Tocantins (UFT).
camilimasa@gmail.com
Orcid: 0000-0001-8230-104X

JAMILE LUZ MORAIS MONTEIRO

Psicóloga.
Psicanalista.
Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT).
Doutora em Psicologia Social (PUC-SP).
Mestre em Psicologia (UFPA).
Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental (GEPSAM-UFT).

jamile@uft.edu.br

Orcid: 0000-0002-1695-2191

Citação:

LIMA, Camila de Sá; MONTEIRO, Jamile Luz Moraes. O uso abusivo de drogas como signo da sociedade do consumo. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 25.11.2021 / Aceito: 08.01.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



Psicanálise e a supervisão clínico-institucional de ambulatórios ampliados de saúde mental no SUS

Psychoanalysis and clinical-institutional supervision of mental health day clinics in the Brazilian Public Unified Health System

Psicoanálisis y supervisión clínico-institucional de ambulatorios ampliados de salud mental en el Sistema Único de Salud de Brasil

Psychanalyse et supervision clinico-institutionnelle des ambulatoires de santé mentale dans le Système Unifié de Santé Brésilien

CAMILA DONNOLA

JULIANA CASTRO ARANTES

JULIO NICODEMOS

ANA PAULA BRITO GUEDES

MARIANA SLOBODA

Este trabalho trata da construção da Rede de Ambulatórios Ampliados de Saúde Mental na cidade de Niterói (RJ) como parte da Rede de Atenção Psicossocial do município. Na busca por serviços efetivos e atentos ao seu mandato assistencial, discute-se a partir da psicanálise a questão do lugar da supervisão clínico-institucional em ambulatórios de saúde mental do SUS, como um dos dispositivos de trabalho essenciais na sustentação de uma rede articulada de serviços de saúde mental.

Palavras-chave: Ambulatório. Psicanálise. Saúde mental. Supervisão. SUS.

Breve introdução

O trabalho em saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS) está em uma fronteira tênue entre os princípios de universalidade e equidade que orientam o sistema como um todo e a construção de saídas locais e adaptadas às demandas mais presentes em determinado território. Nessa construção, podem ser incluídos diversos modos de refletir sobre as formas concretas de implementação da Rede de Atenção Psicossocial em cada região.

Em Niterói, no processo de construção da rede de serviços substitutivos de saúde mental que se iniciou nos anos de 1990, além dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), a gestão optou por dispositivos chamados Ambulatórios Ampliados de Saúde Mental. Estes contam com equipes multiprofissionais e são um dos espaços para o cuidado de casos de gravidade intermediária que, em um primeiro momento, não demandam o cuidado de um modelo CAPS, mas costumam necessitar de intervenções multiprofissionais. Dessa forma, a implantação de serviços tipo Ambulatório Ampliado busca garantir o cuidado no território e o acesso ao Sistema Único de Saúde, conforme determinado pela Lei 10.216 de 2001.

Os Ambulatórios Ampliados de Saúde Mental são entendidos como dispositivos multiprofissionais de cuidado territorial de cuidado integral em saúde mental para usuários com quadros de sofrimento psíquico que não demandam uma atenção de Centros de Atenção Psicossocial, ou seja, que não necessitem de intervenções diárias, mas que ainda assim precisam de uma proximidade do cuidado que exceda as possibilidades da atenção primária, ou seja complementar a ela.

Na experiência diária, questões de diversas ordens atravessam o trabalho em saúde mental e a supervisão clínico-institucional tem sido considerada uma estratégia para dar suporte cotidiano às equipes, oferecendo um espaço de trocas e de construção de uma prática que seja, ao mesmo tempo, baseada no desejo de cada profissional e, na medida do possível, compartilhada por toda a equipe. Nas supervisões destes dispositivos de saúde, além de tomar como bússola do trabalho as coordenadas instituídas pela clínica psicanalítica desde Freud a Lacan, parte-se do cuidado instituído pelas diretrizes políticas do campo da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Assim, aposta-se sempre na articulação entre a dimensão inconsciente do sofrimento psíquico e os atravessamentos territoriais/psicossociais presentes no laço social destes sujeitos com os quais se maneja a partir da escuta com os profissionais implicados no cuidado.

Dos antecedentes

Niterói é um município do Rio de Janeiro com aproximadamente 480 mil habitantes¹. Fica localizado na região metropolitana e, até 1975, era a capital do estado, o qual foi fundido com o antigo estado da Guanabara e teve sua capital transferida para a cidade do Rio de Janeiro. Em termos de SUS, Niterói oferece, historicamente, uma ampla rede de serviços e foi o primeiro município do país a implantar o modelo de saúde da família (Programa Médico de Família – PMF), baseado no modelo originalmente constituído em Cuba.

No que concerne à saúde mental, Niterói ainda possui um grande hospital psiquiátrico em funcionamento – com projeto de desinstitucionalização em curso – com enfermaria de curta permanência, duas enfermarias de crise (feminina e masculina) e uma enfermaria de longa permanência em vias de fechamento. Além do hospital, a rede é atualmente constituída por sete ambulatórios ampliados de saúde mental, três CAPS II (dois de adultos e um infanto-juvenil), um CAPS AD III e um centro de convivência, além de serviços residenciais terapêuticos. Os serviços são distribuídos pelo território da cidade cobrindo toda a população, ainda que de modo insuficiente de acordo com a relação populacional estabelecida pela portaria que institui os CAPS (Portaria 336/2002 do MS). No momento, parte da rede teve sua gestão transferida para uma fundação privada de direito público. Os ambulatórios ainda se mantêm sob a gestão direta do município, assim como o hospital.

Ao longo de sua existência, a rede de saúde mental de Niterói funcionou com uma importante direção clínica de cuidado dos casos, sem deixar de lado a articulação com o trabalho territorial em diversas frentes. A Coordenação da Rede de Ambulatórios Ampliados de Saúde Mental tem focado atualmente na reflexão sobre algumas frentes, com destaque para a discussão sobre o lugar da supervisão no suporte ao trabalho clínico-institucional das equipes, como se pretende apresentar a seguir.

Do lugar da supervisão e seus desafios

De acordo com o edital do Ministério da Saúde de julho de 2005, “a supervisão clínico-institucional” é uma forma de “qualificar os serviços” oferecidos pela rede de atenção psicossocial e é entendida como um “*espaço de discussão e estudo da equipe*”

¹ De acordo com o censo de 2023, o município conta com 481.749 habitantes.

técnica do CAPS a respeito tanto dos projetos terapêuticos individuais e do serviço, quanto das articulações com o território onde o CAPS se situa e dos processos de gestão e da clínica do serviço” (Brasil, 2005). Para a psicanálise, a supervisão clínica é um dos eixos do tripé de formação do analista, junto com a formação teórica e a análise pessoal. Trata-se, portanto, de parte essencial de um investimento subjetivo na própria formação.

Nesse encontro da psicanálise com a saúde pública, entende-se que a supervisão é um dos espaços possíveis de serem ofertados para o compartilhamento das angústias cotidianas diante do trabalho no SUS, além de configurar uma importante estratégia de educação permanente dos profissionais. Situações graves psíquica e socialmente, dificuldades de trabalho dentro da equipe e na construção da rede, fragilidades do sistema, precarização, empuxo à privatização dos serviços e desafios da clínica são só algumas das questões com as quais nos deparamos diariamente no trabalho. Mesmo que esse confronto seja necessariamente solitário, há algo dele que pode e deve ser compartilhado e, por isso, o trabalho é em equipe. A presença de diversos olhares e escutas apoia o encontro com os nós do trabalho.

O modelo de supervisão adotado consiste na contratação de supervisores escolhidos pelas coordenações locais – com a possibilidade da participação dos profissionais nessa decisão – que frequentem as reuniões semanais no serviço. Cada equipe tem seu horário de reunião que dura em torno de quatro horas (equivalente a um turno de trabalho). Além disso, as coordenações podem ter um horário particular com a supervisão em que são abordadas questões mais específicas em relação à gestão das equipes. Nas supervisões, podem ser discutidos casos (situações clínicas individuais) ou questões institucionais (situações clínicas coletivas). Enfim, qualquer tema que possa ser relevante para o cotidiano dos serviços. O objetivo não são respostas para a problemática apresentada, mas sobretudo compartilhamento, exercício de se colocar palavras no que se apresenta como barreira para o trabalho e interrogação para o desejo de quem se decide a falar. Alguns temas podem ser apresentados de forma coletiva, enquanto outros abordam o encontro de um profissional com um caso.

Entende-se o lugar do supervisor como *êxtimo* à equipe, isto é, um lugar de dentro e ao mesmo tempo de fora, o que o coloca em uma posição de não ser o especialista sobre o que acontece na clínica cotidiana. É preciso entender que a equipe técnica tem o seu saber e assim garantir seu espaço de fala. Ou seja, a presença do supervisor nas reuniões

visa a sustentar uma fala da equipe marcada pelos impasses e angústias de um mal-estar com o fazer que está presente para todos.

A prática clínica é atravessada pela experiência – geralmente acompanhada de alguma angústia – de não se saber a exata medida do sofrimento daquele que fala, de não se saber de antemão o que irá curá-lo, nem mesmo do que possa ser o bem para determinado sujeito (Lacan, 1959-1960). Cada intervenção é atravessada por diversos elementos e, frequentemente, apenas é possível dizer algo sobre ela só depois, pelos seus efeitos. De modo geral, as coisas parecem ser mais fáceis quando se sabe. Pode ser desafiador sustentar que só se saiba depois, pelo sentido que se dá aos efeitos que se recolhe a partir de um ato. Pode-se entender como sendo essa a função da supervisão: acolher e pôr a trabalhar aquilo que não se sabe. Dito de outra forma, é o lugar em que as diversas questões produzidas no trabalho são lançadas e onde cada um que compõe uma equipe, com sua formação, percurso e estilo próprios, pode engajar seu desejo para a construção coletiva de trabalho. Essas construções vão tecendo um caso ao delinear uma direção de trabalho com os elementos recolhidos a partir do encontro entre profissional e usuário do serviço: o que o traz ali, suas demandas, sofrimentos, confusões, seu modo de se vincular, seu território, sua rede, suas preferências para a vida entre outras coisas.

No encontro com pessoas que têm suas vidas marcadas por intenso sofrimento psíquico, é preciso suportar o que fracassa, não tem solução definitiva, escapa às regras e às prescrições. Suportar o risco que está presente em cada intervenção e aposta. Precisa-se poder suportar a experiência de não saber como resolver a vida do outro para que ele possa construir seu caminho. A supervisão é o recurso que é construído ao longo da Reforma Psiquiátrica para que coletivamente seja possível elaborar as vias para sustentar esse trabalho complexo, sempre em direção à cidade e à vida.

Portanto, a supervisão como estratégia valoriza o espaço e o tempo posteriores, como foi visto, para produzir saber a partir do que terá ocorrido desse encontro profissional/usuário (o que se ouviu e o que se disse) ou entre profissionais (podendo lidar com os conflitos próprios a qualquer grupo). A função de um supervisor é tornar-se um agenciador de forças e não de identidades. Esse é um desafio importante para um ambulatório de saúde mental composto por muitos psicólogos e com importante parte da clientela em acompanhamento psiquiátrico. A possibilidade de compartilhar a angústia pode devolver o fôlego necessário para que uma equipe siga no trabalho. A grande

armadilha cotidiana para o supervisor é a de ser um suposto detentor das condutas técnicas, o que o colocaria desse modo em um lugar de mestre.

Não é incomum que os ambulatórios que prestam atendimento em saúde mental sejam organizados como ambulatórios de especialidades, onde psicólogos e psiquiatras atendem de forma isolada. Diferente de um CAPS, que tem em sua organização interna, procedimentos coletivos e interdisciplinares, além de espaços específicos para o compartilhamento rotineiro de informações sobre o trabalho – o que não é, evidentemente, sem falhas ou problemas. A rotina dos atendimentos individuais nos consultórios e a distribuição da equipe ao longo da semana podem representar desafios importantes para caminhar na direção de uma interdisciplinaridade em ato. Assim, o espaço de encontro semanal em supervisão é uma estratégia essencial para a construção e sustentação de um funcionamento que precisa ser coletivo e interdisciplinar, focando no cuidado em saúde mental no ambulatório. Outro desafio está, portanto, no risco de uma discussão centrípeta, voltada só para dentro da unidade, sem também ser atravessada pelas políticas públicas de saúde mental. É necessário estar atento ao risco da cronicidade das ações, o que pode estar para além dos muros manicomiais. Cabe à supervisão favorecer a criação de outros sentidos que não a dimensão meramente funcional, cabendo a ela também movimentar, deslocar para outro lugar, colocando em análise os processos de trabalho de todos, inclusive os da gestão.

A supervisão é o espaço onde devem aparecer os entendimentos de cada um sobre a missão do serviço, suas ações e prioridades em um dado momento. É importante assinalar que as prioridades de um serviço e ações que lançamos mão para responder a elas não são imutáveis e eternas. Elas mudam por necessidades internas ou externas aos serviços. Elas podem ser as poucas salas, a ausência de profissionais ou uma pandemia no meio do caminho. Como fazer com tantos técnicos, tão poucas salas e tanta gente para ser atendida? Um dos ambulatórios da rede partiu dessa questão e chegou a um projeto de matriciamento da atenção básica. Isso não resolveu o problema das salas. De fato, parece que uma supervisão não se presta principalmente a resolver coisas, mas é a partir desse espaço que algum saber sobre os problemas pode ser construído coletivamente e certo modo de funcionar do ambulatório vai sendo produzido também. Já em outro dos ambulatórios ampliados, as intervenções da supervisão podem tomar todo o tempo da reunião de equipe, inclusive em pautas não referentes a casos clínicos. Nos últimos anos, foram instituídos ainda espaços quinzenais de supervisão com a gestão.

As discussões ampliam-se abrangendo cada vez mais os casos clínicos e seu manejo atravessado também por questões institucionais. Desse modo, é possível se afastar da ideia de o ambulatório ser o centro e tomar a direção de que ele seja uma parte da rede de cuidados de determinado usuário. Como exemplo está o espaço dado para questões referentes a articulações clínicas em rede, a Conferência Municipal de Saúde, o Fórum dos Trabalhadores, etc.. Esse desafio para os ambulatórios – e também para toda a rede – está, portanto, em caminhar para uma relação de trabalho clinicamente potente entre os diferentes serviços, construindo relações de respeito e confiança entre os pares dos diversos dispositivos. Na supervisão, com todos os atravessamentos clínicos e políticos recentes, é importante se trabalhar em *como* seguir apostando na possibilidade de uma rede territorial potente na prática das discussões clínicas.

É possível citar como exemplo o fenômeno da violência contra mulheres bastante presente na porta de entrada de um dos ambulatórios ampliados. Durante consecutivas supervisões onde os profissionais traziam casos acolhidos pela primeira vez no ambulatório, foi identificado um traço comum entre todos eles: casos de mulheres em grande sofrimento psíquico que viviam situações de violência doméstica perpetradas pelos seus próprios companheiros. Obviamente, cada caso apresentava suas especificidades e manejos clínicos singulares, entretanto, era urgente escutar algo que aquele território dizia através das histórias daquelas mulheres e que não poderia ser negligenciado. A direção de trabalho foi justamente a de inventar estratégias que pudessem não apenas cuidar do sofrimento, mas investir nos laços comunitários daqueles sujeitos de modo que pudessem trocar informações e estratégias de sobrevivência diante daquilo que experimentavam em seus espaços privados. Também foi necessário permitir que a equipe olhasse para as redes de atenção com as quais mantinham seus diálogos e incluísse a rede de atenção à violência doméstica do município.

Além disso, dentre as potências das equipes está o lugar dado à preceptoria de residentes e estagiários que sempre apareceu de forma clara e forte no trabalho. Outra potência da equipe está no valor dado à garantia ao acesso ao serviço. A forma de pensar o acolhimento é dinâmica, havendo reavaliação a cada nova circunstância dentro e fora da unidade. O cuidado contínuo com a porta de entrada é uma pauta constante no trabalho em equipe visando sempre à qualificação do cuidado e da escuta. Além disso, há a construção de estratégias clínicas para diminuir a possibilidade de institucionalização que pode acontecer em qualquer dispositivo de cuidado. Foca-se na implicação do sujeito no

uso desse espaço. Observa-se a ênfase de pautas referidas ao fortalecimento de espaços clínico-políticos, como as assembleias, a potencialização das atividades coletivas, opondo-se assim a um imaginário sobre os ambulatórios em geral, em que todos sempre trabalham individualmente, cada um em sua sala.

A Coordenação dos Ambulatórios Ampliados de Saúde Mental mantém atualmente reuniões regulares com todos os supervisores, o que permite ampliar nossas reflexões a respeito dessa função específica “dentro/fora”. Essas reuniões também possibilitam articulações e a clareza sobre as direções de trabalho e prioridades dadas pela gestão da Rede de Saúde Mental do município.

Supervisão e ameaças ao SUS

No contexto recente da gestão em saúde mental na cidade, ressalta-se a sensação de instabilidade sobre o futuro dos ambulatórios. A angústia é cada vez mais presente nas reuniões de equipe. A pergunta que se repete é: “Qual o lugar dos ambulatórios na construção e/ou ampliação atual da rede de Saúde Mental da cidade?” Tal sensação de instabilidade e preocupação dá-se por entender que há um lugar para o cuidado no ambulatório que não é o mesmo lugar ocupado pelos CAPS e pelos PMFs.

A sensação de instabilidade dos profissionais também é constante, considerando as incidências da precarização dos vínculos a que estão submetidos, uma vez que parte dos que compõem os ambulatórios de saúde mental possuem vínculos de trabalho precarizados com a Prefeitura da cidade, pelo fato de ser sustentado por um frágil RPA (recibo de pagamento autônomo), sem contrato nem direitos trabalhistas.

Tal sucateamento das relações trabalhistas tem efeitos diretos na continuidade do trabalho e na construção dos vínculos entre as equipes e a população atendida. O supervisor também sofre os efeitos de tal sucateamento em seu trabalho na medida em que lida com as interferências sobre o desejo dos profissionais em sustentarem seus postos, o que produz uma circulação de novos profissionais e a interrupção das frentes de trabalho assim como dos atendimentos. Isto não acontece sem efeitos de descontinuidade e iatrogenias sobre os sofrimentos dos usuários.

A busca pela integralidade do cuidado é mais um desafio para o cuidado em saúde mental no ambulatório. Primeiramente, no trabalho em conjunto com a atenção básica, percebe-se que a transmissão de saberes e o protagonismo da condução precisam estar dos dois lados. Além disso, interroga-se a possibilidade de sustentação do trabalho na

direção da integralidade, com uma clientela em que cerca de 50% não é coberta pelo Programa Médico de Família. Há ainda a luta constante contra a medicalização do cuidado, pois permanece um número importante de usuários em acompanhamento psiquiátrico, sem outras construções de cuidado substitutivas ou complementares, questão sobre a qual a gestão debruça-se cada vez mais.

Em busca de conclusões?

A função do supervisor intervém na dinâmica das equipes e seus processos de identificação comumente presentes entre os profissionais, visando a que se possa dissolver algumas consistências imaginárias em torno dos casos e das situações trabalhadas nas discussões de modo que seja a clínica o ponto orientador do trabalho. É sabido que a partir das especialidades profissionais que constituem as equipes multiprofissionais (psicólogos, médicos, assistentes sociais, enfermeiros etc.), o trabalho que deveria ser coletivo pode ser muitas vezes um mero aglutinado de saberes e técnicas sobre um usuário que deixa o saber do sujeito sobre seu sofrimento de fora. É neste emaranhado de saberes sobre um sujeito que o supervisor intervém abrindo brechas onde seja possível considerar aquilo que ele fala sobre si a partir de sua posição diante daquilo que o acossa, seja ele neurótico ou psicótico. Será a partir desse saber não técnico que haverá condições de estabelecer direções de trabalho para cada um através daquilo que é nomeado de projeto terapêutico singular.

Neste sentido, tomando a expressão do psicanalista Luciano Elia (2015), é preciso “desespecializar as equipes” para que de fato um trabalho entre vários profissionais aconteça e que permita um manejo clínico através das transferências estabelecidas. Deste modo, é preciso reafirmar aqui o caráter não especialista do fazer na atenção psicossocial. Um ambulatório ampliado ou mesmo um CAPS não constituem um campo de especialidades como os demais campos da saúde (pediatria, ginecologia, pneumologia, etc.). Todo o trabalho da Reforma Psiquiátrica Brasileira inspirada por Franco Basaglia seguiu na direção de retirar o campo da saúde mental da esfera restrita do saber psiquiátrico. Portanto, a atenção psicossocial através de seus dispositivos que compõem a Rede de Atenção Psicossocial (portaria do Ministério da Saúde de número 3.088 de 23 de dezembro de 2011) deve oferecer (ou pelo menos deveria) um cuidado transversal aos demais níveis de complexidade do setor da saúde além de um cuidado intersetorial necessário (na educação, no desenvolvimento social, cultura e lazer, etc.). A noção de

“atenção psicossocial”, ainda que seja um termo bastante genérico, permite que se entenda que há algo na promoção da saúde mental que transborda qualquer setor específico, mesmo o setor da saúde. Há um deslocamento significativo quando se fala da clínica na atenção psicossocial justamente por permitir deslocar a atenção sobre as velhas práticas psiquiátricas (e mesmo psicológicas) e orientar o trabalho pelo sofrimento de cada sujeito no laço social. É sobre o laço social que ocorre qualquer intervenção, incluindo nele os territórios de vida de cada um assim como sua posição diante do território do inconsciente, algo absolutamente distinto de uma prática restrita ao cuidado dos transtornos mentais. Destarte, o profissional psiquiatra e seu saber é apenas mais um componente das equipes entre vários, sem qualquer hierarquia de saberes, e precisa conjugar suas práticas com os demais profissionais.

Na saúde mental, entende-se que nenhum trabalho acontece sem angústias e um tanto do desejo dos profissionais que constituem a rede de serviços de um território. Muito se reflete sobre a supervisão como “qualificação” dos profissionais e equipe, mas nos perguntamos: o que é qualificar? Qualifica-se quem e para o que? Em um momento de desmonte e fragilização das políticas públicas, colocar em ação uma forma de coletivização da construção do trabalho pode ser um ato revolucionário. Nesse sentido, a supervisão coletiva possibilita o compartilhamento das situações entendidas como problemas a serem enfrentados por profissionais e equipes. Em alguma medida, a supervisão, tomada dessa forma, esvazia uma expectativa de “respostas” – que não costumam existir – ou de formas “corretas” de condução das situações em questão, construindo um espaço formador da função de um analista e da própria lógica psicanalítica no serviço público.

O próprio Freud em 1918, em sua Conferência de Budapeste, após os efeitos devastadores da I Guerra Mundial, advertiu da importância de oferecer a psicanálise como uma direção de trabalho para o sofrimento daqueles que estavam desamparados e que isto deveria ser um dever do estado. Nesta mesma conferência, junto de outros analistas, afirmou sobre a importância da formação dos profissionais que estivessem imbuídos desta tarefa. Trata-se aqui da oferta de uma transmissão de trabalho construindo coordenadas de intervenção coletivamente e a partir do lugar em que cada equipe se encontra. Não se trata de levar novas “caixas de ferramentas” através de saberes e técnicas não sabidas pelas equipes, como se qualificação fosse sinônimo de capacitar os que ainda são incapazes de ocuparem seus postos de trabalho. O supervisor inclui um saber que já está

ali nas falas de cada um a partir do que recolhem no trabalho e que não pode ser escutado pela equipe.

A característica clínico-institucional marca uma especificidade, uma vez que se diferencia em certa medida da supervisão de caso com um supervisor no consultório ou mesmo com o próprio analista. Quais as implicações dessa função? Primeiramente, pelo fato de ser em grupo, a supervisão de uma equipe requer um manejo do supervisor nesse enquadre. É preciso que a supervisão seja um lugar de endereçamento das dificuldades singulares impostas por cada caso, mas também que o supervisor possa escutar o que está em jogo na dimensão institucional, na articulação com outras equipes no trabalho no território. Ou seja, a supervisão clínico-institucional tem essa marca, não se trata de uma supervisão em grupo de casos clínicos. Pode-se dizer que, nesta direção, o supervisor é aquele que descompleta a boa Gestalt do grupo, fazendo uma passagem do grupo ao coletivo de trabalho. Para que haja coletivo é preciso que haja intervalos entre um componente e outro da equipe sem que tais intervalos sejam apressadamente preenchidos com o nosso *furor curandis* ou elucubrações imaginárias sobre um sujeito ou situação em questão. Há uma aposta que, entre uma fala e outra, nestes intervalos de não saber, seja possível fazer novas perguntas sobre aquilo que se apresenta diante da equipe.

Outra característica que se espera do supervisor é uma dimensão moebiana dentro-fora, isto é, de *êxtimo* à equipe. Posição que implica um certo entre-dois: o supervisor acompanha a equipe, mas não faz parte dela. Trata-se de uma posição muitas vezes não evidente, sobretudo tendo em vista o dispositivo da supervisão no consultório, por exemplo. Muito dentro da equipe, corre-se o risco de o supervisor se confundir na função de gestão – e neste ponto vale ressaltar o quanto é importante que o coordenador de equipe esteja bem posicionado em sua função, vindo mesmo favorecer o trabalho do supervisor em certo sentido –, muito fora, a supervisão pode deixar escapar toda a dimensão do trabalho no território, por exemplo. É nesse sentido um trabalho nesse entre-dois, em tensão.

É justamente nesta posição *êxtima* que o supervisor pode fazer retornar para a equipe aquilo que ele recolhe a cada encontro e que os profissionais não podem escutar, seja pela dinâmica de grupo que opera muitas vezes na equipe, seja pela resistência diante da angústia ou mesmo pelo assoberbamento em que cada um se encontra diante das demandas. O supervisor é aquele que produz intervalos na pressa em se concluir

determinadas intervenções, retomando os tempos de ver e compreender a problemática em questão.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação geral de saúde mental, álcool e outras drogas. **II Chamada para Supervisão Clínico-Institucional dos CAPS e Rede de Atenção Psicossocial**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/EditalSupervis%E3oII.pdf>. acesso em 21/11/22.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **O ofício da supervisão e sua importância para a rede de saúde mental do SUS**. Portal da Saúde. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/oficiodasupervisao.pdf>. Acesso em 21/11/22.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria N° 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União 2011; dez 26.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria N° 336, de 19 de fevereiro de 2002**. Diário Oficial da União.
- BRASIL. **Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001**. Brasília: Diário Oficial da União.
- BRASIL.
- ELIA, Luciano. Uma equipe muito peculiar: a equipe do CAPS. In: Kamers et al. **Por uma nova psicopatologia da infância e da adolescência**. São Paulo: Escuta, 2015. Pp: 243-264.
- FREUD, Sigmund. Linhas de progresso na terapia analítica (1919). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- LACAN, Jacques. **L'éthique de la psychanalyse**. Paris: ALI, 2019.

ABSTRACT

This work deals with the construction of the Mental Health Network in the city of Niterói (RJ) as part of the city's Psychosocial Care Network. In the search for effective services that are attentive to their care mandate, the question of the place of clinical-institutional supervision in the Brazilian Public Unified Health System's mental health clinics is discussed from psychoanalysis, as one of the essential working devices in sustaining an articulated network of mental health services.

Keywords: Outpatient clinic. Psychoanalysis. Mental health. Supervision. Brazilian Public Unified Health System.

RESUMEN

Este trabajo aborda la construcción de la Red Ambulatoria Ampliada de Salud Mental en la ciudad de Niterói (RJ) como parte de la Red de Atención Psicosocial de la ciudad. En la búsqueda de servicios eficaces y atentos a su mandato asistencial, se discute desde el psicoanálisis la cuestión del lugar de la supervisión clínico-institucional en los ambulatorios de salud mental del Sistema Único de Salud de Brasil, como uno de los dispositivos de trabajo esenciales para el sostenimiento de una red articulada de servicios de salud mental. servicios.

Palabras clave: Consulta ambulatoria. Psicoanálisis. Salud mental. Supervisión. Sistema Único de Salud de Brasil.

RÉSUMÉ

Ce travail porte sur la construction du réseau élargi de soins ambulatoires en santé mentale dans la ville de Niterói (RJ) dans le cadre du réseau de soins psychosociaux de la ville. Dans la recherche de services efficaces et attentifs à leur mandat de soins, la question de la place de la supervision clinico-institutionnelle dans les cliniques externes de santé mentale du Système Unifié de Santé Brésilien est abordée à partir de la psychanalyse, comme l'un des dispositifs de travail essentiels pour maintenir un réseau articulé de services de santé mentale.

Mots clés: Ambulatoire. Psychanalyse. Santé mentale. Supervision. Système Unifié de Santé Brésilien.

CAMILA DONNOLA

Psicóloga.

Mestre em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Servidora da Fundação Municipal de Saúde de Niterói.

Coordenadora da Rede de Ambulatórios Ampliados de Saúde Mental da Fundação Municipal de Saúde de Niterói.

saudementalniteroi@gmail.com

Orcid: 0009-0003-7623-8197

JULIANA CASTRO ARANTES

Psicóloga.

Pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Servidora da Fundação Municipal de Saúde de Niterói.

Assessora de ações clínicas, ensino e produção científica da Coordenação da Rede de Ambulatórios Ampliados de Saúde Mental da Fundação Municipal de Saúde de Niterói.

saudementalniteroi@gmail.com

Orcid: 0000-0002-5930-6624

JULIO NICODEMOS

Psicólogo.

Doutor em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Antigo Supervisor Clínico Institucional no Ambulatório de Saúde Mental da Policlínica Dr. João da Silva Vizella (Niterói/RJ).

jconico@yahoo.com.br

Orcid: 0000-0003-0266-6466

ANA PAULA BRITO GUEDES

Psicóloga.

Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Residência em Saúde Mental da Infância e Adolescência – UFRJ.

Supervisora Clínico Institucional no Ambulatório de Saúde Mental da Policlínica Sérgio Arouca (Niterói/RJ).

apbguedes@gmail.com

Orcid: 0009-0006-3335-8596

MARIANA SLOBODA

Psicóloga.

Supervisora Clínico Institucional no Ambulatório de Saúde Mental da Policlínica
Guilherme Taylor March (Niterói/RJ).

marianasloboda@hotmail.com

Orcid: 0009-0002-6591-1764

Citação:

DONNOLA, Camila; ARANTES, Juliana Castro; NICODEMOS, Julio; GUEDES, Ana Paula Brito; SLOBODA, Mariana. Psicanálise e a supervisão clínico-institucional de ambulatórios ampliados de saúde mental no SUS. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 04.03.2024 / Aceito: 06.12.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



Trauma, violência de Estado, colonialidade: elementos para uma clínica-política orientada pela psicanálise no contemporâneo

Trauma, State violence, coloniality: elements for a clinical- politics oriented by psychoanalysis in contemporary

Trauma, violencia de Estado, colonialidad: elementos para clínica-política orientada por el psicoanálisis en el contemporáneo

Trauma, violence d'État, colonialité : éléments pour une clinique- politique orienté par la psychanalyse dans le contemporain

RENATA THEOPHILO DA COSTA-MOURA
AMANDA ABIGAIL GARCIA DE MENDONÇA
DOLORES CAROLINA MENEZES DA MOTTA
FABRÍCIO MARTINS PINTO
PAULA PEREIRA

O artigo apresenta uma discussão teórica e de implicações clínicas sobre trauma por violência de Estado a partir da psicanálise, entendendo-se que aí estamos diante de um real traumático inseparável de sua dimensão política no contemporâneo. A discussão que se apresenta é parte do trabalho clínico-político realizado no Núcleo de Psicanálise e Política da Universidade Federal Fluminense com pessoas atingidas por violações de direitos elementares causadas por agentes de Estado. Relata-se certas dificuldades na condução do tratamento que levaram a invenções significativas no dispositivo, ao mesmo tempo em que seguem subvertendo nossa própria posição na psicanálise. Destacando então a dimensão política do real traumático paradigmático de uma nova discursividade em nosso tempo, encontramos a atualização do discurso colonial atuando como verdade

Trauma, violência de Estado, colonialidade:
elementos para uma clínica-política orientada pela psicanálise no contemporâneo

do discurso capitalista neoliberal. Frente ao gozo racista de Estado assim desmascarado, como construir e sustentar uma clínica decolonial e portanto antirracista? Desde os graves sofrimentos psíquicos que nos chegam após uma violência extrema armada, que não ocorre sem efeitos sobre o coletivo, o texto explora possíveis condições de abertura de um espaço clínico-político.

Palavras-chave: Psicanálise. Política. Trauma. Violência de Estado. Colonialidade.

Periferias, vielas, cortiços

Você deve tá pensando

O que você tem a ver com isso?

Desde o início, por ouro e prata

Olha quem morre, então

Veja você quem mata

Racionais MC's

*Quanto aos ensinadores-babacas, a história é
outra. Na medida em que um assunto delicado
como o da ética não é hoje absolutamente
separável do que se chama de uma ideologia,
parece-me oportuno dar algumas precisões sobre
o sentido político dessa virada da ética da qual
somos responsáveis, nós, os herdeiros de Freud.*

Jacques Lacan

Parte 1

O Brasil é um dos países no mundo que tem os maiores números absolutos de mortes por conflitos armados. O Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (GENI-UFF 2023) indica que mais de 60 mil pessoas são assassinadas por ano no país, especialmente jovens pretos, pobres e periféricos. Segundo o mesmo grupo GENI- UFF:

[...] está em curso na Região Metropolitana do Rio de Janeiro um processo de estatização das mortes associado à produção de mega chacinas (...), ações “avalizadas” por seus superiores hierárquicos e amparadas pela impunidade concedida pelo Sistema de Justiça Criminal. (GENI, 2023, p. 24)

Segundo o Instituto de Segurança Pública, entre 2000 e 2021, as polícias fluminenses mataram 21.216 pessoas. Destes, apenas 8,7% foram denunciados à justiça, sendo que em 2021 apenas 0,1% o são. (Fórum Justiça, 6 abr. 2023). Já em pesquisa publicada pelo Ministério Público Federal, (cf. Costa-Moura, Gomes 2021) salientávamos que a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH, 2021) alertara para o problema da letalidade policial no Brasil, destacando negativamente o Rio de Janeiro e emitindo recomendação expressa ao país para garantir assistência psicológica às vítimas desta violência.

Foi neste contexto que nos aproximamos de movimentos sociais de favelas e de familiares atingidos pela violência armada e de Estado na região metropolitana do Rio de Janeiro. Foi deles que ouvimos as demandas que ainda causam nosso trabalho na clínica praticada no Núcleo de Psicanálise e Política da Universidade Federal Fluminense, NUPP- UFF. Tais demandas por atenção clínica, e, ainda, por pesquisa qualitativa nos colocaram a trabalho. E, além disso, como instituição acadêmica, nosso objetivo tem sido o de fazer convergir nossos esforços e trabalho qualitativo para uma produção com valor de diretriz para subsidiar uma política pública de reparação psíquica, ou seja, de atenção em saúde mental no Sistema Único de Saúde brasileiro voltada especificamente para as pessoas afetadas por violações de direitos fundamentais.

A ideia deste artigo é refletir sobre a intervenção clínico-política estabelecida, deixando-nos ensinar pelos impasses, problemas e desafios desta práxis desde a psicanálise na Cidade. Se, desde o início, a demanda de movimentos sociais e territoriais foi, e é, o motor, hoje, operando, portanto, forçosamente no registro de uma clínica-política, conta também com a interface fundamental de parte do Sistema de Justiça, a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, através Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos - NUDEDH / DPERJ. Como veremos, isso não ocorre sem efeitos para o tratamento, tendo mesmo uma importância significativa.

Parte 2 – o traumático da violência de Estado como patologia do social na clínica-política

A psicanálise emerge como um discurso que coloca o trauma no centro do processo de subjetivação, quer em sua dimensão teórica, quer na prática clínica da qual é inseparável. E assim o faz, reposicionando o trauma do registro da medicina, visível e orgânico, para o registro dizível da experiência. Trata-se do trauma psíquico, caracterizado como choque, não no corpo orgânico e sua lesão, mas no nível psíquico, no nível da experiência de um sujeito. Suscitando o afeto do susto e do terror (*Schreck*), esse choque deixa uma marca indelével, razão pela qual o acontecimento traumático insiste em se repetir, sempre relançando o desafio da subjetivação de algo que, no limite, insiste porque é *insubjetivável* — o que em termos freudianos designamos como *irrepresentável* no psiquismo. E isto orienta Freud quando se dedica à etiologia e ao mecanismo psíquico da histeria. A partir da histeria, Freud (1895/2016) posiciona o trauma no plano da sexualidade, primeiramente definindo o trauma psíquico como trauma sexual, efeito de uma relação de poder e da resposta de sujeito a ela, naquilo que veio a se conhecer como *teoria da sedução*. Contudo, mais tardiamente, o tema do trauma é retomado no pós-Primeira Guerra Mundial em “*Além do princípio do prazer*” (1920/2010). Desde então, Freud destaca a compulsão à repetição (*Widerholungszwang*) em jogo, não somente, mas, sobretudo, nos sonhos traumáticos dos casos de neuroses de guerra: sonhos que insistem em repetir, não um desejo, mas o acontecimento traumático, além dos limites do princípio do prazer, repetindo experiências do passado que, atravessando o sujeito, proporcionam um desprazer irredutível ao desprazer de percepção (Freud, 1920/2010, p.179). De modo que o traumático, isto é, esse *insubjetivável*, ressurge na obra freudiana em 1920, além do trauma sexual, como o traumático da morte e da guerra.

Vale realçar que esse *insubjetivável* e *irrepresentável* do trauma é retomado por Lacan em diversos momentos de seu ensino. Desde o primeiro de seus seminários está lá, como núcleo primitivo, fundo e suporte dos “[...] avatares do recalque.” (Lacan, 1953-1954/2009, p. 63). Depois, reportando-se ao trauma como o *inassimilável*, fazendo notar sua opacidade e limite da rememoração, Lacan o aproxima da categoria aristotélica de *tiquê*, encontro com o real contingente, afirmando-o como encontro que “[...] se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção — a do traumatismo.” (1961/2008, p.60). Cada vez mais, ao longo de seu ensino, se dá uma aproximação entre o trauma e o real, cuja etiologia

remonta às marcas dos primeiros encontros do corpo com a linguagem no sujeito falante, *falasser (parlêtre)* e o furo (*trou*) ou buraco do real que aí se produz descompletando o simbólico e permanecendo refratário a este, o que Lacan (1973/1974) designa com o neologismo *troumatisme*. Não obstante, a partir disso Lacan também concebe o trauma em relação a uma modalidade de escrita para o real (Lacan, (1975/2007, p. 127).

Em nosso tempo, precisamos trabalhar ainda com outra dimensão do trauma, sem prescindir das demais. Os dados trazidos no início deste artigo sobre a violência de Estado no território fluminense sem dúvida refletem a insistência do real traumático hoje, na segunda década do século XXI, na esteira das Grandes Guerras, mas com inovações não antecipáveis. O mundo ainda insiste na guerra e na morte, porém esta repetição marca, como previa Lacan desde 1967, uma "facticidade" cada vez mais ampla e mais dura no campo da segregação. Estatizando a fabricação das mortes, fica reservado às massas periféricas a condição de vidas que não gozam do direito à existência, ou seja, como previa Lacan em um movimento de amplo segregacionismo, "um racismo por vir", implicando em ascensão de campos de concentração e extermínio a céu aberto (Lacan, 1967/2003).

Com efeito, a guerra conflagrada por tais chacinas tem sido filmada, registrada de mil maneiras, mas também desmentida, silenciada, ou ainda pior, justificada. São algumas as pesquisas científicas que caracterizam a ocorrência categórica de um genocídio, um impacto geracional especialmente na vida de jovens negros (cf. Lopedote et al, 2018). A análise é de um genocídio planejado e executado sistematicamente por uma política insana, que se auto- desconstroi. Em terras *brasilis* de hoje, o Estado passa a executar um modelo de eliminação da alteridade no interior mesmo da sociedade, cria-se a figura do *inimigo interno*, estendendo o que era reservado ao outro externo das colônias, para uma situação de exceção regular, ou seja, uma contradição oximórica entre os termos, no interior da própria sociedade. Do exótico inferior, torna-se o modelo de um outro interno, doméstico, familiar, vizinho, que se sustenta por uma visão conspiratória, e subalternizante até a desumanização (cf. parte 3 e 4). E o mais grave, atinge hoje um número e um recorte populacional com efeitos geracionais.

Nesta anomia evidente no Rio de Janeiro onde atuamos, a exceção é regular e isso é patente. Dados do Fórum Justiça (2023) indicam que 91,3% dos casos de agentes autores investigados pela letalidade policial foram arquivados, sendo que o número de mortos totalizava 23 mil pessoas de 1993 a 2021. O ato traumático parece que vai se

somando à disfuncionalidade do sistema judiciário de forma negacionista e dilacerante. Ora, quando ouvidas, tais vítimas desta extrema violência trazem modalidades de sofrimento psíquico, sintomatologias e patologias bem próprias.

Como então sustentar uma clínica com os que vivem e experimentam esta atual violência extremada, armada, ilegal/abusiva de Estado, que atua de forma sistemática, repetitiva? Como, se, para piorar o terror, a violência ainda é francamente desmentida por mais de uma instituição pública, ou, como ocorre cada vez mais, até justificada? Como responder a quem vive mais diretamente as vicissitudes de um gozo perverso racista (cf. também Ribeiro, 2020) imposto de forma invisível socialmente, embora realizado sistematicamente e naturalizado por um discurso que atravessa tudo e todos contra alguns?

Trabalhar com o trauma marcado por esse tipo de violência de Estado impõe uma dupla consequência. Primeiro, isso passa por considerar o traumático produzido na relação com a organização do Estado que, desde a concepção weberiana, se estabelece como a instância que tem a prerrogativa do monopólio do uso legítimo da força, da violência, a fim de garantir a segurança da população. Ou seja, trabalhar com violência estatal exige questionar o propósito manifesto pelo pacto social na fundação do Estado ultra-moderno, como exige encontrar uma nova etiologia do trauma na violência a direitos elementares da população. Aliado a isto, também precisamos considerar a própria sociedade que ativa ou omissivamente assente à lógica da violência estatal. Pois, assim fazendo, oferece a condição de possibilidade e sustentação do que fora referendado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos em 2021, por parte de muitos especialistas que entendem então que esse quadro, gravemente inconstitucional, vem constituindo um processo de “estatização das mortes das pessoas” (CIDH, 2021). Segundo, isso passa por considerar uma etiologia eminentemente política para o trauma — algo que já está na definição psicanalítica do mesmo desde o princípio, afinal, não é isso que se revela desde quando Freud tematiza o trauma efeito do pós-guerra, ou, ainda antes, desde a relação de poder pela a qual o que é traumático na sexualização se atualiza? Ademais, Freud segue questionando a interpretação segundo a qual a psicologia individual se separaria da psicologia social. Mesmo que fosse possível um indivíduo sem vínculo algum com algum grupo psicológico, resta que há sempre no indivíduo a presença do Outro, exigindo do clínico se colocar a questão social em sua própria práxis.

Ao longo de todo seu ensino, vale lembrar, Lacan acentuará que a determinação do Outro, do social, da política é presente na constituição do sujeito, conferindo uma condição política ao inconsciente, tal como expressa o aforismo segundo o qual “[...] o Inconsciente é a política.” (Lacan, 1966-1967). Ora, essa dimensão política se evidencia ainda mais quando trabalhamos com pessoas atingidas pela violência de Estado: aí o reencontramos como *trauma político* operando como vetor de subjetivação no capitalismo contemporâneo. Quando Lacan constrói um quinto discurso para dar conta da sociedade marcada pelo modo de produção capitalista, é porque entende que somos fabricados nesta estrutura discursiva, que atravessa tudo e todos, em maior ou menor grau, como veremos adiante, inclusive e sobretudo na clínica, onde a incidência singular de nosso tempo é pinçada. Por conseguinte, o trauma em questão não pode jamais ser pensado sem relação com a forma em que, em dado corpo social, sua existência é partilhada politicamente. Podemos mesmo cerni-lo como estando no epicentro das *patologias do social* — tal como o psicanalista Christian Dunker (2018) as define, ou seja, em um duplo sentido: primeiro, no qual as configurações totalizantes e reificantes do social teriam elas próprias algo de patológico, e, segundo, no qual as formas de patologias advêm *do social*.

Assim sendo, fazer ver a agência do Estado no traumático passa por considerar o patológico não somente como mecanismo de resposta à Lei, à castração, à falta, mas como algo que se sobrepõe ao *troumatismo* do sujeito falante e se coloca no real, como efeito da incidência de uma lei insana, destruidora, na medida em que o poder *se serve da lei posta* para violá-la radicalmente, findando por apropriar-se não apenas da vida dos cidadãos, dos limites, normas de se viver e se conduzir; mas também por intervir em como devem morrer; e ainda quem o deve, e como, no sentido daquilo que Mbembe (2018) descreve como necropolítica. As violações de direitos fundamentais perpetradas pelo poder, pelo Estado, precisam ser identificadas nos termos das patologias do social: tanto no sofrimento de populações inteiras, quanto no reconhecimento de que o corpo social — que, em última instância, a torna possível — padece e sofre. O problema é que a própria sociedade dá seu assentimento a este horrorsem sentido, direta ou veladamente, pela ação ou omissão. Frente ao gozo dito exterminador (Guerra, 2022) tornado possível pela institucionalização do racismo de Estado de exceção regular; frente à fábrica de morte e guerra, não existe se subtrair como sujeito de discurso. A omissão é uma ação. Por fim, no caso brasileiro, o social ainda padece pela facticidade de um real com valor geopolítico

na prôa do neoliberalismo mundial, unindo necropolítica, racismo, discurso colonial e imperial capitalista.

Do irrepresentável freudiano ao inassimilável lacaniano, encontramos a razão da insistência desse real traumático, e seu desafio: lidar com o insubjetivável. Todavia, cerni-lo como trauma político fornece também uma pista para o tratamento. Sem perder a direção do tratamento, indo do trauma ao *troumatismo* do *fallasser*, a dimensão política pode comparecer em sua potencialidade de transformação da experiência traumática e seus efeitos de silenciamento, melancolia, torpor, petrificação, em prol de uma experiência de sujeito, nomeado socialmente, fazendo corpo, laço social, tomando a voz na Cidade, e em ato político. O NUPP-UFF se organiza como um dispositivo clínico junto àqueles para os quais a morte violenta faz parte da vida cotidiana, tendo como direção uma clínica inseparável de ações articuladas clínica e politicamente. Consideramos que essa práxis não pode recuar das dimensões política e social do problema: um real da morte violenta ilegal em massa, quando os mortos não têm mais nomes, nem mesmo se contam um a um. Diante de tal cenário, faz-se necessário somar forças às resistências já presentes nos territórios e contar sim cada vida, nome, memória e, no que concerne à psicanálise, permitir a expressão política da clínica.

Parte 3 – na trincheira decolonial: a clínica-política como enfrentamento ao neoliberalismo e ao neocolonialismo.

Ao falarmos de trabalho clínico-político naturalmente estamos tratando do laço entre o sujeito do inconsciente e o social, um laço inextrincável para a psicanálise. Desde a entrada na história do discurso capitalista (Cf. Lacan 1972) chega-se nos tempos que correm à era da ultra-extensão do lucro e das formas de extração de mais-valia, que segundo Dardot e Laval podem ser cernidas pela passagem do liberalismo ao que chamam de neo-liberalismo, à partir da qual tudo e todos tornam-se comercializáveis (Dardot e Laval, 2016).

Com a psicanálise também podemos pensar que dessa única dimensão que resta ao objeto, comercializável, e como tal fenomenalizável, presentificado, uma grande mutação entra em curso em nossa cultura, fazendo-nos passar a uma ordem além das gravidades da era patriarcal, regida, agora, diretamente pela relação objetual. O novo mestre sendo o objeto, não mais figuras simbólicas que faziam autoriade, temos a necessidade que o objeto de gozo esteja realmente presente. Mesmo que ele escape, essa

necessidade exige, ainda, portanto que seja sem entraves. No nível social, os limites terão de ser impostos realmente, sem recurso ao simbólico, ou seja a sociedade se torna, mais do que nunca, policiada. E, assim, longe de prescindir do Estado, essa nova racionalidade carrega também uma ilimitação em seu ultra-autoritário poder de punir, e violar, romper os diques as barreiras, chegando mesmo a violar direitos tidos desde o pós-guerra como elementares.

De fato, no território latino-americano e, especificamente, o brasileiro e carioca, este Estado punitivo agigantado é algo que já se apresenta, de imediato, como questão. Dado que o Brasil é um dos territórios que mais recebeu contingentes de pessoas escravizadas a partir do tráfico estabelecido por Portugal, a abolição da escravidão deveria ser o grande marcador de direitos do país na passagem para sua independência, e que, a partir dela, se estabelecessem as necessárias políticas de reparação, o que evidentemente não se apresentou nem de perto na proporção que era devida, mas antes se tardou bem além de sua independência, e, ao cabo em 1888, dando reparação, antes, aos senhores escravocratas e não aos escravizados. Aliás, a problemática da escravidão deveria ter sido razão e marcador suficiente para pensar-se direitos humanos naquele início da modernidade, com a criação de um estatuto tal qual o que só veio a ocorrer após a Segunda Guerra Mundial.

Recuperando autores fundamentais do campo dos estudos decoloniais no Brasil e no sul global, Guerra (2022, p.167) retoma o discurso do capitalista apresentado por Lacan (1972) – o capitalismo de guerra, imperial, aliado à ciência universalizante e tecnológica–, e encontra a verdade de seu funcionamento no discurso colonial atual, ou seja, no gozo colonial racista atualizador do colonialismo no interior do capitalismo, em um neo-neocolonialismo (Cf. Mbembe 2018) mundial — algo evidente no caso brasileiro. A mutação da qual falávamos, estende-se além dos operários e oprimidos que ainda eram de certa forma vistos como sujeitos da História, e age como se restasse um único lugar para a subjetividade na atualidade, o de um sujeito do traumatismo, um sujeito vítima de um traumatismo na realidade. De modo que, para sustentar a realidade da ultra-lucratividade, produtora desse nível de segregação inédito, necessita de um Estado policial. Ora, que agentes do estado passarão ao ato a verdade de nossa era, senão os da segurança pública e do Sistema de Justiça Criminal como um todo?

E, de fato, em seu último livro, *Sujeito Suposto Suspeito* (2022), Guerra trata da mutação na economia psíquica, em especial no nível da transferência e formula a

categoria que coloca a suspeição como lógica promotora do inimigo na regência de diversas relações: econômicas, sociais, simbólicas e, inclusive, analíticas. No âmbito analítico, precisamos, com efeito, detectar o laço do sujeito ao social de seu tempo, em traços como uma desconfiança não raro presente na transferência negativa; no ódio, que cada vez mais nos aparece como maciço, sem ambiguidade, ou até na indiferença que também reconhecemos como ausência de transferência (Guerra, 2022, p.160-165). Esses novos elementos clínicos, podemos pensar, não poderiam deixar de encontrar sua matriz num regime afetivo e lógico que se assenta no funcionamento social, no caso, como dizíamos neoliberal, mas também, patriarcal, cisheteronormativo, burguês e branco — pilares do discurso desde o período colonial. E findam por imporem-se pelas injunções, nítidas hoje, de performance, produtividade e mesmo exploração, mantidas “[...] ao preço da destruição e genocídio do outro, da depredação do meio ambiente e da aniquilação radical da diferença [...]” (Guerra, 2022, p.169), mantendo sempre o outro suspeito na sua mira. O genocídio realizado nas periferias do Brasil se torna possível justamente pela criação da figura de um inimigo interno, sempre suspeito. Ademais, nossa pesquisa em curso nos lembra que o que os movimentos sociais chamam de genocídio do povo negro brasileiro, também aponta para o gozo racista de nossa sociedade na medida mesma em que escancara o traço de perversão presente na própria formação do povo brasileiro desde o período colonial, atualizando o horror antes imposto ao colono, como alteridade frente ao colonizador, para um alvo agora interno, sobre vidas que têm raça e classe social demarcadas. Os supracitados pilares do discurso colonial cernidos por Guerra (IBID) sustentam também o gozo imperialista capitalista ultramoderno que, no sul global, por sua regressão ao discurso colonizador, nos evidencia tal obscenidade do gozo no contemporâneo. Alinhavadas pela normativa do progresso, não são estas as mesmas forças que enterravam corpos escravizados pelas ruas da urbanização, como ocorrido no Cais do Valongo no Rio de Janeiro, por exemplo? Como assinala Lacan, tal progresso não se faz sem a ascensão da ciência e sua divulgação tecnológica aliançada ao acúmulo virtualmente infinito e universal do capital. Porém, concluímos, com um saldo bem real e devastador para populações inteiras abaixo da linha do equador.

Em contrapartida, a psicanálise não pode ficar indiferente ao horror de seu tempo. Urge tomar posição ética diante das dificuldades que o regime neoliberal brasileiro coloca, ou seja, realizar um giro decolonial, termo cunhado por Nelson Maldonado-Torres em 2005 no encontro que se intitulou *Mapping Decolonial Turn* (como citado em

Ballestrin, 2013) ou *elipse decolonial* – para usar a expressão de Guerra em *A psicanálise em elipse decolonial* (2021, p.11). No tocante a nossa clínica com pessoas atingidas pela violência armada nas periferias, o psicanalista não pode senão incidir politicamente, também, sobre os impedimentos e entraves às respostas sociais de combate à escravização herdada ainda hoje, e logicamente sobre o combate à herança recente ditatorial, haja visto suas atualizações/efeitos na violência armada na periferia brasileira - e toda sorte de procedimentos estatais para a execução da necropolítica de Estado, no sentido que mobilizamos de Mbembe, aqui.

Mas como pensar e operar uma clínica decolonial, antirracista? Além das ações francamente políticas, como lidar com a transferência marcada pela suspeita, pelo ódio maciço, sem ambivalências? Como responder à dessuposição de saber que é dirigida ao analista? De fato tais elaborações do livro nos mostram a magnitude do desafio do manejo da clínica hoje, especialmente pensando um lugar transferencial que não seja o de um Outro ameaçador e genocida. As particularidades do trabalho com pessoas vitimadas por grave violação de direitos humanos, além das referidas condições de estabelecimento da transferência no contemporâneo, nos trazem, ainda, outros desafios diante das possibilidades de manejo clínico. Como poderíamos atuar desde a ética psicanalítica, de um trauma a outro, estrutural, que Lacan nomeou *troumatismo* da linguaem, ou seja, atravessar o choque e a melancolia, enquanto a guerra cotidiana estiver normalizada? Com a inflexão política estabelecida pela ética do desejo operante em sua clínica, a psicanálise faz ato, hoje, e diz um sonoro não, como Antígona, e não o cessa de fazê-lo.

Cada vez que um coletivo insurge, se produz uma marca de resistência e se *inscrevem traços de memória* sobre ele, diz Guerra (2022 p.168). É fundamental que não sejamos coniventes com a mordaca do silenciamento. O que do real se escreve de modo a recolhermos um trabalho de memória do presente?

Parte 4 – efeitos psicossociais da violência de estado

Para Frantz Fanon, psiquiatra martinicano, a colonização é uma grande provedora dos hospitais psiquiátricos porque há, na base da dominação colonial, uma “negação sistematizada do outro” (Fanon, 1961/1968, p. 212). *Os Condenados da Terra* (1961/1968) traz casos clínicos que atendeu como psiquiatra na Argélia, tanto nos hospitais quanto nos postos sanitários da Frente de Libertação Nacional, durante o período de 1954 a 1959, casos esses oriundos da guerra de libertação nacional do povo

argelino frente à dominação francesa. São acontecimentos que remontam a um "verdadeiro apocalipse" (Fanon, 1961/1968, p. 213). Para ele, a tortura sofrida, os acontecimentos traumáticos, a internação nos campos de concentração e a generalização de práticas desumanas em um contexto sangrento e impiedoso, se apresentam como fatores desencadeantes da sintomatização do sujeito no contexto da guerra colonial.

I. O caso de n.º 3 da série A, intitulado por Fanon de “Psicose ansiosa grave, do tipo de despersonalização após trucidamento absurdo de uma mulher” (Fanon, 1961/1968, p. 222), traz a história de um jovem militar do Exército de Libertação Nacional Argelina. Ele é descrito como deprimido, tendo constantes insônias, duas tentativas de suicídio. Falava que seu sangue estava indo embora, fazendo alusão a um esvaziamento de si, o que foi entendido por Fanon como uma despersonalização grave. Relatava também perseguição por parte da mulher que matara. O que se releva a partir daí é que a vida desse jovem era baseada em um único objetivo: “minha única ambição sempre foi conseguir alguma coisa para melhorar a existência da minha mãe e de minhas irmãs.” (Fanon, 1961/1968, p. 302). No entanto, após alguns meses no maquis, recebeu a notícia de que a mãe fora assassinada à queima-roupa por um soldado francês. Certo dia, relata que foi a uma propriedade de colonos e sabia que o gerente já havia assassinado dois civis argelinos. Ao chegar lá, encontra apenas a mulher do gerente, que suplica que não a mate. Porém, o jovem revela que olhava para a mulher e lembrava da mãe; e, também, que matou esta mulher com uma faca. Assinala, por fim, que após o assassinato cometido por ele, a morta passou a aparecer todas as noites exigindo seu sangue. Ao que retruca: “E o sangue da minha mãe, onde está?” (Fanon, 1961/1968, p. 224).

Quando o jovem faz essa pergunta, podemos pensar uma série desencadeante de situações que associam a morte da mulher do colono cometida por ele e a morte da sua mãe cometida por um soldado francês. Embora o caso clínico não traga outros elementos, podemos pensar aqui na importância de um trabalho político de reconhecimento social do crime, e portanto de seu direito ao luto e, ainda, de tratamento em resposta ao real traumático experimentado, cuja etiologia política a sociedade reconheceria. O jovem somente teve acesso ao serviço de saúde mental após seu ato de assassinato, mas ele mesmo se questiona “E o sangue de minha mãe, onde está?” (Fanon, 1961/1968, p. 224). Ou seja, onde está o reconhecimento social e político da morte de sua mãe por um soldado francês? O não- reconhecimento, o desmentido, o não estabelecimento da verdade de situações como essa trazem inúmeras consequências.

No Brasil, há claramente uma tentativa de invisibilização e silenciamento de acontecimentos históricos cruciais na formação do povo brasileiro. A omissão, ou, no extremo, a anuência da sociedade pavimentam o não-reconhecimento político e social da existência de tais crimes, ficando como um mecanismo perverso do desmentido; todos sabem, mas tudo funciona como se não soubessem ou concordassem com o extermínio da figura criada de um inimigo interno: o que só é possível porque, do colonialismo à ditadura, o luto político foi coletivamente impedido (Costa-Moura, 2023). De acordo com Guerra (op. cit) é propriamente o mecanismo do desmentido que revela o gozo obscuro do mestre colonizador. Encontramo-nos diante, então, da dificuldade imposta ao manejo clínico de operar com um sujeito coisificado, objetalizado, levado à condição de inumano, subjugado por um ódio maciço e genocida da alteridade, ou seja, que não encontra seu avesso no amor, manifestando-se não mais na ambivalência, mas na indiferença, na apatia, ausência de narrativas, de mitos individuais – e portanto se dando como indiferença ao analista.

Podemos trazer alguns elementos de um caso que acompanhamos de um homem que fora baleado ao lado da esposa em um conflito armado ocorrido no local em que se encontrava fazendo compras do dia-a-dia. Após ser baleado, é encaminhado ao hospital para retirada da bala e, no mesmo dia, é levado por policiais até a delegacia para prestar depoimento ainda com sangue na roupa. O que se sucede após esse episódio é uma série de dificuldades na continuidade de sua vida, pensando algumas vezes no suicídio para aplacar a angústia de inúmeras perdas: perda da capacidade física, perda do emprego e da capacidade de trabalhar, perda da saúde quando passou a conviver com dores intensas, perda financeira sem conseguir comprar a medicação necessária e sem a disponibilidade dela de forma gratuita, e o não- reconhecimento ao seu acesso por direitos sociais. Dessa forma, encontra-se desamparado, vivendo da ajuda de amigos, mesmo tendo sido sempre o provedor de seu lar. Esse homem, que trabalhou durante décadas e fora acometido por uma bala oriunda de um conflito armado em sua comunidade do Rio de Janeiro, não consegue obter nenhum reconhecimento político e acesso a direitos sociais.

Revivendo repetidamente a cena do dia em que fora baleado, assustando-se com ruídos repentinos que o remetem ao dia do conflito e tendo inúmeros pesadelos em que é agredido, este homem relata acordar sistematicamente assustado e agredindo sua esposa, em uma espécie de mistura e confusão entre o sonho (em que é agredido por pessoas e precisa reagir às agressões) e a realidade (em que precisa ser acordado por estar agredindo

a esposa sem perceber). Nos sonhos, novos elementos vão surgindo e se misturando à cena em que fora alvo atingido. Dessa vez, quem o agride nos sonhos no mesmo cenário em que fora baleado são pessoas com as quais teve relação na adolescência. Sendo assim, de um trauma ao outro, o sujeito aparece. O manejo clínico face ao que Guerra aponta como suspeição e Costa-Moura como apatia, melancolia, portanto, está sendo capital.

II. Ainda partindo das observações clínicas de Fanon, mas, agora, nos casos apresentados na série B, o psiquiatra apresenta alguns fragmentos em que a origem do sofrimento psíquico não parte de um acontecimento traumático em específico, como fazia o anterior da série A, mas da “atmosfera de guerra total que impera na Argélia”. Assim, no caso de nº 4 intitulado “Perturbações de comportamento em jovens argelinos de menos de 10 anos” são reunidas características das quais o psiquiatra diz poder ter observado num grande número de crianças refugiadas, comumente órfãos de pais combatentes ou civis que foram assassinados pelo exército francês. Apesar de tão jovens, era possível constatar a presença marcante de um grupamento de sintomas que revelavam um intenso sofrimento, como um importante apego e procura por imagens que rememorem qualquer aspecto parental, uma forte angústia diante da repreensão de seus comportamentos e uma busca obstinada pela calma e pela afetividade, insônia associada a sonambulismo, enurese periódica e uma tendência à crueldade ou ao sadismo, da qual Fanon revela alguns aspectos:

Tendência sádica. Uma brincadeira frequente: abrir furiosamente inúmeros orifícios numa folha de papel esticada. Os lápis estão todos mordidos, e as unhas roídas com uma constância desesperante. São frequentes as disputas entre elas, malgrado um fundo de grande afeição. (Fanon, 1961/1968, p. 237)

Não obstante as diferenças geográficas e históricas da tensão gerada pelas atmosferas de violências da guerra de libertação argelina e o contexto da política de segurança pública brasileira que certamente têm suas especificidades, ainda assim, são impressionantes as similitudes que encontramos entre esse relato do sofrimento das crianças refugiadas argelinas e aquele a que testemunhamos na escuta de uma criança de 10 anos de idade, moradora de uma favela do Rio de Janeiro e que sofria com assassinato de seu irmão mais velho por um agente do Estado. Ao ser encaminhado até nós, sua mãe nos contava que, imediatamente após a perda de seu irmão, J. passara a ter um severo

quadro de insônia. A dificuldade ao dormir, no entanto, retorna associada também a uma grande agitação motora e a episódios de sonambulismo. Além disso, J. começou a alimentar-se compulsivamente, chegando a repetir seu jantar por cerca de seis vezes. Convocada pelo desespero, sua mãe passou a repreendê-lo e ser obrigada a regular a quantidade de comida da qual J. poderia ter acesso e, com isso, tornou-se alvo de uma repentina e estranha cólera do menino que, antes, sempre muito amável, jamais havia se comportado desta maneira. Num segundo momento, J. dirige sua agressividade a si mesmo, esbravejando quando contrariado: “quero morrer, é por isso que eu vou me matar” (comunicação pessoal). De acordo com Fanon, o elemento da agressividade do colonizado encontra, pela via de seu próprio corpo, um local privilegiado de expressão: “[...] o psiquismo retrai-se, oblitera-se, despeja-se em demonstrações musculares que levam os eruditos a dizer que o colonizado é um histérico.” (Fanon, 1961/1968, p. 42).

O caso de J. ainda revela outro elemento efeito da violência, relativo à manifestação sintomática análoga aos fenômenos de ordem psicótica. Antes de um dos atendimentos, a mãe de J. nos chama para conversar. Diz que seu filho teve um “surto” (comunicação pessoal) no dia anterior. Conta que J., assustado, caiu em lágrimas e começou a gritar ao perceber que era parecido com seu irmão assassinado. Não queria que o tocassem ou chegassem perto dele e, num ato amedrontado, trancou-se no banheiro. Desse suposto episódio, J. nunca mencionou uma palavra sequer. Seus atendimentos eram permeados pelas brincadeiras e pelos desenhos, sempre fielmente retratados. Havia, contudo, uma única exceção: mesmo sendo uma criança negra, J. sempre optava por retratar-se como uma criança branca. Podemos pensar que o temor de J. era, portanto, a partir do luto de seu irmão mais velho, reconhecer-se também como negro, como alvo. Era preciso inventar para si um outro destino, mas esse destino, como nos recorda a famosa passagem de Fanon em *Peles Negras, Máscaras Brancas* (1952/2008), só pode ser um: tornar-se branco. Mas o que significa dizer isso?

A temática da identificação do negro com a figura do branco é longamente explorada por Fanon - cujo desdobramento não pode ser considerado sem a obra da psicanalista Neuza Santos Souza (1983/1990). Segundo ele, o olhar do colonizado para o colonizador é um olhar de inveja, uma vez que o sujeito racializado deseja estar no lugar do colono, mas não para, com isso, ser também um explorador, mas, antes, para gozar daquilo que o colono desfruta. O filósofo camaronês Mbembe (2020) ressalta que a constituição do negro como sujeito racializado, fruto de um mundo colonial

profundamente cindido, depende de que o negro acolha em si uma série de determinações que são oriundas do ideal do branco que passam a habitá-lo e o tomam profundamente em seu Eu. Esse movimento que se impõe violentamente a ele e que, ao mesmo tempo, o inaugura e o constitui, coloca-o, desde o início, na posição do Outro, de extrema instabilidade, marcada pela impossibilidade de se apresentar como semelhante, como humano. Assim, o filósofo coloca:

As formações racistas são, assim, por definição, produtoras e redistribuidoras das mais diversas loucuras miniaturizadas. Contêm em si núcleos incandescentes de uma loucura que se esforçam para liberar em doses celulares, na forma de neurose, psicose, delírio e até mesmo erotismo. Ao mesmo tempo, secretam situações objetivas de loucura, que envolvem e estruturam toda a existência social. Estando todos presos nas tramas dessa violência, em seus diversos espelhos, ou em suas diferentes refrações, todos são, em algum grau, sobreviventes dela. O fato de estar de um lado ou do outro não significa de modo algum que se esteja de fora do campo ou impedido de jogar, longe disso. (Mbembe, 2020, p.135)

O movimento de J., esse episódio notório de “loucura miniaturizada” pode ser compreendido, portanto, como uma maneira de reivindicar um lugar que lhe possa ser próprio, de desabitatar uma zona de não-ser: “O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano.” (Fanon, 1952/2008, p. 27).

Considerações finais

No presente artigo, buscamos apresentar a dimensão clínico-política da relação entre o discurso capitalista, reiterado pelo discurso colonial no sul global e a condição traumática a partir da política de segurança pública brasileira. Desde Fanon, em sua atuação como psiquiatra na guerra de libertação nacional da Argélia, encontramos manifesto o elemento do traumático no cerne do contexto de dominação colonial, e compreendemos que as semelhanças entre os casos apresentados por Fanon e os nossos não são elementos triviais, uma vez que nos mostram com clareza o traço de algo inassimilável que persiste na subjetividade do sujeito colonizado como efeito de uma repetição. Especialmente no caso brasileiro, a história também não cessa de se repetir: do período da colônia ao império e à ditadura civil-militar-empresarial, bem como, na atualidade, diante da brutal violência armada de Estado em meio a uma gestão criminosa

da pandemia do COVID-19 por aqueles que seguem saudando torturadores e desdenhando do direito ao luto por familiares desaparecidos no regime militar, ou pelos atingidos pela letalidade policial. Como vimos, segundo o GENI- UFF as chacinas não colaboram para a segurança. Esta repetição, portanto, não é fundamentada em razão, por isso mesmo responde ao gozo, gozo próprio ao discurso colonial, como vimos, vigente até os dias atuais na política de segurança pública neoliberal.

Assim, desde a realidade de um Estado que é especialista em matar, silenciar e ocultar, não recuamos diante das dificuldades de sustentar um dispositivo clínico-político que se proponha a interromper o processo de despersonalização ao qual o neocolonialismo e o neoliberalismo submetem os sujeitos: "[...] o colonialismo não fez senão despersonalizar o colonizado. Essa despersonalização é sentida também no plano coletivo, ao nível das estruturas sociais." (Fanon, 1961/1968, p. 254).

De fato, compreendemos que mesmo a oferta de atendimentos individuais na clínica do NUPP-UFF não deixa de produzir efeitos de coletivização, uma vez que é ao lado dos movimentos sociais e de suas lutas que nos apresentamos e assim permanecemos. Advertidos de que era preciso adentrar na dimensão da disputa de um projeto societário diverso daquele que representa a atualização da guerra colonial em nosso país, fomos ao encontro de movimentos sociais e de luta popular, como a Federação das Associação de Favelas do Rio de Janeiro (FAFERJ), o Movimento Negro Unificado, o Movimento Parem de Nos Matar, o Quilombo Raça e Classe, as Mulheres do Salgueiro, Coletivo de Educação Popular e pré- vestibulares, fomos também à FIOCRUZ junto ao Favela Viva em parceria com a Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foram organizados sete (07) grupos de trabalhos (GTs) a partir das demandas dos movimentos sociais e, em meados de 2018, foi endereçado à coordenadora deste projeto um convite do Ouvidor Geral da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, à época Pedro Strozenberg, para participar do “Circuito de Favelas por Direitos”, que realizavam em alguns dos territórios mais conflagradas pela violência policial no Rio de Janeiro, segundo o Observatório de Segurança Pública CESeC – convite logo estendido ao movimento dos Psicanalistas Unidos pela Democracia, que nos acompanhou por mais de um ano. Relatamos este marco no dossiê do Ministério Público Federal: Violência de Estado (Costa-Moura; Gomes, 2021) que avalia e monitora o controle externo da polícia pelo Estado onde centramos a discussão no tocante à Justiça de Transição e à herança da violência pretérita mais recente, do período da ditadura civil-militar (1964-1985).

Deste encontro, recebemos demandas de atendimento, e percebemos a extensão dos graves efeitos sobre a saúde mental da população das localidades que visitamos, muitas vezes logo após as chacinas policiais. Muito naturalmente então, a partir de nossa trajetória na interface da psicanálise com o direito, sabíamos que, no Rio ao menos, a Defensoria Pública segue os princípios de uma Defensoria interdisciplinar convergindo para a ideia da intersectorialidade como elemento que compõe a assistência jurídica, tal os estudos de Renan Sotto Mayor de Oliveira (2019). Foi assim que iniciamos conversas com o Defensor geral, Rodrigo Pacheco e a equipe da Comissão de Direitos Humanos na Defensoria, assim como com a Ouvidoria da Defensoria, em especial Guilherme Pimentel, Ouvidor geral, com a finalidade de criarmos um dispositivo inovador a partir de uma cooperação com a UFF. Fizemos uma série de rodadas de conversa, com muita receptividade a nossa proposta, e aos poucos a equipe jurídica e psicossocial da Ouvidoria/DPERJ puderam nos ajudar a convergir esforços com clínicas pioneiras como o Núcleo de Atenção Psicossocial a Afetados pela Violência Armada de Estado (NAPAVE), entre outras também muito ativas e contando já, como nós também, com parcerias informais com a Ouvidoria, no mesmo tipo de atendimento em uma gama ampla de territórios atingidos. Foi então que conseguimos nos organizar como uma potente rede de 10 clínicas como a nossa junto à Defensoria. Em 14 de setembro de 2022, a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro lançou – de modo presencial e pelo canal institucional no Youtube – a Rede de Atenção a Afetados pela Violência de Estado – RAAVE/ DPERJ, composta e gerida por membros da própria DPERJ, por membros de Movimentos de Mães e Familiares de Vítimas de Violência de Estado, e de grupos de psicologia e psicanálise que já atuavam com pessoas psiquicamente atingidas por esta grave violação de direitos humanos, grupos ligados à Universidades, ou inseridos em ONGs e Sociedade Civil Organizada de renome e reconhecimento público. Através da rede, a Defensoria está encaminhando as vítimas, então, para uma das instituições parceiras, para receber atendimento psicológico ou psicanalítico especializado. Guilherme Pimentel, Ouvidor-geral da DPERJ, esclareceu muito bem no lançamento da Rede que a RAAVE/ DPERJ visa ajudar a suprir a grave carência do serviço público por reparação psíquica para as vítimas de violência estatal, não para substituí-la mas para ser parte do trabalho de construção de uma política pública de atendimento, com diretrizes e experiência dessa articulação oriunda das mães e familiares, sobretudo, com nossas clínicas e pesquisas, para as pessoas afetadas pela violência estatal. Hoje sabemos que

ainda estamos longe de extrair o alcance das consequências que esta inovação aportará ao campo, mas estamos avançando também na escuta coletiva dos familiares e vítimas, além de construindo um trabalho não só somatório das clínicas mas algo de um funcionamento comum também. No momento, inclusive, iniciamos um projeto de expansão da rede RAAVE com fomento por 21 meses do Ministério da Justiça e com (100) cem mães cujos filhos foram vítimas da violência letal de Estado, e que agora, atuam como pesquisadoras da UFF e da UFRJ, e como agentes de Direitos Humanos em seus territórios, auxiliando, por sua vez, novas mães que entraram nesta mesma condição mais recentemente e são atendidas pelas (12) doze clínicas da mesma Rede.

Quanto ao manejo transferencial, nossa parceria com órgão da justiça pode, por vezes, nos trazer desafios, uma vez que ela também é uma instituição que compõe o Estado e, portanto, suscita o temor e a desconfiança de parte da população moradora de favela afetada diretamente pela violência armada de Estado. No entanto, se ainda assim sustentamos a pertinência dessa parceria é porque compreendemos que há uma virtude simbólica não negligenciável na DPERJ, que tem realizado um importante papel na acolhida das vítimas, a qual podemos observar e colher os efeitos. Após o contato com a Ouvidoria da DPERJ, ainda no próprio território por vezes devastado, muitas pessoas nos chegam com alguma clareza de que padecem de algo que não deveria de fato ter ocorrido da forma que ocorreu, e que houve, sim, algo do qual foram vítimas a despeito de toda negação social. Encontraram uma via possível de recobrimento de parte, ao menos, de seu *estatuto político* – estatuto este cuja subtração vem a ser uma das principais características da escravização, para Mbembe (2018). Para a filósofa Marcia Tiburi, tal subtração, presente no processo de invasão, extração de riquezas e colonização latinoamericana tem efeitos no nível da matriz subjetiva da colonização como incapacidade de reconhecer o semelhante no outro, produzindo assim um cancelamento do outro como sujeito de direitos (Tiburi, 2021, p.128). É assim que ao resgatar uma parte do estatuto político das pessoas que nos encaminham - através das ações de defesa judiciária frente ao Estado, o tratamento no NUPP-UFF / RAAVE se beneficia, pois fazendo parte da Cidade é que poderão falar. Foi assim desde a Grécia antiga e, de alguma forma ainda o é – tal víncluo entre a política, a ágora, a cidadania e o uso da palavra. Quando então poder- se-á estabelecer-se ama via para a transferência.

É preciso dizer que esse trabalho guarda uma relação com a Defensoria de cooperação, indicação, recursos mútuos quando necessário, mas não se confundem, e

guardam ainda éticas e missões distintas. Porém, além de ajudar, e muito, nesta indicação e orientação para consultas em ambos os serviços como uma via de mão dupla, também revela uma virtude simbólica não negligenciável. Pelo excelente trabalho da DPERJ a população já conhece hoje este órgão de defesa da população hipossuficiente, de forma que as pessoas já nos chegam com o registro simbólico advindo da própria acolhida para a defesa da DPERJ como tendo sido concreta e irrefutavelmente vítima. Não precisamos sermos situados de saída em uma incômoda incógnita quanto a nossa posição frente ao desmentido social, portanto. Podemos caminhar daí em diante, ou seja no campo social em ações políticas ampliadas, e no tratamento coletivo ou singular colhendo as incidências singulares deste trauma coletivo, levando em conta as etiologias políticas dos determinantes patógenos, bem como as respostas inconscientes ao horror. Mas não só, evidentemente. Temos colhido muita experiência, inteligência, invenções, articulações, políticas, ensinamentos como pesquisadoras que tais mães são, no sentido dos campos da saúde pública, da justiça, e de sua função no campo da saúde mental, e social. Direções extraídas de suas narrativas memorialísticas, e do trabalho há muito pouco iniciamos com a Arte visando sua transmissão de volta à Cidade. Intentamos construir este relato ao cabo da pesquisa com o financiamento do Ministério da Justiça.

Como reitera Andréa Guerra: “Nem sempre o colonizado sucumbe [...]. Ainda que a violência colonial seja intensa, sistêmica e continuada, há sempre um colonizado, um coletivo, um movimento social, uma greve que rompe com o circuito escravizante e mortífero do gozo colonizador de seu inconsciente” (Ibid, 2023 pp. 167-168). Segundo a autora, o discurso colonial falha porque entra em disputa com outras lógicas veiculadas no social que não são um elogio à dominação/exploração, e é nessa falha que o sujeito aparece como desejante para além de sua condição objetalizada, à mercê do gozo de um mestre colonizador não- localizável, mas que estende sua tirania por toda a parte.

Assim, fazemos também aquilo que nos parecia nossa própria sobrevida em tempos de uma democracia colapsada: partindo de nosso contato com os movimentos sociais e com invenção desta parceria com a Defensoria, apostamos num dispositivo clínico-político orientado pela psicanálise como uma ferramenta capaz de subverter algo dos estragos, relançar a palavra e o laço-social, inclusive exigindo para tal um redirecionamento de nossa própria práxis.

Referências

- BALLESTRIN, L. (2013) América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, (11), 89-117. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.
- CIDH (2021). **Situação dos Direitos Humanos no Brasil**. Doc. OEA/Ser.L/V/II. Doc.9/21, 2021.
- COSTA-MOURA, R; GOMES, G.R.H. Sobre o controle externo da atividade policial/militar pela DPERJ em conjunto com profissionais da área da saúde mental. In: 7^a Câmara MPF (Org.). **Violência de Estado: Controle Externo da Atividade Policial, Sistema de Justiça**. Brasília: Ed. MPF, 2021, v. 1, p. 82-101.
- DARDOT, P. & LAVAL, C. (2016) **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo.
- DUNKER, C. (2018). Crítica da razão diagnóstica. Por uma psicopatologia não-toda. In: Safatle, V., Junior, N. S. & Dunker, C. (Org.). **Patologias do social, Arqueologias do sofrimento psíquico**. (1^a ed., pp. 317-351) . Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- FANON, F. (1968). **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.
- FANON, F. (2008). **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA. (Original 1952).
- FÓRUM JUSTIÇA. (2023). **Quem Controla a Polícia do RJ**. <https://forumjustica.com.br/conhecimento/letalide-policial-no-rio-de-janeiro-e-respostas-do-ministerio-publico/>
- FREUD, S. & BREUER, J. (2016). **Estudos sobre a histeria**. In: Freud, S. Estudos sobre a histeria (1893-1895). Trad. Laura Barreto, São Paulo: Cia das Letras.
- FREUD, S. (2010). **Além do princípio do prazer**. In: Freud, S. História de uma Neurose Infantil (O Homem dos Lobos), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920) Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, v. 14 (Trabalho original, 1920).
- GRUPO DE ESTUDOS DOS NOVOS ILEGALISMOS. (2023). **Relatório de Pesquisa: Estatização das mortes, mega chacinas policiais e impunidade**. Disponível em: geni.uff.br.
- GOMES, G. R. H.; BONFIGLI, F.; COSTA-MOURA, R. Racismo Estrutural e Discurso, uma análise da ADPF das Favelas: In: Raphael Boldt e Elda Coelho de Azevedo

- Bussinguer. (Org.). **Direitos Fundamentais e Segurança Pública**. Vitória: Dialética, 2024, v. 1, p. 93-113.
- GUERRA, A. (2021) **A psicanálise em eclipse decolonial**, São Paulo: Ed. n-1 + Psilacs.
- GUERRA, A. (2022). **Sujeito suposto suspeito**: a transferência psicanalítica no sul global. São Paulo: N-1 edições.
- KILOMBA, G. (2019). **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó.
- LACAN, J. (2009). **O Seminário, livro 01**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953 - 1954).
- LACAN, J. (2008). **O Seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1961).
- LACAN, J. **Le Séminaire, Livre 12** - Problèmes cruciaux pour la psychanalyse (1964-1965). s.d., 290 p. Recuperado em 24 de junho de 2020, de: <http://staferla.free.fr/S12/S12.htm>.
- LACAN, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: LACAN, J. **Outros escritos** (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original 1967).
- LACAN, J. (1972). Do Discurso Psicanalítico. Conferência de Milão. Recuperado <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psych/psysem/italie.htm>.
- LACAN, J. (1966-1967). **Le Séminaire, livre 14**: La logique du fantasme. (inédito online).
- LACAN, J. (2007). **O Seminário, livro 23**: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho orig. 1975-76).
- LOPEDOTE, M. L. G., MAYORCA, D. S., NEGREIROS, D., GOMES, M. A., & TANCREDI, T. (Orgs.) (2018). **Corpos que sofrem**. São Paulo: Editora Elefante.
- MALDONADO-TORRES, N. (2007). Sobre la colonialidad del ser. In: Castro-Gómez, S. & GROSGOUEL, R. **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Ed.
- MBEMBE, A. (2018). **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção política da morte. São Paulo: N-1 edições.
- MBEMBE, A. (2020). A Farmácia de Fanon. In: MBEMBE, A. **Políticas da Inimizade** (1ª ed., pp.110-166). São Paulo, SP: n-1 edições.

- OLIVEIRA, R. V. S. M. **Defensoria pública na rua: limites e possibilidades de acesso à justiça à população em situação de rua**, UFF, dissertação de Mestrado em Sociologia do Direito, 2019.
- RIBEIRO, M. M. DA C. (2020). Como tratar o gozo racista. In: DANZIATO, L.J.B.; POLI, M.C.; COSTA-MOURA, F. (Orgs.) **Cisões e paradoxo na política brasileira: efeitos para o sujeito**. (1ª ed., pp.61-80). Curitiba: Appris.
- SOUZA, N. S. (1990). **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. (2ª ed). Rio de Janeiro, RJ: Editora Graal. (Original de 1983).
- TIBURI, M. (2021). **Complexo de Vira-lata: análise da humilhação brasileira**. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ABSTRACT

The article presents a theoretical discussion with clinical implications on trauma caused by state violence. Based on psychoanalysis, one understands that we are facing a traumatic reality inseparable from its contemporary political dimension. The discussion that is presented is part of the clinical-political work carried out at the Núcleo de Psicanálise e Política da Universidade Federal Fluminense with people affected by violations of elementary rights caused by State agents. The article reports certain difficulties in conducting the treatment, difficulties that led to significant inventions in the device, at the same time that they subverted and continue to subvert our own position in psychoanalysis. Highlighting then the political dimension of the real traumatic paradigmatic of a new discursivity in our time, we find the update of the colonial discourse acting as the truth of the neoliberal capitalist discourse. Faced with the unmasked racist enjoyment of the State, how to build and sustain a decolonial and therefore anti-racist clinic? From the serious psychic suffering that comes to us after extreme armed violence, which does not occur without effects on collective life, the text explores what may be the conditions for opening a clinical-political space in our days.

Keywords: Psychoanalysis. Politics. Trauma. State violence. Coloniality.

RESUMEN

El artículo presenta una discusión teórica y de implicaciones clínicas sobre el trauma por violencia de Estado a partir del psicoanálisis, comprendiendo que estamos frente a un real traumático inseparable de su dimensión política en el contemporáneo. La discusión que se presenta parte del trabajo clínico-político realizado en el Núcleo de Psicanálise e Política da Universidade Federal Fluminense con personas afectadas por violaciones de derechos fundamentales causados por agentes del Estado. Se relatan ciertas dificultades en la conducción del tratamiento que conllevaron invenciones significativas en el dispositivo, al mismo tiempo que siguen subvirtiéndolo nuestra propia posición en el psicoanálisis. Destacando entonces la dimensión política del real traumático paradigmático de una nueva discursividad en nuestro tiempo, encontramos la actualización del discurso colonial actuando como verdad del discurso capitalista neoliberal. Frente al desenmascarado goce racista del Estado, ¿cómo construir y sostener una clínica decolonial y por eso antirracista? A partir del grave sufrimiento psíquico que nos sobreviene tras la violencia armada extrema, que no ocurre sin efectos colectivos, el texto explora cuáles pueden ser las condiciones de apertura de un espacio clínico-político.

Palabras clave: Psicoanálisis. Política. Trauma. Violencia de Estado. Colonialidad.

RÉSUMÉ

L'article présente une discussion théorique basée sur la psychanalyse, ainsi que des implications cliniques sur le traumatisme causé par la violence d'État, en remarquant que nous sommes confrontés à une réalité traumatique indissociable de sa dimension politique dans le monde contemporain. La discussion présentée fait partie du travail clinico-politique réalisé au Centre de Psychanalyse et Politique de l'Université Fédérale Fluminense auprès de personnes touchées par des violations des droits élémentaires causées par des agents de l'État. On rapporte certaines difficultés dans la conduite du traitement qui ont conduit à des inventions significatives dans le domaine du dispositif, tout en continuant à réinventer notre propre position dans la psychanalyse. En soulignant ainsi la dimension politique du réel traumatique paradigmatique d'une nouvelle discursivité à notre époque, nous trouvons la mise à jour du discours colonial agissant comme la vérité du discours capitaliste néolibéral. Face à la jouissance raciste de l'État ainsi démasquée, comment construire et pérenniser une clinique décoloniale et donc antirraciste ? À partir des graves souffrances psychologiques qui arrivent après une violence armée extrême, ce qui ne se produit pas sans effets sur le collectif, le texte explore des conditions possibles pour ouvrir un espace clinico-politique.

Mots clés: Psychanalyse. Politique. Traumatisme. Violence d'État. Colonialité.

RENATA THEOPHILO DA COSTA-MOURA

Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF.
Pesquisadora do Laboratório Psicanálise e Laço-Social – LAPSO/ CNPq.
Coordenadora do Núcleo de Psicanálise e Política da UFF / NUPP-UFF.
Doutora em Psicanálise e Psicopatologia pela Université Denis-Diderot (2000).
costa_renata@id.uff.br
Orcid: 0000-0001-8591-7974

AMANDA ABIGAIL GARCIA DE MENDONÇA

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF.
Mestranda em Psicanálise e Políticas Públicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.
Formação psicanalítica Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.
Pesquisadora extensionista do Núcleo de Psicanálise e Política (NUPP-UFF).
amandaabigail@gmail.com
Orcid: 0009-0003-1508-5545

DOLORES CAROLINA MENEZES DA MOTTA

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF.
Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO.
Atuação profissional na Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ.
Pesquisadora extensionista do Núcleo de Psicanálise e Política (NUPP-UFF).
doloresmotta@gmail.com
Orcid: 0009-0006-9717-2715

FABRÍCIO MARTINS PINTO

Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (PPGP/UFF).
Pesquisador extensionista do Núcleo de Psicanálise e Política (NUPP-UFF).
fabricio.martinspinto@gmail.com
Orcid: 0000-0003-4379-4018

PAULA PEREIRA

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF.
Especializanda em Políticas Públicas pela FIOCRUZ, e em Psicanálise com crianças e adolescentes pelo Instituto ESPE.
Pesquisadora extensionista do Núcleo de Psicanálise e Política (NUPP-UFF).
pereira.paula.psi@gmail.com
Orcid: 0009-0000-1265-9097

Citação:

COSTA-MOURA, Renata Theophilo da; MENDONÇA, Amanda Abigail Garcia de; MOTTA, Dolores Carolina Menezes da; PINTO, Fabrício Martins; PEREIRA, Paula. Trauma, violência de Estado, colonialidade: elementos para uma clínica-política orientada pela psicanálise no contemporâneo. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 21.10.2024 / Aceito: 23.12.2024

* Trabalho realizado no Núcleo de Psicanálise e Política da Universidade Federal Fluminense (NUPP-UFF), cofundador da Rede de Atenção a Pessoas Afetadas pela Violência de Estado da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (Rede RAAVE – DPERJ).

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



Repetição e diferença na pulsão invocante: escutando Billie Holiday

Repetition and difference in the invocative drive: listening to Billie Holiday

Repetición y diferencia en la pulsión invocativa: escuchando a Billie Holiday

Répétition et différence dans la pulsion invocative : à l'écoute de Billie Holiday

PEDRO DE SOUZA

Neste artigo, pretendo, me guiar pela voz da cantora Billie Holiday e pontuar os índices do trajeto da pulsão invocante que a implica enquanto sujeito ao cantar. Para este fim, concentro o ouvido na performance de Billie Holiday enquanto interpreta a canção *My man*. Este é o evento no qual devo pontuar acusticamente a intensidade, o alongamento, a pausa, fatos de realização vocal a percorrer todo ato de enunciação. Considero estes elementos importantes a compor a dimensão prosódica de um ato de enunciação cantada ou falada. Proponho assim que, na enunciação cantada, existe um falar cuja musicalidade é o traço do significante habitando a palavra em suas variadas extensões. Parto da premissa lacaniana de que pela voz, ao mesmo tempo, escuta-se o sujeito, tomado como falta em ser, sendo chamado e se fazendo chamar no campo do Outro.

Palavras-chave: Pulsão invocante. Voz. Repetição. Enunciação. Sujeito.

Introdução

“Por que o homem não se contenta em falar, por que é preciso também que ele cante?” A partir desta pergunta, assim formulada por Alain Didier-Weill (1999, p. 9). gostaria de falar aqui da voz como pulsão invocante, ou vociferante, conforme a nomeou Lacan, localizando seu étimo na palavra. *invocare*, do latim, apelar, chamar. Isto se percebe em quaisquer emissões frasais conduzindo a escutar para além da unidade da letra. Aludo aos segmentos linguísticos mínimos sonoros que se aglutinam formando não só palavras e frases, mas a musicalidade como traço prosódico do significante habitando a palavra em suas variadas extensões.

Assim como o olhar, ensina Lacan, a voz é o objeto *a* de desejo. Por isso mesmo, a voz separada do corpo é irremediavelmente perdida. O primeiro grito que explode da garganta do infante – o que não fala – é pura voz. Em outros termos, pureza aqui tem o sentido de não pressupor demanda alguma. O que soa no grito é só manifestação de incômodo, cabe ao Outro, expresso pela atitude da mãe, atribuir sentido a esse grito.

Atento assim, auditivamente, para o modo com que, no trajeto da pulsão invocante, escuta-se uma voz, ao mesmo tempo sendo chamada e se fazendo chamar. Ressalto então na enunciação vocal a musicalidade como traço prosódico ou entoativo do significante habitando a palavra em suas variadas extensões, inclusive na rasura da voz que quebra o encontro entre a palavra e o a dizer. Daí o ato de escutar, em sua acepção psicanalítica, conduz o ouvido ao a mais do traço vocal em que o falante ou cantante se encontra confrontado ao que é determinado a ser, na maneira alienante que o constitui como sujeito no campo do Outro. Este um lugar diverso onde surge o sujeito clivado e tocado pelo significante. Lacan o define assim:

O Outro não é simplesmente o outro que está ali, mas literalmente o lugar da palavra. Existe, já estruturado na relação falante, este mais-além, este grande outro para além do outro que vocês apreendem imaginariamente, este Outro suposto que é o sujeito como tal, o sujeito em que a fala de vocês se constitui, porque ele pode não somente acolhê-la, percebê-la, mas também responder a ela. (Lacan, 1995, p. 80).

Sobre a escuta atenta do que se passa na e pela fala, não digo da sintonia, na frequência prosódica, a fim de apreender conteúdos interpretáveis na voz daquele que canta ou fala. O que importa é a musicalidade constitutiva do sujeito que atravessa a

língua materializada em significantes singulares, estes que chegam à orelha ou à percepção auditiva. Em outros termos, diria que isto é que faz com que ao executar vocalmente uma composição, aquele ou aquela que canta o faz escutando o dizer musicado numa outra voz. Por isso mesmo, a propósito de como o cantante pode reinventar a emissão das frases melódicas de uma canção, digo com Adriana Cavarero, inspirada por Roland Barthes, que “[...] o registro pulsional do corpóreo, do qual a voz é expressão, torna-a crucialmente idônea para subverter a ordem da linguagem e, portanto, da política” (Cavarero, 2011. p. 230-231).

Como não tenho ainda casos da clínica, devo me implicar aqui como analista em formação inicial. É este lugar que a pulsão invocante me toca como problema do sujeito. Assim, para esta apresentação, vou me guiar pela voz que escuto nas canções interpretadas por Billie Holiday. Pretendo, a partir do que percebo na intensidade emocional ao escutar seus discos, pontuar aí acusticamente a intensidade, o alongamento, a pausa, fatos de realização vocal a percorrer todo ato de enunciação. Isto porque considero estes elementos importantes a compor a dimensão prosódica de um ato de enunciação cantada ou falada

Para tanto, há que se adotar um procedimento de escuta. que consiste em sintonizar os ouvidos no modo com que a duração é um componente do ritmo da cadeia falada no interior da qual se juntam duas séries de sonoridade articulando palavra expressa através do canto. Trata-se da maneira de distinguir, no som emitido, os que resultam em palavras ou segmentos de palavras dos que produzem efeitos sonoros que se acrescentam ao segmento linguístico emitido. Os linguistas falam, neste caso, das unidades de nível morfológico e prosódico, respectivamente: as segmentais e as suprasegmentais. Estas últimas são objeto de estudo da Prosódia, parte da Linguística especializada no estudo do modo de emitir o som linguístico.

Nesses termos, recorro à prosódia para delimitar o nível suprasegmental do enunciado imbricado entre dois níveis advindos do ato enunciativo: o da língua falada e a da língua cantada. Trata-se bem da apropriação de signos expressivos. Estes são, de um lado, os que, em teoria linguística, se define como unidades que se aglutinam formando palavras ou frases. Mas, por outro lado, a estes signos expressivos juntam-se os de natureza propriamente musical, isto é, as unidades categorizadas como tons, ritmo harmonia. Todos esses elementos, de natureza verbal ou musical, têm como fonte uma

linguagem, a mesma de que serve, desde muito cedo, o falante para expressar paixões e desejos.

Mediante tal procedimento, neste trabalho, pretendo ressaltar, na voz de Billie Holiday, essa musicalidade perfazendo uma forma do discurso amoroso, este que, segundo Roland Barthes (2007) – relegado à solidão das falas menores –, só pode advir de fragmentos cênicos e singulares do ato de tomar a palavra. De que maneira a cantora, enquanto canta, colocaria em cena o sujeito de um suposto saber, tal como proposto pela psicanálise, nos meandros incontornáveis do processo inconsciente a que não se tem imediatamente acesso?

Quero me deixar levar pelo pressuposto analítico de que, nas circunstâncias do canto de uma mulher, vem uma voz falar das séries de amores difíceis que a produzem como sujeito no instante em que canta. Disso se compõe a beleza vocal de tudo o que performatiza Billie Holiday, na intermitência com que sua voz sopra a nota de cada sílaba num fraseado musical.

Além do que se pode observar na articulação entre letra e melodia das centenas de canções interpretadas por ela, chamo atenção para o jogo da repetição e da diferença que se produz em cada ato de enunciação das mesmas palavras imbricadas em sons de natureza linguística e musical. Mas não falo aqui de repetição como apenas o ato de reproduzir o mesmo. A repetição a que me refiro trata-se daquele cujo traço diferencial coloca em cena o retorno do objeto impossível, aqui, inconscientemente, dramatizado como a cena outra da experiência amorosa. Aludo aqui ao fato da repetição aliada à transferência como dois dos conceitos fundamentais que Lacan expõe no Seminário Livro 11 (1985).

Da repetição como diferença

É possível definir a repetição combinada com a atuação vocal que se acha no centro de cada enunciação de Billie Holiday enquanto canta *My man*. Reporto-me ao fato de não só a cantora repetir em inúmeras gravações e apresentações esta mesma canção, mas precisamente ao fato do que se repete nos meandros da maneira de narrar sua história a cada vez que interpreta a canção em destaque. Não é dos fatos vividos que se trata, mas de como se implica neles. Daí, a arte de cantar se conjuga com a enunciação do sujeito que aí se mostra na medida em que Billie torna possível algo impensado pelo compositor

e inventa para si um modo de dizer do sujeito implicado no amor de que fala repetidas vezes, nesta e em outras baladas jazzísticas.

Por certo a repetição é uma força que faz a voz reproduzir a mesma melodia, tal como composta; mas de tanto se repetir, a música fica suscetível de tornar-se diversa, não do que é, na sua forma original de composição, sim do que vem a ser no momento em que os primeiros acordes tornam possível a singularidade do sujeito a vir à tona. Exemplo disso é o tom irônico com que ela emite frases melódicas cantando *My man* na apresentação de 6 de julho de 1957, no Freebodypark, em Newport. Acompanhada por três músicos, após uma breve introdução do piano, Billie entra vagarosamente com sua voz, abrindo tempo para o dizer numa entoação suave, indicando o semblante da posição resignada do sujeito amoroso. É materialidade da voz que, aí fica nuançada, não as palavras emitidas.

Ainda que esquematicamente, me apoio na ideia da articulação da transferência e da repetição, no ponto em que se intersecciona com a emergência do objeto ou vestígio da coisa perdida. Este vestígio faz emergir a transferência ao analista, permitindo que a repetição realize o seu trabalho, através do qual aquilo que não cessa de retornar não é o objeto perdido, mas a atmosfera do impossível ou do jamais ser encontrado. A propósito deste ponto, Carlos Lannes, (2012) bem elucida: “Lacan afirma que não há nenhum encontro deliberado com um objeto, apenas um reencontro com um objeto. Usando o texto freudiano como ponto de partida, ele aponta que o objeto pode ser visto como sempre, desde sempre, já perdido”.¹

Falo, então, da repetição cujo traço diferencial é pôr em cena o que em psicanálise, é dito o retorno do objeto impossível ou o objeto *a*, como coisa que nunca existiu. Trata-se do vestígio da coisa perdida, agindo de modo a fazer emergir a transferência ao analista, nesses termos, aquilo que não cessa de retornar não é o objeto perdido, mas a atmosfera vivida do impossível.

A experiência amorosa, na instância discursiva da queixa, no quadro do que exponho agora, funciona como uma circunstância contingente em que tal repetição atua no sujeito. Enfim, só me interessa tomar um evento singular de escuta para nele buscar ver e compreender como a voz nos remete a um funcionamento crucial da constituição do sujeito.

¹ Conferência proferida na mesa-redonda realizada no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro em 14/04/2012, com o título “Objeto Perdido para Sempre” (Cadernos de psicanálise, v. 34, n. 26, Rio de Janeiro, jun/2012).

A voz soando no vazio do Outro

Como anunciei antes, o conceito com o qual devo operar é o da voz como pulsão invocante. No Seminário 10, Lacan afirma que é na forma vocal que advém tudo o que o sujeito recebe do Outro. Uma relação mais que acidental, diz ele, liga a linguagem a uma sonoridade. No entendimento lacaniano, a voz é o que ressoa “num vazio espacial qualquer”. Este vazio é o vazio do Outro, o *ex-nilo*, soando nas mínimas. emissões linguísticas que é mais que função de contato: “a voz, diz Lacan (1962-1963, 2005 p. 300), responde ao que é dito, mas não pode responder por isso”. Daí ser preciso incorporar a voz como alteridade a fim de que responda².

A constituição deste vazio é marca da estrutura do Outro. Trata-se de certo vazio correspondendo à sua falta de garantia. Tem-se a verdade do sujeito entrando no mundo, com o significante. A voz é algo que se experimenta refletida em seus ecos no real. Ressoa não modulada, mas articulada como que “distinta das sonoridades”. No entender de Lacan, a voz é um imperativo a que se deve convincentemente obedecer, e se situa em relação à fala. Em síntese, a voz do Outro está no fundo de tudo o que se diz, a condição de possibilidade de tudo dizer.

Entretanto não é o caso de atribuir interpretação à voz de Billie Holiday enquanto canta. O caso é de marcar na voz o que permanece como vestígio do que dura nela como *infans*, mesmo sem mais ser um bebê. Penso escutar em seu canto o traço do significante que pode ou não remeter a outro significante, operando pela voz o registro do que não cessa de se inscrever no processo de subjetivação que se dá pela linguagem. Por isso, remetendo ao campo do Outro, o somido vocal pode ser o signo da dor e do gozo da cantora trazendo o sujeito enquanto experimenta amores difíceis.

O que se oferece a este sujeito implicado na cantora Billie Holiday é a escuta da voz que aí se põe como destinatário, este a quem se dirige essa voz, a saber, o Outro. Em seu estatuto de objeto, vindo do Outro, só remete ao que não pode ser dito, ou seja, ao resta de não audível nas palavras emitidas.

² “Se a voz, no sentido em que a entendemos, tem alguma importância, não é por ressoar num vazio espacial qualquer. A mais simples imissão da voz no que é linguisticamente chamado de sua função fática - que alguns acreditam estar no nível da simples tomada de contato, embora se trate de algo bem diferente - ressoa num vazio que é o vazio do Outro como tal, o ex nihilo propriamente dito. A voz responde ao que é dito, mas não pode responder por isso. Em outras palavras, para que ela responda, devemos incorporar a voz como a alteridade do que é dito.” (Lacan, 2005, p. 300).

A escuta

Escolho particularmente uma das várias interpretações que Billie Holiday realizou para *My man*, a canção de Jacques Charles e Maurice Yvain. Nesta que seria uma das mais repetidas por ela, Billie brinca não só com a voz e a interpretação, mas com os efeitos que tira disso, construindo a si mesma como sujeito das experiências amorosas que faz repetir no momento em que interpreta uma canção. A verdade de si, alocada em suas histórias de paixão, resulta do entregar-se à singular articulação vocal no instante da enunciação cantada. Importante salientar que, o texto da canção estrutura-se como um diálogo onde a voz da narradora de si dirige-se a um destinatário qualquer, em atos encadeados de enunciação em que o amante só é enunciado em terceira pessoa. Com esta estrutura enunciativa, a canção constitui uma cena em que uma amante fala a outro do amor que sente pelo amado. É este outro, destinatário do discurso amoroso da canção, que tomo como posição daquele que escuta, destrinchando analiticamente o som vocal que lhe chega.

Nesta perspectiva, conforme mostro mais adiante, trata-se de, no canto, prestar atenção na materialidade da voz e menos nas palavras proferidas. Então, da voz desta cantora, me vem à escuta, em registros de gravações diversas, o que se atualiza acerca do sujeito lançado às vicissitudes de sua falta em ser. Por isso mesmo, a escuta de que se trata aqui, se não dispensa, coloca em segundo plano o sentido das palavras para fazer valer a atmosfera subjetiva presentificada no significante materializado na voz que Billie Holiday invoca ao cantar *My man*.

Começo por descrever a percepção da performance vocal de Billie Holiday a se converter em atmosfera subjetivante ou do advir do sujeito que a voz da cantora propicia. A plasticidade sonora de sua interpretação pode ser cenicamente decomposta nas pausas e alongamentos vocálicos. Isto é o que se apreende na emissão da primeira frase melódica. A voz de Billie é impulsionada de modo a distribuir pausas, intensidade e lacunas entre segmentos fonéticos e suprasegmentos prosódicos. O efeito desta performance é o da produção de uma subjetividade sempre em movimento. Isto acontece às expensas do resto do clima emotivo no interior do qual persiste a vivência do objeto perdido. Tudo graças ao que pode a voz como pulsão invocante.

Escutemos, nestes versos iniciais da canção *My man*, o ponto intensivo da presentificação do sujeito que pulsa na voz da cantante

[It]- [cost]- (piano) me a lot (pausa),
But there's one thing (pausa) that I've got (pausa),
it's my [man]-.
it's my [man]-

Percebe-se, na cadeia da fala cantada, pontos de descontinuidades tais como pausas longas e breves, intensidades e duração, e também a interferência de sons outros que, no canto, atuam ao lado da voz articulada, quase que ao modo de um *backing vocal*, só que não estendendo ritmos, notas ou tons. São antes corpos sonoros que atuam no vozeado, mas estranho ao que se teria como constituinte da palavra falada ou cantada.

Daí, das palavras efetivamente cantadas, o que resta é a voz enquanto objeto *a*. Nesta posição, nada de sentido vem da voz ou do que quer que se pressuponha sendo falado. Esta vagueza de significação tem lugar, por exemplo, na emissão rouquenha e rasante da voz de Billie Holiday que a aproximava seu timbre ao de Louis Armstrong.

Nesta maneira de vozear não existe espaço para um dizer sustentado por encadeamentos frasais que insinuariam efeitos de sentido. Ainda que enunciados como “*That I got*” sejam linguisticamente identificáveis, pode se supor, nos interstícios sonoros não linguísticos da cadeia vocalmente enunciada, uma esquisita sonoridade aparecendo como manifestação surda do que na voz se imiscui como objeto *a*. Vale aduzir aí algo do acontecer do sujeito do inconsciente sustentado pela pulsão invocante, ou do como responde o sujeito ao chamado vindo do campo do Outro.

Há, entretanto, um espaço entre as possibilidades prosódicas – alternativas de unidades situadas entre a fala e o canto de que dispõe o sujeito – para proferir o texto e expressar os traços ditos pulsionais, digo pulsionais no sentido do estímulo interno ao sujeito, conforme define Freud³. Nestes termos é que digo que a cantora se implica como sujeito na interface entre língua e inconsciente. A compressão corporal de sua voz no

³ “O estímulo pulsional não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo. Por isso, ele atua de modo diferente sobre o anímico e requer outras ações para sua eliminação. Além disso, toda a essência do estímulo está na suposição de que ele atua como um impacto único, podendo, então, ser também neutralizado através de uma única ação adequada, cujo modelo estaria na fuga motora em face da fonte estimuladora. Certamente, esses impactos podem se repetir e se somar, mas isso em nada altera a concepção do processo e as condições para a suspensão do estímulo. A pulsão, por sua vez, jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela. Uma denominação melhor para o estímulo pulsional seria ‘necessidade’, e para o que suspende essa necessidade, ‘satisfação’. Ela pode ser alcançada somente através de uma modificação adequada da fonte interna de estímulos” (Freud, 2014, p. 30).

ponto em que emite a frase *It cost me a lot* aponta nela os traços físicos da voz correspondendo aos traços pulsionais do sujeito no qual ela se implica.

Algo do silêncio, diria Lacan, vem desta voz pontualmente marcada na emissão desse fraseado musical: “o silêncio toma todo o seu valor desilêncio, não é simplesmente negativo, mas vale como além da palavra” (Lacan 1998/1954, p. 322). Com Eni Orlandi, refiro-me ao silêncio não como ressonância não sonora, mas como sonoridade operada no vazio. Neste sentido, diz Orlandi: Orlandi “o silêncio é o real do discurso” (1997, p. 89).

Destaco na sequência de alterações acentuadas da vogal “ó” no interior de uma mesma frase o ataque vocal recaindo sobre a sílaba final na última palavra do segundo verso/got/: “But there's one thing that I've got”. Isto só acontece mediante uma breve pausa silenciosa, em que por um átimo de tempo lógico sintaticamente, o objeto do verbo fica suspenso. Após a pausa ela diz: *It's my man*. O que ressalta na escuta é o tensionamento gutural aí ressoado, de modo quase asfíxiante, conduzindo paradoxalmente ao vazio do objeto.

Proponho que o acento recaindo neste ponto do grupo acentuado aqui referido faz perceber uma escala intervalar em que a distância entre uma emissão silábica e outra, no ponto da curva ascendente da cadeia enunciativa, revela enfim ao final do verso o traço da intensidade que implica o sujeito. É no percurso da enunciação vocalmente proferida que o silêncio se marca sonoramente.

O que se repete ao dizer que se tem o que não se tem? Enquanto possibilidade de escuta, já que o canto prossegue entoando lamento do sujeito que se diz cantando, podemos ouvir nos versos que se seguem a este último que destaquei, a maneira como a cadeia de enunciações frasais, repetem a continuidade do vazio do Outro. O dizer, na canção, indica a voz como este silêncio que, na sucessão dos significantes constitutivos do sujeito do desejo, não pode pôr fim ao movimento incessante da pulsão invocante. Isto porque sendo silêncio, reitero, a voz está submetida ao vazio do Outro: “What can I do”.

Neste ponto, sob a forma da falta ou do vazio, a dominância e a pertença vocal vêm do Outro. É dizer que o significante musicalmente constituído, no interior de uma linguagem – dita do gênero jazz –, contém traços não só de encadeamento e entonação, mas sobretudo de improviso como parte de um significante remetido a outro na instância da fala que se realiza pelo canto. Nisto consiste uma estruturação musical da ordem dos arranjos urdidos internamente a uma linguagem que pressupõe o sujeito em falta para se realizar.

No caso das palavras proferidas em sua sequência melódica, a pausa indica um ato de segmentação sonora que sucede à emissão de cada uma delas. Contudo o mesmo não se observa, se tomamos isoladamente *lot* e *got*, emitidas com uma acentuação tônica de ataque vocal forte e perfazendo o ápice silábico onde se situa a rima. Aludo aqui à intensidade, ou seja, à força expiratória que a voz de Billie emprega para realizar sílaba tônica em cada um desses itens lexicais: l^ot / g^ot.

Há aí uma voz exibida em sua deformação sonora ou quase estrangulada. Em síntese, quero fazer constatar algo como o que se passa entre o corpo físico e corpo pulsional. É quando no tropeço vocal se pode escutar a presença do desejo no sujeito, o que está submetido à voz do Outro, em sua propriedade de pulsão invocante ressoando no ato de cantar.

Na performance vocal referida ao significante *custo* – *It cost. me a lot* – não estaria a cantora pondo em ato na voz o vazio da demanda de amor de que se trata em seu canto? Em outras palavras, a outra cena desta fala diz do custo da enunciação que só põe em relevo o a dura exposição de si lá onde não se encontra no embate inconsciente com o objeto *a*. Aí a voz ecoa ligada à linguagem, mas sem se reduzir ao órgão que a instrumenta em ressonância, nem a uma sonoridade qualquer empiricamente perceptível. Alguma coisa ressoa no limiar do não sonoro. A força acentual empregada na cadeia das sílabas “ó” das palavras *cost*, *lot* e *got* faz escapar um resto que transita ao longo do dizer afetado pelo desejo no campo do Outro.

Destaco, na sequência de aliterações acentuadas da vogal ó, no interior de uma mesma frase, um ataque vocal brusco recaindo precisamente sobre a sílaba final na última palavra do segundo verso /*got*/ - *But there's one thing that I've got*. Isto só acontece mediante uma breve pausa silenciosa, em que por um átimo de tempo, sintaticamente, o complemento do verbo fica suspenso. Após outra curta pausa, ela diz cantando: *It's my man*. Neste ponto, incide sobre a sílaba *it*, um ataque mais suave, dando conta de um prolongamento mais ralentado funcionando o realce enunciativo sobre o objeto descrito pelo sujeito.

Proponho que a tônica recaindo neste ponto do segmento frasal, aqui destacado, faz perceber uma escala intervalar em que a distância entre uma emissão silábica e outra, no ponto da curva ascendente da cadeia enunciativa, revela, enfim, no fechamento do verso, o traço da intensidade pulsional que opera no e pelo sujeito.

O que se repete ao dizer que se tem o que não se tem? A este propósito, recorro novamente, conforme referi antes, a Lacan quando sugere que a voz responde a isso que se diz, mas ela não pode responder. Em outros termos, para que ela responda, devemos incorporar a voz como alteridade disso que se diz". Enquanto possibilidade de escuta, já que o canto prossegue entoando o lamento do sujeito que se diz cantando, podemos ouvir nos versos que se seguem a este último que destaquei, a maneira como a cadeia de enunciações frasais, perfazendo a continuidade enunciante do dizer na canção, indica a voz como este silêncio que, na sucessão dos significantes constitutivos do sujeito do desejo, não pode pôr fim ao movimento incessante da pulsão invocante. Isto porque, sendo silêncio, a voz está submetida ao vazio do Outro: "*What can I do*".

Vale lembrar a gravação que ficou registrada no disco *Lady in Satin*. Billie entra no estúdio para aquela que seria sua última cena de colocação de voz em disco. Ela conta com muito pouco que já teve de sua potência vocal. A cantora estava com a voz bastante prejudicada pelo uso excessivo de álcool, cigarro e drogas pesadas. Seu timbre perdera o traço de metal cintilante que a caracterizou como cantora desde a juventude. Mas, nesta gravação que a levou ao ápice de sua carreira de intérprete, a intensidade pulsional domina paradoxalmente seu corpo, ainda que a voz soe aos estilhaços em certas passagens melódicas.

Em várias das faixas deste disco, a cantora se apropria da letra e da melodia qual cada nota fosse o componente de um aparelho musical de enunciação que a torna o sujeito que conta sua própria história na canção. É nesta precariedade vocal que se percebe que, junto ao tom e à entonação, os sons mesmo da voz podem ser apreendidos como significantes de uma estrutura pulsional. Considero aqui, mediante os sinais vocais, ao que afirmei antes como embate físico da voz contra a palavra que está em vias de proferir e que projeta o real de um corpo carnal enquanto este investe sobre a voz e marca sua distância física quanto à investitura e tensão da laringe que projeta no canto o sintoma que pode ser de cansaço, ou este que, pela voz, invade o sujeito em certo instante de seu cantar.

Uma certa força se passa entre corpo físico e corpo pulsional que aqui distingo respectivamente como corpo em carne e osso e corpo de linguagem, nos termos em que Helga Pinter (2001) descreve o corpo em cena no palco, aqui ressalto, citando a autora, que

A voz quer fazer um com o corpo em detrimento do texto articulado. De uma parte se manifesta contra o texto um corpo da voz pré-linguística, um corpo físico carnal no imaginário da voz. De outra parte, o corpo físico torna-se corpo de voz soprada ou roubada evocando a cisão do corpo e da linguagem. (Pinter, 2001, p. 174).

É quando no tropeço ou rasura vocal se pode escutar a presença das vicissitudes do desejo no sujeito. Trata-se, arrisco-me a supor, da presentificação do que fica entre alienação e transgressão. Isto porque, à revelia da ordem própria da língua, são até mesmo os sons da voz que funciona na ordem de uma estruturação pulsional.

Numa das últimas sessões de nossos seminários de formação na Escola Corpo freudiano, sessão Rio de Janeiro, novembro de 2023, Lúcia Perez nos transmitiu a dimensão singular da repetição quando esta, uma vez desvinculada da transferência, espantosamente salta para além da mera reprodução da norma. Oportuno associar a escuta da voz Billie Holiday no trecho em que soa escapando ao tom da queixa – “I don't know why I should. He isn't true. He beats me, too.” –, o que simbolicamente não caberia ao dizer da mulher submetida à agressão. Tal acontece não tanto pelo conteúdo das palavras, mas pela entonação irônica da voz. Coloca nesta mesma série de atos enunciativos de ironia o verso da canção que ela canta no disco *Lady in Satin*: “I'm so unhappy, but oh, so glad”⁴. Aí vem o sujeito indiciando uma saída outra na exterioridade do simbólico que a determinaria na posição da queixa, ainda que seja pela falha

Trata-se ainda de uma dimensão da falta. Em *My man*, ao emitir mais forte a voz da cantora traz à orelha a ressonância surda de um silêncio angustiante. Esse instante descreve o sujeito posto em suspensão, ou seja, flagrado no ponto da não-coincidência entre sua voz e ele mesmo. Tudo isso implica que ao mesmo tempo a voz chamando o sujeito a assumir sua alienação no campo do Outro e, ao mesmo tempo, o conduzindo a expor a sua própria falta em ser. Digamos que no andamento melódico da canção as palavras que se acrescentam, na sua continuidade, remetem a um discurso o sujeito que converte a cantora fazendo calar a angústia urdida no plano do Outro.

Conclusão

Em Billie Holiday, mais que a letra ou o texto da canção é o corpo vocal e pulsional que protagoniza o dizer do sujeito que se faz pelo ritmo e entonação da voz. Em

⁴ Glad To Be Unhappy - Composição de Lorenz Hart / Richard Rodgers, 1955.

verdade, trata-se de propor uma interpretação que atenda a demanda do texto por uma certa voz fazendo com ele um corpo significativo. O que faz a cantora é explorar a potência vocal superposta à sonoridade e ritmo da canção de que se apropria. Desta maneira, autorizada pelas práticas de improviso constitutiva que o gênero jazz admite, ela acrescenta à composição, a cada execução em disco ou ao vivo, suas próprias possibilidades singulares de significação até chegar ao sem sentido do que sempre insistiu e repetiu cantar sobre amores difíceis.

Billie Holiday sempre gostou de cantar dezenas de vezes a mesma canção, mas a cada ato interpretativo acontecia sempre uma repetição que era a retomada de uma diferença; ou a retomada de uma possibilidade de um novo jeito de dizer cantando idênticas palavras prosódica e musicalmente aglutinadas nos versos de uma canção. Assim se pode descrever a dimensão performativa de uma cantora que sempre lutou para cantar o que queria da forma como queria.

Em sua autobiografia, ela mesma conta: “As pessoas dizem que ninguém canta palavras como *hunger* ou *love* como eu”. Se vê bem que não se trata de a cantora, no ato de cantar, fazer corresponder a palavra que emite ao sujeito pressuposto ao sentido dela na língua. O que fica em evidência é o modo de emitir o não sentido da palavra formulada. Ainda que esta seja a mesma nas unidades significantes. que a compõem como signo o que vale aqui é o modo de enunciá-la a cada vez.

Então não se trata de dizer o mesmo no custo da experiência de repetir sua dor colocando a voz na mesma canção. Ao impor a diferença como o fundamento de suas interpretações, Billie Holiday torna possível a abertura de um espaço em que não somente repete a partitura de uma composição, mas participa de um ato criador de si, na confluência entre o se submeter ao determinismo de sua posição como sujeito amoroso, e o de dar outra destinação à sua experiência de ser sujeito nas relações amorosas. Nisto é o que os vários eventos de repetição da mesma canção não se reduzem ao retorno da mesma queixa, mas à insistência em tocar o impossível que envolve a queixa que estrutura o discurso amoroso.

Não pretendi aqui colocar Billie Holiday no divã, até porque o elemento fundamental da transferência é o que falta para, como adverti no início deste texto, fazer par com a repetição, num cruzamento em que o que está em causa é o impossível. Aludo ao objeto *a* que se inscreve na resistência a escapar do que perturba o sujeito do discurso

amoroso; mas ao mesmo subscreve a luta para o sujeito falante/cantante entrar em movimento outro de experiência subjetivante.

Para o momento são estes os elementos de que dispus para detalhar pontuações possíveis no que recolho acusticamente na voz da cantora. Resta expressar o meu espanto. Para além da simples repetição, a diferença está na modulação vocal que exprimir gozo, em vez de revolta. Após repetidas audições de Billie Holiday cantando a mesma canção, escuto não mais uma mulher presa ao seu amante. Em vez disso me vem à escuta um sujeito às voltas com as circunstâncias de retorno do objeto perdido, isto de que o amado na atualização enunciativa é o semblante.

Referências

- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais**: filosofia da expressão vocal. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- DIDIER-WEILL, A. **Invocações**: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- LACAN, Jacques. (1956-1957) **O seminário, livro 4**: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. (1953-1954) **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4ª ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.

PINTER, H. Corps proférés et corps chantés sur scènes. In: **Puissances de la voix**: Corps sentant, corde sensible. Limog: Presses Univertaires de Limoge, 2001.

ABSTRACT

In this article, I intend to be guided by the voice of singer Billie Holiday and point out the indices of the path of the invocative drive that involves her as a subject of singing. To this end, I focus my ear on Billie Holiday's performance of the song My Man. This is the event in which I must acoustically score the intensity, the lengthening, the pause, facts of vocal realization that go through every act of enunciation. I consider these elements to be important in composing the prosodic dimension of an act of sung or spoken enunciation. I therefore propose that, in sung enunciation, there is a speech whose musicality is the trace of the signifier inhabiting the word in its varied extensions. I start from the lacanian premise that through the voice, at the same time, we hear the subject, taken as a lack of being, being called and being called in the field of the Other.

Keywords: Invoking drive. Voice. Repetition. Enunciation. Subject.

RESUMEN

En este artículo pretendo guiarme por la voz de la cantante Billie Holiday y señalar los índices de la trayectoria de la pulsión invocadora que la implica como sujeto del canto. Para ello, concentro mi oído en la interpretación que hace Billie Holiday de la canción My Man. Éste es el acontecimiento en el que debo anotar acústicamente la intensidad, el alargamiento, la pausa, hechos de realización vocal que atraviesan cada acto de enunciación. Considero que estos elementos son importantes para componer la dimensión prosódica de un acto de enunciación cantada o hablada. Propongo entonces que, en la enunciación cantada, hay un discurso cuya musicalidad es la huella del significante que habita la palabra en sus variadas extensiones. Parto de la premisa lacaniana de que, a través de la voz, al mismo tiempo, escuchamos al sujeto, entendido como falta de ser, ser llamado y ser llamado en el campo del Otro.

Palabras clave: Pulsión invocativa. Voz. Repetición. Enunciación. Sujeto.

RÉSUMÉ

Dans cet article, j'entends me laisser guider par la voix de la chanteuse Billie Holiday et signaler les indices de la trajectoire de la pulsion invocative qui l'implique comme sujet du chant. À cette fin, je concentre mon oreille sur l'interprétation de Billie Holiday de la chanson *My Man*. C'est l'événement dans lequel je dois noter acoustiquement l'intensité, l'allongement, la pause, les faits de réalisation vocale qui traversent chaque acte d'énonciation. Je considère ces éléments comme importants pour composer la dimension prosodique d'un acte d'énonciation chanté ou parlé. Je propose donc que, dans l'énonciation chantée, il existe une parole dont la musicalité est la trace du signifiant habitant le mot dans ses extensions variées. Je pars du postulat lacanien selon lequel à travers la voix, en même temps, on entend le sujet, pris comme manque d'être, être appelé et être appelé dans le champ de l'Autre.

Mots clés: Pulsion invocatrice. Voix. Répétition. Énonciation. Sujet.

PEDRO DE SOUZA

Doutor em linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.
Pós-doutor em Linguística e Análise de Discurso pela École Normale Supérieure-Lyon.
Pesquisador visitante emérito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, com apoio da FAPERJ.
Formação em psicanálise pelo Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro.
pedesou@gmail.com
Orcid: 0000-0002-4941-5827

Citação:

SOUZA, Pedro de. Repetição e diferença na pulsão invocante: escutando Billie Holiday. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 19.12.2023 / Aceito: 22.08.2024

* Agradeço muito a Numa Ciro pela dedicação com que leu e discutiu meu texto.

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

*Does capitalism know the cost of life? – Reflections on capitalism and the immigrant subject in the book *A hora da estrela* by Clarice Lispector and in the poem *Morte e Vida Severina* by João Cabral de Melo Neto*
*¿Conoce el capitalismo el coste de la vida? – Reflexiones sobre el capitalismo y el sujeto inmigrante en el libro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, y en el poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto*

*Le capitalisme connaît-il le coût de la vie? – Quelques réflexions sur le Capitalisme et le sujet immigrant dans le livre *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, et dans le poème *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto*

DANIELLE LIMA TAULOIS

*Dedico-me à saudade de minha antiga
pobreza, quando tudo era mais sóbrio e
digno e eu nunca havia comido lagosta.*

Clarice Lispector, em *A hora da estrela*.

Neste trabalho, pretende-se avançar em uma conexão da psicanálise com a literatura, que se aproximam por trabalharem com a mesma matéria-prima: a palavra. A psicanálise estabelece um diálogo profícuo com muitos ramos culturais desde o século XX até os dias atuais, como a literatura, o teatro e o cinema, por exemplo. Todavia, busca-se ressaltar o diálogo com a literatura, tendo em vista a surpresa de Freud ao perceber que

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

suas experiências clínicas também pudessem ser encontradas nos romances, como observado na obra *Gradiva, uma fantasia pompeiana*, de Wilhelm Jensen (1903). No artigo “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen”, Freud rende uma linda homenagem aos escritores:

[...] os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (FREUD, 1906/1976, p. 18).

Seguindo os passos de Freud, recorreremos à literatura para tentar iluminar a discussão do presente trabalho. Discutiremos a ética da psicanálise como uma ética que se opõe ao capitalismo, uma vez que não se pauta na felicidade, utilidade ou na obediência ao imperativo categórico.

Partimos do poema “*Morte e Vida Severina*”, de João Cabral de Melo Neto (1955), e o livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector (1977). As obras se transmutam em um retrato exemplar de como a literatura pode testemunhar os muitos Severinos e Macabéas, atropelados pelos efeitos predatórios do discurso capitalista, que parece comportar a fantasia de um todo sem quebra. Situamos Severino e Macabéa do lado da psicanálise, uma vez que parecem provocar uma ferida na aparência gloriosa da modernidade, um buraco no utilitarismo, uma fratura no serviço dos bens, pois a ética da psicanálise é a do desejo, um discurso constituído a partir da falha, do não-saber, da ausência de garantias.

Uma análise pode testemunhar o exílio que cada analisando experimenta como condição do advento da sua fala, do seu deslocamento, da sua caminhada. Contudo, salientamos que pode existir uma diferença nos casos de pessoas que passam por deslocamentos migratórios forçados. É imprescindível que o analista esteja atento ao movimento simbólico da sua época, ao mesmo tempo em que temos que ter o cuidado de não cair no lugar de responder a tudo, de resolver o problema do capitalismo, ou outras questões inerentes de nossa época. É preciso salientar, afirmam Branco e Sobral (2023, p. 118):

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

[...] o saber do analista apresenta-se como um saber em fracasso (que definitivamente não significa o fracasso do saber). Trata-se de um saber que não exerce domínio sobre o outro; pela transferência, ou seja, pelo amor, ele provoca no outro o desejo de saber (BRANCO; SOBRAL, 2023, p. 118).

Dessa forma, apontamos a ética da psicanálise como ponto fundamental. “*Morte e Vida Severina*” retrata a trajetória de Severino, que deixa seu lugar de origem, o sertão pernambucano, em busca de melhores condições de vida na capital de Recife. Em sua travessia, Severino vai testemunhar muitas mortes pela fome, além do enterro de um homem assassinado encomendado por latifundiários. O discurso capitalista parece se inscrever do lado da morte, do apagamento do sujeito. Durante sua travessia, Severino se dá conta de que a modernidade trouxe a morte para sua terra, e é justamente ela a maior empregadora do Sertão. O que resta a Severino? O seu nome próprio. Jorge (2010) aponta que o nome próprio é a primeira coisa que o sujeito recebe do Outro. O retirante explica ao leitor quem ele é e a que vai...

O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(MELO NETO, 1955/1956, p. 171).

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

O livro *A hora da estrela* também trata de uma migrante nordestina que deixa o sertão de Alagoas. Agora deixemos que o personagem Rodrigo S. A., que é o narrador, se apresente e apresente Macabéa:

[...] e é claro que a história é verdadeira embora inventada - que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro - existe a quem falte o delicado essencial. [...] Limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. [...] Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. [...] Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto. [...] (Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. [...]) Nasceria inteiramente raquítica, herança do sertão [...]. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, [...]. [...] Depois – ignora-se por quê – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro (LISPECTOR, 1977/1998, p. 12-38).

Severino e Macabéa são retirantes. Esse é o termo que se usa quando a pessoa abandona a sua terra de origem por causa da seca e da miséria em busca de uma localidade que lhe dê melhores condições de vida. Tanto Lispector quanto Cabral nos oferecem um testemunho de que o capitalismo, ao rejeitar a falta fundamental, se torna um facilitador de processos que emergem na atualidade, sendo um deles a segregação. A linguagem segrega, pois nenhuma ordenação simbólica se dá sem deixar um resto de fora. O que apresentaremos não é a segregação estrutural, mas o efeito de segregação social em relação ao discurso do capitalismo com sua lógica de mercado e do progresso científico. Para nossa discussão, proponho pensarmos no migrante nordestino, uma vez que, devido a situações sociopolíticas ou econômicas insustentáveis, foram obrigados a se dirigirem para os grandes centros urbanos. Clarice Lispector, que tem sua história marcada também como migrante, escreve com rara acuidade o exílio, a miséria da protagonista, numa precariedade que evita sua integração na sociedade: “Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 1977/1998, p. 30).

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

No livro *Psicanálise e capitalismo*, Clara de Góes (2008) sublinha que é diante de um profundo desamparo que a modernidade é construída como promessa de felicidade. No ensaio *O mal-estar na cultura*, Freud (1930) afirma: “[...] poderíamos dizer que a intenção de que o ser humano seja ‘feliz’ não está no plano da ‘Criação’”. Assim, Freud alerta que a felicidade só é possível enquanto fenômeno episódico. O capitalismo promete um gozo sem limite. Góes (2008, p. 39) afirma: “O capitalismo, com seu modo de produção baseado na produção de um excesso- excesso que deve ser gasto no mais curto intervalo de tempo possível, para que maiores quantidades desse excesso sejam produzidas e consumidas”.

As duas obras, em todas as suas tessituras, apontam para um despertar do leitor tendo em vista as questões sociais e para o fato de que somos sujeitos da falta e estamos inseridos em uma sociedade capitalista. Outro personagem que protagoniza o poema de João Cabral e a novela de Clarice é a morte, seja diretamente no título (“Morte e Vida Severina”) ou nas entrelinhas (*A hora da estrela*, que pode ser lida como *A hora da morte*).

Os autores problematizam que o *sujeito produtivo* foi a grande obra da sociedade industrial. A viagem do retirante em “Morte e Vida Severina” se dá entre a temporalidade da travessia da caatinga para o tempo modernizado da capital Recife. De uma região a outra, caminha Severino, perdendo, a cada estação, as ilusões de superação de sua condição de miséria, que nutria no início da empreitada. Severino e Macabéa se direcionam ao encontro da esperança, do prazer e da felicidade, o conforto mínimo que a modernidade pode dar. Todavia, o que ambos encontram é a morte. É ela quem emprega.

Severino, em seu percurso, ainda no agreste, encontra uma rezadeira postada na janela e a ela vai pedir emprego. Diante da solicitação de Severino, a rezadeira insiste na pergunta: “o que fazia o compadre na sua terra de lá? É preciso saber lucrar com a morte alheia” (“a morte é farta, vivo de morte ajudar”, diz a mulher), encomendando-a, embelezando-a pela reza. A rezadeira não é uma religiosa, mas, sim, uma comerciante da palavra. Ela sabe muito bem que não há trabalho, pois o banco não quer financiar roçados e a usina avançou sobre os engenhos. É da morte que resultam os empregos do médico ao coveiro, da rezadeira ao farmacêutico. A modernização rouba de Severino sua capacidade produtiva. O que resta? O roçado que se tem para cultivar é o roçado da morte.

Nesse sentido, Severino é o despossuído de saber, pois trabalhava com a vida, semeando, plantando. A exploração capitalista frustra o saber do proletário, tornando Severino inútil.

Macabéa, diferentemente de Severino, consegue se inserir no mercado de trabalho, é uma datilógrafa, faz das letras, ainda que de forma precária, seu meio de receber um salário. As máquinas de escrever foram substituídas por computadores; onde trabalharia Macabéa hoje? As companheiras de quarto de Macabéa trabalhavam como balconistas das Lojas Americanas. Poderíamos dizer que, se fosse hoje, estariam trabalhando em farmácias? Ora, há bairros na cidade do Rio de Janeiro nos quais existem cerca de duas livrarias e um sebo, enquanto farmácias há mais de vinte. O que aponta esse crescimento desenfreado de farmácias espalhadas por toda a cidade? O século XXI parece prometer um remédio para cada dor.

A ética da psicanálise é uma ética que se diferencia e se opõe ao capitalismo. A psicanálise é um discurso advertido quanto à impossibilidade de responder a uma demanda que se apresenta ao analista, como evocação de uma promessa imaginária de findar o sofrimento. A ética da psicanálise não se pauta pelo Bem que ratifique a ação, ao contrário, ela se constitui com distância estrutural em relação ao desejo. Dito de outro modo, que opera com o desejar. A ação que fundamenta a ética da psicanálise é uma escuta que implica o sujeito na produção de seu sofrimento (GÓES, 2008). Lacan (1959-60), no seminário 7, sobre a ética da psicanálise, afirma que a análise forneceu uma mudança de perspectiva muito importante sobre o amor, colocando-o no centro da experiência ética.

Macabéa procura Madama Carlota para saber do seu futuro. No passado, a cartomante havia sido prostituta, mas, com o tempo, já não valia muito no mercado, de modo que se tornou cafetina. Macabéa sai com a esperança de encontrar o amor. As cartas disseram que ela encontraria um estrangeiro que se chamaria Hans, era um gringo rico que lhe daria muito amor e luxo. “Macabéa ficou um pouco aturdida, sem saber se atravessaria a rua, pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras”. (LISPECTOR, 1998, p. 79). Ao dar o passo para atravessar o carro, um Mercedes amarelo atingiu-a, o carro era de alto luxo. Teria sido Macabéa atropelada e morta pelo capital?

Chegando em Recife, Severino se desespera e pensa em suicídio. Encontra o mestre Carpina e com ele tem uma conversa sobre “pular para fora da vida”. Severino quer saber se o rio tem fundura suficiente para afogar-se:

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo
e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector,
e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

— Severino, retirante
pois não sei o que lhe conte;
sempre que cruzo este rio
costumo tomar a ponte;
quanto ao vazio do estômago,
se cruza quando se come.

— Seu José, mestre carpina,
e quando ponte não há?
quando os vazios da fome
não se tem com que cruzar?
quando esses rios sem água
são grandes braços de mar?

— Severino, retirante,
o meu amigo é bem moço;
sei que a miséria é mar largo,
não é como qualquer poço:
mas sei que para cruzá-la
vale bem qualquer esforço.

— Seu José, mestre carpina,
e quando é fundo o perau?
quando a força que morreu
nem tem onde se enterrar,
por que ao puxão das águas
não é melhor se entregar?

— Severino, retirante,
o mar de nossa conversa
precisa ser combatido,
sempre, de qualquer maneira,
porque senão ele alarga
e devasta a terra inteira.

[...]

— Severino, retirante,
sou de Nazaré da Mata,
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.

— Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,
há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?
espera poder um dia
comprá-la em grandes partidas?

— Severino, retirante,

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

não sei bem o que lhe diga:
não é que espere comprar
em grosso de tais partidas,
mas o que compro a retalho
é, de qualquer forma, vida.
— Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?
(MELO NETO, 1955/1956, pp. 208-209).

Nesse momento, em que Severino pensa em pular para fora da vida, o filho do mestre Carpina acaba de nascer, diz a mulher: “saltou para dentro da vida ao dar o primeiro grito”. Lacan (1959-1960/1988) afirma que a pulsão de destruição põe em causa tudo que existe: “Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomençar” (p. 260). Ele mostra um ponto de criação *ex nihilo*: “No começo era o Verbo, o que quer dizer, o significante. Sem o significante no começo é impossível articular a pulsão como histórica. E isso basta para introduzir a dimensão do *ex nihilo* na estrutura do campo analítico” (LACAN, 1998, p. 261). Jorge (2008) acrescenta uma pergunta instigante: “Se no início está o verbo, e o verbo é amor, não é necessariamente o amor que vem no momento da morte para dar a sua palavra final? [...] o amor é, sobretudo, aquilo que vem em suplência à inexistência” (pp. 249-248).

Severino supõe um saber no mestre Carpina, espera dele uma resposta sobre o pular para fora da vida. O mestre Carpina parece se aproximar do psicanalista na medida em que sua resposta não promete a felicidade, é um discurso constituído a partir do não saber, da aposta no desejo, do amor e, principalmente, na ausência de garantias, Outro homem que esteve de fora assistindo a tudo se aproxima do retirante e diz:

— Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia, ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfilar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina
(MELO NETO, 1955/1956, p. 221).

O analista testemunha o sujeito no movimento, na errância do seu caminhar, testemunha o exílio necessário que cada analisando experimenta como condição do advento da sua fala. A literatura e a psicanálise estão do lado do inacabamento, sempre em vias de fazer-se, um passo da experiência para a palavra, uma passagem de vida, um retirante que caminha sozinho ou um sujeito retirante que no sozinho caminha, mais ainda, que encaminha a palavra. Afinal, tudo é passagem, migração, travessia.

Referências

- BRANCO, L. C.; SOBRAL, A. **O que é psicanálise literária?** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2023.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na cultura. In: **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GÓES, C. **Psicanálise e Capitalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

- JORGE, M. A. C. O amor é o que vem em suplência à inexistência. In: ALBERTI, S. (Org.). **A sexualidade na Aurora do século XXI**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud/CAPES, 2008.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v. 2: A clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. (1959-60). Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LISPECTOR, C. (1977). **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- MELO NETO, J. C. (1955). *Morte e Vida Severina*. In: **Duas águas**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

DANIELLE LIMA TAULOIS

Psicanalista e escritora.

Mestre pelo programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Pós-graduada em Teoria psicanalítica e prática clínico-institucional na Universidade Veiga de Almeida – UVA.

Graduada em Psicologia.

Autora do livro “Meus nadinhas” publicado em 2019 com o pseudônimo de Haia Li.

Faz formação permanente no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

danielletaulois@gmail.com

Orcid: 0000-0001-6819-1745

Citação:

TAULOIS, Danielle Lima. O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 27.12.2022 / Aceito: 01.09.2024

COPYRIGHT

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo
e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector,
e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



RESENHA

Lila e a luz de Vermeer

Alain Didier Weill

Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2025, 264 págs. (no prelo).

A luz de Didier Weill

The light of Didier Weill

La luz de Didier Weill

La lumière du Didier Weill

DENISE MAURANO

Diante do modo como nós, seres humanos, por termos nos tornado falantes, lidamos com o distanciamento frente ao que chamamos de natureza, nós, que somos considerados a última maravilha da criação, podemos nos deparar tanto com um silêncio inóspito, quanto com um silêncio hospitaleiro. Tudo depende de como ascendemos aos mistérios da natureza velados pela aquisição da linguagem humana.

Com este argumento, a partir de uma profunda reflexão acerca da evolução de um caso clínico, mais precisamente de uma cantora de Ópera, Didier Weill abre uma série de questões que, em última instância, iluminam o de que se trata em nosso encontro com o sublime, por ele nomeado não à toa como sublime feminino. Não esperem neste livro encontrar respostas fechadas, mas uma pluralidade de questões que, para além de avançar teórico-clinicamente sobre o caso tratado, demonstram o talento investigativo que atravessa o desejo do psicanalista, lançando-o numa profunda e indispensável relação com a cultura e com o seu tempo, através de uma escuta ilimitada em direção ao que há de ilimitado no ser falante. Eis aí o que há de mais fundamental na ética da psicanálise.

Vocês já pensaram sobre qual é o segredo da leveza do dançarino que consegue representar o imponderável e transmitir o imaterial? Ou, como o pintor faz aparecer a imagem que mostra o inimaginável? Ou como o músico nos faz ouvir o inaudito?

A pertinência clínica destas questões que iluminam a reflexão do psicanalista passa pela perspectiva de se subtrair o sujeito da fixação neurótica que o paralisou, “retorno ao ponto de onde o devir volta a devir possível” (p. 17). De certo modo, regressar ao que foi interrompido e se fixou na defesa sintomática. Trata-se de acessar um saber que, ao produzir esse retorno, se dirige ao que há de ilimitado em nós.

A paciente, que quando cantava na ópera, podia se jubilar com o olhar encantado do público, e acreditar na beleza que ela emanava ao cantar, sofria de fracasso sentimental na medida em que não conseguia se sentir verdadeiramente vista pelos homens para além da beleza física que os seduzia e em cujo desejo ela não reconhecia nada de próprio a ela.

Era como se houvesse uma dissociação entre sua voz e sua imagem, ou entre seu canto e sua fala. Ao ponto de batizar como Lila, a essa outra que podia se regozijar ao cantar. Já o olhar dos homens lhe caía como a injunção nada jubilatória: seja linda e cale a boca! Que, por mais que pudesse ecoar algo da cultura masculina, era interpretado de modo automático, alheio à sua responsabilidade inconsciente.

Entretanto, ao trazer para análise a experiência de se deparar com uma outra luz, um outro modo de visibilidade, que para ela emanava da pintura *A leiteira* de Vermeer, viu descortinar-se uma vivência na qual ser vista podia trazer um regozijo. Onde sua parte Lila podia ficar iluminada e não apenas confinada ao seu canto, sua voz. É como se o real de um fluxo luminoso tivesse sido tocado pela luz de Vermeer, a luz do olhar do pintor, e diante disso a relação com imagem pudesse ser ressignificada e ela pudesse ser olhada e consentir com a perda de todo o controle possível do que lhe vem do olhar do outro. Deu-se a inversão: “Era a pintura que olhava para ela e que, como um vidente, via nela um real que ela nunca suspeitava que pudesse ser visto”, o que desfaz o constrangimento com sua imagem.

Didier-Weill propõe que “o artista tem uma conexão de estrutura poética com o real primordial transfigurado pela ação do significante” (p. 29). Isso se daria por conta de um luto primordial (e não um recalamento) da vinculação instintiva e conatural com os objetos, relação que foi substituída com a pulsão. Trata-se de uma conexão sincrônica e não diacrônica com esse real vibratório. Uma relação imediata, em um só tempo, com o mistério de nossa vinculação à natureza, que de diferentes maneiras compareceu naquilo

que o artista conseguiu acessar. Assim, a discussão sobre o caso faz-se mote para iluminar de modo engajado diversos aspectos da função da arte na cultura, nos projetando sempre para um mais além, ao modo didierweilliano.

DENISE MAURANO

Psicanalista.

Pós-doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e pela Université Nice Sophia Antipolis (França).

Doutora em Filosofia pela Université Paris-est-Créteil Val-de-Marne e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Foi Professora Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro até 2019.

Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro.

Editora de *Psicanálise & Barroco em Revista* desde 2003.

dmaurano@icloud.com

Orcid: 0000-0003-3498-3773

Citação:

MAURANO, Denise. A luz de Didier Weill. Resenha do livro *Lila e a luz de Vermeer*, de Alain Didier Weill. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 27.12.2024 / Aceito: 29.12.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



TESES E DISSERTAÇÕES

**Além do comer:
um olhar psicanalítico sobre algumas questões nutricionais**

Beyond eating: a psychoanalytical view of some nutritional issues

Más allá del comer: una mirada psicoanalítica acerca de algunas cuestiones nutricionales

Au-delà de l'alimentation : un regard psychanalytique sur certaines questions nutritionnelles

Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas | Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, 2024

LUIZA RAFFIDE NOVAES ZYLBERSZTEJN

Este estudo discute o tratamento nutricional atribuído, principalmente, às pessoas vistas e diagnosticadas como gordas ou obesas. Assim, esta pesquisa parte da noção de que o corpo não se limita ao orgânico, fisiológico e palpável, mas sofre intervenções subjetivas. Utilizamos a contextualização do conceito de corpo para as áreas biomédicas, levando em consideração a história deste enquanto aquele que era visto como belo há século e que hoje sofre uma pressão para que se encaixe em padrões estabelecidos por meio de médias estatísticas e estéticas, tendo diretrizes e conceitos médicos para auxiliar a normalização deste corpo. A questão daquilo que é considerado normal ou patológico surge em nossa pesquisa como ponto de questionamento do lugar que o corpo gordo foi colocado. A partir dos conceitos psicanalíticos de escuta, pulsão e sujeito, procuramos traçar um outro caminho possível para o olhar para o corpo que se mostra como excessivo, de modo a enxergá-lo não como anormal, mas como parte de algo maior que diz da história de cada sujeito. Considerar que trata-se de um sujeito aquele que entra em um tratamento nutricional, no sentido psicanalítico do termo, portanto sujeito dividido e portador de uma falta impossível de ser satisfeita, tornou-se fundamental para a inclusão dos outros conceitos empregados e para a possibilidade de pensar um modo diferente de atendimento. A apresentação de dois recortes de casos clínicos atendidos em clínica

nutricional foram a ponte para a discussão entre aquilo que a nutrição prediz enquanto tratamento e o que a psicanálise se propõe a fazer. Nossa pesquisa objetivou buscar um caminho outro para o modo de atendimento do sujeito que se coloca em um tratamento nutricional, procurando uma aproximação entre duas áreas aparentemente distintas – a nutrição e a psicanálise. Por fim, não apresentamos diretrizes ou um modelo de tratamento a ser seguido pelo nutricionista como modo de substituição ao seu fazer; a proposta que surge é de uma abertura do olhar do profissional da nutrição para a subjetividade inerente a cada sujeito, subjetividade esta que se entrecruza com a história nutricional e aparece no corpo e no comer.

Palavras-chave: Corpo. Comer. Psicanálise. Nutrição. Obesidade.

Disponível na íntegra em:

<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/22133>

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



TESES E DISSERTAÇÕES

“Insistuição”: reinventar a psicanálise

“Insistution”: reinventing psychoanalysis

“Insistución”: reinventar el psicoanálisis

“Insistution”: réinventer la psychanalyse

Doutorado em Psicanálise | Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 2024

MACLA RIBEIRO NUNES

A história das instituições analíticas revela que a comunidade psicanalítica não está imune à compulsão à regulamentação e do dogmatismo. Sigmund Freud, ao descobrir o inconsciente e inventar a psicanálise, torna-se também um “chefe de movimento” sempre crítico e reticente em relação às regras administrativas e organizacionais. Mas isso não impediu que o sistema de formação psicanalítica, em sua base, tenha testemunhado uma rejeição das dimensões especificamente analítica, inventiva e desejante da análise. Inconformado com essa escapada dos analistas para fora do campo da psicanálise, Jacques Lacan não rompe com a estrutura clássica da formação - análise pessoal, supervisão e estudo teórico –, mas tenta romper com a lógica autoritária e dogmática que vigorava nas sociedades existentes, propondo novos modos de se instituir. O objetivo principal desta tese é lançar um olhar para a história da psicanálise buscando compreender essa questão que é central, nevrálgica e recorrente desde a sua fundação. Buscamos mapear saídas para esses problemas cruciais, que se refletem até hoje nas sociedades analíticas, situando-as, principalmente, no pensamento do escritor, dramaturgo e psicanalista francês Alain Didier-Weill, discípulo e aluno de Lacan. A partir de uma retomada dos percursos freudiano e lacaniano, o trabalho de Didier-Weill parece apresentar propostas inéditas e mais coerentes com os princípios da psicanálise ao abordar desafios da experiência institucional e apontar caminhos possíveis de reinvenção que não excluem, da instituição,

a dimensão da insistência própria ao inconsciente e ao movimento do desejo: “Insistuição”.

Palavras-chave: Psicanálise. Instituição. Insistência. Alain Didier-Weill.

Disponível na íntegra em:

<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/22839>

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.



COPYRIGHT

Esta é uma revista de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados.

This is an open-access journal, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

Esta es una revista de acceso libre, que permite el uso, distribución y reproducción sin restricciones en cualquier medio para fines no comerciales, siempre que se cite el autor y la fuente.

Il s'agit d'un magazine en accès libre, ce qui permet une utilisation, une distribution et une reproduction sans restriction sur tout support à des fins non commerciales, à condition que l'auteur et la source soient cités.

